E SE FORMOS NÓS DOIS?



SÉRIE:
AMORES EM SEATTLE

UMA **COMÉDIA ROMÂNTICA** POR

LIZ STEIN

e se formos nós dois?

AMORES EM SEATTLE 3

LIZ STEIN

E se formos nós dois?

“Amores em Seattle” - 3

Copyright 2023 por Liz Stein

Leitura crítica: Stefany Nunes
Diagramação: Stefany Nunes
Capa: Designer Tenório

Edição Digital.

Todos os direitos reservados. Este e-book ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do mesmo.
Esta é uma obra de ficção. Quaisquer similaridades com pessoas reais são mera coincidência e não foram intenção da autora.

Primeira Edição, 2023.

contents

Nota da Autora
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Epílogo
Agradecimentos

nota da autora

CHEGAMOS AO ÚLTIMO LIVRO DESSE ANO — E TAMBÉM O ÚLTIMO DESSA SÉRIE QUE TEM TODO O meu amor.

O primeiro livro de Amores em Seattle teve uma dinâmica interessante. Eu o escrevi muito rápido, em novembro de 2021. A história fluiu para as teclas do laptop com uma facilidade que eu nunca tinha experimentado antes e, no final, eu amei o resultado. Ficou leve, despretensioso, emocionante e com aquela sensação de coração quentinho, como eu acho que o Natal deve ser.

O segundo livro, do Conrad, nem era para ter existido. Veio a pedido dos leitores, que se encantaram de maneira inesperada pelo irmão ranzinza do Landon no primeiro livro e acharam que ele também merecia conhecer o amor. Acabei me animando e escrevendo a história dele quase na sequência do primeiro, mas guardei comigo e só lancei no Natal de 2022.

O livro do Thomas estava planejado para o Natal de 2023. Só que, no meio do caminho, aconteceu o furacão Malibu Sharks na minha vida. As coisas foram tomando uma proporção maior do que eu jamais imaginei, e me vi tão imersa na escrita do segundo livro daquela série que depois precisei parar completamente por mais de um mês. Eu estava esgotada, e todos os leitores da série me pediam demais o terceiro livro, o do Nico.

Nisso, já era novembro, e eu tenho cada vez menos tempo livre para escrever hoje em dia. Tomei a decisão de não escrever *E Se Formos Nós Dois* esse ano. Não ia dar tempo, era melhor começar logo o livro do Nico e deixar o final de Amores em Seattle para 2024.

Só que Thomas e Lilly ficaram magoadíssimos com essa decisão. Eles me imploraram para que eu contasse a história deles, me prometeram que seria linda e eu não iria me arrepender. Conhecendo minha situação de prazo super curto, insistiram que sabiam exatamente o que queriam, qual o rumo que o livro tomaria e não me dariam nenhum trabalho.

No final, eles tinham razão. Escrevi em tempo recorde (mais uma vez, como todos dessa série), porque a história quase nem precisava de mim para acontecer. Eles e as crianças dominaram completamente o cenário e conduziram tudo com perfeição. Estou muito orgulhosa do resultado, e me arrisco a dizer que é um dos meus livros favoritos entre todos que já escrevi.

Se você espera um enredo cheio de reviravoltas mirabolantes, descrições extensas de todos os *plots* paralelos, muita participação de personagens secundários, imersão aprofundada em ambientações exóticas, esse livro não é para você.

Agora, se deseja uma história pura, emocionante, romântica, simples na sua essência, verossímil e que vai te arrancar lágrimas de pura emoção no final, caia dentro sem medo. *E Se Formos Nós Dois* é aquele chazinho morno num dia frio, que a gente toma enrolada numa manta macia vendo a neblina através da janela.

Muito provavelmente, não é um livro que vai mudar a sua vida. Mas, certamente, é uma história que vai tocar seu coração.

Com amor,

Liz.

Dedico esse livro a todos que, como eu, preferem enxergar o lado bom das pessoas. Algumas vezes a gente quebra a cara, mas, na maioria delas, nós damos a chance para que coisas incríveis aconteçam.

capítulo 1

LILLY

"QUEM NÃO CORRE RISCOS, NÃO CONHECE A FELICIDADE", ELES DIZEM.

O que ninguém te conta é que essa regra não se aplica a um subgrupo bem específico da população — os azarados. Pessoas azaradas deveriam pensar mil vezes antes de assumir riscos, porque a chance de tornar tudo bem pior do que estava antes é muito real.

— Eu vou dar um jeito — afirmo ao gerente de operações do Plaza[1], o maior shopping center de Seattle, tentando transmitir uma confiança que estou a galáxias de distância de sentir. — Será apenas um pequeno contratempo, sem nenhuma consequência maior.

O homem de meia-idade me encara, cético.

— Srta. Barrington, isso é muito parecido com o que ouvimos na semana passada quando seu primeiro fornecedor informou que não poderia entregar as lâmpadas.

Respiro fundo e esfrego as mãos na calça jeans. Eu realmente gostaria de estar mais apresentável para essa conversa, mas fui pega de surpresa enquanto literalmente colocava a mão na massa auxiliando na montagem de um painel.

— Sei disso, mas o novo fornecedor me garantiu que vai entregar tudo até amanhã. Na quinta, as guirlandas estarão montadas e funcionando. — Endireito a postura e incorporo, quase sem perceber, a postura firme de advogada. Velhos hábitos não vão embora com facilidade. — Ainda estamos dentro do prazo acordado em contrato, sr. Rochester. Entendo sua preocupação, mas não há infração de qualquer cláusula da minha parte até este momento.

O homem checa as horas, parecendo entediado com o assunto.

— A senhorita tem razão. A estação do Papai Noel deverá estar pronta até o dia primeiro de dezembro, e hoje ainda é dia vinte de novembro. Imagino que não terá qualquer dificuldade em montar uma árvore de Natal de dezoito metros, uma casa para o Papai Noel, uma oficina de brinquedos e um jardim com renas em dez dias, sendo que já é seu terceiro contratempo com fornecedores. — O gerente fica de pé. — Nosso advogado vai procurá-la em breve, apenas para evitarmos... imprevistos.

Ele estende a mão para mim e eu a aperto com firmeza, apesar dos batimentos cardíacos acelerados. Em seguida, deixo sua sala no setor de administração do shopping e caminho com passos apressados pelo corredor estreito que dá acesso à praça de alimentação.

Ando sem rumo pelo meio da multidão, apertando as têmporas com força. Uma lanchonete especializada em produtos orgânicos chama a minha atenção. Talvez eu só precise de algo que me ajude a me reequilibrar, então peço um suco verde pela primeira vez na vida. Uma das

minhas metas para o próximo ano é tentar ser uma pessoa mais saudável, e um suco verde detox parece uma excelente maneira de dar o pontapé inicial nesse projeto.

Enquanto espero meu pedido, fico me perguntando como tudo pode estar dando tão errado ultimamente. Tendo nascido em uma das famílias mais tradicionais de Seattle e sendo filha única do sócio majoritário de um dos maiores escritórios de advocacia do país, eu praticamente já saí da maternidade com a inscrição na Harvard Law School feita.

Praticamente todos os homens da minha família estudara, lá, a começar pelo meu avô. Há mais de 50 anos, meu avô, John Barrington, e seu amigo Thomas Becker fundaram o Barrington & Becker, e ambas as famílias dividem até hoje o controle sobre o mega escritório. Os sócios-fundadores originais já se aposentaram, mas seus filhos e netos assumiram a responsabilidade de manter o negócio próspero. Ao longo dos anos, conseguiram, inclusive, expandi-lo, tornando-o uma das referências nacionais em direito contratual e trabalhista.

Quando eu me formei — em Harvard, para a surpresa de zero pessoas —, todos esperavam que eu assumisse minha posição como advogada júnior do Barrington & Becker. Eu tinha uma das melhores notas da minha turma, tinha o sobrenome, então seria o caminho óbvio. O único problema é que eu não queria isso. Não queria viver por toda uma vida à sombra da minha família, sob o peso do meu sobrenome.

Foi então que eu decepcionei meu pai pela primeira vez, ao me inscrever para uma vaga em um escritório muito menor que o Barrington & Becker, mas que tinha alguns projetos de trabalho *pro bono*[2] que me encantaram. Fui contratada como advogada júnior e iniciei minha carreira, sem nem imaginar naquela época que minha vida tomaria um rumo tão diferente alguns anos depois.

A atendente me entrega a bebida verde de aparência duvidosa com um largo sorriso.

— Bom apetite!

— Obrigada. — Eu sorrio de volta de maneira pouco convincente e pego o copo de plástico, me perguntando por que o suco que está na minha mão parece tão menos apetitoso do que o exibido no cardápio da loja.

Coloco o canudinho na boca e bebo o primeiro gole. O gosto é tão horrível que eu preciso fazer um esforço gigantesco para não cuspir tudo no chão, como uma criança de três anos. Com lágrimas nos olhos pelo sacrifício de engolir o pior suco já produzido pela humanidade, eu olho ao redor do shopping cheio.

Mesmo faltando mais de um mês para o Natal, já há inúmeras pessoas circulando pelo espaço, carregando sacolas de presentes ou fazendo um lanche com familiares e amigos. Músicas natalinas reverberam nas caixas de som o dia inteiro, o que é simpático para quem fica pouco tempo aqui. No meu caso, depois de dias inteiros ouvindo as mesmas canções, eu poderia dizer que já gosto uns 10% menos do Natal.

Meu olhar se fixa num garotinho segurando um sorvete com todo o cuidado. Ele observa a mãe atentamente, enquanto ela lhe oferece alguma orientação carinhosa a respeito de como lamber a casquinha sem derrubá-la.

O canto da minha boca se curva num sorriso triste. Durante muito tempo, eu acreditei que me casaria com o homem por quem era apaixonada desde a adolescência, compraríamos uma casa com jardim e teríamos muitos filhos. Bem, esse homem de fato se casou com a mulher da vida dele e teve filhos — a única diferença em relação ao plano original é que a mulher em questão não sou eu.

Detalhes.

Desde essa baita desilusão amorosa, comecei a repensar todas as minhas escolhas e decidi

que precisava dar um jeito na minha vida. Eu nunca fui feliz como advogada, já que desde criança meu verdadeiro sonho era trabalhar com decoração. A falta de coragem de confessar isso aos meus pais fez com que eu desperdiçasse dez anos da minha vida estudando para uma carreira que eu nunca almejei, e depois trabalhando com algo que nunca me deu qualquer prazer. Tudo porque eu não queria decepcionar os outros.

Já que meu futuro já não seria como eu havia imaginado, ao lado do homem que eu amei por anos, ao menos minha profissão deveria me trazer alguma felicidade. Foi com essa epifania que tomei a decisão de usar os conhecimentos que adquiri nas matérias de administração que cursei durante o *college* para abrir meu próprio negócio.

Nem preciso dizer que, ao tomar a decisão de abandonar a advocacia, meus pais não ficaram nada felizes. Fui sabatinada durante um jantar inteiro a respeito dessa escolha "insensata, impulsiva e pouco inteligente", e admito que não foi fácil me manter firme. Nesse mesmo jantar, meu pai confessou que esperava que o anúncio importante que eu disse que tinha a fazer naquele dia fosse o de que eu, finalmente, havia tomado juízo e decidido aceitar a vaga na Barrington & Becker.

Irônico, não?

Solto um suspiro, olho para o líquido com cor de vômito no meu copo e debato internamente entre tentar bebê-lo ou jogá-lo fora. É quase uma metáfora perfeita da minha vida nesse exato momento — ir pelo caminho mais difícil, mas que pode me dar um retorno positivo às custas de muito esforço, ou simplesmente jogar isso tudo fora e optar pela escolha fácil, assumindo de uma vez a vaga na empresa do meu pai.

— Lilly? — Ouço uma voz familiar ao meu lado. — É você?

Assim que me viro, dou de cara com alguém que eu não esperaria encontrar: a esposa de Sebastian Moore, o homem responsável pela minha grande desilusão amorosa. Eles moram em Hillchester, Nevada, e não vêm a Seattle com tanta frequência.

— Oi, Molly — eu a cumprimento. — Que surpresa encontrá-la aqui.

— Sim! — ela diz, já me puxando para um abraço carinhoso.

Desde o nosso primeiro contato, Molly não me tratou com nada além de doçura e gentileza, mesmo sabendo que eu e seu marido tivemos uma história juntos. Isso já fala bastante sobre sua índole, e também sobre o quanto Sebastian nunca permitiu que ela tivesse qualquer dúvida a respeito do seu amor.

Hoje em dia, eu já superei completamente essa história, mas estaria mentindo se dissesse que não fiquei arrasada quando descobri que eles estavam juntos, há mais de três anos. Não é fácil abrir mão de grandes sonhos, e me casar com Sebastian era um dos meus. Porém, acima de qualquer outra coisa, eu gosto dele como pessoa e desejo que seja feliz. Depois de conhecer Molly um pouco melhor, não há dúvidas de que os dois foram feitos um para o outro.

Me lembro até hoje da primeira vez em que os vi juntos, antes mesmo que assumissem oficialmente o compromisso. A forma como Sebastian olhava para ela me fez ter a certeza de que qualquer esperança que eu ainda nutrisse de um futuro com ele era em vão. E, a partir daquele momento, eu decidi que merecia ser olhada da mesma maneira por alguém.

Bem, sinto informá-los de que isso nunca aconteceu.

— Não sabia que vocês estavam em Seattle — digo, assim que ela me solta.

— Ah, sim. Viemos passar nosso mês de férias, e hoje aproveitei a tarde livre para comprar algumas coisas que estávamos precisando.

Molly continua sorrindo, seus olhos cor-de-mel parecendo genuinamente alegres em me encontrar.

— Vamos sentar? — ela convida, me arrancando das lembranças. — Minhas costas estão me matando. Não é fácil carregar um bebê no colo o dia inteiro.

— Claro — eu concordo e aponto para uma das poucas mesas vazias da praça de alimentação. — Que tal ali?

— Perfeito.

Assim que nos acomodamos, eu me forço a beber mais um gole do suco horrível e tento controlar a careta.

— Como está Beatrice? — pergunto, me referindo à filhinha deles. — Já deve estar com quase um ano, não é?

O rosto de Molly se ilumina.

— Sim. A festa será daqui a algumas semanas, então viemos antes para passar um tempo com a família de Sebastian, e também ajudar a organizar as coisas.

— Estou louca para conhecê-la — comento, com sinceridade.

Não é porque eu e Sebastian não ficamos juntos que eu não quero que ele seja feliz. Muito pelo contrário, se existe alguém nesse mundo que merece toda a felicidade, esse alguém é ele.

— Você vai! — Molly responde, animada. — Fazemos questão da sua presença na festa de aniversário.

— Estarei lá, se o trabalho permitir.

Ou seja, se eu não for obrigada a decretar a falência da minha empresa para pagar a multa milionária por descumprimento do primeiro contrato grande que eu consegui.

Molly olha ao redor.

— Verdade, você está trabalhando aqui no shopping, não é? Sebastian comentou comigo que abriu sua própria empresa de decoração. Meus parabéns!

Eu giro o copo entre os dedos, com um sorriso desanimado.

— Obrigada.

Ela estreita os olhos para mim.

— Está tudo bem? Você parece um pouco tensa.

Olho para Molly, em dúvida do quanto eu devo contar. A verdade é que, ultimamente, as coisas têm dado tão errado que eu nem tenho conseguido falar sobre isso com ninguém. É uma mistura de medo de perder tudo que eu conquistei, com uma certa vergonha da minha inabilidade de gerenciar os problemas.

Os olhos cor-de-mel parecem tão empáticos e gentis que eu acabo falando:

— Na verdade, nada está bem. Acho que tentei dar um passo maior do que a perna, e o tombo está sendo mais duro do que eu imaginava.

A expressão dela fica preocupada.

— Sei que não somos muito próximas, Lilly, mas, por tudo que já ouvi do Sebastian, sei que você é uma pessoa muito bacana. Se quiser desabafar, saiba que eu estou aqui.

Nesse momento, a coisa mais embaraçosa do mundo acontece: meus olhos marejam, e eu preciso baixar o rosto para disfarçar. Após alguns segundos de silêncio, em que eu tento me recompor, respiro fundo e olho novamente para ela.

— Quanto tempo você tem? — pergunto, com um sorriso sem jeito.

Molly sorri de volta.

— O tempo que você precisar. Beatrice e Nick estão com meus sogros, e nem devem estar lembrando que eu existo.

Puxo o ar e solto devagar.

— Vou tentar resumir, porque a história é bem longa. — Bebo mais um gole do líquido verde

e viscoso com uma careta. *Meu Deus, por que eu continuo me torturando assim?* Empurro discretamente o copo para o lado, antes de começar a contar minha saga desde o início. — Há quase três anos, decidi pedir demissão do meu emprego e abrir a Sweet Dreams, meu próprio negócio de decoração. Me especializei em decoração temática, porque sempre fui apaixonada pela magia que uma boa decoração pode trazer às datas especiais. Inicialmente, fiz trabalhos pequenos, que mal pagavam as despesas fixas da empresa. Eu precisava de uma chance, de um projeto grande que me desse visibilidade no mercado. Foi então que eu soube, esse ano, que o Plaza estava recebendo propostas para o projeto de decoração de Natal. Eu sempre amei o Natal, e sabia que poderia entregar algo especial.

Paro por alguns segundos e olho ao redor, distraída com as pessoas passando e as risadas nas outras mesas.

— Não deve ser fácil estruturar algo tão grande assim — Molly comenta, sem deixar de me olhar.

— Não é mesmo — concordo, voltando a encará-la. — Bem, passei as semanas seguintes debruçada nesse projeto com a minha assistente. Fizemos um design incrível com a ajuda do software caríssimo que eu comprei recentemente, fiz a cotação do material, estimei o tempo de mão de obra, os custos... quando fiquei satisfeita com a análise detalhada que fizemos, coloquei tudo no plano de negócios e vim para a reunião com os administradores.

— E deu certo?

— Deu. — Dou o primeiro sorriso sincero do dia, ao me lembrar da apresentação. — Eu sabia que um dos maiores diferenciais do meu projeto era a proposta de sustentabilidade. Eu priorizei os pequenos empreendedores, utilizei primordialmente material reciclável e reciclado, e os convenci de que aquilo era mais que uma decoração festiva. Era uma forma de contribuir positivamente com a economia local e o meio ambiente.

— Nossa, que incrível — ela elogia. — Seria maravilhoso se todos os empresários pensassem como você.

Eu sorrio com tristeza.

— Talvez, mas a verdade é que eu fui bastante ingênua.

Molly franze a testa.

— Como assim? Eles não gostaram da sua proposta?

— Não, eles adoraram. Meu projeto foi aprovado, e o contrato foi assinado. Só que trabalhar com pequenos empreendedores em grandes projetos é bem mais difícil do que eu esperava. Mal começamos, e tudo já vem dando errado.

— Errado como?

Dou de ombros.

— Meus fornecedores não me entregaram os produtos no prazo acordado porque não deram conta das quantidades maiores do que eles estavam acostumados a produzir, os funcionários temporários que eu precisei contratar são bem mais lentos do que eu previ e, com isso, fui acumulando atrasos que me tiraram completamente do cronograma.

— Nossa, Lilly. Eu sinto muito. Há algo que você possa fazer?

Balanço a cabeça confirmando.

— Sim. Na verdade, já estou fazendo. — Aponto para minhas roupas velhas e sujas de cola. — Durante a última semana, eu tenho ficado aqui direto, trabalhando 14 horas por dia. Divido meu tempo entre a gestão dos fornecedores e o trabalho braçal, na tentativa de ganhar tempo.

Molly inclina a cabeça para o lado, com um olhar preocupado.

— E acha que vai dar certo?

Eu suspiro.

— Preciso acreditar que sim. Caso contrário, vou enlouquecer.

Ela busca minhas mãos sobre a mesa.

— Há algo que eu possa fazer para ajudar? Como enfermeira, não tenho grande experiência com trabalhos manuais, mas sempre posso aprender alguma coisa.

Sorrio, comovida. Só o fato de ela se oferecer já significa muito.

— Agradeço de coração. Se surgir algo que eu possa contar com a sua ajuda, prometo que vou pedir.

— Por favor.

Trocamos um olhar amistoso. Sebastian realmente fez a escolha certa.

Olho o relógio e me assusto com a hora.

— Meu Deus, preciso voltar. — Levanto da cadeira, e ela faz o mesmo. Dou a volta na pequena mesa a envolvo num abraço sincero. — Obrigada pelo apoio. Eu estava mesmo precisando desabafar com alguém.

Molly me abraça de volta.

— Venha nos visitar na casa dos Moore um dia desses. Sebastian vai adorar te ver.

Eu concordo, ao soltá-la.

— Vou sim. A gente se fala.

Me despeço e vou andando em direção às escadas rolantes. Enquanto faço o caminho de volta até o piso térreo, onde a Casa do Papai Noel está sendo montada, me apego à esperança de que tudo vai dar certo.

Também, na situação em que eu estou, não é como se as coisas pudessem piorar.

---

1 Shopping Center fictício

2 Trabalhos realizados sem qualquer cobrança, em geral voltados para público de baixa renda.

capítulo 2

THOMAS

EXISTEM ALGUNS DIAS QUE SIMPLESMENTE NÃO PODEM PIORAR.

Até que eles pioram.

— Posso falar com você, Tom? — A voz grave de Alexander Barrington soa na porta entreaberta da minha sala.

Pressiono as têmporas por alguns segundos, tentando afastar a dor de cabeça que está me tirando do sério há quase uma hora — cortesia do imbecil que conseguiu errar o cálculo de um contrato em meio milhão de dólares e nos colocar em uma situação delicadíssima com um dos nossos maiores clientes.

— Claro. — Reclino o corpo para trás e forço um sorriso. — Entre, Alex.

O homem de sessenta e poucos anos e porte aristocrático ocupa a cadeira à minha frente. Ele e meu pai são os grandes líderes do escritório, mas, ainda assim, não me tratam com condescendência. Aprecio bastante o reconhecimento que ambos demonstram pela minha dedicação incansável e competência na gestão de contas importantes.

— Preciso da sua ajuda com uma questão — ele informa. Em seguida, olha para a porta que fechou atrás de si quando entrou na sala, como se para confirmar que estamos mesmo sozinhos. — E apreciaria a sua discrição a respeito.

A curiosidade me instiga. Alexander não é de pedir favores pessoais, e muito menos fazer as coisas em sigilo. Na verdade, é um dos homens mais éticos e transparentes que eu conheço.

— Diga — respondo, cruzando as mãos sobre o abdome. — Como posso ajudar?

Barrington suspira pesadamente.

— Recebemos uma ligação do conselho administrativo do Plaza hoje, a respeito do contrato com um dos fornecedores deles. Aparentemente, a empresa não está cumprindo prazos.

O Plaza é um cliente grande, mas não é comum haver o envolvimento de um dos sócios majoritários em questões contratuais. Temos equipes que se dedicam a isso. Para ele estar vindo trazer o problema pessoalmente, deve ser algo muito grave.

— Continue — peço, sem desviar os olhos.

Fico ainda mais intrigado ao notar que Alexander parece um tanto... constrangido?

— Bem, eles pediram que a gente faça uma pressão sobre esse fornecedor. Dê uma assustada nele, porque o que está em risco é a decoração de Natal do shopping. Eles estão preocupados que não fique pronta a tempo e prejudique as vendas.

Ok, é um tema importante. Mas não a ponto de fazer com que ele se envolva diretamente e

venha me pedir para participar. Essa conta é de Owen Sacks, um dos sócios minoritários, e era com ele que o assunto deveria estar sendo discutido.

— E como eu poderia ajudar? — pergunto, cauteloso. — Quer que fale com Sacks?

Os olhos azuis de Alexander se fixam em mim, sua expressão profundamente ansiosa.

— Não, por favor. Eu gostaria que você conduzisse essa situação pessoalmente.

Deixo meu peso voltar para frente e apoio os antebraços sobre a mesa. Toda essa história está muito estranha,

— O que, exatamente, você espera que eu faça?

O homem suspira pesadamente.

— Vá até lá e converse com o fornecedor. Pareça estar sendo duro, porque não queremos desagradar nosso cliente. Mas, na prática, pegue leve com a pessoa responsável pela empresa.

Ok. Definitivamente há algo de errado aqui.

— Alex... o que você não está me contando?

Ele desvia o olhar.

— A empresa em questão pertence a Lilly.

Meus lábios se curvam involuntariamente num sorriso.

Agora tudo fez sentido.

— Lilly se meteu em encrenca de novo? — pergunto, tentando disfarçar o tom zombeteiro.

Barrington volta a olhar para mim.

— Ela é teimosa como uma mula — o homem desabafa, deixando o peso cair para trás na cadeira de couro e apertando a base do nariz entre os dedos, de olhos fechados. — Resolveu abrir a tal empresa de decoração e não aceitou qualquer ajuda minha. Mesmo sendo ainda relativamente nova nesse mercado, pegou um projeto enorme, não está dando conta, e agora se encontra a um triz de ser processada.

Coço o queixo para disfarçar a expressão de divertimento.

— E você, naturalmente, não quer conduzir um processo contra a sua filha.

— Naturalmente — Alex concorda e, em seguida, volta a olhar para mim. — Ainda acho que Lilly está estragando sua vida com essa história de empresa de decoração, mas continuo sendo seu pai. Não quero ver minha menina sofrendo.

Cruzo as mãos sobre a mesa.

— Entendo. E o motivo de me pedir ajuda é o receio de que, se você for falar com ela pessoalmente, vai gerar desconfiança por parte da administração do Plaza? Por ela ser sua filha?

Alex ri, sem humor.

— O problema não é esse — ele admite. — Eu poderia fazer essa fachada mais firme sem nenhum problema, já que sempre deixei claro que sei separar negócios e vida pessoal. A questão é que Lilly está realmente encrencada e precisa de ajuda, mas jamais aceitaria qualquer auxílio que eu tentasse oferecer.

Nesse momento, não consigo controlar a risada.

— E você acha que ela aceitaria a *minha* ajuda?

Lilly Barrington me odeia desde... bem, desde que eu tinha idade suficiente para me lembrar. Ela é um ano mais nova que eu, e fomos criados meio juntos, considerando a proximidade das nossas famílias. Eu adorava implicar com seu jeito tímido e engraçado, a forma como ficava muito vermelha quando era provocada, e ela sempre me detestou por isso.

Talvez eu tenha sido uma pedra no seu sapato quando éramos crianças, mas jamais imaginei que ela guardaria ressentimento dessas brincadeiras bobas quando nos tornássemos adultos.

Spoiler: ela guardou.

— Honestamente? — Alex olha para mim, com uma expressão cansada. — Eu não sei. Do jeito que Lilly tem estado ultimamente, talvez ela não aceite a ajuda de ninguém. Parece que a menina entrou numa cruzada para provar alguma coisa a si mesma, e só está se complicando cada vez mais. Ainda assim, eu preciso tentar.

Eu olho através da janela, onde o sol está começando a se por no horizonte de Seattle. Além das nossas picuinhas de infância, houve outras circunstâncias, mais tarde, que me fizeram ativamente manter distância de Lilly. Contudo, a realidade foi mudando e, hoje em dia, essas razões ficaram no passado.

Volto a encarar Alexander.

— Podemos tentar. Só não tenho como garantir resultados.

Ele suspira, aliviado.

— Obrigado, meu filho. Se eu puder ajudar de alguma forma, basta você me dizer.

Sorrio de lado.

— Tentarei amansar a fera.

— Faça isso. — Barrington retribui meu sorriso, e então fica sério outra vez. — Mas, antes, preciso que você faça um teatro para os administradores. Eles marcaram uma reunião conosco e Lilly às sete da noite. Seja duro com ela nessa reunião, para deixá-los tranquilos, mas, em seguida, converse com ela em particular e tente oferecer ajuda.

Pelo que eu conheço dela, as chances de isso dar certo são proporcionais às de encontrar um tesouro pirata escondido no alto do Monte Everest. Ainda assim, tento demonstrar confiança.

— Deixe comigo. Se houver uma forma de ajudar sua filha teimosa, eu darei um jeito de conseguir.

Ele se levanta e me puxa para um abraço.

— Não sei como te agradecer, Tom.

Eu retribuo o gesto, pensando no quanto a família Barrington nos apoiou durante a doença da minha mãe. Donna Barrington dormiu com ela incontáveis noites no hospital, quando meu pai estava à beira da exaustão. Alexander não deixou que papai colocasse os pés no escritório durante os longos meses em que ela esteve doente, resolvendo tudo sozinho e se sobrecarregando, sem reclamar uma vez sequer.

Tenho uma dívida imensa com eles e, por mais que a tarefa que eu recebi não seja exatamente fácil, fico feliz por poder retribuir de alguma maneira.

— Não precisa. Farei com o maior prazer.

A parte do prazer é um exagero, considerando que Lilly mal consegue conter a expressão de desagrado a cada vez que nos esbarramos nos últimos anos, mas guardarei essa constatação para mim mesmo. A única coisa que importa agora é tirar Lilly Barrington bem rápido dessa confusão em que conseguiu se enfiar. Quanto antes isso acontecer, antes eu me livrarei do desconforto que a nossa reaproximação certamente causará em ambos.

capítulo 3

LILLY

— SRTA. BARRINGTON?

Eu tiro uma mecha suada de cabelo do rosto com o antebraço e olho para trás, me deparando com um dos jovens que está trabalhando para mim na montagem do cenário.

— Diga, Samuel.

— Um homem está aqui à sua procura.

Com um suspiro, largo o feltro verde que estava colando no piso do jardim do Papai Noel e peço ao rapaz:

— Consegue colar essa parte aqui para mim? Precisa ficar bem lisinho, sem bolhas sob o tecido.

Samuel assente.

— Deixe comigo. Farei com bastante capricho.

Eu sorrio, apesar da exaustão.

Uma das minhas ideias para esse projeto foi contratar jovens de um projeto social como trabalhadores temporários. Eles não têm muita experiência e acabam demorando demais em coisas simples, mas a boa vontade com que executam as tarefas é comovente.

— Obrigada, querido.

Ando até o limite do tapume que está isolando a área de montagem do cenário. Ainda são sete e vinte da noite, mas meu corpo está exausto como se já fosse meia-noite. Não tenho ideia de como aguentarei mais quase três horas de trabalho antes de ir para casa tomar um banho e descansar.

Abro a pequena porta recortada na madeira do tapume e dou de cara com o sr. Rochester. Preciso controlar a cara de contrariedade.

— Pois não? — Endireito a postura e limpo discretamente as mãos grudentas na calça jeans arruinada.

— Nosso advogado está na sala de reuniões para conversar com a senhorita — ele informa, seco.

Eu franzo a testa.

— Agora?

O homem aperta os lábios, impaciente.

— Avisei que eles fariam contato. Algum problema em recebê-lo, srta. Barrington?

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Não, nenhum. — Passo para o lado de fora e fecho a portinha atrás de mim. — Vamos acabar logo com isso.

Caminhamos em silêncio em direção aos elevadores. Tento adivinhar quem foi o advogado que o escritório Barrington & Becker mandou aqui numa terça-feira à noite. Talvez algum pobre estagiário, ou um dos inúmeros advogados juniores que eles têm na folha de pagamento. O líder da conta do Plaza é Owen Sacks, um dos sócios minoritários, e foi ele quem esteve à frente nas etapas de elaboração e assinatura. Porém, acho quase impossível que Owen venha pessoalmente. Dar sermão em fornecedor à noite é o tipo de função delegada a classes inferiores na cadeia alimentar do escritório.

Chegamos à sala de reunião, que está vazia. Rochester aponta para uma cadeira.

— O advogado avisou que sairia para fazer uma ligação breve. Ele já deve estar chegando.

Eu ocupo uma das cadeiras estofadas em material sintético azul, apoio os antebraços sobre a pequena mesa redonda de fórmica e inclino a cabeça para o lado esquerdo com uma careta, alongando os músculos doloridos. Antes que eu consiga esticar o pescoço para o outro lado, vejo um homem alto, com porte atlético e cabelos escuros passando pela porta.

Meu coração acelera de puro ódio. O que *ele* está fazendo aqui?

— Srta. Barrington — Thomas Becker cumprimenta, com um de seus sorrisos que exalam confiança com um toque de arrogância, e que são capazes de fazer com que o resto do mundo se sinta ligeiramente inapropriado apenas por estar na sua presença. — Há quanto tempo.

— Sim — murmuro, sem me dar ao trabalho de me levantar para cumprimentá-lo. — Já faz algum tempo.

Como filho dos melhores amigos dos meus pais, Thomas está presente na minha vida desde que eu consigo me lembrar. Ele era o garoto extrovertido, inteligente, que sempre parecia saber o que dizer ou como conquistar a atenção e a admiração das pessoas ao seu redor. Em resumo, o oposto de mim.

Por termos apenas um ano de diferença de idade, desde muito pequenos fomos colocados para brincar juntos. Por algum tempo, eu tentei conquistar sua admiração e amizade, e confesso que cheguei a ter um *crush* no garoto charmoso e lindo de morrer com quem eu convivi tão intensamente durante toda a infância e adolescência.

Contudo, Thomas fez questão de me mostrar desde cedo que meu interesse platônico jamais seria correspondido. Aproveitava qualquer oportunidade para zombar do meu jeito tímido e meio desengonçado e fazia piadinhas que me deixavam da cor de um tomate na frente de todos. Aquilo me magoava, e eu decidi passar a ignorá-lo o quanto podia.

O tempo foi passando, e Thomas, Landon e Sebastian foram para o *college* um ano antes de mim. No verão seguinte, todos nós nos encontramos em Seattle novamente, depois de quase um ano sem nos vermos. Foi nessa época que Seb começou a me olhar diferente. Com seu jeito gentil e carinhoso, foi se aproximando a cada dia mais e, numa noite estrelada, acabou me beijando. Eu nunca havia sentido por ele a atração turbulenta e desconcertante que experimentei por Thomas, mas gostei bastante de como Sebastian me fazia sentir. Era algo leve, confortável e gostoso.

Ficamos juntos por várias semanas, até que eu fosse para Harvard e ele voltasse para Stanford. Sebastian deixou claro desde o início que não queria um relacionamento à distância, portanto, o lance entre nós seria apenas uma paixão de verão. Eu aceitei, sem saber que aqueles encontros se repetiriam em quase todos os anos seguintes, a ponto de me fazer ficar apaixonada por ele e imaginar um futuro ao seu lado.

Como Sebastian continuava tratando nosso relacionamento como algo casual, guardei minhas

expectativas para mim mesma, esperando o dia em que ele finalmente retornaria a Seattle após o término da sua formação como médico e me procuraria para propor que ficássemos juntos para valer. Eu tentava dizer para mim mesma que estava de boa com essa espera, mas, no fundo, me perguntava se Seb não me achava boa o suficiente para me tornar sua esposa.

Em um dos verões no qual estávamos os quatro reunidos, eu e os garotos, acabei ouvindo sem querer uma conversa de Thomas e Landon, em que Thomas dizia que não era difícil entender por que Sebastian não me assumia de vez, e que ele mesmo jamais se interessaria por uma garota como eu.

Aquelas palavras trouxeram à tona toda a minha insegurança e me magoaram mais do que eu gostaria de admitir. A antipatia que eu sentia por Thomas pela maneira como ele sempre me tratou se transformou numa mágoa misturada com raiva depois desse dia. Eu nunca fiz nada contra ele para merecer esse tipo de tratamento.

Ao vê-lo aqui hoje, só consigo me perguntar se o motivo de ter vindo pessoalmente a uma reunião como essa, sendo o terceiro homem mais importante do escritório depois do meu pai e do pai dele, não tem a ver com um desejo sádico de testemunhar o meu fracasso.

Pois ele que espere sentado por esse momento.

— Bem, acho que podemos começar. — Rochester ocupa um lugar na pequena mesa de reuniões, e Thomas se senta ao seu lado. Eu estou sozinha do lado oposto, e não me passa despercebida uma alocação espacial de “dois contra um” aqui. — Srta. Barrington, como conversamos mais cedo, nós da administração do Plaza estamos um tanto preocupados com os atrasos no cronograma de montagem da Vila do Papai Noel.

Eu travo a mandíbula, para controlar o desconforto.

— Sim, estou ciente — respondo. — E também já expliquei que...

Antes que eu consiga terminar a frase, Thomas abre a pasta com um clique barulhento, tira de lá um maço de papeis e começa a falar:

— Srta. Barrington, seu contrato previa que, até sete dias antes da inauguração, as guirlandas iluminadas dos corredores dos quatro andares já estariam posicionadas e em funcionamento — ele constata, com um tom seco, e olha para mim sem se dar ao trabalho de levantar o rosto. — Confere?

Eu puxo o ar devagar e respondo entre dentes.

— Sim.

Thomas assente e olha para o relógio.

— Esse prazo se encerra em dois dias. Pelo que pude apurar, a senhorita informou que as guirlandas foram entregues, mas as lâmpadas que vão decorá-las, não. Por isso, elas ainda nem foram trazidas para cá. Correto?

— Sim — repito, contrariada. Essa questão das lâmpadas é meu maior motivo de preocupação nesse momento.

— Perfeito. — Thomas apoia o contrato sobre a mesa. — Pelo descritivo que consta aqui, serão sessenta e três guirlandas. Cada uma delas tem dois metros de diâmetro e contará com, aproximadamente, duzentos pontos de luz. Isso corresponde a mais de doze mil lâmpadas, que nem sequer foram entregues.

Noto que o filho da mãe está esperando uma confirmação minha, apenas para assistir à minha humilhação de camarote.

— Se o senhor está tão bem informado sobre os detalhes do contrato e não parece ter dificuldade com contas de multiplicação, não entendi qual o meu papel nessa conversa. — Ergo as sobrancelhas, sem disfarçar o sarcasmo.

O sorrisinho condescendente que ele me direciona me faz ter vontade de voar no seu pescoço e apertar até ver seus lábios ficarem azuis.

— Eu só queria me certificar de que a senhorita acha viável preparar as guirlandas em um prazo de 48 horas, considerando que as lâmpadas ainda nem chegaram. Isso sem contar com todo o restante do cenário, cuja produção também está atrasada.

Aperto os braços de plástico da cadeira até as juntas dos dedos ficarem brancas.

— Estará tudo em perfeito funcionamento, sr. Becker. — Olho novamente para o sujeito antipático de olhos miúdos sentado ao seu lado. — Como expliquei mais cedo ao sr. Rochester, eu não descumpri nenhuma cláusula contratual e nem pretendo fazê-lo. Portanto, estou com dificuldade de compreender o motivo de tanto alarde.

Os dois me encaram com firmeza, e eu sustento seus olhares apesar das palmas suadas e das mãos um pouco trêmulas, devidamente escondidas sob a mesa. Não darei a ninguém o prazer de ver que estou insegura e apavorada com a ideia de que tudo pode dar epicamente errado nesse projeto.

Thomas fixa seus olhos verde oliva nos meus, com a expressão inabalável. Apesar da hostilidade contida em suas palavras, seu olhar transmite uma mensagem diferente. Algo parecido com pena, talvez, o que é ainda pior. Não admito ser motivo de pena para ninguém.

Respiro fundo e levanto num movimento decidido.

— Se era só isso, eu tenho trabalho a fazer. Boa noite para vocês.

Caminho até a porta da sala com o queixo erguido, apesar do turbilhão de sensações dentro de mim. É um misto de vontade de chorar com o impulso de socar alguma coisa. Nunca fui uma pessoa dramática nem agressiva, mas estou lidando com uma pressão extrema nesses últimos dias. Está difícil não colocar isso para fora de alguma maneira.

Com passos largos, alcanço o elevador vazio e entro. Aperto o botão do térreo, com um suspiro cansado. Antes que as portas se fechem, uma mão grande impede e faz com que se abram outra vez. Levanto o rosto para dar de cara com ninguém menos que Thomas Becker.

— Mas não é possível... — reviro os olhos e murmuro, mais para mim mesma.

Thomas dá dois passos para dentro e para ao meu lado no cubículo de metal.

— Você se saiu bem, Lilly — ele diz, assim que as portas se fecham e o elevador começa a descer.

O tom condescendente é o de um adestrador dando os parabéns ao pior aluno da classe de filhotes de cachorros estabanados.

A mistura de cansaço, medo, raiva, e tudo mais que estou guardando dentro de mim explode. Eu dou um passo à frente e acerto com um pequeno murro o botão de parada de emergência no painel moderno. Assim que o elevador para com um solavanco, eu avanço para cima de Thomas e aponto um dedo para o seu peito largo, coberto por uma camisa impecavelmente branca que contrasta de maneira humilhante com a minha camiseta preta toda manchada de cola e com fiapos de feltro verde.

— Escute aqui, Thomas: eu não vou aceitar esse tipo de comportamento. Batalhei muito para conquistar tudo isso, e não deixarei você nem ninguém me intimidar ou me fazer duvidar da minha capacidade. Vou entregar esse projeto, e ele ficará perfeito. Você me entendeu?

As sobrancelhas de Becker estão tão altas que poderiam tocar a linha do seu cabelo. Seus olhos exibem um brilho que é uma mistura de divertimento e surpresa, e ele claramente está tentando esconder o riso.

Eu estreito os olhos, chegando ainda mais perto na tentativa de parecer ao menos um pouco ameaçadora com meu um metro e sessenta. Consigo sentir um perfume gostoso, algo entre

amadeirado e cítrico, e o amaldiçoo ainda mais por cheirar bem assim depois de um dia de trabalho — especialmente quando eu mesma devo estar cheirando como alguém que precisa urgentemente de um banho.

Subitamente consciente do meu estado deplorável, dou um passo para trás outra vez, mas sem deixar de fuzilá-lo com os olhos.

— Não ria de mim — ordeno, entre dentes. — Você não tem esse direito.

— Acredite, não foi a minha intenção — ele diz, se esforçando para manter um tom sério. — Pessoas normais gostam de receber elogios, mas eu deveria ter me lembrado de que seu cérebro não funciona como o de uma pessoa normal.

— Não foi um elogio — rebato, irritada. — Foi um comentário condescendente para me fazer sentir ainda pior.

Thomas me olha de cima a baixo, como se para me lembrar de que eu não preciso de ajuda nesse quesito. Desvio o olhar e passo a mão no cabelo, na tentativa inútil de ajeitar o rabo de cavalo desgrenhado, e consciente demais de quão pouco atraente eu estou nesse momento.

Subitamente exausta, eu solto o ar e aperto as têmporas com força. Após vários segundos de silêncio, Thomas limpa a garganta.

— Sei que elevadores de shopping são ambientes agradáveis e acolhedores, mas, se já disse tudo que queria dizer, será que podemos sair daqui? Está começando a ficar abafado.

Ergo novamente o rosto para encará-lo e vejo o brilho divertido de volta ao seu olhar. Que bom que pelo menos um de nós está achando graça na situação.

Ainda que na hora tenha parecido uma boa ideia parar o elevador para brigar com Thomas, está realmente começando a ficar abafado aqui dentro. Minhas bochechas estão esquentando e já sinto uma fina camada de suor na testa. Uso a barra da camiseta para secar o rosto, o que faz com que ela fique mais amarrotada do que já estava, estico a mão e destravo o botão. Logo em seguida, o elevador volta a andar.

Chegamos ao térreo e as portas se abrem. Um segurança está do lado de fora, com uma expressão irritada. Ele observa meu rosto corado e minha camiseta meio torta com um ar de reprovação.

— Quando quiserem privacidade, arrumem outro lugar. É perigoso parar o elevador para realizar atos obscenos.

Meu queixo cai em ultraje, e eu olho para Thomas. Ao invés de desmentir o comentário, ele começa a rir e aperta de leve o meu braço.

— Pode deixar, senhor — ele diz, piscando para o segurança. — Procuraremos outro local da próxima vez.

— Thomas! — eu reclamo, mas ele já está começando a andar na direção do corredor e me trazendo junto. — Isso não tem graça nenhuma!

— Eu discordo. — Ele olha para mim e volta a rir. — Meu Deus, a sua cara quando fica indignada é impagável. Eu tinha esquecido como é hilário te provocar.

Bufo, ainda mais irritada ao me lembrar que esse era seu hobby favorito no passado.

— Eu encontro esse segurança todos os dias, e agora ele acha que eu saio por aí fazendo *obscenidades* em elevadores — reclamo, pensando na vergonha que sentirei na próxima vez em que der de cara com o sujeito. — Você me paga, Thomas Becker.

Sem dar qualquer importância ao meu comentário, ele continua andando e rindo da situação. Assim que chegamos ao hall principal do primeiro andar, Thomas checa as horas.

— Já passa das oito. Você jantou? — pergunta, num tom distraído.

— Não.

— Então, vamos até a praça de alimentação — ele sugere. — Posso te pagar um jantar, para provar que estou em missão de paz.

O convite me pega de surpresa, porque a última coisa que eu esperaria dele seria um ato de gentileza. Olho para o tapume que isola o cenário em construção.

A tentação dessa oferta é grande. Meu estômago está implorando por comida, mas não posso parar agora. Já estava atrasada antes de perder mais de meia hora nessa reunião inútil, agora então... Vou deixar para comer alguma coisa rápida quando chegar em casa, por mais que o prospecto de ter que preparar alguma coisa sozinha me dê vontade de chorar.

— Obrigada, mas preciso voltar. Tenho apenas mais duas horas, já que a administração do shopping preferiu que trabalhássemos durante o horário de funcionamento por questões logísticas de segurança.

Thomas olha para o cenário coberto pelo tapume, e em seguida para mim.

— Tudo bem. Você é quem sabe.

Sem se despedir direito, ele apenas acena e começa a se afastar.

Ok, eu não deveria ficar surpresa com a saída brusca. Esse é o comportamento que eu esperava, estranho foi o convite para jantar.

Respiro fundo e me preparo para encarar mais duas horas de trabalho na montagem do cenário. A equipe de ajudantes tem uma carga horária máxima estipulada e finaliza às oito, o que significa que, nessas duas horas finais, eu sempre fico sozinha.

Tem sido assim nas últimas quatro noites, desde que eu me dei conta de que cada hora é preciosa e não pode ser desperdiçada. Por maior que seja meu desejo de ir para casa um pouco mais cedo no final de um dia exaustivo, preciso pensar que faltam apenas dez dias para entregar tudo isso pronto. Se eu sair junto com a equipe em todos esses dias, são vinte horas a menos de trabalho, e eu não tenho como abrir mão delas.

Analiso o que Samuel conseguiu executar na colagem do feltro. O menino realmente se esforçou para fazer com capricho, mas fico desanimada ao notar que quase uma hora de trabalho resultou em um pouco mais de um metro quadrado de piso colado. Eles definitivamente não são muito rápidos.

Depois de alongar as costas, pego a lata de cola e o feltro enrolado. Minha meta é terminar todo o revestimento do piso hoje, mas é uma área bem grande e eu sou uma só. Todos os meus funcionários estão dando tudo de si nesse projeto, e não tenho como exigir mais.

Para piorar, coloquei um valor baixo de margem na proposta de orçamento, com a intenção de aumentar minhas chances de vencer a concorrência, mas acabei gastando mais do que previ e já estou no negativo, mesmo considerando o empréstimo que peguei recentemente com o banco como capital inicial para essa produção. Não posso arcar com mais funcionários sem quebrar minha empresa, e me recuso a pedir dinheiro ao meu pai.

Seja o que Deus quiser.

capítulo 4

THOMAS

ENQUANTO ESPERO A ATENDENTE TRAZER NOSSOS LANCHES, TAMBORILO OS DEDOS NO BALCÃO. *Fast food* não é exatamente minha ideia de um bom jantar, mas não há muitas opções que se possa comer no meio de um cenário em construção. Penso na comida deliciosa com que minha cozinheira abastece diariamente a geladeira lá de casa, mas eu não poderia deixar Lilly sem comer. Não com a aparência exausta que ela exibia naquela reunião.

Já fazia um tempo que eu não a encontrava. Mal a reconheci num primeiro momento, tamanha a diferença em relação à garota elegante com quem eu convivi durante boa parte da minha vida. Lilly Barrington sempre teve uma beleza clássica e discreta. Cabelos loiros, olhos verdes, um corpo esguio que passou por fases estranhas na adolescência, como a maioria das pessoas.

Lembro que, quando tínhamos uns 12 ou 13 anos, eu descobri sem querer um sutiã com enchimento nas coisas dela durante uma viagem que fizemos com nossos pais. Lilly arrancou a peça das minhas mãos com uma expressão completamente mortificada, seu rosto num tom de vermelho que eu nunca vi em seres humanos.

Não me orgulho de dizer que tornei sua vida um inferno durante aqueles dias, porque não conseguia parar de sacaneá-la a respeito disso. Toda vez que a via, eu colocava as mãos em concha na frente do peito e fazia biquinhos — sim, moleques de 14 anos conseguem ser bem idiotas. Lilly me fuzilava com os olhos, mas jamais pediu arrego aos nossos pais. Ela sempre aguentou todas as provocações sem abaixar a cabeça, resistindo com uma tenacidade impressionante.

Como única garota num grupo de vários meninos, a coitada passou por maus bocados. Seu jeito ao mesmo tempo reservado e firme era um grande mistério para mim, e eu frequentemente me via instigado a testar seus limites. Quando eu fui para o *college*, acabei ficando quase um ano sem vê-la. Assim que nos reencontramos, fiquei surpreso com o quanto Lilly tinha mudado, e comecei a reparar na minha amiga de infância de outra forma. Ela estava linda e, naqueles primeiros dias em que voltamos a conviver, eu cheguei a pensar em como poderia convencê-la de que eu tinha amadurecido, e ela não precisava mais me odiar.

Porém, antes que eu sequer conseguisse um momento a sós com Lilly, ela e Sebastian, um dos nossos melhores amigos, se envolveram. Eu me afastei, porque não sou um talarico, e me mantive distante inclusive quando ela passou a frequentar a mesma faculdade que eu, já que o rolo deles continuou por vários anos. Ainda que nunca tenham oficializado um namoro, cheguei

a pensar que eles se casariam. Foi uma surpresa para todos quando Seb apareceu com outra mulher e se casou com ela em tempo recorde.

Até hoje não sei como Lilly lidou com a situação, e nem é da minha conta. O fato é que acabamos nos afastando, e eu não pensei muito nela desde então. Bem, ao menos até que seu pai me pedisse para assumir a missão de anjo da guarda.

Meu olhar passeia distraidamente pela praça de alimentação, até que uma cena me chama a atenção. Duas crianças circulam por entre as mesas, sem nenhum adulto por perto. O menino deve ter uns 9 ou 10 anos, e a garotinha uns 6 ou 7. Os dois usam casacos surrados e tênis velhos.

O garoto observa as bandejas com discrição. Quando vê uma porção de batatas fritas abandonada numa mesa vazia, ele olha para os lados para se certificar de que não está sendo observado e pega a embalagem parcialmente cheia, oferecendo-a em seguida para a menina. Ela abre um pequeno sorriso e começa a comer.

A cena me mata por dentro. Não consigo me acostumar com a ideia de que crianças precisem buscar restos de comida para não passar fome.

— Seu pedido, senhor. — A atendente diz atrás de mim.

Pego a bandeja, mas, antes de me afastar para procurar uma mesa vazia, eu olho novamente para as crianças por alguns segundos. Num impulso, me viro outra vez para a moça atrás do balcão.

— Repita esse pedido, por favor.

Ela parece surpresa, mas não comenta nada.

— Pois não.

Eu pago pelo lanche novamente e aviso:

— Já volto.

Segurando as embalagens do meu primeiro pedido, começo a andar pelo espaço lotado de famílias alegres e barulhentas. A dupla de crianças sumiu de vista, mas não devem estar muito longe. Após alguns minutos, eu os avisto numa mesa meio escondida, dividindo o resto da batata frita.

Ando até eles com cautela, para não assustá-los. Ainda não sei bem como vou entregar a comida sem parecer que tenho alguma intenção escusa com esse gesto. Até porque, não gosto da ideia de incentivá-los a confiar em estranhos. Assim que eu paro ao lado da mesa, o menino ergue os olhos para mim. Quando nota que vou abordá-los, ele se levanta num movimento brusco.

— D-desculpe, eu achei que ninguém mais fosse comer.

Coitado do moleque. Ele acredita que eu vim recriminá-los por pegar a comida sem permissão.

Sorrio para tranquilizá-lo.

— Ei, está tudo bem. Qual o seu nome? — pergunto.

Ele olha para a menina, que parece curiosa com a minha presença.

— Dexter, senhor — o garoto responde, voltando a me encarar com olhos assustados.

— E o seu? — pergunto à menorzinha.

— Kaylee — ela diz e sorri. Um de seus dentes de baixo caiu, deixando-a com uma janelinha. — Mas pode me chamar de Kay, e o meu irmão de Dex.

Hum, são irmãos.

Eu levanto as embalagens e comento:

— Eu comprei esses lanches, mas me confundi com o pedido. Vocês conhecem alguém que goste de cheeseburguer, batatas fritas e suco de laranja?

Os dois se entreolham, claramente duvidando do que eu acabei de dizer. Na tentativa de convencê-los a aceitar, eu abro o saco de papel pardo e mostro a eles:

— Seria uma pena desperdiçar essa comida.

O cheiro que exala é delicioso. Kaylee lambe os lábios, e Dexter engole em seco. Por fim, ele endireita a postura e diz:

— Talvez eu conheça alguém que goste desse lanche, sim.

Eu sorrio, aliviado.

— Ótima notícia. — Estendo a embalagem a ele. — Tomara que a pessoa faça bom proveito, então.

O menino aceita e apoia sobre a mesa com alguma hesitação. Como a curiosidade está me consumindo, eu comento, em um tom casual:

— Espero que seus pais não se importem por vocês estarem falando com um estranho.

Dexter fica tenso, mas Kaylee, que não parece ter o mesmo senso de preservação do mais velho, começa a explicar:

— Ah, nossos pais morreram. A gente mora com a nossa avó, mas ela...

— ... está dando uma volta no shopping e já vai nos encontrar — o garoto interrompe a irmã. Fico bastante intrigado e penso em continuar perguntando, mas Dexter é mais rápido. — Inclusive, precisamos ir. Obrigado pelo lanche, senhor.

Ele agarra as embalagens e começa a puxar a irmã, sem me dar tempo de reagir. Eu olho para o lado, onde a atendente está acenando e sinalizando que meu pedido está pronto.

Quando me viro novamente, os irmãos desapareceram. Com uma sensação estranha, caminho até a lanchonete. Há algo de errado em relação a essas crianças, mas não sei o que eu deveria fazer a respeito. Acionar o serviço de proteção à criança? Mas, e se eles estiverem falando a verdade e a avó estiver mesmo por perto?

Deixar os dois circularem sozinhos pelo shopping pode não ser a atitude mais prudente, mas dificilmente seria considerada como abandono de incapaz.

Ao chegar ao balcão, olho ao redor mais uma vez, mas não há sinal dos dois. Com um suspiro resignado, pego as embalagens e começo a fazer o caminho de volta até o cenário do Papai Noel. Ao chegar lá, dou a volta no tapume coberto por um adesivo decorado com motivos natalinos até encontrar a portinha quase escondida. Bato duas vezes.

Menos de um minuto depois, uma Lilly bastante desconfiada abre a porta. Seu cabelo está ainda mais bagunçado do que antes no rabo de cavalo torto, as roupas completamente amarrotadas e sujas, e olheiras escuras deixam os olhos verdes com uma aparência abatida.

— Thomas? — Ela franze as sobrancelhas. — O que está fazendo aqui?

Eu levanto a sacola com um meio sorriso.

— Trouxe comida. — Percebo claramente no rosto de Lilly o debate interno entre o orgulho e a fome, e não dou a ela chance de recusar. Com gentileza, forço minha entrada no cenário, obrigando-a a dar dois passos para trás. — Onde podemos sentar?

Lilly olha ao redor, parecendo confusa. Ela então fecha a portinha e aponta para um canto, onde há algumas caixas de madeira laqueada embaladas em plástico bolha.

— Ali. Eu acho — murmura, como se ainda tentasse se acostumar com a ideia de que eu não pretendo ir embora tão cedo.

Eu observo o local. Um grande tablado rente ao chão delimita a área que corresponderá à Vila do Papai Noel dentro de alguns dias. Noto que ele está quase todo coberto por feltro verde, faltando apenas uma parte no canto esquerdo. A futura casa e a oficina de brinquedos estão com as paredes de *drywall* erguidas, mas ainda sem qualquer decoração. Também não há telhado, e

nem sinal do jardim.

É, Lilly tem um grande desafio nas mãos, se pretende concluir essa decoração até o dia primeiro de dezembro. Mas, segundo o que eu pude avaliar no projeto que estava anexado na pasta do contrato dela, o resultado ficará sensacional. É uma das decorações de Natal mais bonitas que eu já vi.

— Onde está sua equipe? — pergunto, ao notar que o local está completamente vazio, exceto por nós dois.

— Ao contrário de mim, eles precisam cumprir horário — ela informa. — Das oito da noite em diante, sou apenas eu.

— Por que você não contrata mais gente para te ajudar?

Lilly cruza os braços, assumindo uma postura defensiva.

— Você está aqui como advogado do Plaza, Thomas? Veio investigar de perto o andamento das coisas? Porque, se for isso...

Eu ergo as mãos num gesto de rendição.

— Não está mais aqui quem falou. Acredite, Lilly, não foi essa minha intenção ao te trazer esse lanche.

Ela relaxa um pouco.

— Espero que não — resmunga. — Eu disse que vou entregar tudo no prazo, e *vou* entregar tudo no prazo.

Escondo um sorriso, porque às vezes ela ainda parece a mesma garotinha altiva de anos atrás. Olho ao redor do espaço, reparando no cuidado com os detalhes que já estão concluídos.

— Você está fazendo um bom trabalho aqui — elogio, e ganho em retorno um olhar desconfiado. Reviro os olhos. — Jesus, mulher, relaxa um pouco! Juro que estou te elogiando de maneira sincera.

Lilly continua me encarando por alguns segundos, até que, por fim, suspira.

— Tudo bem. — Seus lábios se erguem de maneira tão discreta que mal dá para dizer que é um sorriso. — Acho que eu ando um pouco defensiva.

Levanto as sobrancelhas.

— *Um pouco*?

— Thomas... não abuse.

Eu rio.

— Tá bem, vou parar. Prometo. — Eu me sento numa das caixas, abro a embalagem de papel pardo e tiro um pacote de batatas fritas. — Você gostava de *fast food* quando era mais nova. Espero que isso não tenha mudado.

Lilly senta ao meu lado, analisando o conteúdo do saco com uma expressão de reprovação.

— Para sua informação, meu lanche hoje foi um suco verde orgânico — ela diz, séria. — Você tem alguma ideia dos danos que a alimentação industrializada provoca no nosso corpo? Isso sem contar que a gordura desequilibra toda a nossa energia vital.

Eu a encaro, surpreso. Não tinha a menor ideia de que Lilly Barrington havia se tornado uma natureba nos últimos anos. Olho então para as batatas gordurosas, prontinhas para desalinhar a energia vital alheia.

— Nesse caso, nós temos um problema. — Volto a encará-la. — Se quiser, eu posso ir outra vez até a praç...

Lilly começa a rir, o que me pega completamente de surpresa. Ela ri tanto que seu corpo se curva para frente, e eu acabo sorrindo também. O som da risada dela é delicioso, um fato que eu não me lembro de já ter notado antes — talvez porque ela raramente risse na minha presença, o

que não é surpreendente considerando nosso histórico.

— O que foi? — eu pergunto, um tanto desconcertado. — O que é tão engraçado?

Ela enxuga os olhos úmidos e me encara, ainda rindo.

— Você precisava ver sua cara quando eu falei da energia vital.

Peraí... Lilly Barrington está me sacaneando?

Eu estreito os olhos.

— É impressão minha ou você está tirando uma com a minha cara? — pergunto.

Ela mantém no canto dos lábios um sorriso debochado enquanto pega um sanduíche dentro do saco. No instante seguinte, a boca bem desenhada está abocanhando um pedaço tão grande que eu não tenho ideia de como ela conseguirá mastigar.

— Suco verde, né? — pergunto, com sarcasmo. — Sei.

Com as bochechas estufadas de comida, Lilly arregala os olhos numa expressão divertida, levanta a mão espalmada e aponta em seguida para a própria boca, sinalizando que quer dizer alguma coisa, mas precisa engolir primeiro. Assim que termina de mastigar, ela limpa os lábios com um guardanapo e argumenta, gesticulando:

— A parte do suco é verdade! Eu comprei mesmo um suco verde orgânico detox para o lanche.

Eu olho para suas mãos lambuzadas de maionese.

— E agora está devorando um cheeseburguer? Isso é o que eu chamo de coerência.

Ela ri outra vez, parecendo mais relaxada.

— Bem, eu realmente tinha a intenção de tomar o suco. Mas descobri no primeiro gole que não gosto da minha saúde *tanto* assim.

Mordo meu próprio sanduíche, antes de perguntar:

— E a parte da energia vital?

Lilly dá de ombros.

— Essa eu inventei.

Levanto as sobrancelhas, surpreso.

— Eu não conhecia esse seu lado debochado, srta. Barrington.

Os olhos verdes encontram os meus, e o resquício de divertimento vai desaparecendo rapidamente.

— Ultimamente, está tudo tão difícil que, se eu não encontrar um jeito de rir um pouco, acabarei ficando louca. — Ela volta a comer, e o clima leve de antes vai dando lugar a outro.

É impossível não ficar tocado pelo ar de cansaço e decepção no rosto bonito.

Lilly é uma boa pessoa, e não merecia estar passando por tudo isso. A culpa por nós nunca termos tido a melhor relação do mundo é basicamente minha, essa garota nunca fez nada contra mim.

Primeiro, ela foi um alvo fácil para um moleque implicante graças ao seu temperamento e, depois, um gatilho para que eu me sentisse culpado por sentimentos sobre os quais eu não tinha controle.

Com o canto dos olhos, observo-a comendo em silêncio. Lilly aparenta estar realmente exausta, além de um tanto solitária. De uma forma totalmente inesperada, percebo que a ideia de ajudá-la na questão do projeto nem parece mais tão desagradável assim.

Assim que terminamos de comer, ela recolhe o lixo, joga num cesto dento do próprio cenário em montagem e se levanta.

— Obrigada pelo jantar, Thomas.

Eu sorrio levemente.

— Não chame esse lanche de jantar. Assim você me ofende.

Ela sorri de volta, mas sem o brilho de antes. Em seguida, coloca as mãos nos bolsos de trás da calça jeans, parecendo não saber o que fazer com elas.

— Bem, até qualquer dia, então — Lilly se despede.

Eu olho para os rolos de feltro verde abertos no chão e checo as horas. Nove e dez.

— O que falta para você terminar hoje? — pergunto.

Lilly aponta para o canto do tablado que ainda está na madeira.

— Só vou acabar de colar o tecido naquele pedaço. — Como eu continuo parado no mesmo lugar, ela olha para mim e faz um gesto de desmerecimento com mão. — Relaxa, vai ser rapidinho.

Com um pequeno sorriso, eu enrolo as mangas da camisa social.

— Acredito em você. Mas, com ajuda, você acabará ainda mais rápido.

Antes que eu consiga andar até o rolo de feltro, Lilly segura meu braço.

— Por que você está fazendo isso? — ela pergunta, seus olhos sinceros presos aos meus.

Se eu revelar o pedido que seu pai me fez, sei que ela recusará ajuda. Então opto por uma meia-verdade.

— Porque quero tanto quanto você que esse projeto fique pronto no prazo. — Sorrio, para disfarçar o desconforto por estar omitindo a conversa com Alexander. — O Plaza é meu cliente, esqueceu?

Lilly estreita os olhos.

— Não acho que o contrato deles com a Barrington & Becker envolva prestar auxílio aos funcionários terceirizados na colagem do feltro.

Eu belisco sua cintura, num gesto amistoso.

— Você fala demais, srta. Barrington. Que tal começarmos logo com isso?

Lilly parece disposta a continuar argumentando, mas, quando eu pego o rolo e começo a esticar no chão, ela apenas suspira e se agacha ao meu lado para ajudar. Pela próxima meia hora, nós conseguimos terminar de colar todo o piso verde. Ao final, ela coloca as mãos na cintura e observa o resultado.

— Ficou muito bom — Lilly diz, com uma expressão de aprovação. Em seguida, me encara com um sorriso doce. — Obrigada, Tom.

Já deve fazer mais de 20 anos que ela não me chama assim — basicamente, desde que eu comecei a infernizá-la a cada vez que nos encontrávamos. Ouvir o apelido na voz suave me causa uma satisfação inesperada.

— De nada. — Olho para a estrutura parcialmente montada sem realmente prestar atenção. Preciso convencer Lilly a aceitar minha ajuda nos próximos dias, ou as coisas vão se complicar para o lado dela e eu descumprirei minha promessa a Alex. Opto por um tom casual para introduzir o assunto. — Ainda falta bastante coisa para ser feita.

Ela balança a cabeça em negativa e começa a se afastar.

— Estava bom demais para ser verdade. Se você está, mais uma vez, insinuando que eu não serei capaz de...

Eu a alcanço em duas passadas largas e a faço virar na minha direção.

— Não estou insinuando nada — eu a interrompo. — Aceitar ajuda não te torna menos capaz, Lilly. Pelo contrário. Isso apenas mostra que é esperta o suficiente para reconhecer os seus limites.

Os olhos verdes me observam, transmitindo uma vulnerabilidade incomum na sua personalidade.

— Eu não tenho mais verba para contratar outros funcionários — ela murmura, como se estivesse fazendo uma confissão. Tenho a impressão de ver um brilho de lágrimas, mas Lilly desvia o olhar e pisca algumas vezes. — Antes que você venha com ideias, não vou aceitar dinheiro do meu pai, nem de mais ninguém. Eu vou conseguir, e sozinha.

— Ninguém faz nada sozinho, isso é uma grande ilusão — digo, com firmeza. — Já que recusa qualquer auxílio financeiro, eu ficarei feliz em poder ajudar ao menos com algumas horas do meu tempo.

Ela ri, nervosamente.

— Por que você gastaria suas noites montando uma decoração de Natal, Thomas? Isso não faz nenhum sentido.

Agora é a hora de convencê-la. Não posso falar sobre a promessa que fiz ao seu pai, então vou pelo caminho de um outro fato que é tão verdade quanto.

— Porque eu admiro sua coragem por estar indo atrás do seu sonho, Lilly. O que você vem conquistando nos últimos três anos é louvável. — Mantenho o olhar fixo no dela, para mostrar minha sinceridade. Percebo-a cedendo um pouquinho. — Posso estar aqui te ajudando como amigo, mas o mérito continuará sendo inteiramente seu.

Essas últimas frases me rendem um quase sorriso, seguido de um suspiro resignado.

— Tudo bem. Seria idiota da minha parte recusar.

Eu sorrio, aliviado por ela ter finalmente aceitado minha ajuda. Ficamos nos encarando por alguns segundos, até que minha atenção desce para os lábios cheios. Reparo em como o contorno da boca rosada é perfeito. Mesmo desarrumada e com uma aparência exausta, Lilly continua sendo uma mulher linda.

— Thomas? Está tudo bem?

Me dou conta de que continuo hipnotizado pelos seus lábios, e mudo o foco de volta para os olhos verdes, que me observam com curiosidade. Fico subitamente consciente de que estamos sozinhos nesse local completamente isolado do restante do mundo e uma inquietação crescente começa a ganhar forma dentro de mim.

Limpo a garganta para quebrar o clima esquisito e dou um passo para trás.

— Está ficando tarde, é melhor a gente ir. Você veio de carro?

Ela assente, sem parecer nem um pouco afetada pela minha indiscrição ao analisar sua boca.

— Vim. Está no subsolo.

— Ah, o meu está no piso superior. — Olho ao redor, começando a ficar ansioso para ir embora. — Vamos?

— Sim.

Lilly pega a bolsa e nós saímos juntos do cenário. Ela tranca a portinha com o cadeado e olha para mim, enfiando outra vez as mãos nos bolsos traseiros da calça jeans. Penso em lhe dar um abraço de despedida, mas talvez não seja uma boa ideia. Precisaremos conviver mais de perto até que esse projeto termine e, considerando a reação estranha do meu corpo ao reparar na boca de Lilly, quanto menos contato físico entre nós, melhor.

— Eu te encontro aqui novamente amanhã. Virei direto do escritório.

Ela sorri, mas sem empolgação. É claramente um sorriso educado, apenas.

— Ótimo. Obrigada mais uma vez pela ajuda.

Ainda estou levemente desconcertado, mas aliviado por perceber que o clima amistoso entre nós não mudou.

— Boa noite, então — me despeço, com um aceno breve.

— Boa noite, Thomas.

Caminho em direção ao estacionamento com passadas largas, rindo do meu desconforto desnecessário de minutos atrás. Lilly é uma mulher atraente, não é nenhuma surpresa que eu tenha reparado na sua beleza por alguns instantes. O que eu senti por ela anos atrás foi uma atração passageira de adolescente cheio de hormônios, e definitivamente não vai se repetir.

Chego ao meu carro e ligo o motor. Dirijo de volta para casa cantando uma música qualquer da minha playlist, enquanto organizo mentalmente meus compromissos de amanhã.

capítulo 5

LILLY

— AGORA FALTAM 35. — ALONGO AS COSTAS CANSADAS, OBSERVANDO O MAR DE GUIRLANDAS no galpão da Sweet Dreams.

Um pouco menos da metade delas já está com os pontos de luz instalados, mas ainda falta um bocado.

— Tá quase. — Martina, minha assistente, sorri, puxando um pedaço de fio salpicado de lâmpadas minúsculas para começar a montar a próxima guirlanda.

Eu estreito os olhos para ela, com uma expressão divertida.

— Seu otimismo é uma graça. — Olho ao nosso redor. — São quase seis da tarde, estamos fazendo isso há mais de três horas, e nem chegamos na metade.

Martina prende o fio entre os lábios e começa a enrolar a ponta no grande anel de galhos e folhinhas verde-escuras feito com material de garrafas pet.

— Não desanima, Lilly — ela diz, com uma voz meio abafada pela presença do fio na boca.

Eu puxo mais uma guirlanda gigantesca e olho para a minha funcionária e amiga.

— Você precisa ir. Simon terá que sair para o plantão daqui a pouco.

— Eu sei. — Martina enrola o fio com cuidado nos galhinhos. — Vou só terminar essa aqui.

Martina é designer. Quando abri a Sweet Dreams, eu sabia que precisaria de alguém que dominasse a parte operacional do design, e me ajudasse a colocar as ideias em prática. Ela trabalhava para outra empresa de decoração temática, mas estava insatisfeita com o ambiente de trabalho. Quando viu meu anúncio, se candidatou à vaga e marcamos a entrevista para o dia seguinte.

Nossa empatia foi imediata. Mesmo sabendo que ganharia comigo menos do que recebia no seu emprego anterior, Martina se encantou com a minha proposta de sustentabilidade e aceitou a oferta. Desde então, ela tem sido meu braço direito, e acabou se tornando uma amiga.

Não tenho nem como expressar em palavras minha gratidão por sua dedicação e esforço ao longo do último um ano e meio, e especialmente agora no projeto do Plaza. Contudo, Martina tem uma filhinha de cinco anos e seu marido, Simon, é enfermeiro e trabalha à noite em dias alternados. Quando ele está de plantão, minha assistente precisa sair mais cedo para rendê-lo.

Suas mãos ágeis finalizam mais uma guirlanda, que é direcionada para a pilha das prontas. Martina limpa as mãos na calça jeans e se levanta. Eu a acompanho até a porta do galpão e me despeço com um abraço.

— Muito obrigada mais uma vez — digo.

— Imagina. — Ela segura meu rosto entre as mãos. — Esse projeto ficará incrível e será entregue no prazo. Você vai ver.

— Será sim. — Eu sorrio, sem a mesma confiança.

Martina acena uma última vez, entra no seu Toyota e sai dirigindo pelas ruas pouco movimentadas do bairro industrial onde fica o galpão. Eu suspiro e retorno, tomando o cuidado de trancar a porta atrás de mim.

Antes de sentar no chão para continuar o trabalho, lembro de checar meu celular, que eu abandonei desde que sentei para preparar essas guirlandas. Vejo uma mensagem de Thomas, enviada quase duas horas atrás.

> Thomas: Sairei hoje do escritório por volta das seis e meia. Te encontro no shopping.

Droga! Esqueci de avisar a ele que o fornecedor das lâmpadas finalmente confirmou a entrega do pedido para o início da tarde de hoje. Com isso, tive que sair mais cedo do cenário para receber o material e iniciar a montagem das guirlandas, que precisam ser instaladas até amanhã.

Bem, ainda são seis e cinco, o que significa que Thomas felizmente não foi até o Plaza à toa. Pelo menos isso.

> Eu: Desculpe não ter avisado antes. Não estou no shopping hoje, tive que ficar no galpão. A gente se fala amanhã.

Aperto o botão de enviar e noto que o aparelho está quase sem bateria. Conecto no carregador e deixo num canto, onde tem tomada. Em seguida, retorno ao trabalho.

Se duas pessoas conseguiram preparar 29 guirlandas em três horas, isso dá mais ou menos 13 minutos para cada uma. Como eu ainda tenho 34 para concluir sozinha, a previsão é de mais sete horas e meia de trabalho — isso se eu não parar nem para comer ou fazer xixi.

Solto um gemido angustiado. Minhas mãos já estão sensíveis pelo contato com as folhinhas espetadas, não quero nem pensar em como elas estarão daqui a sete horas. Eu poderia chamar algum dos meninos que estão trabalhando no cenário, mas não posso me dar ao luxo de atrasar o andamento lá. Melhor que eles adiantem a parte do revestimento interno da oficina como eu pedi, enquanto me viro sozinha com a decoração das guirlandas.

Determinada a não sofrer por antecipação, sento no chão, desenrolo alguns metros do fio pontilhado de pequenas lâmpadas e começo a envolver mais uma das estruturas enormes de dois metros de altura. No início, Martina e eu tentamos executar o trabalho em pé, mas rapidamente nossas lombares informaram que aquilo era uma péssima ideia. Encontramos então uma forma de fazer sentadas, girando a estrutura na nossa frente conforme enrolamos o fio. E, assim, eu sigo preparando uma a uma.

Mais de uma hora depois, eu ouço uma batida na porta do galpão. Meu coração acelera, sobressaltado. Apesar de nunca ter acontecido nada de ruim aqui, o fato é que sou uma mulher sozinha, à noite, num bairro perigoso. Meu pai chegou a tentar me convencer a contratar uma equipe de segurança para tomar conta do galpão, mas meu orçamento não permite.

Meus pais são muito ricos, não eu. Durante os anos trabalhando como advogada, juntei um dinheiro razoável, que foi o suficiente para abrir minha empresa, mas não vivo de forma luxuosa. Nunca me senti à vontade de gastar o dinheiro da minha família. Sou uma mulher adulta capaz de se sustentar, e nunca fiz questão de luxo.

Alexander Barrington não se conforma com isso, e segue tentando me convencer a aceitar ajuda financeira. Ainda que não concorde com a minha decisão de abandonar a advocacia para

abrir meu próprio negócio, ele fica ainda mais desconfortável com a ideia de ter uma filha vivendo de forma mais “modesta” — palavras dele, não minhas.

Ando até a pesada porta de metal e fico apenas escutando. Após alguns segundos, uma voz conhecida soa do lado de fora.

— Lilly? Você está aí?

Eu franzo a testa.

O que Thomas está fazendo aqui?

Abro a porta devagar e enfio a cabeça pelo vão. Ele está encolhido no sobretudo de lã, segurando duas sacolas térmicas em uma das mãos.

— Como você descobriu esse endereço? — pergunto, ainda estranhando o fato de Thomas ter surgido do nada.

Ele mostra o celular com a mão livre.

— Já ouviu falar do Google? — Como eu permaneço sem reação, ele aponta com a cabeça para dentro do galpão. — Por mais agradável que seja conversar na calçada com esse frio congelante, eu não me importaria se você me convidasse para entrar.

Dou um passo para trás e coloco o cabelo atrás da orelha.

— Desculpe. Pode entrar.

Thomas cruza a soleira, e eu fecho a porta atrás dele. Seus olhos curiosos percorrem todo o espaço.

— Uau. — Ele apoia as embalagens num aparador. — Olhando de fora, não dá para ter noção de como é grande.

Cruzo os braços, inquieta com sua presença. Eu realmente não esperava vê-lo hoje, e ainda tenho muita coisa para fazer.

— Thomas, não quero parecer mal-educada, mas... o que você está fazendo aqui?

Ele sorri com o canto dos lábios.

— Eu disse que te ajudaria a terminar a decoração. Quando respondeu minha mensagem de hoje dizendo que estava aqui no galpão, eu me lembrei da reunião com Rochester ontem. Deduzi que as lâmpadas haviam chegado e você estaria montando as guirlandas. Acertei?

Eu assinto.

— Sim, é o que eu estou fazendo.

Thomas olha para as duas pilhas verdes, uma já com fios enrolados e a outra sem.

— Quantas faltam?

— Vinte e nove.

— Ótimo. — Ele retira o sobretudo, já que o galpão está com uma temperatura amena graças ao sistema de calefação, coloca ao lado das sacolas térmicas e começa a abri-las.

Eu o observo, confusa, enquanto diversas embalagens vão sendo retiradas.

— O que você está fazendo?

Thomas vira o rosto para trás com um pequeno sorriso.

— Não sei você, mas eu trabalho muito melhor de barriga cheia.

Solto um suspiro cansado e luto mais uma vez contra o impulso de dar uma resposta orgulhosa. É lógico que dividindo com alguém será muito mais fácil, e eu também estou morrendo de fome. Mas, ainda que isso seja um tanto irracional, não consigo aceitar a ajuda de Thomas Becker de maneira natural.

Provavelmente, isso é resultado de uma mistura do ressentimento que ainda guardo pelas brincadeiras de mau gosto seguidas dos anos em que fui ignorada por ele, com uma necessidade infantil de provar que eu sou capaz de resolver meus problemas sozinha.

Permaneço em silêncio enquanto o observo servindo dois pratos de medalhão e massa ao molho branco, que parecem simplesmente deliciosos. Em seguida, ele pega dentro da mesma embalagem dois garfos e duas facas e coloca junto aos pratos. Nem a louça nem os talheres são descartáveis, e eu me pergunto onde ele arrumou essa comida.

— Você passou em um restaurante? — pergunto, incapaz de controlar a curiosidade.

Sem se virar, Thomas retira uma garrafa de vinho e duas taças enroladas em plástico-bolha da outra sacola térmica.

— Não. Fiz uma parada rápida na minha casa antes de vir para cá.

Ele abre o vinho com um saca-rolhas que retirou do mesmo local onde estava o vinho e serve a bebida depois de remover a proteção das taças. Em seguida, se vira novamente na minha direção, me oferecendo uma delas.

— Imaginei que trabalharíamos de melhor humor com um vinho para acompanhar.

Eu aceito a bebida, sem conseguir controlar um pequeno sorriso.

— Dar razão a você não é meu esporte favorito, mas, nesse caso, preciso concordar.

Thomas toca levemente a taça na minha.

— Ao sucesso da decoração do Plaza.

Aceno em concordância, antes de levar a bebida aos lábios. O sabor é delicioso.

— Você tem bom gosto para vinhos — comento.

Seus lábios se curvam em um sorrisinho convencido.

— Tenho bom gosto para tudo, Lilly.

Eu reviro os olhos.

— Estava bom demais para ser verdade — resmungo.

— O quê? — Ele ri.

— Você, agindo como uma pessoa normal. — Ando até o aparador e pego um dos pratos que ele preparou. — Tinha quase me feito esquecer do quanto você é insuportável.

Thomas para ao meu lado e pega o outro prato.

— Eu não sou insuportável. Sou realista. — Nós dois andamos até uma pequena mesa que eu uso para apoiar o laptop, mas que hoje terá que servir como mesa de refeições. — Eu sou gato, rico, inteligente, culto e tenho um gosto refinado. Querer que, além de tudo isso, eu também seja modesto é pedir demais, não?

Nós apoiamos os pratos e taças e sentamos em lados opostos. Eu o encaro, incrédula.

— Meu Deus, você não mudou nada nos últimos anos. Aquele Thomas gentil e prestativo de ontem era uma farsa, então.

Ele ergue as sobrancelhas, parecendo exageradamente ofendido.

— Ei! — Sua mão faz um gesto mostrando o jantar. — Eu te trouxe comida e vou usar boa parte da minha noite de quarta-feira para te ajudar a montar guirlandas de Natal. Se isso não é ser gentil e prestativo, eu não sei o que é.

Escondo um sorriso contrariado.

— Você tem razão. Existe alguma prestatividade e gentileza dentro de você, mas o ego é tão grande que acaba soterrando as coitadas.

Thomas espeta a carne e dá de ombros, antes de começar a cortá-la.

— Não se pode ter tudo, srta. Barrington.

Eu provo a primeira garfada e fecho os olhos, gemendo de prazer. Esses últimos dias foram tão insanos que estou sobrevivendo de comida congelada e fast food há quase uma semana. Provar uma comida de verdade, e tão bem preparada, é quase tão bom quanto um orgasmo.

Que, por sinal, também já faz um tempo que eu não experimento, se desconsiderarmos o meu

vibrador como parceiro sexual.

Mastigo em silêncio, mantendo os olhos fechados e apreciando cada nuance do tempero delicioso. Quando finalmente engulo e volto a abrir os olhos, Thomas está me encarando com uma expressão estranha.

— O que foi? — Passo o guardanapo no canto dos lábios. — Eu estava suja?

Ele limpa a garganta e volta a olhar para o próprio prato.

— Sim, era isso. Mas já saiu.

Continuamos jantando, e eu aproveito o momento leve para perguntar sobre o escritório.

— Como estão as coisas na torre de marfim? — Esse é o apelido que eu dei às luxuosas instalações do Barrington & Becker quando ainda estávamos na faculdade, numa rara ocasião em que eu e Thomas conversamos como duas pessoas civilizadas.

Ele dá de ombros.

— Na mesma. — Os olhos verdes me encaram com um brilho divertido. — Você sabe que seu pai nunca perderá a esperança de te ter trabalhando lá, não é?

Eu solto um suspiro cansado.

— Sim. Mas, ao menos, ele parou de tentar me convencer disso a cada vez que nos encontramos.

Um sorriso curva os lábios bem desenhados.

— Alexander só quer o seu bem, Lilly.

— Sei disso. É que, às vezes, essa necessidade que ele tem de controlar minha vida acaba sendo... muito.

Bebo um gole do vinho, desviando o olhar.

— Você foi muito corajosa em abrir seu próprio negócio. E, no fundo, sei que seu pai tem orgulho de você.

Essas palavras me pegam de surpresa e um nó desconfortável aperta minha garganta. Tento diariamente me convencer de que não preciso da aprovação de ninguém para ser feliz, mas isso é um desafio maior do que parece — especialmente para quem sempre foi acostumada a tentar agradar os outros.

Nós terminamos de comer em silêncio, mas sinto o olhar intenso de Thomas sobre mim durante toda a refeição. Isso começa a me deixar tensa, me fazendo virar todo o resto de vinho da taça de uma vez.

Thomas sempre teve a capacidade de me deixar inquieta. Fosse com suas brincadeiras inconvenientes, seu charme de cafajeste ou a beleza fora do comum, a verdade é que nunca consegui ficar indiferente na sua presença. O jeito convencido, seguro de si e debochado contrastam com a minha natureza mais tímida e reservada de uma maneira tão desconcertante que o maior favor que ele me fez foi manter total distância nos últimos anos. Por mais que essa atitude tenha me incomodado lá no fundo, racionalmente eu sei que foi o melhor que poderia ter acontecido para a minha paz de espírito.

Ainda não estou completamente convencida das intenções de Thomas ao decidir subitamente me ajudar com o projeto, mas não é como se eu estivesse em posição de recusar essa ajuda. Encontrar com esse homem desconcertante por algumas noites ainda é uma alternativa bem melhor que pedir arrego ao meu pai ou decretar a falência da minha empresa.

Thomas se levanta, me tirando do fluxo de pensamentos, e pega os pratos sujos. Eu o acompanho, e nós guardamos a louça de volta nas sacolas plásticas que ele trouxe.

— Pronto. — Ele se vira para mim e começa a dobrar as mangas da camisa social. — Sou todo seu, srta. Barrington. Me diga o que eu preciso fazer.

As palavras causam um reboliço estranho no meu estômago, ainda que claramente não tenham sido ditas com segundas intenções. Meu olhar fica hipnotizado pelos braços musculosos, que ainda estão enrolando o tecido azul claro em direção aos cotovelos. O corpo de Thomas definitivamente não se parece com o de um advogado. Está mais para um desses jogadores de futebol americano musculosos e deliciosos.

Sim, eu assisto aos jogos basicamente para ver homens gostosos correndo pelo gramado em roupas justas.

Me julguem.

Ao notar que estou quase babando, limpo a garganta e ajeito a postura.

— Vou te mostrar como fazer. Não é difícil, mas é cansativo — aviso, dando as costas para Thomas e balançando de leve a cabeça para espantar a imagem dos bíceps enormes marcados sob o tecido de algodão.

Há muitos anos, eu deixei de pensar em Thomas dessa maneira, e não é justamente agora que estamos convivendo mais de perto que eu deveria recomeçar. Sento no chão, puxo uma das guirlandas e pego a extremidade de um fio. Ele se senta também e imita os movimentos.

— A ideia é enrolar o fio na diagonal, de maneira a distribuir os pontos de luz de forma homogênea — explico, começando a demonstrar.

Ele fica me observando e reproduz em seguida, mas acaba passando o fio perto demais da volta anterior.

— Assim? — Sua completa concentração no trabalho chega a ser bonitinha.

Eu sorrio, sento ao lado dele e tiro o fio da sua mão com gentileza.

— Quase. Você precisa dar um pouco mais de distância, senão o fio acabará antes que consiga contornar toda a peça. — Vou demonstrando, passando por baixo do arco e subindo devagar. — Assim.

— Entendi. Deixa eu tentar outra vez.

Thomas se inclina na minha direção, até que não haja nenhuma distância entre nossos corpos. Consigo sentir seu calor apesar das camadas de roupa que nos separam, o que me deixa nervosa. Ele leva a mão em direção ao fio e nossos dedos se esbarram, fazendo com que um arrepio inesperado percorra meu braço.

Engulo em seco, desconcertada com a situação.

— Excelente — digo, e me afasto dele como se tivesse levado um choque. — Pode continuar.

Ele está tão concentrado no movimento que não parece notar minha reação ao nosso contato físico. Isso não me surpreende, considerando que, durante toda a nossa vida, Thomas nunca me viu como mulher. O homem é tão indiferente aos meus atributos femininos quanto um padre beneditino cego.

Durante as próximas horas, nós dois trabalhamos concentrados, trocando alguns comentários casuais de tempos em tempos. A pilha de guirlandas adornadas vai crescendo rapidamente e, quando me dou conta, estou puxando a última que ainda falta decorar.

Dez minutos depois, eu fico de pé e a coloco junto às demais. Olho ao redor, sem acreditar.

— Meu Deus. — Suspiro. — Nós conseguimos.

— Sim. — Thomas sorri e se levanta também. — Nem foi tão cansativo assim.

Eu o encaro. Sua roupa está amarrotada, a calça social cara está suja de algo marrom e grudento que estava no chão, e o cabelo escuro está bagunçado, de tantas vezes que Thomas correu a mão pelos fios ondulados para tirá-los do rosto.

O homem está claramente cansado e precisando de um banho, mas, por mais estranho que

possa parecer, eu nunca o achei tão atraente como agora. Inclusive, eu não me importaria de ajudá-lo com a parte do banho.

Meu Deus, o que diabos está acontecendo comigo?

Meu rosto enrubesce pelo pensamento inapropriado e eu desvio o olhar. Essa proximidade toda definitivamente não está fazendo bem ao meu cérebro carente nem à minha libido, tão abandonada nos últimos tempos que já deve estar com teias de aranha.

Para disfarçar, eu sorrio e cruzo os braços.

— Bem, acho que terminamos. Amanhã, o caminhão vai passar às nove para pegar as guirlandas e faremos a montagem nos corredores do shopping.

— Ótimo. — Thomas checa o relógio. — Vamos para casa, então?

Eu concordo.

— Vou pegar minha bolsa.

Ando pelo galpão apagando as luzes e pego a bolsa num armário, enquanto Thomas recolhe as sacolas térmicas com a louça e as embalagens plásticas vazias do nosso jantar. Caminhamos juntos até a porta e, em seguida, eu tranco o galpão pelo lado de fora.

— Está de carro? — ele pergunta.

— Sim. — Aponto para o meu Ford. — Está ali.

— Vou te seguir até em casa — ele avisa, tirando a chave de seu Porsche Cayenne do bolso.

Eu balanço a cabeça em negativa.

— Não precisa. Eu faço esse caminho sozinha à noite frequentemente, está tudo bem.

Thomas me encara, com seu característico sorriso de canto de boca.

— Eu não perguntei se *precisava*. Eu *avisei* que iria te seguir. — Sem me dar chance de responder, ele aponta para o meu carro com a cabeça. — Pare de querer controlar tudo e entre no carro. Está tarde e seu dia é cheio amanhã.

Eu penso em protestar, mas sei que não adianta. Respiro fundo e sorrio.

— Tudo bem. Boa noite, Tom — o apelido escapa antes que eu consiga decidir se é uma boa ideia usá-lo.

Como resposta, o sorriso dele se alarga apenas dois milímetros.

— Boa noite, Lillyanne.

Eu estreito os olhos por ele estar usando meu nome inteiro, mesmo sabendo que eu detesto. Contudo, seu olhar divertido mostra que não há intenção de me chatear. Thomas é um provocador nato, não adianta querer mudar sua natureza.

Eu viro de costas e lhe dou um tchauzinho no ar, antes de entrar no meu carro e dar a partida. Saio dirigindo devagar pela noite escura de Seattle, seguida de perto pelo SUV preto. Quando chego ao meu prédio, dou uma buzinada leve e recebo outra em resposta. Apenas quando entro na garagem em segurança, Thomas acelera pelas ruas pouco movimentadas.

Estaciono o carro no subsolo, pego a bolsa e subo as escadas em direção ao meu apartamento. Faço minha rotina noturna de higiene pessoal com a cabeça meio avoada. Ao deitar para dormir, a única coisa que consigo pensar é que já faz um bom tempo que eu não me sinto tão cuidada e protegida por alguém, isso sem contar a atração estranha que ressurgiu das cinzas quando eu jamais esperei que isso pudesse acontecer.

Considerando que Thomas apenas agiu como um amigo gentil, sem qualquer comportamento que desse margem a pensamentos impróprios da minha parte, não é difícil perceber quão patética tem sido minha vida amorosa nos últimos anos.

Tudo bem que eu não estou procurando um namorado, o que em parte explica o fato de estar sozinha há tanto tempo. A desilusão com Sebastian acabou representando um baque maior do

que eu gostaria de admitir, e ainda não me sinto preparada para correr o risco de entregar meu coração outra vez.

Contudo, isso não significa que eu precise ficar sem transar por tempo indeterminado. Eu gosto de sexo, e preciso admitir que ando sentindo falta de ter um orgasmo com alguém de carne e osso, ao invés de ter que apelar sempre para o meu vibrador.

Está decidido: assim que passar essa loucura de Natal, vou arrumar um homem para esquentar minha cama. Um homem que *não* será Thomas Becker, acrescento para mim mesma diante da vergonha que eu quase passei hoje.

É isso. Promessa de ano novo.

capítulo 6

THOMAS

ESTOU COMPLETAMENTE IMERSO NA REVISÃO DE UM PROCESSO QUANDO OUÇO UMA BATIDA NA porta da minha sala.

— Entre — respondo, sem tirar os olhos do computador.

Willa Jensen, minha secretária, gira a maçaneta e coloca a cabeça para dentro.

— O sr. Parker está aqui e gostaria de falar com você.

Levanto o rosto para encarar a mulher de meia-idade que tem sido minha fiel escudeira no último semestre. Willa foi secretária do meu pai por mais de cinco anos, e era uma das poucas a aguentar seu mau-humor quando as coisas fugiam do planejado. Em um determinado dia, chegou na sala dele dizendo que havia cansado de trabalhar com um turrão como ele e pediu demissão. Meu pai tentou convencê-la a continuar, mas foi em vão.

Como eu mesmo precisava de uma secretária, fiz a ela a proposta de trabalhar para mim ao invés de sair da empresa. Willa acompanhou todo o meu crescimento no escritório desde que saí da faculdade, conhece meu jeito tranquilo de levar a vida e acabou aceitando.

Thomas Becker II — meu pai — não ficou muito feliz, mas teve que concordar para não perder a excelente funcionária em definitivo. Desde então, ele já trocou de secretária três vezes. Ninguém mandou ser tão durão.

Já me perguntei mais de uma vez se o real motivo de Willa ter se afastado do meu pai foi mesmo por cansar de trabalhar ao seu lado ou por sentir algo a mais. Já notei alguns olhares, e a forma como ela corava nas ocasiões em que papai a elogiava. Confesso que torcia para que não fosse apenas invenção da minha cabeça, mas nenhum dos dois nunca fez qualquer movimento nesse sentido. Paciência.

Eu encaro os olhos escuros de Willa.

— Landon ou Conrad? — pergunto, me referindo ao anúncio que ela fez a respeito da chegada de um sr. Parker.

Landon é meu melhor amigo e Conrad é seu irmão. Eu, eles, Sebastian Moore e Lilly Barrington crescemos juntos graças à forte amizade entre nossas famílias.

— Landon — ela responde.

Eu sorrio e fecho o laptop.

— Pode pedir a ele para entrar.

Menos de dois minutos depois, meu amigo atravessa a soleira. Eu fico em pé e o recebo com um abraço.

— Você sumiu, seu puto — eu acuso.

Nós dois costumávamos nos encontrar toda quinta-feira para beber e conversar. Depois que Landon se casou com Abby, uma mulher fantástica que caiu na sua vida de paraquedas após um acidente de carro, já não conseguimos nos ver com a mesma frequência de antes.

Além da esposa, meu amigo ganhou uma enteada, que acabou adotando como filha, e agora Abby e ele têm mais uma garotinha, Claire. Ou seja, com essa vida de marido e pai, não tem sobrado muito tempo para encontrar os amigos como antes.

— Sim, foi mal — Landon responde, ao me soltar. — Mas, com duas crianças de nove e dois anos, além do trabalho na empresa, fica difícil ter tempo para muitas outras coisas.

Eu sorrio ao voltar a sentar, enquanto meu amigo faz o mesmo.

— Sei disso. — Inclino a cadeira para trás e cruzo os pés sobre o tampo da mesa. — Só estou te zoando.

Landon ri.

— Na verdade, eu vim aqui para te ver e fazer um convite que vai corrigir isso. Você sabe que Sebastian está na cidade, né?

— Não sabia. Ele é outro que eu não encontro há eras.

— Pois é. Decidi marcar um jantar lá em casa com todos, para relembrar os velhos tempos.

— Todos quem? — pergunto.

— Eu, você, Conrad, Sebastian, Lilly e as famílias.

Concordo com um aceno de cabeça.

— Acho uma excelente ideia. Exceto por Lilly, eu não encontro essa galera há um tempo.

Landon ergue as sobrancelhas numa expressão interessada.

— *Exceto por Lilly*?

Eu rio.

— Longa história, mas, em resumo, o pai dela me pediu para ajudá-la numa confusão em que se enfiou com sua empresa de decoração.

— E Lilly aceitou a *sua* ajuda? E ainda por cima a pedido do pai?

— Não foi bem assim que a história chegou até ela. Lilly não sabe do pedido de Alexander, caso contrário, jamais concordaria. Então, vamos manter essa parte apenas entre nós.

Landon entende o recado.

— Não é por mim que alguém saberá. — Ele me encara, com uma expressão divertida. — Como tem sido essa convivência?

Penso no jantar de ontem, e nas horas que passamos juntos no galpão. Preciso reconhecer que Lilly se tornou uma mulher divertida, interessante e extremamente fácil de se conviver. Não que eu pretenda admitir isso a ela, especialmente depois do retorno inconveniente da atração física que senti por ela anos atrás. Ao longo da noite, me vi diversas vezes reparando em como o suéter justo marcava seus seios por baixo do tecido, ou como a calça jeans abraçava suas pernas torneadas e a bunda pequena e empinada.

Isso sem contar a boca. Estou fascinado pelos lábios cheios e perfeitos de Lilly Barrington, que, com a maturidade, estão ainda mais deliciosos. Ontem, quando ela começou a comer de olhos fechados e gemeu, eu tive o início de uma maldita ereção ao imaginá-la gemendo com outra coisa na boca.

Sim, eu fiquei de pau duro ao ver uma mulher jantando.

Patético.

— Bem tranquila — minto, descaradamente. — Estamos numa trégua, eu acho.

— Que bom. Lilly é uma garota legal, não merecia o que fizemos quando éramos crianças.

Landon também implicava com ela, ainda que não tanto quanto eu. Acho que o único que sempre a tratou bem e até protegeu de nós em algumas situações foi Sebastian, com seu jeito de príncipe de contos de fadas. Não me surpreendo por ter sido o cara por quem ela se apaixonou.

— Sim, ela é. Mas aquilo ficou no passado, agora somos todos adultos e podemos ser amigos.

— Sem dúvida. — O celular de Landon apita com uma mensagem e ele pega o aparelho. Depois de ler por alguns segundos, volta a olhar para mim. — Droga, preciso ir. O que acha do outro sábado para o jantar? Sem ser o próximo?

Faço uma conta mental rápida.

— Dia primeiro de dezembro? É o dia da inauguração do cenário da Lilly. Precisamos ver se ela pode.

— Eu marco o jantar para nove e meia. Assim, ela sai do shopping e vai direto, se quiser.

— Acredito que funcione. Você mesmo vai convidar todo mundo?

— Vou. — Landon se levanta e eu o acompanho até a porta. Ele me puxa para outro abraço rápido e dá dois tapinhas nas minhas costas. — A gente se fala melhor semana que vem.

Meu amigo sai da minha sala com o celular na mão, respondendo uma mensagem. Não invejo sua vida cheia de responsabilidades.

Alongo o corpo e checo as horas. Cinco e meia. Ainda está cedo para sair do escritório, mas eu praticamente terminei todas as coisas mais urgentes e estou morrendo de curiosidade para ver como ficaram as guirlandas instaladas nos corredores do shopping.

Abro o laptop outra vez, entro no arquivo do processo que estava revisando mais cedo e uso a próxima meia hora para finalizar os ajustes necessários. Quando fico satisfeito com o resultado, envio por e-mail para meu pai dar o ok final e fecho o computador outra vez, enfiando-o em seguida na pasta. Coloco a alça sobre o ombro e saio da sala.

Ao passar pela mesa de Willa, aviso:

— Vou sair um pouco mais cedo hoje. Avise por favor ao meu pai que a peça da Stuart & Sons está no e-mail dele.

— Deixa comigo — ela diz, anotando a informação num de seus inúmeros Post-Its. Willa trabalha à moda antiga, mas é eficiente como ninguém. — Até amanhã, Tom.

Como me conhece desde garoto, ela usa o tratamento informal que não me incomoda nem um pouco. Às vezes, o jeito de Willa me tratar fica até um tanto maternal.

— Até amanhã.

Desço de elevador os 28 andares até o estacionamento do luxuoso prédio comercial. Coloco uma música para tocar e dirijo até o shopping, torcendo para que Lilly não tenha sofrido novos imprevistos na instalação das guirlandas. Mandei mensagem mais cedo perguntando como estavam as coisas, mas ela nem visualizou.

Chego ao Plaza em vinte minutos, estaciono e saio à procura dela. Já há várias guirlandas presas no alto, mas elas estão apagadas. Num dos corredores, reparo em duas crianças andando sozinhas e reconheço os irmãos que encontrei anteontem na praça de alimentação. Estranho eles estarem aqui outra vez, e novamente sozinhos.

Como o shopping está cheio, acabo perdendo-os de vista antes que consiga decidir se eu deveria ou não abordá-los. Alguns metros à frente, vejo alguns cones isolando a área onde uma guirlanda está sendo instalada na estrutura de metal do teto. No meio de alguns funcionários uniformizados, está a figura pequena de Lilly.

Aproveito que ela não notou minha presença para observá-la. Os cabelos loiros curtos estão, mais uma vez, presos num rabo de cavalo meio arrepiado. A blusa verde de mangas compridas

está um tanto grande nela, então escorrega pelo ombro estreito conforme Lilly movimenta os braços e grita instruções, sem tirar os olhos do local onde a peça está sendo cuidadosamente instalada.

Uma mulher negra, com longos cabelos trançados e bem mais alta que Lilly está parada ao seu lado, parecendo tensa com toda a movimentação. Ela também dá algumas instruções e ambas fazem uma careta quando, no momento de prender a guirlanda, por alguns segundos dá a sensação de que ela vai cair. Até eu acabo franzindo o rosto também, mas, felizmente, foi apenas um susto.

Assim que o grande adorno é fixado em segurança, Lilly se vira para a outra mulher com um largo sorriso. Seus olhos verdes se iluminam enquanto as duas comemoram batendo as mãos espalmadas, e eu não resisto a sorrir também.

Ela é linda, de um jeito totalmente espontâneo.

Nesse momento, seu olhar percorre o espaço e acaba encontrando o meu. O sorriso largo de antes vai se modificando, e seus lábios assumem uma curva suave. Mantemos o contato visual por alguns segundos, até que eu percebo que é bastante estranho ficar aqui parado, sorrindo para ela como um idiota, e resolvo ir na sua direção.

— Está ficando sensacional — elogio, quando a alcanço.

— Obrigada. — É impressão minha ou Lilly parece feliz em me ver? A mulher mais alta me encara, com uma expressão curiosa. Notando isso, Lilly limpa a garganta e apresenta: — Thomas, essa é Martina, minha assistente e designer. Martina, Thomas é o amigo sobre o qual eu comentei mais cedo.

Martina estende a mão para mim com um ar simpático.

— É um prazer conhece-lo, Thomas. — A assistente olha brevemente para Lilly antes de voltar a me encarar. — Já ouvi falar muito bem de você.

Eu me viro para Lilly com as sobrancelhas erguidas e ela desvia o olhar. Suas bochechas começam a ficar vermelhas, e eu preciso conter o riso.

— É mesmo? — pergunto, sem desviar o olhar do rosto corado. Sempre adorei vê-la vermelha, talvez por isso a provocasse tanto. — Que bom saber disso.

— Sim — Martina confirma. — Lilly disse que você tem sido um ótimo amigo nesses últimos dias, e ela está muito grata pela sua ajuda. — A assistente lança um olhar bem sugestivo para a chefe. — Só esqueceu de mencionar como você é... interessante.

É nítido pelo tom da mulher que ela não está dando em cima de mim, e sim tentando fazer o papel de cupido. Sinto uma vontade quase irresistível de provocar Lilly, mas ela já baixou o rosto e está claramente procurando um buraco inexistente para se enfiar.

Vou lhe dar uma trégua. Dessa vez.

— Bem, o mérito é todo dela — digo, para descontrair. — Eu só deixei minhas mãos à sua disposição por algumas horas.

Martina disfarça uma risada, e só então me dou conta de que a tentativa de poupar Lilly falhou miseravelmente pelo duplo sentido não intencional das minhas palavras. Ela fecha os olhos e aperta os lábios, parecendo ainda mais desconfortável que antes.

Antes que eu abra a boca para tentar consertar alguma coisa, Lilly inspira com força, olha para mim e força um sorriso. Sei que por dentro está morrendo com essas insinuações sobre nós dois.

— Não esperava vê-lo aqui nesse horário, Thomas — ela diz, num tom bem mais impessoal do que o de ontem à noite. — Como pode confirmar, estou cumprindo com o prazo do contrato.

A menção ao meu papel como advogado do Plaza é como um balde de água fria. Para ser

honesto, eu nem me lembrava mais da questão do prazo do contrato. A verdade é que eu queria ver o resultado da decoração, e testemunhar a alegria e o alívio de Lilly ao ver essa etapa concluída.

O motivo inicial para eu ter me envolvido nessa história foi a promessa que fiz a Alex. Porém, cada vez mais, eu percebo que a explicação que dei para Lilly naquela primeira noite a respeito de estar aqui porque admiro o que ela vem conquistando e quero ajudar, vem se tornando mais real.

— Na verdade, eu vim porque tinha certeza de que ficaria lindo, e não queria perder o momento em que acendessem todas as lâmpadas. Estou orgulhoso do que você fez aqui.

Minha explicação parece pegá-la de surpresa. Lilly me encara por alguns segundos, como se quisesse descobrir se o que eu acabei de dizer é mesmo verdade. Eu a encaro de volta com firmeza, disposto a provar que é.

— Então, você chegou na hora certa — Martina diz, quebrando o momento. — Essa foi a última, e eles vão acender tudo já, já.

Ao nosso redor, os homens vão retirando o equipamento que usaram para pendurar as guirlandas, os cones e as escadas. Minutos depois, o corredor está livre outra vez, ocupado apenas pelas centenas de clientes que percorrem as vitrines.

— Vamos para o corredor principal — Lilly chama. — Vai ser mais bonito ver de lá.

Nós três caminhamos juntos até o corredor largo que fica bem no meio do shopping. Lá também já está reservado o espaço para a enorme árvore de Natal, que ocupará uma parte do vão central que passa pelos quatro andares. Ao lado do local onde ficará a árvore, estão sendo montadas a casa do Papai Noel e a Oficina de Brinquedos.

— Pronto. — Martina esfrega as mãos, animada. — Agora é só esperar.

Menos de cinco minutos depois, as guirlandas vão se acendendo, uma após a outra, dando um efeito quase mágico. As pessoas circulando pelo shopping até param para olhar, sorrindo e apontando. Crianças cobrem a boca com as mãos, encantadas com o pequeno espetáculo luminoso.

O resultado ficou espetacular. Sorrindo, eu olho para Lilly para lhe dar os parabéns. Meu sorriso desmancha um pouco ao notar que duas lágrimas escorreram pela bochecha lisa, e ela está fazendo um esforço imenso para conter o choro de alívio no meio de tanta gente.

Sem pensar no que estou fazendo, eu a envolvo num abraço, dando a ela um local privativo para chorar, escondida no meu peito. Lilly enrijece num primeiro momento, mas depois relaxa e segura minha camisa com as duas mãos.

Martina percebe a cena, sorri de leve e pisca para mim. Eu retribuo o gesto, sem soltar Lilly. Eu acaricio suas costas e encosto os lábios no cabelo cheiroso, ainda preso no rabo de cavalo. Alguns minutos se passam, durante os quais que ela coloca toda a emoção para fora. Por fim, respira fundo e levanta a cabeça para me encarar.

Seus olhos estão um pouco inchados e a ponta do nariz vermelha. Ela me oferece um sorriso sem jeito, e eu sinto meu coração acelerando de um jeito bem estranho.

A vontade de beijá-la me pega completamente de surpresa. Umedeço os lábios, meio atordoado.

— Sujei toda a sua camisa. — Lilly dá um passo para trás, quebrando o momento.

Ela sequer parece ter reparado que eu estava a segundos de inclinar a cabeça e colar minha boca à dela.

— Não se preocupe — eu respondo, fazendo um esforço para me recompor. — Eu te mando a conta da lavanderia.

Eu recebo de volta uma risada relaxada que me faz ter vontade de abraçá-la outra vez.

Merda, que diabos está acontecendo comigo?

— Você não existe, Tom. — Seu olhar suaviza. — Preciso encontrar uma forma de te agradecer pela ajuda valiosa nesses dois dias.

Meu primeiro impulso é o de responder que consigo pensar em muitas formas interessantes de agradecimento, mas controlo a língua a tempo. Lilly não deu qualquer indício de que gostaria que a nossa relação fosse além da amizade, e eu não vou colocá-la numa situação desconfortável. Especialmente quando ainda temos dez dias de trabalho juntos pela frente.

Além disso, ela sempre deixou claro para todo mundo que pretende se casar, ter filhos e construir uma família. Lilly não é o tipo de garota que busca relações casuais, e eu não sou o tipo de cara que procura envolvimento.

Não poderíamos ser duas pessoas mais diferentes.

— Já disse que estou feliz em ajudar — respondo, determinado a tirar essas reações inapropriadas da cabeça. — Como eu disse, o mérito é todo seu.

Nesse momento, vejo o sr. Rochester se aproximando com alguns membros do conselho de administração do shopping. O homem mostra as guirlandas iluminadas aos outros, com um ar orgulho.

Assim que nos vê, abre um largo sorriso e vem andando na nossa direção.

— Srta. Barrington! — ele exclama, e olha para os membros do conselho. — Senhores, essa é a responsável pela empresa que contratamos para fazer a decoração de Natal. — Ele suspira de forma teatral, ainda sorrindo. — Que trabalho brilhante, devo dizer. Nunca duvidei da sua capacidade de nos entregar algo extraordinário.

Lilly estreita os olhos para o homem.

— Mesmo, sr. Rochester? — Ela sorri, com um sarcasmo discreto. — Fico feliz, e guardarei com carinho suas palavras até entregar o restante do cenário, *no dia primeiro*. É ótimo saber que estão satisfeitos, assim terei paz para trabalhar.

O recado para que ele parasse de pressioná-la foi claro e, ao mesmo tempo sutil. Escondo um sorriso, encarando essa mulher surpreendente. Lilly tem uma mistura interessante de firmeza, vulnerabilidade e doçura que eu nunca vi em mais ninguém.

E, mais uma vez, eu estou reparando nela de uma forma que definitivamente não deveria.

— Claro, srta. Barrington — Rochester concorda, sorrindo para os outros homens. — Estão todos muito satisfeitos com o resultado.

Eles acenam em concordância e a cumprimentam, elogiando a decoração até esse momento. Lilly agradece, e os homens se despedem em seguida.

Olho rapidamente o relógio.

— Bem, já está ficando meio tarde. Precisa de mim hoje?

Ela sacode a cabeça.

— Não. Estou tão exausta que só quero ir para casa dormir. Amanhã de manhã eu retomo o trabalho no cenário.

Solto o ar, aliviado. Diante das emoções estranhas e pensamentos impróprios que Lilly tem provocado, não acho que seria uma boa ideia ficarmos sozinhos por mais duas horas.

— Ótimo — digo, colocando as mãos nos bolsos. — Amanhã eu venho para cá quando sair do escritório, então.

— Tudo bem. Até amanhã, Thomas.

Eu me despeço dela e de Martina e volto para o estacionamento para pegar meu carro. No caminho de volta para casa, enumero mentalmente todos os motivos pelos quais sentir atração

por Lilly Barrington outra vez após tantos anos é uma má ideia.

Péssima ideia.

A mais estúpida dos últimos tempos.

capítulo 7

LILLY

OLHO PARA O ALTO, AINDA SEM ACREDITAR QUE A ÁRVORE DE NATAL DE DEZOITO METROS FOI montada em míseros três dias. Foi um baita desafio encontrar quem produzisse a estrutura em material 100% reciclado, mas deu certo. Confesso que, até o último instante, eu tive medo de que as fotos e amostras que eu vi não correspondessem ao resultado final.

Imagina uma árvore de *dezoito metros* feia? Ia ficar parecendo uma aberração no vão central do shopping. Mas, para o meu alívio, ficou tão linda quanto uma natural.

Os enfeites feitos em papel machê e pintados à mão ficaram maravilhosos. O brilho ficou por conta do *ecoglitter*, que custa quase cinco vezes o preço do normal, contudo é biodegradável. A proposta sustentável e ecológica, além de ter me ajudado a vencer a concorrência pelo projeto, deixa minha consciência muito mais tranquila.

A empresa terceirizada que eu contratei para fazer a montagem da estrutura imensa concluiu há pouco o trabalho de ornamentação e posicionamento das luzes. Após uma análise minuciosa de cada detalhe, eu dei o ok e os liberei. Hoje à noite, faremos a inauguração oficial da Árvore de Natal do Plaza, com a presença do Papai Noel, e daqui a seis dias chegará a vez da Vila, última etapa do projeto.

— Isso tudo é mesmo reciclável? — Thomas pergunta ao meu lado, encarando a árvore com a testa franzida.

— Sim — confirmo. — Tudo.

Eu o observo de relance. Os braços musculosos estão cruzados, os bíceps à mostra sob a camiseta de algodão. Como hoje é domingo, Thomas veio de calça jeans e um suéter cinza, que tirou nos primeiros vinte minutos de trabalho braçal carregando coisas no cenário. Foi a primeira vez nos últimos anos que vi seus braços expostos, e minha boca salivou.

Literalmente *salivou*.

Ele passou o dia todo aqui no shopping, ajudando na decoração da vila. Ontem, Thomas precisou ir a um evento com seu pai e não conseguiu vir. Ainda que não tenha qualquer obrigação de fazer isso, me pediu desculpas várias vezes e prometeu compensar hoje, chegando aqui bem cedo comigo. Meus protestos de que não seria necessário desperdiçar seu dia de descanso foram em vão e, às oito da manhã, ele estava estacionando na porta do meu prédio para me buscar.

— Impressionante. — A voz grave me tira dos devaneios.

Thomas vira o rosto na minha direção, e os olhos cor de oliva encontram os meus. Sinto um

tremor estranho no estômago, o que tem acontecido com frequência quando estou na presença dele. Para disfarçar, coloco uma mecha de cabelo que escapou do rabo de cavalo atrás da orelha e baixo o rosto.

Ele checa o relógio.

— A que horas começa oficialmente a inauguração da árvore com a visita do Papai Noel?

— Às seis. Eu avisei à minha equipe que iria em casa antes, para tomar um banho rápido e trocar de roupa. — Mostro minha camiseta velha e a calça manchada e sorrio, meio sem jeito. — Não aguento mais aparecer aqui vestida assim.

O olhar de Thomas percorre o meu corpo de maneira analítica, e eu fico ligeiramente desconfortável. Por fim, ele dá um sorriso debochado.

— Preciso concordar que não têm sido seus melhores momentos.

Eu reviro os olhos diante do comentário abusado, mas agora de um jeito divertido. Com a convivência mais próxima, tenho conseguido deixar um pouco de lado a mágoa do meu eu criança e adolescente que se afetava profundamente pelas brincadeiras de mau gosto, e agora encaro essas provocações com bom-humor.

— Obrigada pelo reforço à minha autoestima.

— Sempre às ordens, Lillyanne.

Checo as horas e aviso:

— Preciso sair agora, ou não voltarei a tempo.

— Vou te levar.

Como vim de carona com ele, não protesto. Dou algumas instruções rápidas à equipe que está trabalhando na Casa do Papai Noel e, em seguida, nós andamos até o estacionamento VIP.

Durante o caminho até minha casa, conversamos de forma descontraída sobre o trabalho no cenário. Fico impressionada como Thomas conseguiu, em poucos dias, memorizar tantos detalhes do projeto. Ele inclusive já trouxe algumas soluções interessantes para questões que surgiram durante a montagem, o que só reforça o quanto sua inteligência e perspicácia vão além da área acadêmica.

Thomas também se formou em Harvard, como seu pai e seu avô. Ele estava um ano na minha frente, e fazia questão de manter distância de mim em todas as festas e eventos da faculdade. Não é difícil entender por que Thomas sempre foi tão convencido: tinha a nota mais alta da sua turma mesmo indo a festas quase todos os dias, era membro da fraternidade mais disputada do campus e tinha sempre uma infinidade de mulheres se jogando aos seus pés e visitando sua cama. Eu ouvi inúmeros comentários a respeito disso durante os anos em Harvard, mesmo que quisesse evitar. Thomas era uma espécie de ídolo, literalmente *todo mundo* o conhecia.

Minha realidade durante a juventude foi o oposto disso. Sempre estudei muito para manter minhas notas altas, tinha algumas poucas amigas, nunca fui popular e beijei poucos caras ao longo da minha vida inteira. Tive um namoradinho de adolescência, que não foi muito marcante. Logo depois, veio Sebastian. Mesmo que nunca tenhamos oficializado um namoro e morássemos em cidades diferentes, sempre que nos encontrávamos em Seattle, acabávamos ficando juntos. Apesar de não haver um compromisso entre nós, minhas poucas tentativas de ficar com outras pessoas naquele período não foram boas, até que acabei desistindo. Eu já estava me apaixonando por Sebastian nessa época, e não é da minha natureza me envolver com mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

Há três anos e meio, quando ele conheceu Molly, eu precisei virar essa página na minha vida. Desde então, tive dois relacionamentos breves. Nenhum deles ultrapassou o patamar do satisfatório, então duraram apenas poucos meses.

Eu sonho em ter uma família, mas, aos quase 30 anos, esse sonho parece cada vez mais distante. Não pretendo me casar com qualquer um apenas para concretizar meus planos. Se eu decidir dar esse passo, preciso ter a certeza de que é alguém que valha realmente a pena. Contudo, preciso me lembrar de que isso não significa que eu não possa me divertir um pouco enquanto meu futuro marido não aparece.

Olho de soslaio em direção ao homem ao meu lado, que está cantarolando uma música ao dirigir. Seria ridículo negar que sinto atração física por Thomas Becker. Ele tem um magnetismo sexual impressionante, que me atrai ainda mais que sua beleza incontestável. De nada adianta um homem bonito que não sabe o que fazer com a mulher na hora H, e algo me diz que Thomas não se encaixa nessa categoria. Ele parece saber *exatamente* o que fazer com o corpo de uma mulher.

O pensamento me causa uma onda inesperada de calor, e eu sinto meu rosto esquentando. Passo a mão pela face num gesto involuntário e afasto um pouco o casaco de lã que vesti por cima da camiseta antes de sair do shopping. Thomas repara nos meus gestos e pergunta:

— Quer que diminua a calefação do carro?

— Não precisa — eu nego.

Ele me encara ao parar num sinal fechado.

— Tem certeza? Suas bochechas estão vermelhas.

Isso faz com que eu core ainda mais. Odeio essa perda de controle em relação ao fluxo sanguíneo na minha face, o que faz com que eu sempre me embarace na frente das pessoas.

— Tenho. — Forço um sorriso.

Thomas dá de ombros e avança com o carro quando o sinal abre. Menos de dois minutos depois, ele estaciona em frente ao meu prédio.

— De quanto tempo você precisa? — pergunta.

Eu balanço a cabeça em negativa, com um pequeno sorriso.

— Não vou mais trabalhar hoje, apenas participar da inauguração.

— Sei disso. De quanto tempo você precisa? — ele repete.

— Thomas, você não tem que ir.

— Mulher teimosa dos infernos. — Ele suspira, impaciente. — *De quanto tempo você precisa*, Lilly?

É infantil continuar dispensando sua presença. Talvez o maior motivo para a minha resistência seja esse duelo interno entre a vontade de passar mais tempo com Thomas e o receio do que isso representa. Ele está sendo extremamente prestativo, é inegável. O problema é que meus hormônios parecem estar interpretando errado essa disponibilidade toda e começando a desejar coisas que não deveriam.

— Quarenta minutos — respondo, por fim.

Ele checa o relógio.

— Te pego às cinco e meia. — Thomas se inclina e me surpreende ao beijar rapidamente a minha bochecha. — Até já.

Fico tão desconcertada com esse gesto bobo que demoro uns três segundos para conseguir me mexer.

— Até já — respondo, já fugindo do carro.

Entro no prédio e, assim que fecho a porta atrás de mim, encosto nela e levo a mão ao local que Thomas beijou.

Meu Deus, eu pareço a mesma pré-adolescente idiota que se encantou pelo menino mais bonito do grupo, aquele que nunca me deu bola. Estou fazendo tudo igual, exceto pelo fato de que agora sou uma mulher adulta e esse comportamento não é mais bonitinho. É um tanto

ridículo, na verdade.

Balanço a cabeça ao percorrer o corredor até o meu apartamento. Estou firmemente decidida a deixar essa insanidade temporária de lado.

Minha determinação dura até eu abrir meu armário e analisar as peças, refletindo se existe alguma roupa sexy que seja compatível com um evento natalino voltado para o público infantil.

Droga.

Talvez eu esteja mais encrencada do que imaginei.

capítulo 8

THOMAS

CHEGO À PORTA DO PRÉDIO DE LILLY ÀS CINCO E VINTE E OITO E ENVIO UMA MENSAGEM RÁPIDA avisando que estou aqui. Três minutos depois, a porta principal do pequeno prédio de quatro andares se abre, e fico hipnotizado pela mulher que vem em direção ao carro.

Nos últimos dias, eu vi Lilly apenas em roupas velhas de trabalho, sem qualquer maquiagem e com o cabelo desarrumado. Ela agora está vestindo uma calça preta justa, botas de cano alto da mesma cor, um suéter cinza com gola larga que deixa uma parte do seu colo à mostra e um sobretudo por cima. O cabelo loiro levemente ondulado está arrumando, roçando seus ombros conforme ela anda. Os olhos claros estão realçados por uma maquiagem discreta, e os lábios cheios que têm ocupado minhas fantasias ultimamente estão cobertos por um batom rosa claro.

Puta merda.

Lilly está um espetáculo.

Ela entra no carro e sorri.

— Oi — cumprimenta, descontraída.

Sem pensar no que estou fazendo, eu inclino o corpo, seguro a lateral do seu rosto e beijo sua bochecha. Fiz isso mais cedo ao nos despedirmos, e ela pareceu levemente afetada pelo gesto. Quero checar se Lilly está começando a se sentir diferente por causa da nossa proximidade, assim como eu.

Ao contrário do que houve mais cedo, ela lida com o meu cumprimento com a maior naturalidade do mundo. As bochechas nem mudam de cor, o que é um mau sinal. Talvez eu estivesse imaginando coisas, no fim das contas.

— Obrigada pela carona — ela diz, ao colocar o cinto. — Você tem sido um bom amigo, Tom.

E lá se vai minha esperança de que as coisas estivessem começando a mudar. Aparentemente, a única pessoa interessada em terminar essa noite na cama sou eu, então vamos deixar isso quieto.

Não é como se eu fosse um adolescente incapaz de controlar os impulsos sexuais.

— Imagina. É para isso que servem os amigos.

Lilly sorri, e eu retribuo o gesto ao dar a partida no motor.

Chegando ao shopping, vamos direto ao vão central. A poltrona vermelha e dourada já foi posicionada no tablado, como Lilly orientou mais cedo. Ela avista Martina no meio das pessoas reunidas ali e nós andamos até ela.

— Onde está o Papai Noel? — Lilly pergunta, ansiosa. — Não me diga que ele não apareceu.

A assistente ri.

— Calma. Ele está sentadinho dentro do cenário, esperando sua hora de entrar.

Lilly suspira, aliviada.

Ao nosso redor, há uma pequena multidão formada principalmente por crianças acompanhadas de seus responsáveis. A fila serpenteia por um longo trecho do shopping, o que significa que a iniciativa de Lilly para a inauguração da árvore foi um sucesso. Involuntariamente, meu olhar vasculha o espaço à procura dos irmãos, na esperança de vê-los acompanhados pela avó. Nem sinal deles.

Eu sigo Lilly até o cenário, onde ela cumprimenta o ator vestido de Papai Noel. O homem é um idoso com uma longa barba branca natural, o que o torna perfeito para o papel.

— Vamos recapitular — Lilly diz, chamando a atenção de todos. — As crianças escreverão seus pedidos nos tablets com o auxílio dos duendes, colocando seu nome completo e nome do responsável, e ganharão uma senha de acesso. Em seguida, elas sentarão no colo do Papai Noel para as fotos, que podem ser tiradas pela própria família, mas também serão feitas pelo fotógrafo e vendidas a quem desejar. Ao falar com o Papai Noel, os pequenos poderão fazer seus pedidos pessoalmente. Os pais que desejarem, poderão usar a senha de acesso para consultar o pedido dos seus filhos no site do shopping. Caso seja um item que esteja à venda aqui, eles ganharão 10% de desconto no valor do presente. Todos compreenderam?

O homem de roupas vermelhas assente.

— Tudo certo.

Os três jovens vestidos de duendes mostram os tablets em suas mãos.

— Perfeito, chefe — um deles diz.

— Ótimo. — Lilly sorri, confiante. — Vamos acender essa árvore então!

Todos começam a falar ao mesmo tempo, animados, e o grupo se dirige à base da árvore, exceto pelo Papai Noel e os duendes. Lilly pega o microfone e troca algumas palavras em voz baixa com Martina. Em seguida, ela respira fundo e liga o aparelho.

— Boa noite a todos! É um enorme prazer tê-los aqui, na primeira etapa da programação de Natal do Plaza Shopping. Como sócia-fundadora da Sweet Dreams, empresa responsável pela diversão de vocês esse ano, posso adiantar que temos uma programação incrível até o final de dezembro.

Alguns comentários animados e palmas ecoam ao meu redor. Eu sorrio e cruzo os braços, minha atenção toda voltada para Lilly.

— Na noite de hoje, teremos duas surpresas — ela continua. — A primeira é a iluminação da nossa linda árvore, e a segunda será a visita de ninguém menos que o Papai Noel. — As crianças soltam gritinhos animados, e eu rio. — Vocês estão vendo essa árvore? — Lilly aponta para a enorme estrutura ao seu lado. — Ela parece triste, assim toda apagadinha, não é? O que vocês acham?

Murmúrios de concordância são ouvidos na plateia.

— Caramba, árvores de Natal não podem ser tristes — Lilly lamenta, teatralmente. — Acho que preciso de ajuda para resolver isso. Vocês podem me ajudar?

— Sim! — os pequenos gritam, animados.

— Que ótimo. Quero que olhem para ela e façam um pedido para que se acenda. A energia de vocês será capaz de fazer essa mágica. Estão prontos?

— Sim!

— Então, vamos lá. Um, dois, três, e...

Nesse momento, as lâmpadas começam a acender em espiral, de baixo para cima. Ouço os murmúrios de *ohh* atrás de mim, mas meu olhar está em Lilly. A expressão dela de orgulho ao ver a árvore se iluminando me faz sorrir como um idiota.

Olho outra vez para a estrutura decorada com extremo bom gosto a tempo de ver a estrela no alto se acender, arrancando aplausos animados de todos que estão assistindo ao espetáculo. Logo em seguida, ouço os gritos animados das crianças, e noto que Papai Noel e seus três duendes estão saindo pela portinha do cenário coberto pelos tapumes decorados e se encaminhando para o pequeno palco aos pés da árvore.

Enquanto o bom velhinho se acomoda com a ajuda de Lilly, os duendes se espalham pela a fila e começam a registrar os pedidos das crianças. Pouco tempo depois, a primeira garotinha senta no colo do homem, e sussurra o pedido em seu ouvido. Ele sorri, e a mãe da menina registra o momento com a câmera do celular.

Noto que Lilly está num canto, observando a cena de longe. Ando até lá.

— É incrível o que você fez aqui — comento, com total sinceridade. — Todas as ideias foram suas?

Ela me encara com os olhos brilhantes e um sorrisinho tímido.

— A maior parte delas, mas Martina me ajudou demais a transformar essas ideias em algo possível de ser executado. Ela faz parte disso tanto quanto eu.

Acho incrível como Lilly faz questão de reconhecer a importância de quem está ao seu redor, nunca assumindo sozinha o mérito pelo sucesso. Mais uma das coisas que tenho aprendido a admirar nessa mulher.

Ainda fico impressionado como é possível descobrir em poucos dias tantas coisas sobre alguém com quem convivi a vida inteira. Só consigo pensar que desperdicei muito tempo sem realmente ter a chance de conhecê-la melhor.

Primeiro, acabei afastando-a com as brincadeiras excessivas. Logo que essa fase passou, acabei desenvolvendo por Lilly um interesse diferente, para logo em seguida vê-la apaixonada por um dos meus melhores amigos. A partir desse momento, em todas as ocasiões que nos encontramos — inclusive quando estudamos juntos em Harvard —, passei a fingir que ela não existia. Isso aconteceu por um motivo simples: o que devemos fazer quando sentimos atração pela garota do nosso amigo? Manter distância, lógico.

Eu prezo a amizade acima de qualquer coisa e continuo achando que não tinha muitas opções naquela situação. O único problema é que Lilly um dia já foi minha amiga também, e minha atitude nos deixou tão distantes que acabamos nos tornando dois estranhos. Por um lado, foi bom, porque realmente mal pensei nela na última década. Por outro, eu percebo agora que perdi a chance de conviver com alguém bastante especial.

Continuo encarando-a, cada vez mais confuso com meus próprios sentimentos em relação a essa mulher. Eu deveria estar feliz com o fato de que, finalmente, estou conseguindo recuperar essa relação de amizade que eu acabei destruindo nos últimos anos. Contudo, a atração cada vez mais forte que voltei a sentir em relação a Lilly está atrapalhando consideravelmente minhas boas intenções.

Ela me pega de surpresa ao ficar na ponta dos pés e beijar minha bochecha. O perfume suave com cheiro de morango e o toque sutil dos lábios cheios contra a minha pele quase me fazem gemer em agonia. A vontade de agarrá-la e puxá-la para um beijo é quase insuportável, e já não confio tanto na minha capacidade de me manter bem-comportado para não colocá-la numa posição desconfortável.

Enquanto debato internamente com o desejo de mandar tudo pro inferno e me apoderar da

sua boca na frente de centenas de pessoas, Lilly se afasta, mantendo um sorriso, e diz:

— Você também é parte disso, Thomas. Não sei como teria sido sem a sua ajuda.

Fico observando-a, buscando algum indício de segunda intenção no beijo que ela acabou de me dar.

Zero. A expressão dela é a de quem acabou de beijar um filhotinho de cachorro.

Admito que meu ego masculino está um tanto abalado com a completa falta de interesse de Lilly em mim como homem, ainda que isso não devesse me surpreender. Não sou um príncipe como Sebastian, que é claramente é o tipo dela. Eu sou o cara capaz de dar a uma mulher uma foda inesquecível, com tantos orgasmos que ela perderá a conta. Mas sairei da sua casa logo em seguida e não ligarei no dia seguinte. E esse não é, definitivamente, o perfil de cara que atrai o interesse de Lilly Barrington. Preciso me conformar logo com isso e parar de fantasiar coisas que não existem.

— Não estou fazendo nada demais — respondo, empurrando as ideias de merda para bem longe. Olho na direção do Papai Noel e, em seguida, para a fila, ansioso para mudar de assunto. — O bom velhinho terá bastante trabalho hoje.

Lilly ri e cruza os braços, acompanhando meu olhar.

— Serão quatro horas de evento. Acho que daremos conta da fila inteira bem antes de acabar.

~

As previsões de Lilly não poderiam estar mais erradas.

Às nove e cinquenta, ainda restam umas dez pessoas na fila — isso porque há um duende plantado no final explicando que não pode entrar mais gente. Admito que estou exausto, mesmo tendo parado por meia hora para jantar com Lilly e Martina na praça de alimentação. Papai Noel também está com uma expressão cansada, mas mantém um sorriso gentil para cada criança que se aproxima.

Estou conversando com Martina enquanto Lilly checa alguns detalhes dentro do cenário. Algo chama a minha atenção na pequena fila, e olho naquela direção. Os próximos a falar com Papai Noel são os irmãos da praça de alimentação. O menino está com um ar tenso, olhando em volta de tempos em tempos, enquanto a menina mal consegue conter a empolgação e está dando pulinhos no lugar. Observo o entorno, mas eles parecem estar sozinhos outra vez.

Merda. Preciso fazer alguma coisa, mas não tenho ideia do que.

Lilly volta e nota a mudança na minha expressão.

— Está tudo bem? — ela pergunta, parando ao meu lado e seguindo a direção do meu olhar.

— Na verdade, não. — Aponto com a cabeça para os dois. — Está vendo aquelas crianças ali?

— Sim.

— Eu os encontrei catando restos de comida na praça de alimentação na semana passada. Alguns dias depois, os vi outra vez caminhando pelo shopping e, em ambas as vezes, eles estavam sozinhos.

Lilly une as sobrancelhas.

— Sozinhos? Eles são muito pequenos.

Eu concordo.

— São. E, hoje, me parece que não há nenhum adulto acompanhando. De novo.

Lilly fica intrigada e permanece atenta aos dois.

— O que acha que devemos fazer? — ela pergunta. — Abordá-los? Contactar as

autoridades?

Eu dou de ombros.

— Estou em dúvida também. Faz muitos anos que eu não estudo direito de família, mas lembro que as situações suspeitas devem ser sempre notificadas. O problema é que não sei seus nomes completos nem onde moram, e não acho que tenhamos o suficiente para segurá-los aqui contra a sua vontade.

Lilly fica pensativa também. Nesse momento, chega a vez de eles falarem com Papai Noel. A menina senta no colo do homem, que chama seu irmão também. Meio sem jeito, o garoto assente e para ao lado da dupla sorridente. O fotógrafo registra o momento e, assim que termina, oferece o retrato instantâneo ao menino. A garotinha o encara, esperançosa. Depois de uma breve hesitação, o irmão mais velho tira algumas notas amassadas do bolso, conta, e guarda outra vez, com um sorriso triste. Ao ser questionado pelo fotógrafo, o garoto faz que não com a cabeça e agradece.

— Algo está errado ali, Lilly — eu comento, angustiado. — Essas crianças estão abandonadas.

— Vamos falar com eles? — ela sugere, parecendo preocupada também.

Eu assinto, e nós andamos até lá no momento em que a garotinha desce do colo do homem vestido de vermelho. Ao nos ver, Dexter — não consegui esquecer seus nomes — arregala um pouco os olhos. Ele parece me reconhecer, e claramente fica tenso com o fato de que estou indo na sua direção.

Depois de pegar a mão de Kaylee, ele sussurra alguma coisa no seu ouvido, o que faz com que ela olhe para mim. A menina parece querer dizer alguma coisa, mas é puxada na direção oposta.

— Ei! Dexter, Kaylee! Eu só queria falar... — eu grito, mas eles já estão se afastando quase correndo — com vocês. — O final da frase sai num sussurro desanimado.

Lilly segura meu braço.

— Vamos ficar de olho nos próximos dias — ela sugere. — Se eles já apareceram aqui três vezes na última semana, talvez retornem em breve.

Eu olho para ela e suspiro.

— Você tem razão. Não quero assustá-los correndo atrás dos dois. Até onde eles sabem, eu posso ser um maluco, ou um pervertido.

— Exatamente. — Ela olha na direção do Papai Noel. — Tive uma ideia.

Lilly anda até um dos duendes e fala algo com ele. O rapaz consulta o tablet e, em seguida, balança negativamente a cabeça. Ela vai então até o Papai Noel e troca algumas palavras com o homem. Enquanto isso, num impulso, eu vou até o fotógrafo e compro a foto dos dois irmãos.

O rosto de Lilly assume uma expressão diferente ao ouvir algo dito pelo Papai Noel. Quando ela volta até onde eu estou, pergunto:

— O que foi?

— Eu tentei ver se eles cadastraram o nome, mas infelizmente não fizeram isso. Perguntei então ao Papai Noel qual foi o pedido da menininha.

— E qual foi?

Seu olhar triste encontra o meu.

— Uma família.

capítulo 9

LILLY

NOS DIAS SEGUINTES, NÃO VI MAIS OS IRMÃOS NO SHOPPING, MAS PENSEI NELES COM FREQUÊNCIA. Thomas e eu inclusive debatemos a respeito do que deveríamos fazer caso eles apareçam outra vez, e ainda não chegamos a uma conclusão definitiva. Ele foi para lá todos os dias depois do trabalho para me ajudar na montagem do cenário. Tivemos um avanço enorme na última semana e, agora, estou dando os retoques finais para a inauguração amanhã.

A convivência com Thomas tem sido cada vez mais divertida. Admito que fiquei um pouco decepcionada quando ele avisou que não poderia vir hoje. Ele teve que fazer uma viagem às pressas para Los Angeles há algumas horas para resolver um pepino na empresa do primo dele, Dominic Becker — ninguém menos que um dos homens mais ricos dos EUA.

Thomas mandou mensagem há pouco dizendo que terá uma reunião da célula de crise às nove da manhã, mas fará o possível para pegar um voo até a hora do almoço para não perder a inauguração da Vila do Papai Noel, agendada para as três da tarde.

Quando finalmente me dou por satisfeita com todos os detalhes do cenário, já são dez da noite. Eu tranco tudo, já que os tapumes só serão retirados amanhã de manhã, e pego um Uber para casa com uma estranha sensação de solidão. Nos últimos dias, eu acabei inventando que meu carro estava na revisão apenas para voltar de carona com Thomas à noite.

Patético, eu sei.

Em minha defesa, eu quis aproveitar um pouco mais da sua companhia nesses últimos dias que passaremos juntos. Amanhã, oficializarei a entrega do projeto, e Thomas não terá mais qualquer razão para vir ao shopping me ajudar. Ainda seguirei trabalhando na Vila durante todo o mês de dezembro, já que meu contrato inclui a supervisão das atividades da Oficina de Brinquedos e da equipe de atores. Porém, para essas coisas, eu não precisarei mais de ajuda. Nem eu terei que ficar aqui o tempo todo.

Isso significa que voltarei a encontrar Thomas apenas de vez em quando, nos jantares dos nossos amigos em comum ou familiares. A ideia me frustra bem mais do que deveria.

Chego em casa, tomo um banho e coloco uma camiseta larga. Em seguida, esquento um recipiente de comida congelada e como, sem qualquer entusiasmo. Ninguém deveria ter noites de sexta-feira tão deprimentes quanto as minhas. Para amenizar essa triste situação, abro uma garrafa de vinho e começo a beber, olhando para o vazio e pensando em Thomas.

A atração que eu venho sentindo por ele está fugindo completamente do controle. Cheguei ao ponto humilhante de sentir minha calcinha ficando molhada apenas por receber o beijo casto na

bochecha ao me despedir dele no carro nas últimas noites. Já perdi a conta das vezes em que fantasiei com aquele corpo musculoso por cima do meu, e sua boca entre as minhas pernas.

Só de pensar nisso, eu já estou com tesão.

Inferno.

Deixo a taça vazia na bancada e vou até o meu quarto. Arrumo os travesseiros, recosto neles, cruzo as pernas e pego o celular. Como eu tenho tendência a surtos imprudentes de sinceridade quando estou alcoolizada, sou subitamente invadida pela vontade de revelar para Thomas o que eu estou sentindo.

Largo o celular, porque essa é a ideia mais idiota que eu tive em muito tempo. Fecho os olhos, cruzo as mãos sobre o abdome e recosto a cabeça, tentando relaxar.

Impossível.

Preciso fazer alguma coisa para aliviar essa tensão.

Abro a gaveta da mesa de cabeceira e pego meu vibrador, mas não consigo entrar no clima. Que ódio desse homem que nunca esteve nem aí pra mim, mas, ainda assim, resolveu ocupar todos os meus pensamentos e não me deixa em paz.

Irritada, pego o celular e abro o aplicativo de mensagens. Não vou enviar nada porque não sou maluca, mas escrever como se ele fosse ler algum dia talvez ajude a aliviar essa tensão. Já fiz isso com meu chefe no trabalho antigo, e a sensação foi ótima. No dia seguinte, eu sorri para ele como se tivesse dito que estava engasgado, ainda que a mensagem nunca tenha deixado meu celular.

> Eu: Thomas, você nunca lerá essa mensagem, porque eu não sou estúpida o suficiente para me humilhar desse jeito, mas vou escrever assim mesmo porque não aguento mais guardar isso dentro de mim. Sei que você tem sido maravilhoso comigo nos últimos dias, mas isso não me impede de odiar você nesse momento. Sabe por quê? Porque não é justo você reaparecer na minha vida só para me lembrar de como é horrível me sentir do jeito que estou me sentindo agora. Parece um filme se repetindo da pior forma possível. Quando eu tinha treze anos e me encantei por você, tudo que eu recebi de volta foi o mais puro desprezo. Isso doeu, sabia? Mas eu superei você, Thomas Becker III. Superei totalmente, por anos, e minha vida estava ótima até você reaparecer. Droga, por que você tinha que voltar? Por que tinha que me fazer desejar de novo aquilo que eu não posso ter? Por que me fazer ter vontade de trazer você para a minha casa e sentir suas mãos no meu corpo inteiro? Por que me fazer desejar gozar na sua boc...

Meu dedo esbarra no botão de enviar, e eu sinto garras geladas apertando meu estômago na mesma hora.

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus... — murmuro, com a frequência cardíaca disparada.

Procuro o botão de apagar e aperto. Meus dedos estão tremendo tanto que, ao invés de apagar para todos, eu apago apenas para mim mesma. Quando me dou conta de que não há mais o que fazer, porque Thomas *vai ler* essa mensagem, meu coração para de bater e eu solto um grito desesperado:

— NÃÃÃÃO!

~

THOMAS

RECOSTADO na cama do quarto do hotel, eu permaneço sem reação por alguns segundos. Leio o

texto pela segunda vez, só para ter certeza.

Lilly sentiu atração por mim quando éramos adolescentes? Muito mais importante do que isso: ela sente o mesmo *agora*?

Releio a última frase, e meu pau fica duro ao imaginar a cena.

Ela claramente enviou a mensagem sem querer, mas não há qualquer possibilidade de eu ignorar o que li. Meu corpo anseia desesperadamente pelo dela, e finalmente poderei fazer alguma coisa a respeito disso sem parecer um completo canalha.

Aperto um botão e ligo para Lilly. O telefone toca várias vezes, e eu já acho que ela não vai atender quando uma voz mortificada soa do outro lado.

— Eu bebi um pouco de vinho e falei bem mais do que deveria. Você pode, *por favor*, fingir que nunca recebeu essa mensagem?

— Não existe a menor chance de isso acontecer.

Ela solta um grunhido angustiado.

— Thomas, eu estou te *implorando*. Eu acabei de passar a maior vergonha da minha vida, e não vou conseguir olhar para você de novo.

— Vai sim, Lilly. Sabe por quê?

— Por quê? — Sua voz não passa de um sussurro fraco.

— Porque eu quero você olhando nos meus olhos quando eu te fizer gozar na minha boca.

A linha fica em completo silêncio por vários segundos.

— Isso, por acaso, é uma oferta de sexo por pena? — ela pergunta.

Eu rio sem humor.

— Você só pode estar de brincadeira com a minha cara. — Meu tom fica mais sério. — Eu estou alucinado de vontade de foder você há dias. Só não fiz nada ainda porque achei que não era recíproco, então não quis agir como um filho da puta e estragar nossa amizade.

O silêncio retorna. Meu pau está latejando de tão duro, então eu levo a mão livre até a boxer.

— Eu poderia te mandar uma foto de como você me deixa, mas prefiro que seu primeiro contato com ele seja pessoalmente.

Ouço um suspiro trêmulo.

— Você... está excitado? — ela pergunta, hesitante.

— Ah, Lilly, você não tem ideia. — Abaixo a cueca, libertando minha ereção, e começo a bombear devagar. — E você? Está molhada?

— Sim — ela murmura, e eu fecho os olhos mordendo o lábio inferior.

— Puta merda, mulher. — Continuo com os movimentos da mão e comando: — Tira a sua calcinha.

— Thomas...

— Só faz o que eu estou pedindo.

Ouço um ruído abafado e, em seguida, a voz de Lilly outra vez.

— Pronto.

Sorrio, com lascívia.

— Isso, gostosa. Agora, leva os dedos até a sua bocetinha melada. — Lilly solta um gemido baixo que vai direto para o meu pau, e eu me controlo para não acelerar os movimentos. — Esfrega seu clitóris pra mim.

Ela geme mais alto, e eu preciso apertar a base do meu pau para controlar a vontade desesperadora de gozar. Minha respiração vai ficando mais curta.

— Ele está inchadinho, Lilly?

— Está. — Ela arfa.

— Agora, imagina minha língua lambendo você inteira. — Acelero os movimentos da mão, porque não estou aguentando de tesão. — Vou chupar sua bocetinha até sentir os espasmos na minha boca, e não vou parar até ouvir você implorar para me sentir dentro de você.

— Thomas... — Sua respiração está entrecortada.

Eu estou no limite, minha mão bombeando cada vez mais rápido.

— Goza pra mim, Lilly.

O gemido longo do outro lado da linha me empurra do precipício. Eu explodo num orgasmo intenso, um som rouco escapando da garganta enquanto os jatos brancos cobrem minha barriga. Estou ofegante como se tivesse acabado de trepar por horas.

Levo alguns segundos para me recuperar, sem tirar o telefone do ouvido. Estou tão relaxado que me surpreendo ao ouvir a voz macia.

— Thomas?

— Sim?

— Eu nunca tinha feito sexo pelo telefone.

Eu sorrio, ainda de olhos fechados.

— Ótimo.

— Não fique convencido.

— Isso será bem difícil, considerando o que vai acontecer quando nos encontrarmos pessoalmente.

— E o que vai acontecer? — ela pergunta, com a voz levemente rouca.

Meu sorriso se alarga.

— Vou te dar o melhor sexo da sua vida. Boa noite, Lillyanne.

capítulo 10

LILLY

— MEU DEUS! — EXCLAMO, COBRINDO A BOCA NUM GESTO EXAGERADO. — ESSE É O ROBÔ mais original que eu já vi em toda a minha vida.

O garotinho exibe o brinquedo feito por ele na oficina e me oferece um sorriso orgulhoso, onde faltam pelo menos três dentes.

— Obrigado. Vou dar a ele o nome de Kurt.

Eu finjo apertar a mão do robô, com um ar sério.

— É um prazer conhecê-lo, Kurt. Espero que você e Timothy vivam muitas aventuras juntos.

A mãe do menino sorri para mim.

— Essa ideia da oficina de brinquedos feitos com lixo reciclável foi incrível — ela elogia. — Num mundo tão consumista, resgatar o prazer das crianças em produzir seus próprios brinquedos de uma maneira sustentável é fantástico.

Sorrio de volta, um pouco sem jeito. Eu gosto de receber reconhecimento, claro, mas nunca sei o que fazer quando sou elogiada.

— Espero que tenham um lindo Natal — respondo, acenando quando os dois se despedem.

Checo as horas: oito e cinquenta. Em dez minutos, encerrarei as atividades da oficina e poderei dispensar os ajudantes. Contratei um artesão com experiência em montagem de brinquedos com material reciclável, e foi um completo sucesso. Tivemos movimento a tarde toda, as caixas colocadas do lado de fora para receber doação de material estão cheias e já iniciamos a distribuição das senhas para amanhã.

Dez minutos depois, a última criança amarra um laço ao redor da cabeça da boneca feita com sobras de tecido e sai, satisfeita, carregando seu brinquedo, acompanhada do pai.

— Foi incrível — Martina diz, parando ao meu lado. — Melhor do que esperamos.

— Foi mesmo.

— Vou indo, Lilly. — Zion, o artesão, se despede com um abraço breve. — Amanhã estarei de volta.

— Obrigada, querido. Você foi maravilhoso.

O rapaz jovem e talentoso sorri com timidez e acena, saindo em seguida com a mochila nos ombros.

— Bem... acho que eu vou indo também — Martina diz. — Precisa de ajuda para trancar a oficina?

— De jeito nenhum. Vai dar atenção à sua família.

Ela me dá um último abraço e me deixa sozinha no espaço decorado em tons natalinos. Eu suspiro e olho ao redor, com uma sensação deliciosa de dever cumprido. Não apenas entreguei o projeto no prazo, como a inauguração da Vila foi um sucesso.

Uma pena que Thomas não estava aqui para ver. Na hora do almoço, ele me mandou uma mensagem dizendo que a situação em Los Angeles era um pouco mais complicada do que tinha parecido a princípio, e ele ainda precisaria ficar lá por algumas horas. Eu respondi que não havia problema nenhum. Horas depois, recebi outra mensagem dizendo que ele ainda estava preso lá, e não sabia se conseguiria voltar hoje.

Ao ler o texto, fui tomada por um misto inexplicável de decepção e alívio. Por um lado, eu realmente queria que Thomas estivesse aqui na inauguração, porque ele também foi parte disso. Mas, por outro, sua última frase quando encerramos a ligação ontem não saiu mais da minha cabeça.

Vou te dar o melhor sexo da sua vida.

Só de lembrar das palavras, sinto um arrepio e um frio na barriga. Fazer aquela loucura erótica através do telefone ultrapassou os limites do bom senso, e agora eu não tenho ideia de como vou olhar para ele.

Se eu entendi certo, Thomas me propôs uma única noite, não uma amizade com benefícios. Já tive essa experiência antes com Sebastian, e não posso dizer que ela acabou bem. Tá certo que meus sentimentos em relação a Sebastian Moore eram completamente diferentes dos provocados por Thomas Becker. Seb me acalmava, cuidava de mim, e nosso sexo sempre tinha um clima mais romântico. Já Thomas me tira do eixo, me faz queimar por dentro de uma maneira inexplicável, e algo me diz que o sexo com ele não teria nada de romântico.

Meu lado mais destemido diz que eu deveria aproveitar uma noite de prazer nos braços desse homem que emana magnetismo sexual por cada poro do corpo. Mas o lado mais racional está balançando a cabeça enfaticamente em negativa e segurando uma lista de motivos pelos quais isso é uma péssima ideia, insistindo que o melhor a fazer é voltar a manter distância de Thomas.

Bem, considerando que ele não voltará hoje, isso significa que terei mais um dia para decidir se me arrisco nessa experiência de uma única noite ou se sugiro a ele que aproveitemos essa trégua dos últimos dias e finalmente possamos ser amigos — *sem* benefícios.

Eu visto o sobretudo por cima do suéter vermelho, pego minha bolsa, apago as luzes e tranco o cenário. Conforme caminho até a entrada principal do shopping — eu vim de Uber novamente, achando que iria de carona com Thomas até a casa de Landon —, pego o celular e abro o aplicativo para pedir um carro. Antes que eu consiga fazer isso, o aparelho começa a vibrar e o nome de Thomas aparece na tela.

— Oi — atendo, irritada comigo mesma pela ligeira alteração da frequência cardíaca.

— Me diz que você ainda está no shopping — ele pede, sem nem me cumprimentar.

— Estou — respondo, meio confusa. — Acabei de sair do cenário e estou indo para a casa de Landon.

— Ainda bem — ele parece aliviado. — Por qual acesso você vai sair?

Eu franzo a testa, sem parar de andar.

— O principal. Por quê?

Assim que empurro a porta de vidro, recebo uma lufada gelada no rosto e me encolho involuntariamente. Desço os três degraus que levam à calçada com cuidado para não escorregar na fina camada de gelo que se formou. Ao olhar para a rua, vejo um SUV igual ao de Thomas estacionado na porta do shopping, com o pisca-alerta ligado.

Será ele?

Para acabar com as minhas dúvidas, a janela do carona se abre e vejo o rosto de Thomas no lado do motorista. Fico parada no lugar, sem acreditar que ele está mesmo aqui.

Ferrou.

Eu achei que teria mais algumas horas para decidir como deveria agir quando o encontrasse, e agora o homem brota na minha frente sem aviso. Minhas mãos começam a suar apesar do frio. Respiro fundo na tentativa de me acalmar.

— Você vem? — Thomas pergunta no meu ouvido, e só então me dou conta de que ainda estou com o celular, parada no meio da calçada.

Eu guardo o aparelho na bolsa e ando até o carro devagar. O que eu faço? Finjo que nada aconteceu, e que nós somos apenas amigos? Trato Thomas com algum distanciamento, para que ele entenda que o que rolou ontem foi uma insanidade alcóolica temporária e nada vai rolar entre nós? Ou trago à tona o assunto de uma vez, deixando claro que minhas intenções envolvem apenas uma noite de sexo, e nada mais?

Sem chegar a nenhuma conclusão, eu abro a porta do carona e sento no banco de couro marfim, sem conseguir encará-lo. Opto por usar um tom calculadamente natural.

— Não sabia que você tinha conseguido um voo.

Thomas está parado me olhando. Minhas bochechas vão esquentando, e eu mantenho a cabeça baixa ao fingir ter dificuldade de encaixar o cinto de segurança. Uma buzina impaciente soa atrás de nós, já que aqui não é permitido estacionar. Thomas arranca com o carro e eu volto a respirar.

— Tentei chegar mais cedo, mas o trânsito estava caótico — ele explica, dando a seta para a esquerda e pegando o caminho para o bairro residencial onde Landon mora com a família.

— Imagino. — Olho através da janela, com vergonha demais para encará-lo.

Rapidamente, me dou conta de que não tenho nenhuma condição de conversar com ele sobre o que aconteceu na noite de ontem. Só de lembrar que eu me masturbei com Thomas ouvindo tudo do outro lado da linha já tenho vontade de sumir.

Para o meu alívio, ele parece ter notado que estou em pânico com a possibilidade de falarmos sobre esse assunto e não tenta trazê-lo.

— Como foi a inauguração? — pergunta, casualmente.

Relaxo um pouco e sorrio.

— Foi sensacional.

Começo então a contar os detalhes, e vou me empolgando tanto que o desconforto aos poucos vai dando lugar a um clima leve e descontraído entre nós. Thomas ri das histórias engraçadas das crianças e faz várias perguntas, parecendo realmente interessado no que estou dizendo.

Em menos de vinte minutos, ele estaciona na porta da casa de Landon.

— Em resumo, o sucesso foi tão grande que já entregamos quarenta e duas senhas para amanhã — concluo, orgulhosa. — Pelo visto, teremos outro dia cheio.

Thomas desliga o motor e tira o cinto. Eu faço o mesmo e levo a mão à maçaneta, pronta para sair do carro. Ele segura meu braço de leve.

— Lilly. — O tom meio rouco faz meu estômago dar uma cambalhota.

— Sim? — Tento sorrir para disfarçar o nervosismo.

Sua mão vem até o meu rosto devagar, fazendo um carinho suave na minha bochecha. Eu fecho os olhos e tento engolir, mas minha garganta se recusa a colaborar.

— Por que você está tensa desse jeito?

Eu volto a encará-lo, e não consigo disfarçar a insegurança.

— Não sei — admito. — Não sei como me comportar na sua presença depois do que aconteceu. Agora você sabe que me sinto atraída, mas um envolvimento entre nós é uma péssima ideia. Temos metas de vida opostas, você está acostumado com mulheres muito diferentes de mim, e...

As palavras morrem quando os lábios quentes e úmidos tocam os meus. Meu cérebro entra em curto-circuito e toda a racionalidade da qual tanto me orgulho desmorona como um castelo de areia, que nunca teve chances frente à potência da onda que o derrubou. Fecho os olhos, e um suspiro de rendição escapa do meu peito. Sinto o sorriso de Thomas contra a minha boca antes que ele a invada sem pedir permissão.

A língua macia e quente me explora de um jeito tão sensual que minha cabeça começa a girar. Eu me agarro aos bíceps fortes para não cair, apesar de estar sentada. O beijo se torna mais exigente, uma mão grande se embrenhando pelo meu cabelo enquanto o outro braço agarra minha cintura. Eu não saberia explicar como fui parar no colo de Thomas, mas agora estou montada nele, com sua ereção pressionada contra o meu centro. A boca experiente desce pelo meu pescoço e eu jogo a cabeça para trás.

O tempo simplesmente deixa de existir. Estou tão excitada que sinto meu clitóris latejando. Começo a rebolar de leve no colo de Thomas, desesperada para aplacar essa ânsia.

— Puta que pariu, Lilly — ele rosna contra a minha pele, enfiando a mão sob o meu suéter e encontrando o sutiã de renda. — Se continuar fazendo isso, vou te foder aqui mesmo.

Nesse momento, notamos um movimento atrás do carro. Outro veículo estaciona, e eu consigo ver através do vidro traseiro quando Sebastian, Molly e as crianças saem do carro.

— Meu Deus! — exclamo, saindo desse transe e pulando de volta para o banco do carona. — O que nós estamos fazendo? Tem crianças aqui fora!

Eu ajeito o cabelo e a roupa, lutando para voltar a respirar normalmente. Thomas joga a cabeça para trás, de olhos fechados, e suspira.

— Relaxa, Lillyanne. O insulfilme é tão escuro que eu te garanto que ninguém viu nada.

Através da janela, eu noto que Sebastian deu uma olhada para cá, mas realmente não pareceu ter conseguido nos ver aqui dentro. Os Moore tocam a campainha e entram logo em seguida.

Aperto a base do nariz e respiro fundo para me acalmar. Estou chocada com meu próprio descontrole, e fico pensando na reação dos nossos amigos se souberem do que acabou de acontecer nesse carro. Não serei capaz de aguentar as brincadeiras de todos, especialmente quando eu mesma ainda não consegui processar tudo isso.

Eu me viro para Thomas, com uma expressão firme.

— Não quero que ninguém saiba o que aconteceu aqui. Vamos agir como sempre agimos um com o outro, para não levantar suspeitas.

Ele apenas me observa por alguns segundos. Imagino que vá me perguntar os motivos, e começo a enumerá-los mentalmente. Tenho certeza de que consigo convencê-lo a...

— Tudo bem. — A resposta me pega de surpresa. — Faremos como você preferir.

Estou tão acostumada a me justificar por tudo que fico sem saber o que responder.

— Ah... obrigada.

Thomas sorri.

— Vamos?

Eu concordo, ainda um pouco perdida. Saímos do carro e ele toca a campainha. Segundos depois, Abby, a esposa de Landon, abre a porta e sorri ao nos ver.

— Que bom que conseguiram vir! — Ela me abraça e faz o mesmo com Thomas em seguida. — Landon não para de falar nesse jantar há dias. Estava louco para reunir todo mundo.

Na sala espaçosa, onde a enorme lareira está acesa trazendo um ar aconchegante ao ambiente, as crianças fazem uma algazarra. Nick, o filho mais velho de Molly, está correndo atrás de Paige, filha de Landon e Abby. Claire, a outra filha deles, persegue os mais velhos, tentando participar, sua fralda balançando com cada passinho. Beatrice observa tudo no colo de Sebastian, e ri quando Nick começa a fazer cócegas em Paige.

Eu sorrio diante da cena, mas meu coração aperta um pouquinho ao me questionar se algum dia eu também terei crianças correndo pela casa e me chamando de mamãe.

— Bem que eu achei que o tempo estava meio esquisito hoje. — Conrad para ao nosso lado abraçado à esposa, Mia. — Lilly Barrington e Thomas Becker chegando juntos só poderia resultar em chuva mais tarde.

Penso em como responder, mas Thomas é mais rápido.

— Lilly não faz nenhuma questão de ser uma boa companhia, mas o que eu posso fazer se sou um cavalheiro? Precisei passar no shopping antes de vir para cá, então me vi obrigado a oferecer uma carona.

Landon chega nessa hora e estreita os olhos para nós.

— Eu soube que vocês andaram convivendo bastante nesses últimos dias.

Thomas revira os olhos.

— Nem me lembre disso. — Ele olha para mim com uma expressão indecifrável. — Mas, felizmente, nossa relação comercial se encerra hoje, com a entrega do projeto. Nem acredito que voltarei a ter minhas noites livres.

Por alguns segundos, eu fico confusa, sem saber se o que Thomas acabou de dizer é realmente como ele se sente. Sei que fui eu quem pediu que agíssemos como antes, o que explica o retorno do deboche e das provocações. Ainda assim, imagino que passar todas as noites trabalhando na decoração de um cenário de Natal não é o ideal de entretenimento de um homem bonito e solteiro, então a parte do alívio por se ver livre da tarefa de me ajudar deve ser verdade.

Por alguma razão idiota, essa constatação me magoa.

— Se você vai ficar aliviado, imagina eu — respondo, com um sorriso sarcástico. — Não vejo a hora de voltar a poder me mover livremente, sem esbarrar o tempo inteiro no seu ego gigantesco.

Thomas ergue as sobrancelhas para mim, entre surpreso e divertido.

— É mesmo? Pois eu não ouvi você reclamando disso enquanto...

Ele deixa a frase pela metade e meu rosto começa a ficar vermelho ao lembrar do beijo no carro. Os Parker continuam prestando atenção à conversa, e Landon pergunta:

— Enquanto o quê?

Os olhos verde oliva continuam presos em mim quando Thomas responde:

— Enquanto eu estava prendendo lâmpadas em guirlandas ou arrastando móveis no seu cenário. Horas e horas de pura tortura.

Minhas bochechas estão fervendo, e eu desvio o olhar.

— Cansei dessa conversa — digo, disfarçando. — Vou para algum lugar onde eu não precise ouvir sua voz desagradável.

Saio andando, irritada com ele por estar me tratando desse jeito debochado outra vez, e mais ainda comigo mesma, porque no fundo eu sei que fui eu que pedi que Thomas agisse de forma a não levantar suspeitas. Vou até o janelão enorme de vidro no fundo da casa e olho para o lago escuro, como se conseguisse enxergar a paisagem.

Alguém para ao meu lado e vejo que é a esposa de Conrad. Nos encontramos poucas vezes, mas sempre a achei bastante agradável.

— Thomas não é fácil. — Mia bebe um gole de suco. — Conrad já me contou que a implicância dele com você é antiga.

— Muito — confirmo, olhando para ela. — Mas, em breve, eu não terei mais que me preocupar com isso.

Mia chega mais perto e sussurra no meu ouvido:

— Quando vocês chegaram juntos, cogitei a possibilidade de haver algo a mais rolando entre os dois. Eu tendo a ver romance em tudo, confesso.

Eu gelo.

— Nós dois? — Rio sem humor, para disfarçar o nervosismo. — Totalmente impossível.

Mia sorri de volta.

— Foi o que Conrad disse também, quando comentei sobre isso. Segundo ele, Thomas troca de mulher como quem troca de roupa e não tem qualquer intenção de mudar isso, enquanto você jamais se relacionaria com alguém assim. Eu te entendo, porque penso da mesma forma.

As palavras de Mia me provocam desconforto, porque eu sei que são uma descrição perfeita dos fatos. Independentemente do beijo quente que trocamos mais cedo no carro, Thomas continua sendo um mulherengo e solteiro convicto. Esse não é o tipo de homem que eu busco para começar um relacionamento, e o fato de termos tantos amigos em comum só complica as coisas ainda mais. Não sei onde eu estava com a cabeça quando cogitei permitir que algo acontecesse entre nós.

Há centenas de caras interessantes e disponíveis em Seattle. Eu não preciso ir para a cama justamente com Thomas Becker.

— Conrad tem toda a razão. Thomas definitivamente não é o cara certo pra mim.

Nesse momento, Molly chega, com a caçula nos braços.

— Lilly! — ela me cumprimenta com um sorriso. — Que bom te ver outra vez.

Eu olho para a garotinha bochechuda com os mesmos olhos claros de Sebastian.

— Meu Deus, como ela é linda — elogio, com sinceridade.

— Quer segurar? — Molly oferece, já empurrando a criança na minha direção.

Pego o bebê mais por reflexo do que outra coisa. Aconchego o corpinho quente e macio nos braços e inspiro o perfume suave. O aperto no peito volta, tamanha é minha vontade de ser mãe.

— Oi, Beatrice — digo, olhando para ela. A garotinha me encara com uma expressão de curiosidade. — Sou a tia Lilly, amiga dos seus pais.

Após alguns segundos, recebo um sorriso com quatro dentinhos que aquece meu coração. Abby se aproxima e pergunta:

— Quem está com fome?

— Eu. — Mia levanta a mão. — Minha última refeição foi o almoço. Como podemos ajudar?

Em poucos instantes, estamos todos na cozinha, auxiliando Abby e Landon a servirem o jantar. Em seguida, nos sentamos na mesa de oito lugares, enquanto as crianças se acomodam na mesa da copa.

Thomas está bem na minha frente, e tento evitá-lo durante toda a refeição. De tempos em tempos, noto seu olhar em mim, e o desconforto retorna. Ainda não tenho ideia de como vou resistir caso ele volte a tentar alguma coisa, mas sei que é o certo a se fazer.

Por mais tentador que seja, Thomas simplesmente não é o cara para mim.

capítulo 11

THOMAS

LILLY ESTÁ ME EVITANDO TANTO QUE CHEGA A SER ENGRAÇADO. TODAS AS VEZES EM QUE EU falei qualquer coisa durante o jantar, ela fez questão de prestar uma atenção desproporcional à comida no seu prato para evitar o meu olhar.

Logo depois da refeição, quando fomos para os sofás terminar de beber o vinho, ela me esperou sentar para escolher o canto oposto. Quando Abby foi até a cozinha para colocar a louça na máquina, Lilly prontamente ofereceu ajuda, e saiu da sala quase correndo. Landon precisou falar algo com a esposa alguns minutos depois, e eu o acompanhei. Assim que nos aproximamos, Lilly inventou que precisava ir ao banheiro e fugiu.

Já faz uns cinco minutos que ela se escondeu lá, e a minha vontade de provocá-la é cada vez maior. Aproveito que Landon puxou Abby para um beijo e saio de fininho, indo em direção ao corredor onde fica o lavabo.

Lilly abre a porta e arregala os olhos ao me ver. Eu aproveito que não há ângulo para que sejamos vistos da sala, a empurro para dentro do pequeno banheiro e fecho a porta atrás de nós.

— Thomas! — ela protesta. — Você está maluco?

Dou dois passos para frente, imprensando-a contra a pia.

— Estou. — Levo uma mão à lateral do seu pescoço e corro o polegar pela linha da mandíbula. — Maluco de vontade de te beijar outra vez.

— Não fala assim... — Lilly sussurra, desviando o olhar.

— Por quê? — Roço o lábio no seu rosto, mas não a beijo. O perfume de morangos invade as minhas narinas outra vez, como no carro, e meu controle fica por um fio. — Eu sei que você gostou do meu beijo.

— Não importa. — Lilly fecha os olhos. Sua voz, normalmente firme, está vacilante. — Isso tudo é uma péssima ideia.

Inclino a cabeça e beijo de leve a pele sensível logo abaixo da sua orelha. Sorrio ao notar que ela se arrepia inteira.

— Pois eu acho uma excelente ideia.

— Chega. — Lilly me empurra, me pegando de surpresa. A expressão no seu rosto é uma mistura estranha de hesitação com determinação. Eu me mantenho à distância, porque jamais encostaria em uma mulher que me disse *não*. — Isso não pode mais acontecer.

Eu estreito os olhos.

— No carro, você pareceu bem animada com o que estava rolando, então essa mudança

súbita tem que ter alguma explicação. O que está havendo?

Ela sustenta meu olhar.

— Eu caí na real, Thomas. Só isso.

Cruzo os braços e inclino a cabeça para o lado, incomodado com o tom seco.

— Se importa de elaborar um pouco mais?

— É bem simples: eu me lembrei por que é uma péssima ideia me envolver com caras como você.

— *Caras como eu*? — Agora estou começando a ficar puto. — Do que, exatamente, você está falando?

Lilly desvia o olhar.

— Homens que trocam de mulher a cada noite, e que não conseguem encarar nada na vida com seriedade.

— Oi?! — Rio sarcasticamente, ainda incrédulo com o que acabei de ouvir. — Bem, vamos recapitular a minha falta de seriedade. Trabalho dez a quatorze horas por dia, sou um dos advogados mais reconhecidos de Seattle e já atuei em pelo menos dez projetos *pro bono* usando meu tempo livre. Nunca perdi um prazo e honro todos os meus compromissos, tanto profissionais como pessoais. Ah, isso sem contar as horas que eu passei te ajudando no *seu* projeto. Realmente, ao que parece, eu não levo nada com seriedade.

Ela engole em seco.

— Eu... eu não quis dizer que...

— E sabe por que eu te ajudei? — interrompo, irritado demais para parar. — Porque eu realmente me importo. Porque, diferentemente de você, eu reconheço seu esforço e seu mérito, e fiquei feliz pra caralho de ver o tamanho do seu sucesso. E, agora, você vem com esse papo de que eu não levo nada a sério? Me poupe, Lilly Barrington.

Saio do banheiro, deixando-a sozinha lá.

Antes de voltar à sala, decido dar uma espairecida no jardim escuro e vazio. A temperatura aqui fora está congelante, mas eu não me importo. Ando em círculos pela grama, esperando a raiva passar. Aproveito para refletir um pouco melhor a respeito dos motivos para eu ter ficado tão chateado com o que acabou de acontecer.

Além da ofensa injusta a respeito da minha falta de seriedade, o ar de superioridade com que Lilly se referiu a mim provocou um sentimento inesperado de rejeição. A parte de que eu troco de mulher a cada noite pode ser uma exacerbação da verdade, mas não gostei nada de ouvi-la insinuar que isso faz com que eu não seja bom o suficiente para me envolver com uma mulher como ela.

Rio, sem qualquer humor.

Como se eu quisesse *me envolver* com Lilly Barrington. O que eu queria era transar com ela, como já transei com centenas de outras. É muita arrogância dessa mulher pensar que eu queria algo além disso.

Puxo o ar e solto devagar, de olhos fechados.

Ainda que eu esteja apenas fazendo uma masturbação mental solitária, e não discutindo com alguém, uma vozinha irritante dentro do meu cérebro sussurra que não é *bem* assim. Que eu sei perfeitamente que Lilly não é como as outras garotas de quem eu mal lembro o nome, e que, além do tesão, eu sinto um certo carinho e admiração por ela.

Bufo, ainda mais puto — só que agora comigo mesmo. Lilly acabou de deixar claro que me vê como um playboy inconsequente, portanto não faz a menor diferença se eu me sinto atraído por ela, se a admiro, ou qualquer outra merda dessas. A decoração do shopping terminou, o

projeto foi entregue no prazo e Alexander Barrington já me procurou umas três ou quatro vezes na última semana para agradecer. Não há mais nenhuma razão coerente para que eu continue mantendo contato com Lilly após essa noite, então, fim da história.

Nem tento analisar a sensação esquisita de peso no peito após essa conclusão. Faço o caminho de volta até a porta lateral por onde eu saí e sou recebido pela lufada de ar quente do interior da casa. Ando devagar até a sala, desfazendo a expressão contrariada no caminho. Assim que chego, procuro involuntariamente por ela.

Lilly não está em lugar nenhum.

— Tudo bem? — Landon se aproxima. — Você sumiu.

Forço um sorriso.

— Fui pegar um ar fresco. Estava com um pouco de calor.

Minha mentira claramente não o convence. Meu amigo me analisa por alguns instantes.

— Calor. Entendi.

Olho ao redor discretamente, tentando descobrir se ela foi mesmo embora.

Landon ri.

— Cara, eu não sei o que está rolando, mas nunca te vi agindo assim antes.

Eu o encaro, me fazendo de desentendido.

— Assim como?

Com uma expressão divertida, ele coloca uma mão sobre o meu ombro.

— Ela foi embora, Tom. Disse que ia pegar um Uber.

Tento disfarçar a decepção, que eu não tenho a menor ideia do motivo de estar sentindo.

— Certo. — Pego o celular e vejo que são quase onze da noite. — Eu vou indo também.

Landon sorri de maneira cúmplice. Me despeço de todos rapidamente, e o dono da casa me leva até a porta.

— A gente se vê semana que vem, no aniversário da Beatrice. — Meu amigo me abraça. Antes de me soltar, sussurra no meu ouvido. — Acabei de ver que Lilly ainda está ali na calçada. Deixa de ser orgulhoso e oferece uma carona pra ela. Quem sabe assim vocês não terminam o que claramente já começaram?

Antes que eu tenha a chance de desmentir, ele me solta com um sorrisinho sacana e acena ao fechar a porta.

Suspiro e olho para o lado. Lilly está encolhida no sobretudo, com o celular na mão. Não costuma ser muito fácil arrumar um Uber no sábado à noite, especialmente em dezembro.

Como eu jamais conseguiria deixá-la aqui sozinha, ando até o meu carro, estacionado perto de onde Lilly está, e abro a porta do carona. Ela finge que não viu, e eu reviro os olhos.

— Não estou com paciência para esse joguinho, Lillyanne. Entra logo no carro que eu vou te deixar em casa.

— Não precisa se dar ao trabalho — ela resmunga. — Sei me virar sozinha.

Ah, mulher teimosa dos infernos.

Fecho a porta e vou até ela. Quando paro na sua frente de braços cruzados, Lilly finalmente resolve olhar para mim.

— Você pode não acreditar, mas não sou um babaca que deixa mulheres sozinhas em calçadas desertas. Portanto, se você não entrar naquele carro, terá que aturar minha companhia nem um pouco feliz, bem do seu ladinho, até um outro meio de transporte aparecer. Já te adianto que pode demorar, e meu humor se deteriora bem rápido em circunstâncias como essa.

Ela sustenta o contato visual, ainda com um ar de desafio, mas agora misturado a uma certa surpresa.

— Então? — insisto. — O que vai ser?

Após mais alguns segundos dessa batalha de olhares, Lilly finalmente cede e entra no carro. Somente depois que ela fecha a porta eu reúno energia suficiente para me mexer e andar até o lado do motorista. Ligo o motor e começo a dirigir em silêncio.

Vários minutos se passam, até que ela vira o rosto na minha direção.

— Eu fui injusta no meu comentário.

A admissão voluntária do erro me pega de surpresa. Eu a encaro brevemente, antes de voltar a prestar atenção no trânsito leve.

— Sim, foi.

Ouço um suspiro profundo.

— Tudo isso está me deixando confusa, Thomas, e acabei reagindo da pior forma possível. Eu não esperava sentir atração por você outra vez depois de tantos anos. Sei como você se relaciona com as mulheres, sei que não pretende ter um compromisso com ninguém, e eu nunca me envolvo com pessoas assim. Cogitei a possibilidade de termos apenas uma noite juntos, não vou mentir. Mas nós temos um histórico, e eu talvez ainda não tenha superado totalmente o que aconteceu no passado.

Aproveito um sinal fechado para observá-la melhor.

— Do que você está falando? Das implicâncias de quando éramos pequenos? Porque aquilo...

— Não — ela me interrompe. — Aquilo era chato, admito, mas eu já superei. Entendi que eram apenas brincadeiras de criança. — Lilly abaixa a cabeça, olhando para as próprias mãos. — Me refiro à sua conversa com Landon, quando já éramos adultos. Aquilo ilustrou perfeitamente a forma como você se sentia em relação a mim.

— Que conversa? — Franzo as sobrancelhas, sem ter a menor ideia do que ela está falando, mas ao mesmo tempo tenso com o que quer que ela tenha ouvido.

O sinal abre e eu percorro os últimos metros até chegar à frente do prédio de Lilly. Os olhos verdes voltam a me encarar.

— Quando você disse que jamais se sentiria atraído por uma mulher como eu, e entendia o motivo de Sebastian nunca ter me assumido. — Ela baixa o rosto, claramente triste. — Aquilo me magoou muito mais do que deveria, e percebo agora que nunca consegui esquecer.

Meu coração acelera ao lembrar exatamente desse dia, só que Lilly entendeu tudo errado. Engulo em seco, porque não sei se estou pronto pra admitir o motivo de eu ter dito essas coisas — especialmente considerando o que eu pretendia fazer com ela hoje antes da nossa discussão no lavabo.

Tudo que eu não preciso nesse momento é complicar minha vida tão simples. Diante do meu silêncio, ela continua:

— Acredito que você realmente se sinta fisicamente atraído por mim agora, Thomas. Mas isso não muda a maneira como sempre me viu, e o fato de que queremos coisas muito diferentes para o futuro. — Ela me olha de um jeito tão desarmado que eu chego a sentir uma pontada no peito com a frase que vem a seguir. — Eu cansei de me machucar. Só isso.

Estou completamente sem reação depois de tudo que acabei de ouvir. Meu corpo parece congelado, e as palavras desapareceram. Lilly percebe isso, se inclina e beija minha bochecha.

— Bem, era isso. Obrigada pela carona e até qualquer dia.

Ela sai do carro, com dignidade e elegância. Como sempre. Desse jeito que é só dela, e que deixa todo mundo encantado. Lilly caminha devagar até a porta do prédio, e eu me sinto um merda.

Um merda por não ter explicado a ela o motivo de eu ter dito aquelas coisas cruéis no

passado. Um merda por ainda ter vontade de beijá-la, tocá-la e fazê-la minha, mesmo com a completa consciência de que não posso oferecer aquilo que ela busca. Um merda por estar deixando-a ir, sabendo que ela está magoada por minha causa.

Lilly destranca a fechadura do prédio e entra. Antes que feche o portão pesado, eu saio do carro, bato a porta e começo a correr.

— Lilly!

Ela mantém o vão de entrada parcialmente aberto e fica me observando. Em poucas passadas, eu a alcanço, um pouco ofegante pela corrida.

— Você tem o direito de saber o que realmente aconteceu. — Faço uma pausa breve, para normalizar a respiração. — Naquele verão em que você e Sebastian ficaram juntos pela primeira vez, eu já tinha começado a te desejar. Só não houve tempo de dizer isso, porque ele foi mais rápido.

Ela me encara com os olhos bem abertos, nitidamente surpresa. Como não quero perder a coragem de revelar logo tudo, continuo:

— Eu jamais seria capaz de trair a confiança de um amigo, então me afastei completamente de você a partir dali. Nos anos seguintes, passei a fazer o possível para te evitar na faculdade e também quando nos encontrávamos em Seattle nos recessos. Só que, num desses verões, Landon reparou num momento em que eu estava de longe te observando com Sebastian. Uns minutos depois, ele fez um comentário qualquer sobre você estar bonita, e me deu a impressão de que estava me sondando. Eu entrei em pânico com a ideia de que alguém achasse que eu estava agindo como um filho da puta, reparando na garota de um amigo. Então, comecei a dizer aquelas coisas, apenas para reforçar que eu não tinha qualquer interesse em você. — Continuo olhando para ela, nossos rostos bem próximos. — Nunca imaginei que você tivesse ouvido aquilo.

Ela dá um passo para trás, meio atordoada.

— Meu Deus. — Lilly passa a mão no rosto. — Isso é o que eu chamo de um *plot twist*.

Eu sorrio.

— Você foi corajosa e confessou sua atração por mim primeiro. Tudo bem que foi por mensagem, e depois de beber vinho, mas, ainda assim, te darei esse crédito. O mínimo que eu poderia fazer era ser honesto também.

Lilly coloca o cabelo atrás da orelha, parecendo completamente perdida. Ela então olha para mim.

— O que você sugere que eu faça com essa informação?

Sinto algo estranho no estômago, uma espécie de ansiedade que há muito tempo eu não experimentava — se é que algum dia já senti esse nervosismo em relação a uma garota. Estou morrendo de vontade de mandar tudo para o inferno e beijá-la, mas não posso fazer isso sem esclarecer algo antes.

— A segunda parte do que você disse é verdade, Lilly — confesso, porque jamais seria capaz de magoá-la. — Eu realmente não estou buscando um relacionamento, ao menos não pelos próximos anos. Nem sei se algum dia eu vou ter vontade de me casar, ou estabelecer uma relação de longo prazo com alguém. Então, o que eu posso te oferecer é sexo. Mas que fique claro que será mesmo o melhor da sua vida — acrescento, para deixar o clima mais leve.

Ela sorri.

— Esse comentário é a sua cara.

Dou de ombros.

— A gente precisa conhecer nossos pontos fortes. — Volto a ficar mais sério. — Você faz parte da minha vida desde que eu consigo me lembrar, Lilly. Jamais vou te iludir prometendo

coisas que não posso cumprir. O que eu preciso saber é se você está disposta a se entregar e deixar rolar, sem expectativas.

Seus olhos se prendem aos meus e, por alguns instantes, o tempo parece ficar em suspenso. Quase consigo ver seu cérebro racionalizando cada aspecto dessa decisão, enquanto torço desesperadamente para que ela aceite. Sei que seria uma noite inesquecível para nós dois.

Chego um pouco mais perto.

— Não sei se faz alguma diferença, mas quero que saiba que sinto um carinho e uma admiração enormes por você. Sexo nenhum vai mudar isso, talvez só torne esses sentimentos ainda mais fortes.

Lilly me encara por um tempo, antes de dizer:

— Sim, isso faz toda a diferença. — Ela suspira. — Ainda acho que isso é uma loucura, mas estou disposta a arriscar.

Meu coração acelera em expectativa. Mesmo louco para tocá-la, eu me contenho. Ainda não estou seguro de que ela não vai se apavorar de repente e mudar de ideia. Preciso que Lilly tenha certeza do que está fazendo, porque não pretendo parar até que ela se entregue a mim por inteiro.

— Você não vai se arrepender.

— Minha condição é que será apenas essa noite, porque não quero complicar as coisas — ela diz.

— Concordo. Inclusive, acho que essa é a decisão mais prudente. Conheço alguns casos em que...

— Thomas — Lilly me interrompe com uma expressão levemente divertida. Ela dá um pequeno passo na minha direção e acaba com a distância entre nós. Estamos tão próximos que nossas respirações se misturam. — Eu já disse sim, você não precisa me convencer de mais nada. A causa está ganha e os termos do acordo estão firmados. Só cala a boca e cumpre o que você prometeu.

A expressão de desejo no rosto perfeito me deixa alucinado de tesão. Eu envolvo sua cintura e a aperto contra mim.

— O que eu prometi mesmo? — murmuro, sem conseguir mais raciocinar.

— O melhor sexo da minha vida.

Ela cola nossas bocas, e o resto do mundo simplesmente deixa de existir.

capítulo 12

LILLY

EU POSSO TER INICIADO O BEIJO, MAS NÃO DEMORA NEM DOIS SEGUNDOS PARA QUE THOMAS assuma completamente o controle. Ele me empurra contra a parede, pressionando o corpo forte no meu e sem parar de devorar minha boca nem por um instante. Por fim, se afasta apenas o suficiente para perguntar:

— Qual é o seu apartamento?

Eu aponto para o final do corredor no térreo.

— Ali.

Sem dizer mais nada, Thomas segura minha mão e começa a andar com passadas largas em direção ao local que eu indiquei. Quando chegamos à porta, eu tento abrir, mas minhas mãos estão tremendo tanto que eu deixo a chave cair.

Ele pega o chaveiro, pede que eu mostre a chave correta e destranca a fechadura. Segundos depois, estamos nos agarrando outra vez, já dentro da minha casa. No meio dos beijos quentes, mordidas no pescoço e arranhões por cima das roupas, indico meu quarto. Para ser sincera, estou tão atordoada que nem tenho tanta certeza de como chegamos até lá. Thomas acende a luz e me olha com uma expressão devassa, prestes a me atacar outra vez. Nessa hora, sou invadida por uma onda inesperada de timidez.

Não me considero uma mulher insegura, gosto de sexo, mas, por alguma razão, com ele é diferente. Thomas me provoca sensações inéditas, me tira demais do eixo, e isso me deixa um pouco apreensiva. Ele nota na mesma hora a mudança no meu rosto e seu olhar suaviza.

— Fala comigo — pede, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha de um jeito tão carinhoso que me faz sorrir.

— Nem eu sei — admito, desviando o olhar. — Me bateu uma insegurança.

Thomas respira fundo. Em seguida, segura meu queixo com gentileza, me fazendo encará-lo.

— Eu estou completamente alucinado de tesão por você, Lilly, e posso estar sendo um tanto intenso por causa disso. Se estiver sendo demais, preciso que me diga. Acima de qualquer coisa, quero que você se sinta à vontade para aproveitar essa noite sem medo. Meu único desejo aqui hoje é te dar tanto prazer que você não seja mais capaz de lembrar seu próprio nome no final.

As palavras provocam um arrepio de excitação, e eu volto a encará-lo. Os olhos cor de oliva parecem uma floresta em noite de tempestade de tão escuros, por causa das pupilas dilatadas. Thomas faz um carinho suave no meu rosto com o polegar e continua:

— Então, se o que você quer é algo mais gentil, eu vou me esforçar para fazer. Porque, hoje à

noite, a única coisa que importa é você.

Essas palavras derrubam o que havia sobrado da minha resistência. Puxo o suéter vermelho pela cabeça, ficando apenas com a calça jeans e o sutiã de renda preta. Thomas une as sobrancelhas e morde o lábio inferior ao me ver seminua, numa expressão de desejo tão explícita que minha autoestima vai nas nuvens.

— Puta merda, Lilly. Você é gostosa demais.

Eu sorrio.

— Não quero que se contenha — afirmo, decidida. — Seja apenas você, e será perfeito.

No instante seguinte, Thomas está me beijando outra vez. A mão habilidosa solta o fecho do sutiã, que vai parar no chão ao mesmo tempo em que a boca exigente desce pelo meu pescoço.

Solto um suspiro trêmulo quando seus lábios envolvem um mamilo, sugando-o de uma maneira que eu jamais experimentei antes. Meus seios nunca foram uma área especialmente prazerosa para mim.

Bem, até agora.

Entrelaço os dedos nas mechas macias do cabelo de Thomas, trazendo-o para ainda mais perto. O safado sorri contra a minha pele e olha para cima.

— Descobri um lugar sensível, srta. Barrington?

Sua língua desliza pelo bico excitado devagar, me provocando, e eu solto um gemido.

Ele me segura por baixo da bunda e me joga na cama. Antes de se juntar a mim, tira o suéter, os tênis, as meias e a calça jeans, ficando apenas com a boxer preta. Eu aproveito para tirar as botas e meias enquanto o observo. Passo a língua pelo lábio inferior, hipnotizada por essa visão. Mesmo vestido, já dava para perceber que Thomas tinha um corpo musculoso, mas nada me preparou para *isso*.

Meus olhos descem pelo peitoral definido coberto por uma fina camada de pelos, deslizando em seguida por cada gomo do abdome até o volume impressionante mal contido pelo algodão da boxer. As coxas grossas são um espetáculo à parte.

Meu Deus, que homem perfeito. Ninguém deveria ter o direito de ser tão gostoso assim.

Notando meu olhar nada discreto, Thomas me encara com um sorriso sacana.

— Eu queria poder filmar a sua cara me olhando.

Eu sorrio de volta.

— Para me provocar depois?

Ele sobe na cama, montando em mim.

— Uh-um — nega, antes de dar um chupão de leve no meu pescoço. — Para ficar revendo esse vídeo quantas vezes eu quisesse.

A resposta me pega de surpresa. Antes que eu tenha tempo de reagir, a boca de Thomas já está na minha barriga, e suas mãos ágeis estão abrindo minha calça. Ele a desliza pelas minhas pernas junto com a calcinha e, segundos depois, eu estou completamente nua.

— Abre essas pernas para mim, Lillyanne — ele pede, com a voz rouca. — Preciso descobrir se o seu gosto é tão bom quanto nas minhas fantasias.

Se eu já estava excitada antes, agora com essas palavras eu estou latejando. Já completamente livre da timidez dos primeiros momentos, eu abro as pernas, fascinada com a expressão de lascívia no rosto másculo.

— Exatamente como eu imaginei. — Ele corre um dedo pela faixinha pequena de pelos. — Toda loirinha.

Sinto um tremor diferente ao ver esse homem com a cabeça entre as minhas pernas. O sexo oral sempre foi uma das minhas partes preferidas da transa, mas nem todos os homens sabem

fazer direito. Pelo pouco que já vi de como Thomas é na cama, não acho que isso será um problema hoje.

Assim que a língua úmida e quente desliza pela minha entrada, eu confirmo minha impressão anterior. A barba de um dia roça na pele sensível no momento em que seus lábios envolvem meu clitóris e sugam, me fazendo gemer alto e agarrar os lençóis até as juntas dos dedos ficarem brancas.

Thomas continua com o movimento ritmado da boca e introduz um dedo em mim, alcançando um ponto tão sensível que eu vejo estrelas. Jogo a cabeça para trás, ofegante.

Meu Deus, eu vou gozar muito rápido.

— Não para... — imploro.

Com a mão livre, Thomas agarra minha bunda, sem parar de me torturar com o dedo, os lábios e a língua. Quando ele nota que estou muito perto, se afasta apenas para comandar:

— Olha pra mim, Lilly.

Eu obedeço, à beira do precipício. Os olhos verdes estão presos aos meus, enquanto sua boca me devora com vontade. A cena é tão erótica que eu explodo num orgasmo avassalador sem qualquer aviso. Meu corpo inteiro treme, e ele não para de me lamber até que o último espasmo cesse.

Mesmo fraca, meu olhar procura o dele. A expressão de desejo e satisfação com o meu prazer são tão deliciosas que meu tesão volta com força total. Ao contrário do que eu esperava, Thomas não faz qualquer movimento para sair dali. Continua dando lambidas leves no meu clitóris sensível e me olhando desse jeito que me deixa completamente louca.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Você esqueceu do que eu te disse naquele dia?

Mais uma lambidinha suave que me faz gemer baixinho.

— O que você disse? — Minha voz está tão baixa que mal consigo ouvi-la.

— Que eu só ia parar de te chupar quando você me implorasse para te foder.

Caramba, isso é muito sexy.

Nunca fui de falar muito na cama, mas, com Thomas, eu sinto essa vontade. Mantendo o contato visual, eu sorrio.

— Eu quero sentir você dentro de mim.

Sinto uma sucção no clitóris inchado e sensível, me fazendo gemer mais alto.

— Quanto você quer isso, Lilly?

Fecho os olhos, dominada pelo turbilhão de sensações.

— Muito. Eu quero muito você.

Ele fica em pé e desce a cueca. O pau grosso e coberto por veias salta, e eu sinto um arrepio de antecipação. Thomas pega uma camisinha no bolso da calça largada no chão e rasga o pacotinho. Em seguida, desenrola com cuidado, sem tirar os olhos de mim.

Estou me sentindo tão à vontade agora que nem tento disfarçar meu olhar faminto para essa perfeição da natureza. Thomas é todo grande, definido e deliciosamente proporcional. Ele se aproxima como um felino prestes a devorar a presa. Com um movimento rápido, gira meu corpo, me fazendo ficar de bruços. No segundo seguinte, o corpo musculoso está sobre o meu e sua coxa afasta minhas pernas.

— Empina essa bunda pra mim, gostosa.

Eu obedeço, sentindo minha excitação escorrendo na direção dos pelos. Não me lembro de já ter ficado tão molhada algum dia.

Thomas direciona sua ereção para a minha entrada. Assim que encaixa a ponta, enfia o braço

sob o meu quadril e usa a mão livre para afastar meu cabelo. Sinto um beijo carinhoso na nuca, antes de a voz grossa sussurrar no meu ouvido:

— Você está me deixando completamente alucinado, Lilly. Não sei se vou conseguir controlar a intensidade, então você precisa me dizer se não estiver bom.

Eu sorrio.

— Não se controle, Thomas. Quero a experiência completa.

Ele solta um gemido rouco e arremete devagar, deslizando centímetro a centímetro. A invasão é deliciosa, e eu me sinto preenchida de uma maneira inexplicável.

— Você é perfeita — Thomas sussurra, começando a estocar. — Perfeita.

Eu me entrego a esse momento sem reservas. Não quero pensar no que vai acontecer amanhã, quando vou vê-lo de novo, não quero pensar em nada. Quero apenas viver o agora, a experiência sexual mais avassaladora da minha vida.

A cadência dos movimentos vai se intensificando. Sinto o contato do corpo firme e suado contra o meu, a boca macia beijando e lambendo a pele sensível da minha nuca, os gemidos roucos e a respiração pesada de Thomas no meu ouvido, me arrepiando inteira.

Quando a mão que agarra minha cintura desce um pouco mais e os dedos experientes começam a esfregar meu clitóris, eu choramingo.

— Assim, não para... — arfo. — Quero gozar com você dentro de mim.

— Caralho, Lilly. Você vai acabar comigo.

Thomas acelera os movimentos dos dedos e do quadril ao mesmo tempo, me jogando em outra dimensão. O segundo orgasmo é ainda mais forte que o primeiro, e meu corpo inteiro fica dormente enquanto as ondas de prazer me atravessam.

Depois de uma última estocada mais profunda, o braço forte me aperta e Thomas apoia a testa nas minhas costas úmidas. Os espasmos do membro grande dentro de mim são tão intensos que consigo sentir cada um deles. É uma experiência indescritível, que só potencializa meu prazer.

Não tenho ideia de quanto tempo se passa até que o corpo dele relaxe, caindo para o lado. Thomas me puxa imediatamente para mais perto, tira o cabelo suado do meu rosto e sorri.

— Não sei se foi o melhor sexo da sua vida, Lilly Barrington, mas certamente está entre um dos melhores da minha.

Eu sorrio também, me aconchegando a ele.

— Prefiro não comentar.

Thomas desliza uma mão preguiçosamente pelas minhas costas.

— Posso saber o motivo?

Levanto o rosto para encará-lo, ainda sorrindo.

— Seu ego gigantesco não precisa de incentivos.

Ele ri, me puxando para cima até nossos rostos ficarem bem próximos.

— Você sabe que acabou de confirmar que foi o melhor sexo da sua vida, né?

— Não confirmei nada.

Continuamos nos encarando, com resquícios de sorrisos nos lábios. O de Thomas vai sumindo, até que ele fica pensativo.

— O que foi? — pergunto.

Sua expressão é indecifrável.

— Você disse que seria apenas uma *noite*, certo?

— Sim.

Ele assente.

— Ótimo. — Thomas levanta e me puxa junto. — Vamos tomar um banho.

Eu o acompanho até o banheiro, confusa.

— Por que você me perguntou isso? — questiono, tentando entender o diálogo estranho.

Ele entra no box e abre a torneira.

— A noite só acaba quando o sol nasce. — Thomas checa o relógio. — Isso significa que ainda tenho mais quase oito horas com você.

A frase simples mexe comigo de um jeito inesperado.

— Isso é sua maneira de se convidar para passar a noite aqui? — brinco, para ajudar a descontrair.

Entro sob o jato morno e Thomas me abraça.

— Por que, você pretendia me expulsar?

Eu rio.

— Não. Só pensei que...

Ele coloca um dedo sobre os meus lábios, me silenciando.

— Não pense demais. Se temos apenas essa noite, vamos curti-la ao máximo. Combinado?

Eu suspiro.

— Combinado.

Quando Thomas me beija outra vez, se torna muito fácil esquecer que, em algumas horas, tudo isso serão apenas lembranças de uma noite especial.

capítulo 13

THOMAS

EU NÃO QUERO IR EMBORA.

Transei com Lilly quatro vezes nas últimas oito horas e agora o dia está amanhecendo. Até aí, sem grandes novidades. Já virei noites trepando com outras mulheres antes. O problema é que eu não quero ir embora, e *isso* sim é inédito.

Ah, um segundo problema: nós dormimos abraçados também.

Talvez eu deva dar um passo atrás e oferecer um pouco de contexto para vocês entenderem por que essas coisas são problemas. Em primeiro lugar, Thomas Becker não faz conchinha. Nunca. Dormir abraçadinho era algo fora de cogitação, até essa noite. Em segundo, eu quase sempre fico louco para ir embora depois de gozar. Escroto da minha parte, eu sei. Mas, em minha defesa, eu tento disfarçar para não fazer a garota se sentir mal. Converso um pouco, tento não olhar para o relógio a cada dois minutos, e depois arrumo uma desculpa para vazar. Quando o sexo é muito bom, eu não me importo de ficar um pouco mais para um segundo, ou até terceiro *round*. Mas, em resumo, eu sempre termino a noite louco para ficar sozinho.

Homens não são como as garotas. O que nós queremos é aliviar a tensão, dar e receber prazer, e é basicamente isso. Tudo que envolve o pós-foda costuma ser uma tortura para os homens solteiros e que não buscam compromisso.

Olho para o lado, onde Lilly está dormindo de bruços. O lençol branco esconde parcialmente seu corpo nu. As costas lisas estão completamente expostas, e sinto vontade de correr a mão por elas mais uma vez. A pele macia e cheirosa de Lilly é simplesmente viciante. Seu cabelo está solto e espalhado pelo travesseiro. O rosto, relaxado pelo sono, é o mais lindo que eu já vi.

Sorrio ao lembrar da maneira como Lilly se derreteu nos meus braços nas últimas horas. Perdi as contas de quantos orgasmos ela teve, especialmente depois que eu fui descobrindo o que a excitava mais.

Experimentamos várias posições, eu devorei a bocetinha doce várias vezes e recebi um dos melhores boquetes da minha vida. A cada transa, parecia que a nossa conexão aumentava ainda mais, assim como meu tesão por essa mulher surpreendente.

Depois da breve hesitação logo no início, Lilly se entregou a mim com completo abandono. Foi fascinante vê-la seguindo meu conselho de apenas relaxar e aproveitar esses momentos, sem pensar em mais nada. Tudo aconteceu de uma forma tão perfeita que acabou sendo, disparado, a melhor noite de sexo da minha vida.

O resultado é que, agora que terminou, eu não quero ir embora.

Merda.

Coloco um braço dobrado sob a cabeça, solto o ar devagar e olho para o teto. Hoje é domingo e eu não preciso trabalhar. Não tenho nada planejado, e não tenho ideia do que Lilly pretende fazer com seu dia. Talvez possamos estender esse tempo só mais um pouco. Não vejo nenhum problema em transformar uma noite em vinte e quatro horas.

Sim, a ideia de passar o dia aqui parece fazer cada vez mais sentido. Nós podemos passar no mercado mais tarde e comprar algumas coisas para preparar o almoço. Nem me importaria de ver um desses filmes idiotas de Natal que eu me lembro que Lilly amava quando era mais nova — e eu a sacaneava direto por isso, óbvio.

Esses seriam os planos principais, porque pretendo passar todo o resto do tempo nessa cama, transando com Lilly até que...

— Thomas? — A voz sonolenta me traz de volta a realidade.

Eu viro para o lado e sorrio.

— Bom dia, Lillyanne.

Ela sorri também, e olha na direção da janela coberta pela cortina fina.

— Que horas são?

Checo meu relógio.

— Oito e dez.

Lilly senta e puxa o lençol para cobrir os seios.

Estou prestes a sugerir que a gente prepare um café-da-manhã para reabastecer as energias, quando ela diz:

— É melhor você ir.

A frase é como um balde de água fria direto na minha cabeça. Sim, esse era o combinado inicial e eu não deveria estar surpreso. Só achei que ela queria tanto quanto eu estender um pouco mais nosso tempo juntos.

— Não tenho nenhum compromisso hoje — comento, em tom casual.

— Eu tenho. — Lilly se levanta, enrolando todo o corpo no lençol. A cena é estranha, considerando que ela desfilou nua na minha frente incontáveis vezes nas últimas horas. — Tenho que ir à oficina de brinquedos na parte da tarde, e preciso organizar algumas coisas agora pela manhã.

Ela começa a andar na direção do banheiro. Eu respiro fundo, coloco a boxer e vou atrás.

— Só pensei que poderíamos estender nosso acordo por mais algumas horas — coloco as cartas na mesa de uma vez.

Nunca fui de fazer joguinhos, e quero que Lilly saiba como eu me sinto. Ao ouvir essas últimas palavras, ela para e se vira na minha direção.

— Thomas, eu fui bem clara ontem em relação às minhas condições. Era uma noite, e você sabe tão bem quanto eu que é o mais prudente nessa situação. Nós não vamos nos envolver, era apenas sexo. Pra que complicar as coisas?

— Para termos mais um pouco de sexo? — eu arrisco, com um sorriso interrogativo.

— Jesus, você não tem jeito. — Lilly revira os olhos de um jeito divertido e me dá as costas, indo em direção à pia.

— Eu sei, eu sei, não era esse o combinado. — Ando atrás dela, como um cachorro carente que não consegue sair de perto do dono. — É que transar com você foi bom pra caralho, e eu queria um pouco mais. Mas entendo sua posição, e até acho que você tem razão.

Lilly volta a olhar para mim.

— Jura?

— Juro. — Seguro seu rosto. Preciso usar cada fibra de autocontrole para não beijá-la até fazê-la mandar o bom senso à merda, largar esse maldito lençol e me deixar saborear cada parte do seu corpo mais uma vez. — Você confiou em mim, e eu não quebrarei isso.

— Obrigada.

Ficamos nos encarando em silêncio por alguns instantes. Sei que preciso deixá-la, arrumar minhas coisas e ir embora, mas não quero fazer isso tanto quanto eu não queria na hora em que eu acordei.

— Nós continuaremos amigos, certo? — pergunto, subitamente ansioso com a possibilidade de que ela prefira manter distância outra vez. — Poderemos nos encontrar de vez em quando para conversar.

Ela pensa, e então assente.

— Sim. Não vejo problema nisso.

— Ótimo. — Faço uma pausa. — Posso te dar um último beijo? De despedida?

Os olhos claros se turvam com a indecisão. Percebo que Lilly está se debatendo entre o desejo e a racionalidade. Para o meu azar, a razão ganha.

— Melhor não. — Ela aponta a porta com a cabeça. — Não quero ser mal-educada, mas você realmente deveria ir.

Frustrado, eu concordo.

— Tudo bem. — Beijo sua testa, resignado. — Vou me arrumar.

Estou a meio caminho da porta do banheiro quando Lilly me chama.

— Thomas?

Viro para trás.

— Sim?

— Vou entrar no banho agora, então é melhor você não me esperar. Quando sair, é só bater a porta.

— Sempre prática — brinco, mas sem tanto humor. — Até qualquer dia então, Lillyanne.

Ela sorri.

— Até.

Saio do banheiro e fecho a porta, dando a ela privacidade. Me visto sem ânimo nenhum, inconformado com minhas próprias reações.

A garota está certa, caralho. Se nós queremos coisas tão diferentes da vida, para que alimentar essa história? Pode ser cômodo para mim, mas não é justo com ela. Lilly precisa estar livre para encontrar alguém disposto a lhe oferecer o futuro que ela busca, e não assistindo filmes de Natal comigo no intervalo entre fodas.

Fico pronto e ando até a saída do apartamento simples, reparando nos detalhes. O imóvel é pequeno e tem apenas dois quartos. Um deles é a suíte dela, e o outro, um pequeno escritório. A sala tem uma cozinha integrada, e também não é grande. Apesar de não ter luxo, o local é bem cuidado, aconchegante e organizado.

Saio e bato a porta, como ela orientou. Ando até o meu carro, ocupo o assento do motorista e começo a dirigir em direção à minha casa. Durante o trajeto, penso em como nossas vidas são diferentes, apesar de termos partido de situações bem parecidas.

Nossas famílias são amigas há muitas décadas e têm situações financeiras bem semelhantes. Enquanto eu segui carreira no Barrington & Becker, onde garanti um ótimo salário e uma boa fatia na participação nos lucros, graças à minha dedicação e competência, Lilly nunca quis trabalhar no escritório da família. Optou por uma vaga numa firma bem menor, e sei que nunca teve um salário alto.

Ainda que seja filha única e seus pais estejam mais do que dispostos a ajudá-la financeiramente, Lilly nunca aceitou. Abriu sua empresa com recursos próprios e sobrevive apenas com o que ganha. Ela está bem longe de estar passando necessidade, mas claramente não se importa muito com bens materiais. Eu admito que aprecio bastante o conforto que o dinheiro pode proporcionar, mas Lilly e eu somos parecidos em um aspecto: ambos gostamos de viver com o fruto do nosso trabalho, e não às custas dos outros. Assim como os dela, meus pais nunca mediram esforços para me dar de tudo, mas também me ensinaram a batalhar pelo meu próprio sucesso.

No meio do caminho até minha casa, mudo de ideia e faço uma virada à esquerda. Já faz um tempo que não visito meu pai, já que nos encontramos todos os dias no escritório. Ele vive reclamando que, depois que minha mãe morreu, eu sumi.

Preciso admitir que é verdade. A casa onde eu cresci guarda lembranças demais, Lembranças de quando minha mãe era viva, da minha infância e adolescência convivendo com a pessoa mais incrível que eu já conheci.

Dione Becker era uma mulher extraordinária. Espirituosa, animada, carinhosa, espontânea... ela era a alegria da casa. Onde minha mãe estava, o ambiente se iluminava. Por muito tempo, tive dificuldade de entender como ela e meu pai ficaram juntos, porque Thomas Becker II sempre foi o oposto de tudo isso. Mas a verdade é que ambos se amavam intensamente, e meu pai ficou devastado após sua morte.

Em poucos minutos, chego à mansão Becker — uma construção clássica toda pintada de branco, com um telhado vermelho e um grande jardim. Uso meu controle remoto para abrir o portão e percorro o caminho curto até a garagem. Estaciono e vou em direção à porta dos fundos, que, como sempre, está aberta.

Assim que entro na cozinha espaçosa, Dorothy, nossa cozinheira há mais de vinte anos, abre um sorriso surpreso.

— Tom! — Ela apoia a colher de pau na frigideira com ovos mexidos e desliga o fogo, vindo me abraçar. — Meu Deus, eu não sabia que você vinha. Seu pai não me disse nada.

Eu a abraço de volta.

— Foi uma decisão de última hora — explico. — Nem ele sabe que estou aqui.

Dorothy segura meu rosto com as duas mãos.

— Já tomou café?

Lembro da intenção frustrada de fazer isso com Lilly mais cedo.

— Não. Inclusive, estou morrendo de fome.

Dorothy sorri largamente.

— Ótimo! Sente com seu pai que já vou servir vocês.

Eu ando em direção à sala de jantar, onde meu velho está lendo um jornal. Aos sessenta e cinco anos, o homem domina completamente a tecnologia ao usar o celular e o computador, mas gosta de manter alguns hábitos antigos, como o de ler o jornal em papel todas as manhãs.

Ao ouvir meus passos, ele se vira para trás e ergue as sobrancelhas.

— Tom? Não esperava vê-lo hoje.

Papai levanta e me dá um abraço rápido, que eu retribuo.

— Oi, pai. Estava aqui perto e resolvi tomar o café com você.

Ele volta a se sentar à cabeceira e eu ocupo o lugar ao seu lado.

— Que surpresa boa. Já pediu a Dorothy para te servir?

— Já. Falei com ela agora há pouco na cozinha.

Meu pai assente e me encara com atenção, deixando o jornal de lado.

— Você disse que estava nas redondezas. Fazendo o quê?

As imagens da noite quente com Lilly invadem meu cérebro como o trailer de um filme reproduzido em alta velocidade.

— Estava com uma garota — conto uma parte da verdade.

Meu pai definitivamente não precisa saber que a garota em questão é a filha do seu sócio. Minha amiga de infância. A mulher que eu estava ajudando, porque seu pai me pediu e eu tinha uma dívida de gratidão. Alguém que eu certamente não deveria estar fodendo de maneira insana a noite inteira.

— Cada dia com uma diferente — ele comenta, num tom que é algo entre divertido e reprovador. — Quando você pretende me dar netos, Tom?

— Nós já falamos sobre isso. Essa parte é com a Veronica. — Mais uma vez, jogo a responsabilidade de procriar para cima da minha irmã mais nova.

— Veronica ainda está na faculdade. Quem está na idade de se casar e ter filhos é você.

Para a minha sorte, Dorothy chega nesse exato momento, me poupando de continuar com a eterna discussão sobre meu estado civil. Ela começa a arrumar os pratos e talheres, e meu coração se aperta ao notar um dos itens na bandeja: panquecas.

— Prontinho. — Ela termina de nos servir. — Me diga se ainda sei fazer seu café-da-manhã favorito.

Provo o primeiro pedaço e sou invadido pela nostalgia. Minha mãe sempre fazia panquecas para mim, dessa mesma receita. Lembro nitidamente das nossas manhãs de domingo na cozinha, quando eu a ajudava a preparar a massa e depois subia num banco para colocar na frigideira, com ela atrás de mim guiando meus movimentos para que eu não me queimasse.

Apesar do sabor delicioso, preciso engolir primeiro um nó na garganta. Já faz dez anos que ela morreu, mas sinto sua falta todos os dias.

— Está deliciosa, Dorothy. — Me esforço para sorrir. — Como sempre.

Ela me observa por alguns segundos, e então sorri.

— Sei que não são iguais às da sra. Becker, mas fico feliz que tenha gostado.

Meu pai olha para o próprio prato com a panqueca, parecendo perdido em lembranças assim como eu. É impressionante como a falta de alguém que amamos pode se tornar uma presença tão constante nas nossas vidas.

— Se precisarem de alguma coisa, é só chamar. — Dorothy se retira.

Nós dois comemos em silêncio por algum tempo, até que ele o quebra.

— Eu me lembro até hoje do dia em que conheci sua mãe. — Papai continua de cabeça baixa, como se estivesse falando mais consigo mesmo do que comigo. — Ela era a mulher mais linda que eu já tinha visto. Quando Dione sorriu para mim pela primeira vez, eu juro que meu coração parou de bater. No segundo seguinte, quando voltou, eu sabia que, daquele momento em diante, o safado bateria apenas por ela.

Eu apoio o garfo devagar, surpreso. Meu pai nunca foi um homem de expressar emoções abertamente, e admito que ouvi-lo falar sobre a minha mãe dessa forma me traz uma sensação de conforto inesperada.

Seu olhar nostálgico encontra o meu, e ele sorri.

— Eu queria muito que você experimentasse isso algum dia, meu filho. Um amor além da vida. Acompanhar o sofrimento da sua mãe quando ela ficou doente e, depois de alguns meses, perdê-la, provocou a dor mais dilacerante que alguém poderia sentir. Ainda assim, eu passaria por tudo de novo quantas vezes fossem necessárias por mais um mísero dia com ela.

Meus olhos umedecem.

— Um amor como o de vocês é para poucos, pai. Nem todos têm a sorte de viver o que vocês viveram.

Meu pai sorri e busca minha mão.

— Só te peço para ficar atento, Tom. Se, algum dia, você olhar para uma garota e não conseguir imaginar sua vida sem ela, faça todo o possível para torná-la sua para sempre.

Eu sorrio de volta.

— Pode deixar, pai. Não acho que isso vá acontecer, mas seguirei seu conselho se for o caso. — Continuamos tomando nosso café, até que eu decido fazer um comentário despretensioso: — Você passa muito tempo sozinho. Nunca pensou em se abrir para conhecer alguém novo? Uma outra mulher? Mamãe morreu há mais de dez anos.

Ele estreita os olhos para mim.

— Por que eu faria isso? Sua mãe foi o amor da minha vida, e sei que nunca mais sentirei por ninguém o que eu senti e ainda sinto por ela.

Eu me ajeito na cadeira.

— Não acho que precise ser uma competição de quem você amou mais. As pessoas são diferentes, os relacionamentos são diferentes. Você pode encontrar alguém com que goste de passar tempo, se divirta, traga leveza para os seus dias. Mesmo que não seja o grande amor da sua vida.

Meu pai, de maneira genuína.

— Meu filho, eu estou com 65 anos. Onde acha que vou conhecer uma mulher nova?

— Não precisa ser nova — arrisco, pensando na minha fanfic. Ele me encara, sem entender. — Willa, por exemplo...

— Willa?! — Papai apoia o garfo com um ruído alto. — Que ideia doida é essa?

Eu o encaro com firmeza.

— Ela esteve ao seu lado por anos. Conhece você como poucas pessoas, e sabia te acalmar como ninguém. Willa também é viúva e... eu reparava na maneira como ela corava quando você a elogiava ou comprava algum presente par ela.

Meu pai arregala os olhos, surpreso.

— Ela fazia isso? Nunca reparei.

Sorrio.

— Lembra do conselho que você me deu? Pois vou te devolver outro. — Apoio o braço na mesa e chego mais perto. — Se, algum dia, você olhar para uma mulher e pensar que a vida ao lado dela pode ser mais divertida do que passar o resto dos seus dias sozinho, não a deixe escapar.

Ele assente, devagar, e fica um bom tempo encarando a janela. Por fim, volta a comer sua panqueca, e eu não tenho a menor ideia se concordou comigo ou não.

capítulo 14

LILLY

— QUEM SÃO ESSES? — MARTINA PERGUNTA, PARANDO AO MEU LADO E CRUZANDO OS BRAÇOS.

Seu olhar acompanha o meu até as duas crianças, compenetradas na fabricação de seus brinquedos.

— São irmãos que passeiam sozinhos pelo shopping com frequência — eu explico, e então conto a história que Thomas me relatou no dia da inauguração da árvore.

— Nossa. Catando restos de comida? — Martina sacode a cabeça. — Que judiação, meu Deus.

— Pois é.

Fico mais algum tempo observando-os. O menino presta atenção o tempo todo à irmã, ajudando-a com paciência e carinho quando a menina se atrapalha com alguma coisa. Noto que a garotinha tem um ar mais tranquilo, inclusive sorri em vários momentos. Já o garoto, não. Suas sobrancelhas quase sempre estão franzidas, ele nunca sorri e frequentemente olha ao redor com uma expressão tensa, como se tivesse medo de ser pego.

Hoje, mais uma vez, eles chegaram sozinhos. Deram seus nomes para pegar a senha para a oficina mais cedo, sumiram por algum tempo e retornaram no horário agendado. Sou boa em reparar nos detalhes, e não me passou despercebido que seus casacos velhos e finos demais para essa temperatura são os mesmos que estavam usando na primeira vez em que os vi. Os cabelos lisos e longos da menina estão presos em duas tranças meio tortas, que não parecem ter sido feitas por um adulto. Os dois estão com as bochechas vermelhas, queimadas pelo frio.

Essas crianças estão sendo negligenciadas, não tenho mais muitas dúvidas. A questão é: o que fazer para ajudá-los? Lembro bem que, quando Thomas tentou abordar os dois, eles fugiram. Tenho medo de fazer o mesmo hoje e eles nunca mais aparecerem aqui.

Como não acho que me associaram a Thomas naquele dia, eu decido arriscar uma aproximação cuidadosa.

— Já volto — aviso à Martina.

Circulo pelas mesas devagar, propositalmente falando com várias outras crianças antes de chegar neles. Quando finalmente paro ao lado da menina, eu comento:

— Seu ursinho está lindo.

Ela levanta os olhos castanhos brilhantes na minha direção e sorri.

— Obrigada, O nome dele é Puzzle.

Eu sorrio de volta.

— Que nome criativo.

— Está vendo como o corpinho dele é feito com vários pedaços de tecido costurados? — A garotinha começa a explicar.

— Sim.

— Eles parecem ter sido feitos para se encaixar dessa forma, e formar um ursinho. Como num quebra-cabeças. Por isso, dei a ele o nome de Puzzle.

Meu coração amolece com tanta doçura.

— Pois eu adorei o nome que você escolheu. E o seu nome, qual é?

Noto seu irmão me observando discretamente, como se tentasse decidir se eu sou ou não uma ameaça. Sinto uma dor quase física ao imaginar pelo que essas crianças vêm passando.

— Kaylee. Tenho seis anos. — Ela aponta para o menino, com um ar orgulhoso. — E esse é meu irmão, Dexter. Ele tem quase dez anos.

— É um prazer conhecer vocês dois — digo. Em seguida, checo as horas. — A oficina vai fechar em dez minutos. Acham que conseguem terminar antes de seus pais chegarem para buscar vocês?

Deixo a frase no ar, para tentar pescar alguma informação.

— Ah, nossos pais morreram — Kaylee diz, com naturalidade.

Eu engulo em seco.

— Sinto muito. — Olho para os dois. — Quem vem buscar vocês, então?

— Nossa avó — Dexter responde, rapidamente. — Ela marcou na porta do shopping.

— Hum, entendi.

O garoto vai ficando nitidamente nervoso. Ainda faltam alguns detalhes no brinquedo de ambos, mas ele fica em pé e diz:

— Inclusive, é melhor que a gente vá logo para não deixá-la esperando.

Kaylee olha para o irmão, inconformada.

— Mas ainda falta colocar os lacinhos, Dex.

Ele segura seu braço fino com gentileza e firmeza.

— Podemos completar em casa. A vovô ajuda a gente. Agora, vamos.

A menina lança um último olhar comprido para a cesta cheia de lacinhos, mas por fim obedece.

— Tudo bem.

— Tchau, senhorita. — Ele se despede, já puxando a garotinha para fora da oficina.

Eu caminho até a porta atrás deles, angustiada. Kaylee olha para trás uma última vez, sem parar de andar, e sorri. Eles começam a se afastar pelo corredor do shopping e eu sinto uma angústia crescente me dominando. Corro até Martina e peço:

— Você pode fechar a oficina hoje? Eu preciso ir, é urgente.

Ela franze a testa, mas não faz perguntas.

— Vá. Só me dê notícias mais tarde.

— Pode deixar.

Agarro minha bolsa e meu casaco e vou vestindo no caminho. Ando na mesma direção para onde eles foram, com medo de não os encontrar mais. Para o meu alívio, vejo os dois alguns metros à frente, caminhando com pressa. Eu os sigo, sem ter a menor ideia do que pretendo com isso.

Os irmãos saem por uma porta lateral do shopping. Silenciosamente, eu torço mais uma vez para estar errada e ter uma avó ali os aguardando. Obviamente não há ninguém. Eles vão andando pela calçada escura e vazia, encolhidos em seus casacos finos demais.

Eu os sigo, mas mantendo uma boa distância para que não percebam. Tiro da bolsa um gorro e um par de luvas, porque está frio demais aqui fora. Os dois devem estar congelando, meu Deus. Que sensação horrível de impotência.

Quinze minutos depois, ainda estou andando atrás das crianças, e começo a ficar com medo. Não tenho ideia de para onde eles estão indo, mas os arredores vão ficando cada vez mais sinistros.

Desistir agora não é uma opção, porém, não posso colocar minha segurança em risco dessa maneira. Continuo andando, sem perdê-los de vista, enquanto penso no que fazer. Apenas uma pessoa me vem à mente, e eu pego o telefone para fazer a ligação.

— Lilly? — Thomas atende no segundo toque, e consigo sentir o sorriso na sua voz.

Eu sorriria também, se não estivesse tão tensa.

— Oi — sussurro. — Tenho que falar baixo, mas eu preciso de ajuda.

— O que houve? — O tom muda na mesma hora. — Onde você está?

Eu resumo brevemente os fatos, me esforçando para manter os dois no meu campo de visão à distância.

— Me manda sua localização em tempo real. Estou indo te encontrar.

Desligo e faço o que ele pediu. Depois, enfio as mãos enluvadas nos bolsos do casaco e me encolho, para me proteger do frio. Enquanto ando, meu pensamento retorna para a última noite. O que eu vivi com Thomas mexeu comigo de uma maneira bastante intensa.

Não foi apenas o sexo espetacular. Nós conversamos um tempão abraçados na minha cama, fizemos um lanche rápido no meio da madrugada que terminou com Thomas me comendo na bancada da cozinha, tomamos banho juntos, dormimos juntos... Apesar de toda a intensidade durante a transa, ele se mostrou um cara surpreendentemente carinhoso também.

Esse foi o maior problema, eu acho. Se Thomas tivesse sido mais seco, mais distante depois do sexo, eu provavelmente teria lidado com a situação de uma forma mais tranquila. Teria sido uma espécie de confirmação do quanto nós dois somos incompatíveis.

Só que não foi bem assim.

Eu acabei me envolvendo de uma maneira inesperada, e entrei em pânico. Já basta uma desilusão amorosa com amigo de infância. Eu *certamente* não preciso da segunda. Até por isso, eu o expulsei da minha casa, para colocar logo um ponto final nisso.

Pensei em Thomas o dia inteiro? Sim.

Planejava encontrá-lo novamente tão cedo? Não.

Mas essa é uma situação de força maior, e o único motivo pelo qual eu liguei foi ajudar essas crianças. Não tem absolutamente nada a ver com estar sentindo a falta dele.

Menos de cinco minutos depois, um carro diminui a velocidade e para ao meu lado.

— Entra — Thomas pede. — A gente segue os dois daqui, bem devagar.

Eu obedeço, até porque estou começando a deixar de sentir as pontas dos meus dedos. Já no carro, eu esfrego as mãos na frente da saída de ar quente e pergunto:

— O que vamos fazer?

Thomas segue olhando para frente, onde os meninos atravessam uma rua.

— Ainda não sei. Vamos torcer para estarmos perto da casa deles.

Como se alguém lá em cima tivesse ouvido esse pedido, Dexter abre um portão velho e enferrujado e entra com a irmã. Thomas segue bem devagar e estaciona na frente da casa suja e mal conservada.

Ele apaga os faróis e nós ficamos em silêncio, esperando. Ao invés de acenderem as luzes, vemos um brilho de velas lá dentro.

— Meu Deus! — Cubro a boca com as mãos. — Eles não têm nem luz.

— Será que têm calefação? — Thomas pergunta, inclinando o tronco sobre o volante para enxergar melhor. — Começo a achar que não.

Eu o encaro, com o coração acelerado.

— Nós precisamos bater lá. Fazer alguma coisa.

Ele respira fundo.

— Lilly, estou tão preocupado quanto você, mas não temos qualquer autoridade para fazer isso.

— Não importa — respondo, decidida. — Eu vou entrar, porque não conseguirei ir embora e deixá-los assim. Você pode ir para casa, se quiser.

Thomas me encara.

— Se você cogita a possibilidade de eu te deixar aqui sozinha, não conhece absolutamente nada a meu respeito.

Um pequeno sorriso curva o canto da minha boca.

— Eu imaginei que diria isso.

Ele devolve meu meio sorriso.

— Não sei como isso foi acontecer, mas parece que agora tudo que eu faço é atender seus desejos. — Thomas me encara de um jeito tão intenso que meu coração até acelera um pouco. Por fim, ele desliga o motor e suspira. — Vamos, Lillyanne. Está na hora de descobrir a verdade sobre esses meninos.

capítulo 15

THOMAS

SAÍMOS DO CARRO TENTANDO FAZER POUCO BARULHO. ANDAMOS PELA CALÇADA ESBURACADA ATÉ o pequeno portão, que se abre com um rangido quando o empurro. O quintal está em péssimo estado, com mato seco e algumas velharias de metal enferrujadas.

Subimos os dois degraus de madeira e chegamos no alpendre. Coloco meu corpo na frente de Lilly, porque não tenho ideia do que vamos encontrar lá dentro. Respiro fundo antes de bater com firmeza na porta.

Vários segundos se passam, e a única mudança é que o brilho fraco da vela através da janela empoeirada some. Lá dentro, está tudo um breu e no mais completo silêncio.

— Eles não vão abrir — Lilly sussurra atrás de mim, angustiada.

— Calma.

Mais um tempo se passa, e começo a achar que ela tem razão. Fico pensando nas alternativas. A porta de madeira parece parcialmente podre, e não deve ser difícil de arrombar. Contudo, que direito eu tenho de fazer isso? Pior, imagina o pavor que essas crianças sentirão com um estranho invadindo sua casa?

Precisamos de outra estratégia. Penso por alguns segundos, e decido arriscar algo diferente.

— Dexter, Kaylee, aqui é Thomas. Vocês me conheceram no shopping, na praça de alimentação. Eu estou com uma amiga, Lilly, que coordena a oficina de brinquedos. Nós sabemos que estão aí dentro, e só queremos conversar. Ninguém vai machucar vocês.

Lilly segura meu braço e cola o corpo ao meu, provavelmente por causa da tensão e do frio. A sensação é gostosa demais, mas não é hora de pensar nisso. Como as crianças não respondem, eu decido ser um pouco mais firme.

— Entendo que vocês não confiem na gente. Porém, se não abrirem, precisaremos ir até uma delegacia e fazer uma denúncia. Há motivos suficientes para acreditar que vocês estão sendo vítimas de negligência e precisam de ajuda.

Logo em seguida, uma fresta da porta se abre. A luz fraca do poste na calçada ilumina o rosto pálido e apavorado de Dexter.

— Por favor, não façam isso — ele sussurra.

Sinto uma pontada no peito com a expressão de desolação do menino.

— Podemos entrar? — pergunto. — Só queremos conversar com vocês.

Após alguma relutância, o garoto concorda. Dá um passo para trás e abre mais a porta, nos dando acesso. Eu seguro a mão de Lilly de um jeito protetor e entramos juntos na casa fria e

malcheirosa.

— Vou acender a vela outra vez — Dexter murmura.

Enquanto ele faz isso, eu ligo a lanterna do celular e ilumino o local, me mantendo junto à saída. Ainda não sei exatamente o que existe aqui dentro, e se pode ser perigoso. O facho de luz ilumina os móveis velhos, as paredes sujas, e então o rostinho assustado de Kaylee no sofá. Ela protege os olhos com a mão antes que eu desvie a lanterna para outra direção.

— Vocês estão sozinhos? — Lilly pergunta.

— Sim — Dexter admite, com relutância, depois de acender a vela.

— Há quanto tempo? — É minha vez de perguntar.

Ele olha para a irmã, parecendo debater se deve falar a verdade. A garotinha abraça os joelhos.

— Conta pra eles, Dex. Acho que são legais e não vão fazer maldade com a gente.

Lilly aperta minha mão mais forte. Sei que ela está devastada com a situação, porque eu também estou. Dexter aponta para os sofás puídos.

— Vocês querem sentar?

— Sim. — Talvez fiquemos menos ameaçadores sem tanta diferença de altura em relação a eles. Puxo a mão de Lilly, e nos acomodamos lado a lado no assento duro. — Obrigado.

O garoto se acomoda ao lado da irmã e a abraça.

— Vou contar a história a vocês — ele diz, mantendo alguma hesitação. — Mas, *por favor*: não chamem ninguém. Eles vão nos separar e levar para aquelas casas horríveis.

Eu o encaro com empatia, na esperança de fazê-lo confiar em nós.

— Só queremos entender a melhor maneira de ajudar vocês. Fique tranquilo.

Dex assente, sério, e respira fundo.

— Nossos pais morreram quando Kaylee tinha três anos e eu, seis. Nossa avó contou que eles deviam dinheiro para um cara mau, que entrou na nossa casa e matou os dois. Nós estávamos dormindo, e eles não machucaram a gente. Kay não lembra de nada, mas eu ouvi o barulho dos tiros e nunca esqueci.

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago ao ouvir essa história.

— Meu Deus... — Lilly murmura baixinho e cobre a boca com a mão.

— Depois disso — o menino continua —, nós fomos levados para lares temporários. Ficamos lá por um tempo, até que acharam nossa avó aqui em Seattle. A gente morava em Montana. Disseram que era nossa única parente, e ficaria com a nossa guarda. Ela foi nos buscar e nos trouxe para cá.

— Isso faz quanto tempo? — questiono.

— Três anos — Dexter diz.

— Vovó Ruth não gosta muito da gente — Kaylee comenta.

— Kay... — o irmão a repreende.

— Mas é verdade!

— Como assim, princesa? — Lilly inclina o corpo para frente, chegando um pouco mais perto da menina.

Ela dá de ombros.

— Disse que nossa mãe era ruim, que só arrumava problemas, até depois de morta. Que ela não queria ter que cuidar de duas crianças, que a gente dava muita despesa e comia demais, e o dinheiro que ela recebe do governo por nossa causa não é suficiente.

Lilly olha para mim, horrorizada.

— E onde está a avó de vocês? — Tento manter um tom neutro, mas é difícil diante de tudo

que estamos ouvindo.

— Ela viajou — Dexter responde. — Disse que ficaria fora uns dias e deixou um pouco de dinheiro comigo. Não é a primeira vez que Ruth faz isso, então estamos acostumados. Só que, nas outras, ela voltava em, no máximo, uma semana. Dessa vez, já faz mais de três.

Lilly aperta minha mão com força outra vez.

— Vocês estão sozinhos aqui há quase um mês? — A voz dela está fraca, como se não acreditasse no que acabamos de escutar.

— Sim. — Dexter traz a irmã para mais perto de si. — Alguns dias depois que vovó foi embora, o dinheiro começou a acabar. Precisávamos falar com ela, mas não temos telefone. Eu entrei uma loja do shopping, inventei que tínhamos desencontrado dela e pedi para ligar para o seu número. Eles acreditaram e me deixaram fazer a ligação, mas o celular estava desligado. Para ninguém desconfiar, eu fingi que estava falando com a minha avó e ia encontrá-la na entrada principal. — O menino abaixa a cabeça. — Depois disso, eu não sabia o que fazer, porque cortaram nossa luz e não tinha mais comida em casa. Aí, comecei a ir com Kaylee todos os dias ao shopping depois da escola. Sempre conseguíamos algo para comer na praça de alimentação, e lá é quente. Fazemos nosso dever de casa lá mesmo, e só voltamos para casa na hora que as lojas fecham.

Eu e Lilly nos entreolhamos, chocados demais até para raciocinar. Eu respiro fundo, porque preciso pensar em soluções.

— Vocês não têm ninguém que possa ajudar?

— Não. — Dex dá de ombros. — Só ela.

— Sua avó viajou sozinha? — Lilly pergunta. — Disse para onde ia?

— Ela foi com um namorado novo, que a gente mal conheceu. Só sabemos que o apelido dele é Rocky. Ruth nunca dizia para onde ia, ela só avisava que estava saindo.

Lilly inclina o corpo para frente ainda mais e busca a mão de Dexter.

— Dex, eu entendo seu medo de serem levados para lares temporários e separados, mas não podemos deixar vocês aqui nessa situação. Enquanto tentamos descobrir onde está sua avó, vocês precisam de cuidados. — Ela tira a luva e toca a bochecha do menino. — Vocês estão desnutridos, gelados, morando sozinhos num local insalubre. Não podemos virar as costas e deixá-los nessa situação. Temos que avisar a alguém que possa ajudá-los.

O queixo do garoto começa a tremer e ele abraça a irmã.

— Não, por favor. Eles vão separar Kaylee de mim, e eu sou tudo que ela tem. Preciso cuidar dela. Por favor, não chamem ninguém. Estou implorando.

A garotinha, notando o desespero do irmão, começa a chorar também.

— Não quero ficar longe do Dex...

As lágrimas começam a correr no rosto dos dois, e Lilly olha para mim, completamente perdida.

Que situação desesperadora... Não tenho ideia de como podemos ajudar essas crianças sem envolver as autoridades. Preciso conversar com Lilly, mas não na frente deles.

— Vocês podem nos dar um minuto? — peço, levantando e trazendo Lilly comigo. — A gente já volta.

Saio da casa com ela e fecho a porta, me encolhendo no pequeno alpendre por causa das lufadas de vento gelado.

— Seguinte — digo, tentando organizar o raciocínio —, posso pedir ao detetive particular que faz uns trabalhos pra gente no escritório para localizar essa avó. As crianças devem ter algum documento dela, então essa parte não deve ser muito difícil.

— Ótimo. — Lilly solta o ar, parecendo animada por termos ao menos o começo de um plano. — Mas, e enquanto isso?

Essa é a parte difícil.

— Só temos duas opções. — Enfio as mãos nos bolsos do casaco e troco o peso de perna. — Ou chamamos as autoridades e eles serão levados para lares temporários, provavelmente separados, ou eles continuam aqui.

Lilly balança a cabeça em negativa.

— Ambas são péssimas.

Eu ergo um ombro.

— Qual a solução, Lilly? Levar as crianças para a nossa casa? — pergunto, em um tom sarcástico. A maneira como o olhar dela se ilumina me diz que foi uma péssima ideia sequer mencionar isso. — Não, você não está realmente considerando...

— Seria só por uns dias, Thomas.

Meu Deus, ela está.

Respiro fundo e seguro seus ombros.

— Lilly, sei que agora você é uma decoradora brilhante, mas ainda tem um diploma de direito. Quais você acha que seriam as consequências se descobrissem que você sequestrou dois menores de idade e colocou no seu apartamento?

Ela ri. Claramente de nervoso.

— Não seja dramático, Thomas. Não seria um sequestro. Essas crianças estão abandonadas à própria sorte há quase um mês, ninguém se importa com elas. Quem me denunciaria?

— Eu sei lá, mulher! Acha que seus vizinhos achariam super normal se você aparecesse lá com duas crianças claramente desnutridas e negligenciadas do dia para a noite? Ninguém faria perguntas?

Lilly hesita, mas assume uma postura defensiva.

— Eu invento uma história, se precisar. — Seu olhar aflito encontra o meu. — Olha a situação em que esses meninos estão, Thomas.

— Eu estou vendo! Entendo sua preocupação, mas será que *você* entende que estaria correndo o risco de ser presa?

Ela levanta o queixo, determinada. Eu conheço essa expressão muito bem, e sei exatamente aonde isso vai levar.

— Não vou deixá-los aqui, nem vou procurar as autoridades enquanto não soubermos onde a avó está. Se você tiver uma alternativa melhor, sou toda ouvidos.

Ferrou. Ela vai levar essas crianças para casa.

Olho para a rua feia e deserta, correndo a mão pelo cabelo. Não posso deixá-la se expor dessa forma. Lilly tem vários vizinhos no prédio onde mora. Imagina se um deles vê as crianças, desconfia de algo e faz uma denúncia?

Volto a olhar para ela. Sua expressão pode parecer segura e confiante a uma análise menos atenta, mas dá para ver que, por trás de tanta determinação, Lilly está assustada. Seu desejo de proteger essas crianças será capaz de fazê-la assumir um risco gigantesco, inclusive de ser presa.

Mordo o lábio inferior e olho para cima, sem acreditar no que eu estou prestes a dizer. Quando a encaro novamente, meu tom é de resignação.

— Eu só vou permitir essa loucura com uma condição.

Ela cruza os braços.

— *Permitir*?

Eu bufo. Mas que mulher orgulhosa!

— Cacete, Lilly, isso não foi uma declaração machista. Sei que você não precisa da minha autorização para fazer droga nenhuma. Caso ainda não tenha percebido, eu estou preocupado pra caralho com você e tentando ajudar. Pode apenas me ouvir por um instante?

Seu rosto relaxa e quase consigo ver a sombra de um sorriso.

— Estou ouvindo.

— Ficar com esses meninos no seu prédio é arriscado demais. Você tem vizinhos, que podem estranhar essa movimentação com duas crianças desconhecidas no seu apartamento. Eu moro sozinho, numa casa onde mal dá para saber que existem outros seres humanos em volta.

Lilly estreita os olhos.

— Está sugerindo que *você* fique com eles?

Eu balanço a cabeça e rio de nervoso diante dessa ideia.

— Obviamente não. Eu não tenho a menor noção de como cuidar de duas crianças, e nem pretendo aprender. Estou sugerindo que *você* fique com eles durante esses dias, mas na *minha* casa.

Os lábios cheios se abrem no formato de um O.

— Você não pode estar falando sério — Lilly murmura. — Não vou morar na sua casa.

Essa história que, até então, era apenas uma tragédia, começou a parecer um pouco mais interessante. Cruzo os braços e a encaro com um sorrisinho.

— Por quê? Está com medo de não resistir a mim se estivermos sob o mesmo teto?

Lilly desvia o olhar.

— Não seja ridículo, Thomas.

Deixo as brincadeiras de lado ao lembrar que não estou aqui para provocá-la, e sim para ajudar as crianças.

— Agora falando sério, Lilly. Essa é a alternativa mais segura, se você quer mesmo fazer isso. Tenho certeza de que encontraremos a tal avó em pouco tempo, mas, nesse período, você e as crianças estarão numa situação menos arriscada. Estarei lá com vocês para dar algum apoio, e dificilmente alguém sequer notará a presença dos dois. Se você pensar bem, é o que faz mais sentido.

Após alguns segundos de reflexão, ela suspira.

— Você está sendo muito generoso, na verdade. Talvez seja mesmo a melhor alternativa.

É estranho o quanto a resposta dela me deixa aliviado e feliz, mas não quero pensar demais sobre esse assunto. Temos questões de ordem prática para resolver.

— Ótimo. Vamos propor isso a eles, então.

Voltamos para o interior da casa. Os dois estão sentados no sofá, na mesma posição, abraçados e chorando baixinho.

— Temos uma proposta a fazer para vocês — aviso.

Dex passa a mão nas bochechas e levanta o rosto para mim, com um ar cauteloso.

— Qual?

Lilly agacha na frente dos dois e segura suas mãos.

— Vamos arrumar um jeito de encontrar a avó de vocês. Isso deve acontecer em poucos dias. Mas, enquanto isso, queremos que vocês fiquem com a gente, na casa do Thomas.

O rostinho de Kaylee se ilumina com um sorriso, e ela olha para o irmão.

— Nós podemos? — pergunta, esperançosa.

Dexter parece dividido e extremamente inseguro. Não consigo nem imaginar como deve ser o peso que esse menino carrega nos ombros com apenas nove anos, tendo que ser responsável por si mesmo e pela irmã.

— Não sei... — ele murmura, de cabeça baixa.

Eu me junto a Lilly na frente deles, ergo seu queixo com delicadeza e olho no fundo dos olhos castanhos.

— Dex, eu sei que você tem precisado ser forte e maduro para cuidar da sua irmãzinha, e está fazendo um excelente trabalho. Nós só estamos tentando te ajudar um pouquinho. Acha que pode confiar na gente?

Ele olha de um para o outro, provavelmente tentando adivinhar se deveria mesmo acreditar nas nossas intenções. Por fim, suspira e concorda.

— Tudo bem.

Kaylee comemora, e noto que Lilly está contendo a emoção. Eu mesmo preciso engolir um nó que se formou na minha garganta.

— Fico honrado pela sua confiança, Dexter — digo, com sinceridade. Em seguida, levanto e sorrio para os dois. — Peguem, por favor, o que acharem necessário e vamos para a minha casa.

— Posso ajudar vocês? — Lilly pergunta, ficando de pé também.

Os dois concordam. Kaylee sai correndo na frente, enquanto seu irmão vai atrás com Lilly, levando a vela com cuidado. Antes de desaparecer em uma das portas, ele se vira para trás e me oferece um pequeno sorriso.

— Obrigado.

Quando fico novamente sozinho, só consigo pensar que tudo isso pode ser uma grande loucura, mas poucas coisas na minha vida pareceram tão certas quanto essa decisão.

capítulo 16

LILLY

DEPOIS DE PASSARMOS RAPIDAMENTE NA MINHA CASA PARA QUE EU FIZESSE UMA PEQUENA MALA pros próximos dias, estamos a caminho da casa de Thomas. Ele e as crianças me esperaram no carro, para não levantar suspeitas.

Quando ajudei os meninos a arrumarem as coisas um pouco mais cedo, notei que suas roupas eram pouquíssimas e estavam mesmo em péssimo estado, assim como seus itens de higiene pessoal. Assim que entrei no meu apartamento, pesquisei na internet e descobri que existe um Walmart no caminho para o bairro de Thomas que fica aberto até onze da noite.

Assim que volto para o carro com as minhas malas, ele sai para me ajudar a guardá-las no bagageiro.

— Podemos dar uma passada rápida no Walmart? — sussurro. — Quero comprar algumas coisas para eles.

Thomas me encara de lado com um pequeno sorriso, enquanto empurra a segunda mala mais para dentro.

— Podemos.

Ele fecha o porta-malas e nós entramos no veículo luxuoso. Enquanto prendo o cinto de segurança, olho para trás.

— Tudo bem por aí?

Os dois estão sentados lado a lado, de mãos dadas, com o cinto afivelado. Kaylee parece relaxada, enquanto Dexter continua tenso.

— Sim, senhorita — ele diz. — Obrigado.

Eu sorrio.

— Podem me chamar de Lilly.

— Seu nome é bonito — a garotinha diz.

— Obrigada, meu bem.

Thomas dirige em silêncio, olhando furtivamente para mim de vez em quando. Fui pega de surpresa pela proposta dele e admito que estou nervosa com a ideia de dividir a casa com esse homem, mesmo sendo por pouco tempo.

Depois do que aconteceu entre nós, eu tinha esperanças de que a distância me ajudasse a tirá-lo da cabeça. Pelo visto, esse plano precisará ser adiado em alguns dias. O bem-estar das crianças é mais importante que minha dificuldade em superar a atração por Thomas Becker, e tentarei me lembrar disso.

Quinze minutos depois, ele estaciona no Walmart e eu viro para trás.

— Crianças, vamos fazer uma parada rápida aqui. — Olho especificamente para Dexter. — Eu ficaria muito feliz se vocês aceitassem alguns presentes meus. Muito mesmo. O que acham?

Kaylee franze a testinha.

— Presentes? Que tipo de presentes?

— Algumas roupas mais quentes, escovas de dentes novas, sapatos... essas coisas.

Dexter involuntariamente esconde o tênis furado sob o outro pé, e a cena parte meu coração em mil pedaços.

— Não precisa gastar dinheiro com a gente — ele diz. — Vocês já estão fazendo muito.

Thomas observa todo o diálogo com atenção, mas me deixa conduzir a situação. Fico grata por isso.

— Sei que não preciso — digo, com suavidade. — Como expliquei antes, isso é algo que me deixaria muito feliz, e mais tranquila por saber que vocês estão confortáveis e aquecidos. Não é caridade, Dex. É um gesto de carinho de uma amiga, e não tem nada de vergonhoso em aceitar presentes de pessoas que se importam com a gente.

Ele pensa um pouquinho, antes de concordar.

— Tá certo. Obrigado, Lilly.

Sorrio, satisfeita como se tivesse ganhado um prêmio.

— Então, vamos lá! — chamo, animada.

Saímos do carro e caminhamos os quatro juntos para o interior da loja de departamentos. Eu me dirijo diretamente à seção infantil, e começo a olhar as araras.

— Se acharem algo que gostem, podem colocar na sacola. — Entrego uma a Dexter.

Os irmãos começam a mexer nas peças penduradas timidamente, e eu os observo. Thomas também olha alguns itens, parecendo tão deslocado entre as roupas pequenas e coloridas quanto um pinguim no deserto do Saara. Quando ele segura um vestido cheio de babados, faz uma expressão tão engraçada que eu acabo rindo.

Volto minha atenção outra vez para as crianças e percebo que os olhinhos de Kaylee brilham ao segurar um casaco rosa acolchoado, com estampa de coroas. Ela mostra ao irmão, que vai direto na etiqueta. Ao ver o preço, ele faz que não com a cabeça, e o rostinho dela murcha ao colocar o casaco de volta na arara.

Ando até eles com calma e digo:

— Kaylee, pode dar uma olhada naquelas camisolas, por favor? Veja se alguma te agrada.

A menina obedece, meiga como sempre. Eu me viro para Dexter com um sorriso.

— Obrigada pela preocupação em checar os preços antes de escolher. Isso mostra que você é um menino muito educado e respeitoso, Dex.

Ele abaixa o rosto, sem jeito.

— Aquele casaco é caro demais. Podemos achar outro mais em conta.

Agacho na sua frente, para que olhe para mim.

— Ainda que eu aprecie muito esse cuidado, preciso te contar uma coisa. Felizmente, eu posso pagar por essas peças. Mesmo que vocês levem muitas coisas, é um valor não me fará falta. Então, gostaria de te pedir para escolher sem olhar as etiquetas. Você concorda?

Dexter me encara, seus olhos castanhos sinceros me analisando com atenção.

— Tem certeza de que não vai te atrapalhar?

— Absoluta. Você não imagina o quanto estou satisfeita por presentear vocês.

Por fim, ele cede.

— Tudo bem. Vou deixá-la escolher o que ela quiser.

— E você também.

O menino delicadamente ignora essa última frase, e se concentra em ajudar a irmã. Quando vê o casaco rosa nas mãos dele, Kaylee abre o maior sorriso do mundo.

— Eu vou mesmo levar?

Ele assente, e a garotinha abraça o casaco como se fosse a coisa mais linda que já viu. Meus olhos marejam, e eu preciso respirar fundo para não começar a chorar aqui no meio da loja.

— Você é uma pessoa incrível, Lilly Barrington. — A voz de Thomas no meu ouvido me pega de surpresa. Eu viro o rosto para encará-lo, e me deparo com o seu sorriso. — A cada dia, me surpreendo mais com você.

Eu sorrio de volta, feliz, mas também um pouco tímida com o comentário.

— É impossível não se encantar por eles — digo.

— Concordo plenamente.

Observamos os dois, que agora parecem um pouco mais relaxados e entretidos na escolha das roupas. Noto que a cesta já tem umas seis ou sete peças para Kaylee, mas quase nada para Dexter.

Já percebi que esse será um desafio maior, então decido fazer um pouco por minha conta.

— Pode ficar de olho neles um pouco? Garanta que Kaylee escolherá roupas suficientes, assim como pijamas, acessórios de frio, meias e calcinhas — peço a Thomas.

— Vou me esforçar. — Ele sorri, com seu charme irresistível de sempre.

Pego outra sacola e começo a selecionar roupas de menino. Escolho um casaco bem reforçado, luvas, gorro, pijamas, camisas de manga longa, calças, moletons, mas também algumas camisetas e bermudas para que ele tenha o que vestir no verão. Sei que não posso comprar um guarda-roupas inteiro hoje, mas, como não sei quando será minha próxima oportunidade de fazer isso, acabo exagerando um pouquinho.

Chego à seção de sapatos, e fico em dúvida do tamanho. Kaylee está experimentando uma bota rosa com a ajuda de Thomas, então aproveito para chamar Dexter. Ele vem até mim na mesma hora.

— Pode ver se esse aqui cabe em você? — Entrego um tênis branco que parece quentinho e confortável.

Dex checa a numeração. Em seguida, senta e calça o primeiro pé.

— Ficou ótimo — ele diz, retirando o tênis e me devolvendo.

Eu sorrio.

— Obrigada.

Escolho mais alguns pares do mesmo tamanho e coloco em outra sacola de tecido. Quando me dou por satisfeita, sinalizo para Thomas que volto logo e ando até a seção de higiene pessoal. Pego escovas e pasta de dentes, shampoo e condicionador infantis, um hidratante próprio para crianças e retorno para onde eles parecem ter concluído as compras de Kaylee.

Vamos andando juntos até a saída.

— Você pode me deixar pagar? — Thomas sussurra no meu ouvido.

— De jeito nenhum — respondo.

— Por que isso não me surpreende?

Fico surpresa e agradecida quando ele tem a sensibilidade de chamar as crianças para escolher um sorvete enquanto eu passo as compras no caixa. Prefiro que Dexter não saiba o valor total, porque sei que pode ficar desconfortável.

Depois de vinte minutos, já estamos todos no carro, a caminho da casa de Thomas. Descubro que chegamos quando ele embica em frente a um portão de metal preto, ladeado por um muro

alto coberto de hera que esconde completamente a propriedade. Ele não estava mentindo quando disse que ninguém saberá que estamos abrigando crianças aqui sem autorização.

O portão se abre quando Thomas aciona o controle remoto e, em menos de um minuto, estamos estacionando na garagem espaçosa. Assim que saímos do carro, percebo que é uma construção moderna em tijolos aparentes e estrutura metálica preta, com um jardim bem cuidado na frente que parece se estender também para os fundos.

— Sejam bem-vindos — Thomas diz, ao abrir a porta principal e nos dar passagem. — Podem ir se acomodando que eu vou pegar as coisas no carro.

Eu olho ao redor, impressionada com a beleza do lugar. A sala ampla tem pé direito duplo, um paredão de vidro no fundo e uma grande lareira na lateral direita. A cozinha é integrada, e repleta de eletrodomésticos modernos. Sofás de couro marrom em L e um tapete felpudo cor de marfim completam o ambiente decorado com bom gosto e elegância, mas sem deixar de ser aconchegante.

Reparo que é parecida com a casa de Landon. Inclusive, ambas ficam no mesmo bairro.

— Uau — Kaylee murmura, baixinho. — Que casa bonita.

Dexter permanece de mãos dadas com a irmã, observando tudo em silêncio.

— Vou mostrar o quarto de vocês — Thomas avisa, ao entrar carregando minhas malas e as sacolas do Walmart.

Ele deixa as valises na sala e chama os meninos. Eles entram pela primeira porta à direita no corredor da ala íntima, e eu aguardo na sala. Pouco tempo depois, Thomas retorna.

— Agora é a sua vez.

Eu seguro as alças das duas malas de rodinha e vou deslizando na direção do corredor. Thomas retira com gentileza das minhas mãos e leva até a outra porta do lado direito. Ele acende as luzes e eu fico impressionada com o tamanho do quarto.

— Nossa — murmuro, olhando para a cama queen. — Sua casa é linda.

Ele sorri.

— Obrigado. — Em seguida, anda até o fundo do cômodo e abre outra porta. — Aqui é o seu banheiro. Fique à vontade se quiser tomar um banho antes de jantarmos.

Eu checo as horas.

— São quase dez e meia. Será que eles têm aula amanhã?

Thomas confirma.

— Sim. Entrarão de férias só na outra semana.

— Bem, vamos agilizar as coisas então, para eles não dormirem tarde demais. — Cruzo os braços, subitamente tensa por estar sozinha num quarto com ele. — Quer que eu prepare algo para jantarmos?

— Minha cozinheira deixou salada, purê de batatas e peixe grelhado. Acha que é adequado para eles?

Eu sorrio com a preocupação de Thomas com as crianças.

— Tenho certeza de que eles vão adorar. — Olho na direção do banheiro. — Vou tomar um banho rápido, então.

— Claro. — Ele anda até a saída do quarto e para por um segundo com a mão na maçaneta, já do lado de fora. — Estou feliz por vocês estarem aqui.

Sem esperar uma resposta, Thomas fecha a porta, me deixando sozinha. Eu sento na cama e solto um longo suspiro. Meu olhar encontra uma fotografia pendurada na parede que parece ter sido tirada há muitos anos, de Thomas com seus pais e sua irmã. Eu sorrio, com uma sensação gosta de bem-estar.

Sei que preciso ter muito cuidado para não me apegar demais a essa situação temporária, mas admito que também estou feliz por estar aqui.

capítulo 17

THOMAS

— THOMAS? — MEU PAI ENFIA A CABEÇA PELA PORTA DA MINHA SALA. — POSSO FALAR UM instante com você?

Eu tiro os olhos do computador.

— Claro. Entre.

Ele se acomoda numa das cadeiras confortáveis que ficam em frente à minha mesa.

— Está tudo bem, meu filho?

Eu franzo a testa por causa da pergunta inesperada.

— Tudo ótimo. Por quê?

— Tenho achado você diferente nesses últimos dias. Mais disperso, saindo mais cedo do escritório... — Meu pai é esperto como uma águia, e já está sentindo algo no ar. — Você não pretende me explicar o motivo?

Como se eu pudesse fazer isso. Não é que eu não confie no meu pai, mas sei que ele ficaria horrorizado com o que estamos fazendo e não mediria esforços para "remediar" a situação.

Hoje é quarta-feira, terceiro dia desde que os três se mudaram para a minha casa. Desde então, minha rotina realmente sofreu uma mudança drástica. De manhã, eu levo as crianças para a escola e Lilly vai para o shopping logo em seguida. Ela sai mais cedo, deixando a supervisão da oficina a cargo de Martina e uma outra funcionária de confiança no período da tarde e noite. Busca os meninos na escola e os leva de volta para a minha casa. Nós quatro jantamos juntos, e no dia seguinte tudo recomeça.

Tenho tentado ir para casa cedo, porque a verdade é que estou gostando da companhia de Lilly e das crianças, e sei que, em breve, todos eles irão embora.

— Tenho andado envolvido com algumas questões pessoais, nada demais — desconverso, respondendo à pergunta do meu pai. — Não há nenhum motivo para se preocupar.

Ele não parece muito convencido.

— Você sabe que pode me pedir ajuda, se precisar de alguma coisa.

— Sei disso. — Sorrio, porque, mesmo com esse jeito mais durão, sei que o velho tem um coração enorme. Olho de relance para o relógio antigo na parede. Já são quase cinco horas. — Como eu disse antes, está tudo ótimo. Só estou precisando sair mais cedo temporariamente, mas não deixarei nenhum furo por aqui.

— Essa parte você nem precisava dizer. — Ele se levanta e caminha até a porta. Antes de sair, me chama mais uma vez: — Tom?

— Sim?

— Não se meta em encrencas.

Eu rio.

— Pode deixar.

Menos de quinze minutos depois, saio do escritório e dirijo com pressa até em casa. No caminho, penso na mensagem que recebi do detetive hoje mais cedo, avisando que está seguindo uma pista, mas ainda não tem nada concreto.

Na segunda, passei o caso do desaparecimento de Ruth Bolton para Demetrius Kovak, ex-policial que começou a trabalhar como detetive particular depois que se aposentou. Ele é discreto, faz apenas as perguntas necessárias e costuma ser bem rápido nas investigações. Exatamente o que precisamos.

Chego à minha casa, estaciono e entro na sala aquecida pela lareira acesa. As crianças estão de banho tomado, com roupas de moletom novas e sentadas à mesa com Lilly, brincando de Uno.

— Eu ganhei! — Kaylee exclama, toda feliz, ao se desfazer de sua última carta.

— Sim, ponto pra você — Dex sorri, recolhendo as cartas e começando a embaralhar.

Eu deixo minha pasta no aparador junto à porta e afrouxo a gravata, andando em seguida até eles.

— Quem tem mais pontos? — pergunto, puxando uma cadeira e sentando também.

— Eu — Dex informa, orgulhoso.

Levanto as sobrancelhas para ele.

— Vamos ver se você é bom mesmo. Ninguém ganha de mim no Uno.

Kaylee ri.

— A Lilly sempre perde, coitadinha — ela comenta.

Eu olho para a mulher sentada entre as crianças. Lilly está usando uma blusa cinza de mangas compridas bem folgada, então seu ombro esquerdo está parcialmente exposto. O cabelo loiro está preso num rabo de cavalo alto, com algumas mechas soltas. O rosto bonito está sem nenhum traço de maquiagem. Quando ela ri do comentário de Kaylee, seus olhos verdes se iluminam de um jeito encantador.

Eu desvio o olhar, porque não deveria estar reparando na beleza de Lilly. Não depois do nosso acordo, e especialmente com ela morando na minha casa.

— Vamos ver quem será o campeão — digo, para desviar dos pensamentos inapropriados.

As cartas são distribuídas e a partida começa. Em poucas rodadas, percebo que Kaylee tem razão. Lilly é mesmo muito azarada.

— Tenho que comprar *oito*? — ela reclama, e geme de frustração ao começar a pegar as cartas do bolo.

Não há nada de erótico no gesto, mas esse gemido me faz lembrar de outros, num contexto bem diferente.

— Sua vez, Thomas — Dexter me avisa, e eu volto à realidade.

O jogo continua, bastante acirrado. Dexter e eu estamos ambos com apenas uma carta. A vez dele chega primeiro, e o menino ganha. A expressão genuína de alegria por algo tão simples mexe comigo.

— Parabéns, cara. — Eu ergo a mão aberta para que ele bata. — Encontrei um adversário à altura.

Dex sorri, numa mistura de timidez e orgulho.

— Você é mesmo muito bom, Thomas. Eu dei sorte no final.

A maneira como ele não se gaba e ainda tenta me fazer me sentir bem mesmo perdendo é tocante. Dexter é um menino incrível, que merece o direito de ser apenas uma criança.

— Vamos jantar? — Lilly chama.

— Sim! — Kaylee responde, animada.

É nítido que os dois já estão se sentindo bem mais à vontade com a gente. Dexter ainda se mostra um pouco mais cauteloso em alguns momentos, mas vê-lo sorrir com mais frequência é muito gratificante. Kaylee é um doce de menina. Meiga e carinhosa, conquista qualquer pessoa com seu sorriso e seu jeitinho delicado.

O jantar é tranquilo, como foram os outros. Na primeira noite, Dexter fez os pratos de ambos e colocou bem pouca comida. Lilly e eu nos entreolhamos e, num acordo silencioso, decidimos repetir no final, mesmo sem fome. Isso acabou deixando-os mais à vontade para comer mais também.

Na segunda-feira, Lilly delicadamente se ofereceu para fazer o prato deles e colocou bem mais comida. Dexter não disse nada, e ambos devoraram tudo. Pedi para que a minha funcionária providenciasse também uma variedade maior de frutas, bolos e outras opções de lanches saborosos e saudáveis.

Pode ser apenas impressão, mas eu consigo jurar que os dois até ganharam um ar menos abatido nesses dias em que estão aqui.

— Hora de dormir, crianças — Lilly diz, assim que acabamos de jantar.

Os dois levantam da mesa e levam seus pratos até a pia. Sem que ninguém precise pedir, Dexter leva a irmã ao banheiro para escovar os dentes e fazer xixi. Assim que eles saem da sala, eu encosto o quadril na pia e comento:

— Acho incrível a maneira como ele cuida de Kaylee.

— E é mesmo. — Ela pega um copo de água e também se apoia na bancada, ao meu lado. A calça legging preta marca cada curva perfeita e eu preciso fazer um esforço monumental para não olhar. — Essas crianças só estão vivas porque Dexter é muito inteligente e extremamente cuidadoso. Ambos se viram praticamente sozinhos há anos, Tom.

Controlo meu sorriso com o uso do apelido. Reparei que, nos últimos dias, Lilly tem me chamado assim com mais frequência. Eu estou adorando.

— Verdade. Uma pena que ele esteja perdendo sua infância, com tantas responsabilidades e preocupações que não deveriam existir.

Lilly suspira e olha para mim.

— Alguma notícia da avó?

— Ainda não. Kovak avisou que está seguindo uma pista, mas ainda não tem maiores informações.

Os dois voltam para a sala, já com os dentes escovados e prontos para dormir.

— Boa noite, Thomas — Kaylee diz, ao abraçar minha cintura.

— Boa noite, princesa. — Beijo o alto da sua cabeça.

Dex me oferece um pequeno sorriso e deseja boa-noite também. Lilly os acompanha até o quarto. Nesses poucos dias, eles estabeleceram uma rotina em que ela os coloca na cama, lê uma historinha e dá um beijo de boa-noite nos dois. Segundo Lilly, Dex disse que está grande demais para histórias de dormir, mas fica prestando atenção enquanto ela lê “apenas para Kaylee”.

Para evitar situações constrangedoras, eu passei a ir para o meu próprio quarto antes que Lilly termine seu ritual com as crianças. Na primeira noite deles aqui, notei que ela ficou um pouco desconfortável quando ficamos sozinhos, e não quero que se sinta assim.

Eu coloco a louça na máquina e ando até a sala para apagar o fogo. Antes que eu consiga

fazer isso, Lilly sai do quarto deles e encosta a porta. Olho para ela, com uma expressão curiosa.

— Foi rápido, hoje — comento.

Ela ergue um ombro, vindo até mim.

— Eles estavam muito cansados e dispensaram a história, daquele jeitinho meigo e educado de sempre.

— Entendi.

Ficamos nos encarando por alguns segundos. Como hoje ela parece bem mais relaxada, eu arrisco:

— Toma um vinho comigo?

Os olhos verdes sorriem.

— Tomo.

Eu sirvo a bebida e nós sentamos no sofá, em frente à lareira.

— São duas crianças incríveis — comento, antes de beber um gole do vinho. — Não entra na minha cabeça como a avó pôde abandoná-los assim.

— Nem na minha. — Lilly gira o líquido vermelho-escuro na taça suavemente, observando o movimento como se estivesse perdida em pensamentos. — Alguns querem tanto um filho, enquanto outros não dão nenhum valor.

Eu sei que ela está falando de si mesma. Mesmo que não costume se abrir muito sobre seus planos para o futuro, Lilly já me contou o suficiente para eu saber o quanto ser mãe é algo que ela deseja profundamente.

— Deve ser angustiante mesmo. Para quem quer ter filhos, no caso. — Aproveito o tópico para matar uma curiosidade antiga. — Confesso que, por muito tempo, eu achei que você e Sebastian se casariam e povoariam a cidade.

Lilly sorri de leve, mas não diz nada.

— Até hoje eu nunca soube como você ficou após o término. Não éramos exatamente amigos até pouco tempo atrás.

— Fiquei bem, dentro do possível.

Ela mantém um sorriso educado e bebe um gole do vinho, observando o fogo crepitando na lareira. A maneira lacônica como está respondendo minhas perguntas é um excelente indicativo de que não está nem um pouco a fim de ter essa conversa.

— Já entendi que não é um assunto confortável — digo, me sentindo meio mal por ter trazido à tona um tópico que talvez ainda seja doloroso, mesmo depois de tanto tempo. — Desculpe se fui inconveniente.

Lilly olha para mim.

— Não é isso. — Ela se ajeita no sofá, colocando as pernas encolhidas sob o próprio corpo. A blusa larga escorrega e deixa seu ombro de fora. Ainda me surpreendo com o quanto essa mulher é linda sem fazer esforço nenhum. — Eu não sinto mais nada por Sebastian há bastante tempo, se essa era a sua dúvida.

Em parte, sim, admito. E essa revelação me traz um alívio inexplicável.

— Que bom que você superou.

Lilly respira fundo e olha para o vazio.

— Minha relação com Seb sempre foi baseada em carinho, respeito e lealdade. Havia atração física também, lógico, mas essa nunca foi a parte mais importante para mim. Eu valorizava muito mais o que aquilo representava, sabe?

Franzo a testa.

— Não sei se entendi.

Ela me encara outra vez.

— Eu queria um futuro idealizado. Um marido bom e gentil, estabilidade financeira, uma casa harmoniosa para criar filhos com amor. Esse era meu ideal de vida, e eu conseguia facilmente imaginar tudo isso com Sebastian. Nunca almejei nada que fosse além, porque, na minha cabeça, aquilo era mais que suficiente.

Meu olhar continua preso ao dela. É interessante conhecer mais sobre Lilly, desvendar seus mistérios.

— E agora não é mais?

Ela sorri outra vez, com um ar melancólico.

— Não. Depois que eu vi a maneira como nossos amigos olham para suas esposas, especialmente na primeira vez em que vi Molly e Sebastian juntos, eu percebi que ele jamais me olhou assim. Na verdade, ninguém nunca me olhou assim.

Uma inquietação estranha começa a crescer dentro de mim. Não é algo ruim, é... diferente.

— Assim como?

— Como se o resto do mundo não existisse. Como se eles fossem incapazes de viver sem aquela pessoa, porque ela é o amor da sua vida. Sebastian e eu nunca sentimos isso um pelo outro. Quando essa ficha caiu, ficou mais fácil superar o término do que houve entre a gente, porque entendi que nós dois merecíamos mais.

Eu bebo mais um gole do vinho, lembrando das palavras do meu pai alguns dias atrás.

Se, algum dia, você olhar para uma garota e não conseguir imaginar sua vida sem ela, faça todo o possível para torná-la sua para sempre.

— Acho que nem todos têm essa sorte, Lilly — digo, dando voz ao meu lado pragmático e realista. — Sei que estamos cercados de alguns exemplos bons entre os nossos amigos, mas há vários outros bem diferentes. Uma grande parcela da população viverá uma vida inteira sem experimentar esse tipo de sentimento.

— Eu sei. Mas não pretendo aceitar menos do que isso, se algum dia decidir dividir minha vida com alguém.

Eu sorrio.

— Espero realmente que encontre essa pessoa. Se existe alguém nesse mundo que merece, é você.

— Obrigada por essas palavras, Tom.

Ficamos nos encarando por vários segundos, antes que ela desvie o olhar primeiro. Lilly termina o vinho e levanta.

— Está ficando tarde, e amanhã as crianças têm aula.

— Sim. — Levanto também. Ficamos frente a frente e eu tiro a taça vazia das suas mãos. Nossos dedos se tocam brevemente, mas é o suficiente para reacender o desejo incontrolável que sinto por essa mulher. — Lilly...

Ela engole em seco.

— Sim?

— Eu sei que não sou o cara que você procura. Mas se, algum dia, você mudar de ideia em relação a aproveitarmos mais alguns momentos juntos, quero que saiba que...

Seu dedo pousa suavemente sobre os meus lábios.

— Eu sei exatamente o que você tem a oferecer. Boa noite, Thomas.

Lilly sai da sala, caminhando desse jeito elegante e sensual que apenas ela tem. Depois que ouço a porta do seu quarto se fechando com um clique suave, levo as taças até a pia, apago as luzes e ando até o meu quarto. Apenas com a luminosidade da lua cheia que penetra pela grande

janela de vidro, tiro toda a roupa e me jogo na cama usando apenas a boxer, aproveitando a temperatura gostosa proporcionada pela calefação. Coloco um braço sob a cabeça e fico analisando as sombras da folhagem projetadas no teto.

Eu não deveria ter dito aquela última frase. Por maior que seja meu desejo por Lilly, não é justo insistir nessa história entre nós. Ela já deixou bem claro o que quer do seu futuro, inclusive hoje. Lilly está em busca de amor, e não é qualquer amor. Precisa ser algo único, arrebatador, extraordinário.

Puxo o ar com força e solto lentamente, fechando os olhos. Por um instante, logo antes de dormir, eu tento imaginar como seria sentir isso por alguém.

capítulo 18

LILLY

— ELA FOI ENCONTRADA.

A voz de Thomas do outro lado da linha me causa um arrepio de tensão. Olho ao redor da oficina, e vejo Kaylee e Dexter distraídos montando um brinquedo. Hoje é sexta-feira, eles acabaram de entrar de férias e pediram para vir até a Vila montar brinquedos diferentes. Como estou sobrecarregando demais minha equipe saindo cedo todos os dias, achei que era um bom momento para dar folga a Martina.

Me afasto discretamente de onde as crianças estão para conseguir falar com maior privacidade.

— Jura? — Troco o celular de lado e coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Onde?

— Em Portland. Posso te dar maiores detalhes pessoalmente. Onde você está?

— No shopping, com as crianças.

— Posso te encontrar aí?

Eu checo as horas. Sete e dez.

— Dei folga para Martina. A oficina encerra as atividades às oito.

— Beleza. A gente janta no shopping mesmo.

Thomas desliga, e eu começo a roer o canto da unha. Ainda não sei se estou aliviada ou apavorada com o fato de que Ruth foi encontrada. Já ficou claro que ela nunca cuidou bem desses meninos, mesmo quando estava supostamente presente. O que será dos dois quando ela retornar?

Meu coração se aperta ao observá-los. Dexter está concentrado em montar um robô, enquanto Kaylee faz um jogo de tabuleiro. Suas bochechas estão menos encovadas, a pele mais hidratada e a aparência de ambos está mais saudável de uma forma geral. Além da questão física, os dois parecem muito mais relaxados do que antes, especialmente Dexter.

Ele ainda tem vários momentos de introspecção, quando parece lembrar que tudo isso é temporário. Já o peguei mais de uma vez observando Kaylee com um sorriso triste enquanto ela se diverte com Thomas ou devora uma tigela de sorvete, como se soubesse que isso tudo está prestes a ter um fim.

Esfrego o peito para aliviar as fisgadas ao pensar que eles vão embora em breve. Eu me apeguei demais a esses dois em menos de uma semana, e tenho plena consciência do quanto isso é perigoso.

— Lilly? — uma das ajudantes chama, me tirando dessa espiral de pensamentos

angustiantes. — Pode dar uma olhada nesse material aqui?

Pelos próximos minutos, eu me distraio ajudando a separar o material reciclado que foi colocado nas grandes caixas que posicionamos do lado de fora da oficina para receber as doações. Algumas coisas vão direto para o lixo, mas várias outras poderão ser usadas na fabricação dos brinquedos.

Sorrio ao lembrar que dei a Kaylee e Dexter a função de separar todo o lixo reciclável na casa de Thomas, para que eu possa trazer para cá. Eles abraçaram a tarefa com afinco, e não deixam passar nada.

— Isso daria um ótimo corpo de robô.

Mordo o lábio inferior para conter um sorriso antes de virar para trás e me deparar com o olhar intenso de Thomas.

— É mesmo? — brinco, chegando mais perto dele. — Acho que vou dispensar o Zion e colocar você no lugar dele.

As sobrancelhas castanhas se erguem.

— Isso é um desafio, srta. Barrington?

Eu dou de ombros, entrando na brincadeira.

— Não acho que você dê conta.

Um calor diferente brilha nos olhos verdes.

— Eu dou conta de qualquer desafio que me propuser. — Ele baixa a voz para um tom mais rouco e sensual. — E você sabe disso.

Sinto meu rosto ficado vermelho instantaneamente ao lembrar da outra vez em que eu o desafiei. Na noite em que ficamos juntos na minha casa, eu gozei tantas vezes que meu corpo ficou fraco. Lá pela terceira vez que transamos, eu disse que não seria capaz de ter mais nenhum orgasmo naquele dia. Thomas sorriu de um jeito presunçoso e disse que eu deveria pensar duas vezes antes de desafiá-lo. O resultado foi que eu ainda gozei mais umas cinco vezes, pelo menos.

Droga. Agora estou ficando com a calcinha molhada no meio do shopping, cercada de crianças. Limpo a garganta ruidosamente e desvio o olhar.

— Você disse que tinha novidades sobre a avó dos meninos.

Thomas entende minha deixa de encerrar o assunto e olha na direção das mesas de trabalho. Zion está finalizando as atividades do dia na oficina, e se despedindo das crianças. Dexter e Kaylee agradecem ao artesão e começam a vir na nossa direção.

— A gente conversa durante o jantar — Thomas sussurra. — Se não der, falamos em casa.

— Tom! — Kaylee vem correndo.

— Ei, princesa! — Ele a pega no colo e a faz girar, arrancando uma gargalhada da garotinha. É tocante ver como os meninos se apegaram a ele nos últimos dias. Também, não é para menos. Thomas tem um jeito incrível com crianças, ainda que diga que não pretende ser pai. — Agora me conte tudo — ele pede. — Fizeram brinquedos legais?

Dexter se junta a nós e eu seguro sua mão num gesto espontâneo, enquanto Thomas mantém Kaylee no colo. Nós quatro começamos a andar em direção a um dos restaurantes do shopping, que fica no térreo e tem janelas viradas para a rua. Já reparei que Thomas evita ao máximo comer *fast food*, especialmente quando estamos com as crianças. Talvez seja uma maneira inconsciente de tentar nutri-los melhor enquanto podemos.

Kaylee fala sem parar, mostrando seu jogo e explicando quais materiais usou para fabricá-lo. Dexter claramente está ansioso para falar do seu brinquedo também, mas espera a irmã terminar, com paciência e carinho.

Assim que chegamos ao Olive, o maître nos direciona a uma mesa junto à janela. Dexter e

Kaylee param imediatamente de falar, olhando ao redor do lugar elegante.

— Nossa — a menina murmura assim que é colocada no chão, reparando nas mesas iluminadas por velas e com arranjos florais delicados. — Nunca entrei num lugar tão chique.

— Kay — Dex a repreende em voz baixa, tentando demonstrar maturidade. — Não se diz esse tipo de coisa.

Ela ergue um dos ombrinhos e sorri.

— Mas é verdade.

Nós quatro ocupamos a mesa. Dexter senta ao lado de Thomas e Kaylee ao meu lado. Eu pego o guardanapo e coloco sobre o colo, disfarçando um sorriso quando a garotinha imita meus gestos com uma expressão solene no rostinho corado.

O garçom se apresenta e entrega os menus. Thomas pega um deles e Dexter faz o mesmo, analisando as opções do cardápio de um jeito engraçado. Ele claramente está copiando os movimentos de Tom, e a cena é adorável.

— O que vão querer? — Thomas pergunta, olhando para nós três. — Eu posso pedir por todos, se me permitirem.

— Claro — eu concordo.

— Tudo bem — Dex e Kay respondem em uníssono.

O garçom retorna para anotar os pedidos.

— Eu gostaria do salmão com batatas e molho de alcaparras para nós dois. — Thomas movimenta a mão entre ele e eu.

— Perfeito, senhor. — O rapaz registra o pedido. — E para os seus filhos?

As palavras me pegam desprevenida, e eu olho para as crianças. Eles também parecem um tanto surpresos. Logo em seguida, Kaylee olha para o irmão e sorri. Dexter baixa o rosto e balança a cabeça fazendo um sinal discreto que não, como se alertasse a irmã para não criar esse tipo de expectativa. A garotinha assente e o sorriso some do seu rostinho, dando lugar a uma expressão triste.

Meu coração afunda com a cena. Fico esperando que Thomas corrija o garçom, mas ele não o faz. Mantendo a naturalidade, responde:

— Para eles, pode trazer a massa fresca com molho pomodoro e filé mignon, por favor.

— Pois não. — O garçom guarda seu bloquinho e sorri cordialmente. — Já retorno com os pratos.

Depois que ele se afasta, o clima na mesa continua um tanto estranho. Thomas nota isso e puxa assunto com os meninos.

— Querem ouvir uma história engraçada de Natal?

Kaylee muda a carinha na mesma hora.

— Sim! — ela responde.

— Então, vou contar para vocês. — Thomas se ajeita na cadeira, olhando para os dois. Eu apoio o cotovelo na mesa e relaxo o queixo sobre a mão, curiosa para ouvir o relato também. — Quando eu tinha uns seis ou sete anos, comecei a ficar muito curioso a respeito do Papai Noel. Eu sabia que ele viajava o mundo todo para distribuir os presentes das crianças, e tinha visto recentemente uma reportagem sobre o Natal em vários países do mundo. Foi nesse dia que descobri que, no hemisfério sul, em dezembro, é verão.

Kaylee arregala os olhos.

— Mesmo? Quer dizer que tem gente que passa o Natal no verão?

Dexter estica a coluna, parecendo feliz por poder participar da conversa trazendo algum conhecimento novo.

— Sim, Kay. Inclusive, nos países que ficam próximos ao equador, faz calor o ano todo.

A menina abre a boca em formato de O.

— O ano todo? Nunca neva?

— Nunca — Dex confirma.

Kaylee sacode a cabeça, inconformada.

— Mas Natal só combina com frio. Aqui em Seattle quase não neva, mas, pelo menos, podemos acender a lareira e usar roupas quentes. Sem contar que as árvores de Natal ficam lindas, enfeitadas com neve. — A menina olha para Thomas e comenta, num tom levemente decepcionado: — Você não tem uma árvore de Natal.

Ele olha para mim, parecendo desconcertado.

— Eu... acho que é porque não há crianças na minha casa. — Thomas olha para os dois, como se só então se desse conta de que, agora, há. Provisoriamente, mas há. — Se vocês quiserem, podemos comprar uma.

— Jura? — Os olhinhos de Kaylee se iluminam. — Eu nunca tive uma árvore de Natal. Ai! O que foi, Dex?

Percebo que o irmão a cutucou com o pé por baixo da mesa.

— Não se deve pedir esse tipo de coisa — ele murmura, entre dentes. — É falta de educação.

— Mas eu não pedi! — a garotinha se defende. — Thomas foi quem ofereceu.

— É verdade — o homem sentado à minha frente diz, com um pequeno sorriso. — Acho que vai ser bacana ter uma árvore em casa. Mas, precisarei de ajuda para decorá-la.

— Eu ajudo! — Kay levanta a mãozinha, exultante. — Sou muito boa *decorista*.

— Decoradora — Dex corrige, com gentileza.

— Isso aí. — Ela abre um largo sorriso, como se tivesse acabado de ganhar um presente.

— Combinado, então — Thomas diz. — Amanhã, eu tenho um compromisso importante, mas, no domingo, nós podemos passar numa loja e comprar a árvore.

— E os enfeites — Kaylee completa. — Posso escolher um? — ela pergunta, esperançosa.

Thomas sorri para a menina com tanta doçura que meu coração derrete.

— Estou contando com vocês para escolherem todos. — Ele se vira para Dexter, nunca permitindo que o menino se sinta excluído. — Tudo bem por você, campeão?

O garoto sorri de volta, com uma certa timidez.

— Claro. Conte conosco no que pudermos ajudar.

A comida chega, e nós jantamos num clima alegre.

— Você não terminou de contar a história do Natal — Dexter lembra, quando já estamos quase terminando de comer.

— Ah, verdade. — Thomas limpa a boca com o guardanapo. — Bem, eu estava inconformado com o fato de que ele usava aquelas roupas quentes, mesmo tendo que visitar as crianças nos países tropicais. Aí, perguntei à minha mãe por que ele não trocava de roupa.

As crianças estão prestando total atenção à história.

— E o que ela disse? — Dexter pergunta.

— Ela me respondeu que era porque não cabia uma muda de roupas no trenó dele. Quando ouvi isso, eu olhei sério para ela e questionei: “Se ele carrega no trenó os presentes para todas as crianças do mundo, como não tem espaço para uma roupinha?”

Eu rio da história, mas meu sorriso morre aos poucos ao notar a carinha das crianças. Dex fica com uma expressão melancólica, enquanto Kaylee sorri, mas sem muita alegria.

— Não são todas as crianças — ela diz, espetando seu bife.

— O que você disse, princesa? — Thomas pergunta, confuso.

— Eu disse que nem todas as crianças recebem presentes no Natal, porque o Papai Noel não tem o endereço de todas elas. Na nossa casa, por exemplo ele nunca apareceu.

Engulo com dificuldade o nó que se formou na minha garganta, e vejo que Thomas faz o mesmo. Alheia à nossa reação, Kaylee olha para o irmão como se tivesse acabado de fazer uma grande descoberta.

— Dex! Talvez seja porque nunca tivemos uma árvore de Natal, e então o Papai Noel não nos encontrava. Thomas vai montar uma na casa dele. Será que ganharemos presentes esse ano?

O menino sorri, mas é um sorriso triste.

— Nós não estaremos mais na casa de Thomas no Natal, Kay. — Ao ver a expressão decepcionada da irmã, ele acrescenta: — Mas quem sabe ele não encontra a gente mesmo assim?

A garotinha tenta sorrir, sem muito sucesso.

— É. Quem sabe.

Eles terminam de comer em silêncio, enquanto eu e Thomas nos entreolhamos. Estou prestes a dizer que eles vão, sim, passar o Natal conosco, e que Papai Noel com certeza os encontrará esse ano. O que eu mais quero é entrar numa loja de brinquedos e comprar tudo que eu achar que eles podem gostar, numa tentativa ingênua de compensar todos os anos de privação afetiva e material.

Contudo, sei que não posso fazer isso. A avó deles foi encontrada, e eu não tenho qualquer direito sobre essas crianças. Não é justo criar uma expectativa no coraçãozinho deles que eu provavelmente não serei capaz de cumprir. Suspiro e bebo um gole de água, para ajudar a engolir a frustração e a impotência. Com sorte, posso tentar convencer a avó a permitir que eu lhes dê uma árvore de Natal e alguns presentes para ela colocar lá após as crianças dormirem.

Depois que terminamos de comer, vamos todos juntos até o carro. O caminho é feito em silêncio, cada um perdido nos seus próprios pensamentos. Quando chegamos em casa, eu vou direto com as crianças para o quarto delas e fazemos a rotina de todas as noites. Ambos já estão de dentes escovados e pijamas, então eu recosto na cama de Kaylee para ler a historinha.

Assim que termina, eu lhe dou um beijinho de boa-noite e sou pega de surpresa quando ela me envolve pelo pescoço e murmura no meu ouvido:

— Eu amo você, Lilly.

Meus olhos se enchem de lágrimas e eu respiro fundo para não desabar aqui mesmo.

— Também te amo, pequena.

Ela me solta, abraça o ursinho Puzzle, com quem dorme toda noite, e eu a cubro. Em seguida, vou até a cama de Dexter. Ele já está dormindo, então eu puxo as cobertas até seus ombros magros, beijo sua testa e murmuro:

— Amo você também, Dex.

Saio do quarto com uma sensação de pertencimento que nunca experimentei antes. É inegável o quanto estou completamente apegada a essas crianças, o que só faz aumentar minha tensão com as novidades que Thomas tem para me contar.

Eu o encontro na sala, sentado em frente à lareira. Me acomodo ao seu lado, sentada de frente para ele.

— E aí? — pergunto, sem conter a curiosidade. — O que o detetive descobriu?

Tom se vira na minha direção.

— Ruth Bolton está internada num hospital em Portland. Segundo as informações obtidas por Kovak, ela sofreu um acidente de carro e está na UTI. Ele não conseguiu descobrir maiores detalhes sobre o seu estado.

— Meu Deus... — murmuro. — Será que ela vai morrer? Ainda que claramente não seja uma

boa avó, é a única família que essas crianças têm.

Thomas suspira.

— Não sei, Lilly. Mas acho que deveríamos ir até lá para descobrir. Não podemos continuar mantendo essas crianças aqui de forma clandestina por muito tempo.

— Você tem razão. Precisamos primeiro entender o que aconteceu com Ruth. — Me lembro então de um detalhe. — Não acho que devamos contar para eles o que descobrimos, ao menos até sabermos com certeza o estado dela.

— Concordo.

Fico pensativa.

— Como iremos até lá? São umas três horas de viagem de carro. Quem ficará com os dois?

Thomas raciocina por alguns instantes.

— Sei que posso confiar em Landon. Vou contar a história toda a ele amanhã de manhã e pedirei que fique com as crianças durante o dia.

— É uma boa ideia. — Eu olho para o fogo, com o peito apertado de angústia ao pensar que, em breve, eles precisarão ir embora. — Estou com medo do que vai acontecer com eles, Tom — admito, desolada.

— Eu sei. — Ele me puxa para um abraço, e eu permito.

Encosto a cabeça no peito largo e deixo que os braços fortes me acolham. Thomas puxa minhas pernas sobre o seu colo, me acomodando melhor. Não há nada de sexual nesse gesto, e eu relaxo completamente.

Ficamos assim, abraçados, por vários minutos. Os únicos sons que se ouvem são o do crepitar eventual do fogo na lareira e do vento soprando lá fora.

Não me arrependo de nenhuma das decisões que tomei nessa última semana, por mais arriscado que seja o que estamos fazendo. Eu jamais poderia deixar essas crianças desamparadas. Ainda assim, dá medo, até porque, é uma responsabilidade enorme. O fato de poder dividir tudo isso com alguém tão incrível quanto Thomas é reconfortante.

Eu fecho os olhos, me sentindo segura e protegida como há muito tempo não me sentia. É como se, ao lado dele, nada pudesse fugir do controle. Mesmo que algo dê errado, sei que não estarei sozinha.

O cansaço do dia vai batendo e eu acabo adormecendo. Quando desperto, horas depois, estou na minha cama, sem os sapatos. Meio zonza de sono, tiro a calça jeans, o suéter e o sutiã, e visto uma camiseta larga, voltando para debaixo das cobertas em seguida.

Antes de adormecer outra vez, meu último pensamento é que essa cama parece subitamente vazia demais para uma noite de inverno.

capítulo 19

THOMAS

— É AQUI. — APONTO PARA O PROVIDENCE ST. VINCENT, UM GRANDE HOSPITAL EM PORTLAND. — Vamos estacionar primeiro.

Depois de deixar o carro num estacionamento rotativo localizado no quarteirão seguinte, nós percorremos a curta distância até a portaria principal do centro médico a pé. O céu está nublado, o vento frio é cortante e as calçadas estão cobertas por uma camada de neve.

Só conseguimos sair de Seattle depois do almoço, porque Landon e Abby tinham um compromisso de manhã. Apesar de ainda serem quatro da tarde, o céu está escuro como se fossem seis.

Lilly se encolhe no casaco grosso e impermeável, e eu faço o mesmo. Quando entramos na recepção, sinto o alívio imediato com a calefação. Andamos lado a lado até o balcão.

— Bom dia — cumprimento. — Estamos aqui para visitar Ruth Bolton, internada no CTI.

A moça, com uma expressão entediada, digita algo no sistema.

— Preciso do documento de identificação de vocês.

Nós entregamos nossas carteiras de habilitação e ela faz o cadastro. Em seguida, nos devolve os documentos e dois crachás.

— Oitavo andar.

Depois de trocarmos um olhar rápido, aliviados com a facilidade de conseguir entrar sem ter que dar nenhuma explicação para o motivo de estarmos aqui, nós andamos até os elevadores. Menos de três minutos depois, estamos na porta da UTI.

Lilly toca uma campainha, e nós aguardamos. Uma enfermeira abre a porta instantes depois.

— Pois não?

— Boa tarde. Nós somos conhecidos de Ruth Bolton, e soubemos que foi internada aqui. Gostaríamos de saber se...

— Nossa, até que enfim apareceu alguém! — a mulher nos interrompe. — A assistente social vai adorar saber disso. Aguardem ali naqueles bancos, por favor.

Ela fecha a porta na nossa cara. Lilly olha para mim, perplexa, e eu ergo as sobrancelhas.

— Pelo visto, nosso medo de não sermos recebidos foi infundado.

— Quem diria que seríamos recepcionados de uma maneira tão... calorosa — Lilly concorda.

Sentamos lado a lado nos bancos de plástico enfileirados no corredor largo. Quase uma hora se passa antes que uma senhora de meia idade com um coque grisalho surja na outra extremidade do corredor.

— Desculpem a demora, eu estava resolvendo uma situação urgente — ela diz, meio esbaforida, ao parar na nossa frente. — Vocês são parentes da sra. Bolton?

Lilly limpa a garganta.

— Bem... não exatamente.

A mulher une as sobrancelhas, segurando uma pasta junto ao peito.

— O que quer dizer com *não exatamente*? — Sua expressão de decepção é nítida.

Eu fico em pé e estendo a mão.

— Muito prazer, sou Thomas Becker. Essa é Lilly Barrington. — Lilly se levanta também, e cumprimenta a funcionária. Checo seu crachá. — Existe algum lugar em que possamos sentar com um pouco mais de privacidade, sra. Carlson?

Ela ainda parece hesitante, mas confirma.

— Sim. Vamos até a minha sala. — A mulher nos guia até as escadas, desce dois lances e vai andando na frente por um longo corredor. No final dele, abre uma porta à esquerda e acende a luz. Na placa de identificação afixada na madeira, deu para ler rapidamente Judith Carlson, assistente social. — Podem sentar.

Lilly e eu ocupamos um pequeno sofá, enquanto a sra. Carlson se senta na cadeira atrás da mesa de fórmica.

— Vamos lá. Se vocês não são parentes de Ruth Bolton, quem exatamente são?

Lilly se remexe no assento, inquieta. Nós combinamos que não falaríamos imediatamente a respeito das crianças, pelo menos até descobrirmos algo mais concreto sobre a situação de Ruth. Nem ao menos sabemos se o hospital tem conhecimento de que ela era a única responsável por dois menores. Provavelmente não, já que não apareceu ninguém na sua casa.

— Bem, Ruth é uma... amiga — digo, com cuidado. — Ficamos preocupados com seu desaparecimento, pois ela disse que faria uma viagem com o namorado e não retornou.

A mulher abre a pasta que estava carregando e puxa uma ficha.

— Ela deu entrada aqui há um mês, após um acidente automobilístico. Estava acompanhada por um homem, Dwayne Morris, que morreu no acidente. O último endereço cadastrado como sendo o de Ruth no seguro social é de um terreno baldio, e o número de telefone era o aparelho que estava com ela. Localizamos um filho de Dwayne, que disse nunca ter ouvido falar da sra. Bolton. Com isso, chegamos ao fim do caminho e ficamos sem qualquer outro meio de obter informações sobre ela. — Judith cruza as mãos sobre a mesa. — O que vocês podem nos informar? Ela tem família? Algum responsável?

Lilly coloca a mão sobre o meu joelho e inclina um pouco o corpo para frente.

— Ruth não tem ninguém. Ela morava sozinha, e tinha um círculo social bem restrito. Dwayne era seu namorado, mas o relacionamento era bem recente.

— Entendo.

— Você pode nos informar a respeito do estado de saúde dela? — peço.

A assistente social aperta meia dúzia de teclas no computador sobre a sua mesa e a tela mostra algo que parece um prontuário médico eletrônico.

— Aparentemente, ela está mais estável. Foi submetida a uma traqueostomia, mas já consegue respirar por conta própria durante o dia.

— Traqueostomia? — Lilly pergunta.

— Sim. — A sra. Carlson aponta para o próprio pescoço. — Um dispositivo colocado aqui para o paciente respirar com ajuda.

— Ah... — Lilly me encara com o canto dos olhos. — Certo.

— Ela está consciente? — pergunto.

Essa é a informação mais importante nesse momento.

— Olha... — a mulher corre os olhos pela tela — pelo que estou vendo aqui, tem esboçado algumas reações. Mas ainda não está plenamente consciente.

— Entendi.

Judith Carlson olha para nós.

— Gostariam de vê-la?

Lilly e eu trocamos um olhar indeciso.

— Ahm... — ela pensa por alguns instantes. — Acho que sim.

— Vou levar vocês até lá. — A funcionária fica em pé, abre a porta e nos dá passagem. Em seguida, começa a fazer o caminho de volta à UTI. — Quem sabe ver pessoas conhecidas não ajuda na sua recuperação?

Eu me sinto um pouco culpado pela mentira, mas tento pensar que o motivo para isso é nobre. No caminho, Lilly procura minha mão e eu seguro a dela. Levo aos lábios e beijo com carinho, antes de lhe oferecer um sorriso confiante.

Ela parece se confortar com o gesto, porque sorri de volta para mim com uma expressão um pouco mais relaxada.

— Aqui está ela. — Já dentro da UTI, Judith abre uma cortina. — Você tem visitas, sra. Bolton. — Em seguida, vira-se para nós. — Vou deixá-los à vontade. Quando terminarem, podem me procurar ali no posto de enfermagem.

Assim que a mulher se retira e fecha a cortina outra vez, Lilly e eu fixamos nossa atenção na mulher deitada no leito hospitalar. Sua aparência é bem frágil. O corpo magro está parcialmente coberto pelo lençol, há um tubinho branco entrando pela sua narina e um pequeno cano cortado no pescoço, por onde ela aparenta estar respirando. O rosto enrugado está encovado e o cabelo curto é ralo e sem brilho.

— Meu Deus... — Lilly murmura. Em seguida, vira o rosto para mim e faz uma mímica labial. — Como ela vai cuidar de duas crianças desse jeito?

Não tenho uma resposta para essa pergunta. Cruzo os braços e fico olhando a mulher, tentando imaginar o que deveríamos fazer agora. Chego mais perto dela e toco seu ombro.

— Ruth? Está me ouvindo?

Sua única reação é franzir um pouco o rosto e apertar as pálpebras. Porém, logo em seguida, ela parece ter desconectado do mundo outra vez.

— O que acha de tentarmos falar com o médico? — Lilly sugere.

— Acho uma excelente ideia.

Eu a sigo para fora do box da UTI. No posto de enfermagem, a sra. Carlson está conversando com uma mulher alta, com pele negra e cabelo preso numa trança. Ela usa um estetoscópio no pescoço e jaleco branco por cima da roupa azul.

— Com licença — me aproximo. — Por acaso você é a médica responsável por Ruth Bolton?

A mulher mais jovem sorri.

— Sim. Sou a dra. Robinson. No que posso ajudar?

Lilly para ao meu lado e se dirige a ela.

— Gostaríamos de saber quais as perspectivas daqui para frente. Somos amigos, e estamos bastante preocupados.

A médica assente.

— Sim, imagino. Bem, a sra. Bolton sofreu um traumatismo craniano no acidente de carro, que resultou numa hemorragia no cérebro. Ela foi operada, com bom resultado. Porém, pela

idade, a recuperação costuma ser lenta e incerta.

Eu olho para Lilly, antes de voltar a encarar a médica.

— Acha que ela pode... voltar ao normal?

A dra. Robinson inclina a cabeça de leve para o lado.

— Difícil dizer. Os pacientes às vezes nos surpreendem. Quando há lesão neurológica, só conseguimos estabelecer um prognóstico definitivo após aproximadamente seis meses. O que eu posso dizer hoje é que ela está exibindo sinais de melhora, ainda que sejam lentos e pouco expressivos. Eu não descartaria a possibilidade de que ela recobrasse a consciência em algum momento.

Não sei se fico aliviado ou ainda mais preocupado com essa notícia.

— Obrigado pelas informações, doutora. — Olho na direção do leito de Ruth antes de voltar a encarar as duas profissionais. — Posso pedir um favor a vocês?

— Diga — é a sra. Carlson quem responde.

Tiro um cartão da minha carteira e entrego a ela.

— Caso Ruth acorde, poderia me avisar?

A assistente social pega o cartão e guarda no bolso do jaleco branco.

— Claro. Pretendemos manter contato, até porque, precisaremos de alguém para se responsabilizar por ela quando for de alta. O que, se Deus quiser, vai acontecer.

— Tomara — eu digo. — Bem, muito obrigado pelo tempo de vocês.

Eu e Lilly apertamos a mão das duas e saímos da UTI. Mal a porta se fecha atrás de nós, Lilly segura meu braço, me fazendo olhar para ela.

— Thomas, eles acham que nós somos responsáveis por Ruth. E se descobrirem a verdade?

Eu continuo andando, achando uma certa graça do pavor na expressão dela.

— Calma, Lillyanne. Não seremos presos. Ao menos, não por isso.

Ela franze o nariz.

— Não tem graça.

Entramos no elevador e ficamos em silêncio, porque há várias pessoas em volta. Uma mulher está olhando a tela do celular e comenta com o homem ao seu lado:

— Meu Deus, amor, a previsão da nevasca se confirmou. Estão fechando as estradas.

Ele inclina a cabeça para olhar também.

— Ainda bem que decidimos ir para Seattle só amanhã. Tomara que já tenham reaberto.

O elevador chega ao térreo e eu olho para Lilly, conforme andamos até a recepção.

— Você ouviu algo sobre uma nevasca? — pergunto.

— Não. — Ela tira o próprio celular da bolsa e começa a pesquisar. Antes de alcançarmos a porta, Lilly para abruptamente. — Thomas, é verdade. As estradas foram interditadas.

Do lado de fora do hospital, a neve fraca que caía mais cedo se transformou numa tempestade branca.

— Confesso que nem olhei a previsão do tempo — digo. — Estava tão preocupado em chegar aqui que não considerei essa questão.

Em Seattle, não costuma nevar e, quando acontece, raramente é intenso. Porém, antes de pegar a estrada, eu deveria ter checado como as condições climáticas estariam no caminho para Portland. Erro de principiante.

— E agora? — Lilly me encara, com os olhos arregalados.

Tiro o celular do bolso.

— Agora, a gente arruma um lugar para ficar por aqui mesmo. Vou ligar para Landon e avisar que as crianças precisarão dormir lá.

Me afasto alguns passos para fazer a ligação. Landon naturalmente não tem qualquer problema com isso. Pede que tenhamos cuidado na volta e só façamos a viagem em condições seguras.

Eu desligo e olho para trás. Lilly está sentada em um dos bancos, roendo o canto da unha. Ando até lá com um pequeno sorriso.

— Calma. Os meninos estão bem, e até ouvi os gritinhos de alegria deles e de Paige quando Landon avisou que eles dormiriam lá. Devem estar adorando a bagunça.

Lilly parece um pouco mais aliviada e sorri também.

— Que bom. Fiquei com receio de que eles se sentissem abandonados.

— Fique tranquila. — Ofereço a mão para ajudá-la a levantar. — Vamos pegar o carro e procurar um local para dormir.

Assim que saímos do hospital, eu noto que a neve está se acumulando rapidamente. O vento gelado nos açoita apesar dos casacos grossos, e eu abraço Lilly para protegê-la um pouco. Nossos pés afundam na neve e o caminho até o estacionamento é feito com dificuldade. Chegando lá, o portão está fechado.

— Ainda não são nem sete da noite — Lilly diz. — Como já está fechado?

Eu toco uma campainha e nós aguardamos, abraçados e encolhidos. Alguns minutos se passam até que um funcionário venha falar conosco.

— Pois não?

— Preciso tirar meu carro — aviso.

O homem ri.

— Só amanhã, amigo. Isso se parar de nevar. — Ele aponta para a rua, coberta pela neve espessa. — Como você pretendia dirigir assim?

Nesse momento, me dou conta de que ele tem razão. Como não estou muito habituado a esse clima mais agressivo, nem me ocorreu que seria impossível dirigir enquanto o removedor de neve não limpar as ruas. Não é à toa que está tudo deserto.

— Claro — digo, meio sem graça. — Você conhece algum hotel por aqui?

O homem coça a cabeça.

— O único que dá para ir a pé fica na terceira rua à esquerda, segunda quadra. — Ele analisa nossas roupas. — Já aviso que é bem simples.

— Tudo bem. Obrigado.

Nós voltamos para a calçada. Eu mantenho Lilly junto ao meu corpo e uso a mão para tentar proteger o rosto e enxergar alguma coisa. É impressionante como o clima mudou durante as duas horas em que ficamos dentro do hospital.

Depois de muita dificuldade, finalmente chegamos ao tal hotel. Na verdade, é mais uma pensão, com um aspecto bastante duvidoso. Como estamos ficando hipotérmicos, não há outra opção a não ser entrar.

Empurro a porta, o que faz com que um pequeno sino toque. Andamos até o balcão vazio da recepção e aguardamos. Logo depois, chega um homem careca e com uma barriga tão grande que esconde seu cinto.

— Boa tarde — ele diz. — O que desejam?

— Boa tarde. — Apoio a mão no balcão. — Precisamos de dois quartos para essa noite.

O sujeito olha para um pequeno quadro de chaves atrás dele, com seis ganchos. Apenas um deles tem um chaveiro pendurado. Ele o pega e coloca sobre o balcão.

— Só tenho um. São 35 dólares, pagamento antecipado.

Eu olho para Lilly. Ela claramente está tão confortável com a ideia de dividir um quarto

comigo quanto alguém em uma camisa de força, mas não há o que ser feito.

Eu tiro a carteira do bolso do casaco e entrego o dinheiro ao homem.

— Preencha essa ficha — ele pede, me entregando um papel.

Assim que termino, pego as chaves e pergunto:

— Vocês por acaso teriam um restaurante? Ainda não jantamos, e não acho que encontraremos nada aberto.

Ele pega sob o balcão um cardápio desbotado protegido por um plástico meio pegajoso e empurra na minha direção.

— Pratos quentes até as nove da noite. É só ligar para o ramal da cozinha.

Eu aceno com a cabeça.

— Está perfeito. Obrigado.

— Seu quarto fica no segundo andar — o homem avisa, antes de virar as costas e caminhar novamente para os fundos da recepção.

Eu suspiro e olho para Lilly.

— O quarto não pode ser pior do que o que nós já vimos até agora. Preparada?

capítulo 20

THOMAS

EMPURRO A PORTA, QUE SE ABRE COM UM RANGIDO.

— Puta merda — murmuro, ao acender a luz.

O quarto, inacreditavelmente, é *bem* pior do que o que nós vimos até agora. Um carpete vermelho desbotado cobre o chão. As paredes são decoradas com um papel de parede amarelado, que está descolando em alguns pontos. Na parede da esquerda, há um espelho imenso, com manchas escuras nas bordas. À direita, vem a pior parte: uma cama redonda, que foi posicionada em cima de um pequeno palco. No teto acima dela, há uma iluminação vermelha embutida no gesso em formato de coração.

— Meu Deus do céu... — Lilly cobre a boca, horrorizada.

Eu inspiro devagar e entro, dando passagem a ela. Em seguida, tranco a porta, ando até o aquecedor e coloco a mão sobre a saída de ar.

— Ao menos, a calefação está funcionando direito.

— E não tem cheiro de mofo — Lilly entra no meu jogo do contente.

Sento na cama.

— O colchão é macio — digo, com um pequeno sorriso.

Ela ergue o canto dos lábios também, e anda até o banheiro. Ouço um barulho de água, que cessa segundos depois. Lilly volta e para no batente da porta, apoiando o ombro ali e cruzando os braços.

— A água do chuveiro é quente.

Ligo a TV.

— A televisão funciona — continuo a brincadeira.

Vou passando os canais, até que num deles aparece, do nada, um filme pornô. Os gemidos altos invadem o quarto, me pegando desprevenido. Tento mudar o canal, mas acabo aumentando o volume sem querer.

— Isso! — a mulher na tela grita. — Mete gostoso, garanhão!

Olho de relance para Lilly, que está roxa como uma beterraba.

— Merda! — Começo a apertar freneticamente o botão de desligar. A pilha do controle deve estar fraca, porque demora uns cinco segundos antes de finalmente funcionar. Solto o ar de uma vez só e me viro para Lilly. — Ao que tudo indica, o gosto dos hóspedes desse estabelecimento não é muito erudito.

Nós ficamos nos encarando por alguns instantes. Eu sou o primeiro a explodir numa

gargalhada, mas ela vem logo atrás.

— Se contarmos, ninguém vai acreditar — Lilly comenta, enxugando os olhos. — Parece que estamos numa comédia dos anos 90.

— Essas eram as melhores.

Depois que a crise de riso cessa, ela morde o lábio inferior. Essa imagem me faz lembrar de uma expressão bem parecida quando eu estive dentro dela. Meu sorriso desaparece na mesma hora e eu preciso desviar o olhar para evitar uma ereção completamente fora de hora.

— Eu... — Lilly murmura, também um pouco desconcertada com a mudança súbita no clima — acho que vou tomar um banho.

— Claro. Vou ver se consigo pedir alguma coisa para a gente comer.

Assim que ela se tranca no banheiro, eu corro a mão pelo cabelo e olho para o teto. Ainda não tenho a menor ideia de como vou resistir a essa mulher, tendo que dividir um quarto com ela.

Como não adianta ficar me torturando com um problema sem solução, pego o cardápio e analiso as opções. Logo em seguida, tiro o telefone do gancho e ligo para o ramal da cozinha.

— Boa noite. Eu gostaria de fazer um pedido para o quarto 4.

— Sim. Pode falar.

— São dois cheeseburguers com batatas grandes, duas Cocas Zero e um saco de M&M’s.

— Daqui a pouco está aí.

Desligo o telefone. A calefação está funcionando tão bem que eu diria que o quarto está quente até demais. Ando até o aquecedor velho e tento girar o dispositivo de controle para diminuir a temperatura, mas o botão não se mexe. Quando giro na outra direção, aumentando, ele vai.

Bem, talvez, só precise de jeito. Tento girar novamente no sentido contrário, e nada. Agora ele está emperrado no máximo. Eu forço um pouco mais, até que ele simplesmente sai na minha mão.

Fico encarando o objeto, incrédulo. Nesse momento, Lilly sai do banho, com a mesma roupa que estava usando antes. Ao ver o botão solto, ela pergunta:

— O que é isso?

Eu olho para o aquecedor, irritado.

— Essa coisa velha acabou de quebrar na minha mão.

Lilly arregala os olhos.

— Ficaremos sem calefação?!

Coloco a palma sobre a saída de ar, que agora está ainda mais quente.

— Não. Mas talvez tenhamos que fazer sauna.

Ela anda até a cama e senta. Logo em seguida, começa a se abanar.

— Deve ser psicológico, mas eu já estou suando.

Eu rio nervosamente e passo a mão na testa, que já começa a acumular algumas gotas.

— Não tem nada de psicológico nisso aqui. — Mostro a mão úmida para ela. — Preciso tomar um banho. Você pode ligar para a recepção e ver se eles têm alguma solução?

— Vou ligar.

Eu entro no banheiro e tiro toda a roupa. Ligo a água, que só tem duas temperaturas: escaldante ou congelante. Como terei que encarar o calor do quarto muito em breve, opto pela segunda.

Tomo um banho rápido, dando pequenos pulos para aguentar o frio. Me seco com a toalha tão macia quanto uma lixa de parede e coloco a boxer e a calça. Tento vestir o suéter, mas começo a suar quase imediatamente.

Saio do banheiro sem camisa.

— Desculpe, mas não vou conseguir colocar o... — minha frase morre e se transforma numa risada mal disfarçada ao olhar para Lilly.

Ela está sentada no chão, em frente ao frigobar aberto, com as mangas do suéter arregaçadas e as bochechas vermelhas.

— Não tem graça — ela rosna para mim.

— Desculpe, mas tem sim. Isso merecia uma foto.

— Você não ouse, Thomas Becker III.

Cruzo os braços, ainda contendo o riso.

— O que o pessoal da recepção disse?

Lilly aponta para o lado de fora.

— Que, com esse tempo, a empresa de manutenção não conseguirá vir hoje. Ah, e que vão cobrar o conserto.

Eu bufo.

— Excelente. — Olho para o tempo horrível através do vidro, e tenho uma ideia óbvia. Abro um sorriso convencido. — Você tem sorte de estar presa aqui com o homem mais inteligente do hemisfério norte. Vou salvar nossa noite nesse exato momento.

Ando até a janela, e começo a tentar empurrar. Ela nem se move. Analiso melhor, e vejo que é soldada.

— Quem solda uma janela?! — pergunto, perplexo. — E se houver um incêndio aqui?

Começo a olhar em volta, porque não é possível. Atrás da cortina, há uma alavanca e um pequeno aviso colado na parede.

Em caso de emergência, puxe a alavanca e a janela inteira se desprenderá.

Viro para trás e vejo Lilly apertando os lábios para não rir.

— Parece que o homem mais inteligente do hemisfério norte está enfrentando dificuldades logísticas. — Ela anda até mim e aponta a janela com a cabeça. — Isso foi a primeira coisa que eu pensei quando descobri que não conseguiríamos consertar a calefação, Einstein. Se tivesse me perguntado antes, eu teria te poupado a vergonha.

Eu estreito os olhos.

— Você, por acaso, está me sacaneando, Lilly Barrington?

Ela levanta as sobrancelhas, com um ar inocente.

— Jamais faria isso.

Nesse momento, alguém bate na porta do quarto. Ando até lá e recebo nosso jantar. Como não há mesa, apoio a bandeja na cama mesmo.

— Bem, teremos que comer aqui.

Lilly senta na minha frente e pegamos os cheeseburguers. Para o meu completo choque, eles estão deliciosos.

— Hum — murmuro, de boca cheia. — Bom pra caralho.

Ela fecha os olhos e geme, daquele mesmo jeito sexy de quando jantamos juntos pela primeira vez no galpão da empresa. Nossa, parece que faz uma década que aquilo aconteceu, mas não se passou nem um mês.

Fico observando-a, hipnotizado. Quando Lilly volta a abrir os olhos e percebe a maneira como estou encarando-a, dá um sorriso sem graça.

— Eu sei — ela diz, antes de limpar a boca com um guardanapo de papel. — Eu sou estranha quando como algo gostoso.

Baixo o olhar para o sanduíche e balanço a cabeça para os lados, com um pequeno sorriso.

— O que foi? — Lilly pergunta. — Do que você está rindo?

Volto a encará-la.

— Você não vai gostar de ouvir.

Ela fica mais séria e sustenta meu olhar.

— Agora fala, Thomas.

Eu apoio o cheeseburguer na bandeja e inclino o corpo levemente para frente.

— Você não fica *estranha*, Lilly. Fica sexy como o inferno.

Suas bochechas ficam ainda mais vermelhas, mas ela não quebra o contato visual. Meu olhar desce devagar até a boca carnuda, e preciso conter um suspiro ao me lembrar de como foi delicioso beijá-la.

— É melhor a gente terminar de comer antes que esfrie — digo, desviando o olhar.

Nós acabamos de jantar em silêncio. No final, ela vê o saco de M&M's sobre a mesa de cabeceira.

— Você pediu isso para mim?

Sim, porque eu me lembro de que ela adorava esse chocolate quando era mais nova. Pego o saco e jogo para ela.

— Eu não esqueço as coisas, Lilly Barrington. Inclusive, lembro de várias que você nem imagina.

Ela abre o pacotinho e pega um, jogando na boca em seguida.

— Tipo o quê?

— Deixa pra lá. — Recolho o lixo e levo a bandeja para fora. Reparei numa pequena copa no corredor quando estávamos vindo para o quarto, então coloco lá.

Quando retorno, dou de cara com a expressão curiosa de Lilly.

— Você não vai mesmo me contar?

— Não.

— Que maldade, Thomas.

Eu ignoro o comentário, porque não é uma boa ideia falar sobre esse assunto agora. Lilly não precisa saber que eu me lembro dos seus filmes e músicas favoritos, da roupa que ela usou no meu aniversário de 21 anos e eu tive que lutar a noite inteira para manter meus olhos longe, do nome que ela deu para o cachorro de rua que nós "adotamos" por duas horas quando éramos pequenos ou de que ela uma vez confessou, meio bêbada, que tinha medo de girafas por nenhuma razão em particular.

Acabo de me dar conta de que me lembro de tantas coisas sobre ela que é melhor deixar quieto.

Olho o relógio. Ainda são oito e meia, mas não é como se tivéssemos muitas opções de lazer aqui dentro. Ao menos, não as que eu gostaria. Lilly continua morrendo de calor e tenta se abanar, sem sucesso.

— Está um calor surreal aqui dentro — digo. — Se você quiser, podemos apagar as luzes e você tira essa roupa. Posso colocar esse cobertor grosso no chão, já que ele certamente não será usado, e dormir ali. Você fica com a cama.

Ela me encara.

— Você não precisa dormir no chão. — Lilly olha para trás, analisando a cama desproporcionalmente grande. — Cabemos nós dois aqui.

Eu não consigo disfarçar um sorriso.

— Agradeço a gentileza, mas preciso avisar que não há qualquer possibilidade de eu dormir com essa calça. Vou tirá-la assim que você apagar as luzes.

Lilly engole em seco. Imagino que, diante dessa informação, ela vai recuar.

— Tudo bem. Eu também não conseguirei continuar vestida.

E essa mulher me surpreende mais uma vez.

Dormir com Lilly Barrington seminua ao meu lado e não poder tocá-la será o maior desafio da minha vida. Preciso confiar no meu autocontrole.

— Melhor tentarmos descansar, então — digo, retirando a coberta e deitando do lado direito. — Não sabemos como será nosso dia amanhã.

— Tem razão. — Lilly estica a mão e apaga as luzes, tanto a principal quanto a de coração.

Eu tiro a calça jeans, sentindo o alívio imediato ao livrar minha pele do tecido grosso. Ao meu lado, percebo cada bendito movimento de Lilly tirando a própria roupa. Viro na outra direção, lutando desesperadamente contra o impulso de implorar por apenas mais uma noite.

Assim que suas roupas são descartadas no chão, Lilly fica novamente imóvel na cama. Presto atenção a cada ruído baixo da sua respiração e sinto o calor que emana do corpo perfeito, ainda que não estejamos nos tocando.

Será uma noite de completa tortura, e não tenho a menor ideia se conseguirei dormir em algum momento. Minha única certeza é que não será agora, porque nunca estive tão alerta em toda a minha vida.

Lilly se mexe mais uma vez, e eu fecho os olhos. Quando sinto um toque suave no braço, minha pele arrepia inteira.

— Thomas? — ela chama.

— Sim — respondo, sem me mover.

— Quero te pedir uma coisa.

Meus batimentos estão acelerados numa frequência preocupante. Faço um esforço para engolir, porque minha boca ficou subitamente seca. Giro o corpo devagar e fico de frente para ela. A luz fraca que entra pela janela é suficiente para que eu veja seu rosto, e o que eu encontro ali faz meu coração parar de bater por alguns segundos.

Meu Deus, eu estou completamente louco por essa mulher.

— O que você quiser — murmuro, rouco.

Ela pega minha mão e leva ao próprio rosto. Deslizo o polegar pela pele macia com cuidado para não a assustar e quebrar esse momento.

— Faz amor comigo — Lilly sussurra.

E esse é meu fim.

Puxo o rosto de Lilly para um beijo com tamanho desespero que é como se minha vida dependesse disso. Ela retribui com a mesma intensidade, suas mãos embrenhando-se no meu cabelo. Os beijos se repetem numa sucessão interminável, interrompidos apenas por breves segundos em que nos entreolhamos e sorrimos, antes de nos perdermos outra vez em mais um beijo faminto. É como se, finalmente, estivéssemos onde desejávamos desesperadamente estar: nos braços um do outro.

Agarro sua cintura a trago para mais perto de mim, não deixando nem sequer um centímetro de distância entre nós. Nossas bocas se devoram enquanto eu deslizo a palma áspera sobre a pele macia da sua bunda e das coxas torneadas. Desço com uma trilha de beijos úmidos pelo seu pescoço e ela joga a cabeça para trás, gemendo em completo abandono.

— Você não tem ideia do quanto eu te quero — murmuro, lambendo a pele salgada pela camada fina de suor. — Cada pedacinho do seu corpo desafia minha sanidade.

Lilly crava as unhas nas minhas costas quando abocanho um mamilo exposto, sugando o biquinho excitado de um jeito possessivo.

— Que delícia — ela sussurra. — Adoro quando você faz isso.

Sem parar de chupar o peito pequeno e perfeito, trago seu quadril para mais perto do meu, pressionando-o contra a minha ereção. Lilly geme outra vez e rebola, me tirando completamente do sério.

Com Lilly deitada de barriga para cima, eu puxo sua calcinha, até deixá-la nua. O quarto está fracamente iluminado por um poste da rua, e eu adoraria vê-la melhor. Porém, essa aura meio etérea causada pela iluminação indireta combina tão bem com esse momento que decido manter as luzes apagadas.

Abro os joelhos de Lilly com delicadeza e me posiciono entre suas pernas. Desço o rosto e sinto o cheiro delicioso da bocetinha excitada, o que faz meu pau latejar na cueca.

— Como senti saudade de chupar você, Lillyanne.

Percorro a entrada melada com a língua e Lilly estremece, agarrando os lençóis. Quando envolvo o clitóris inchado com os lábios e começo a sugar, ela choraminga de um jeito tão sexy que eu seria capaz de gozar apenas ouvindo esse som e saboreando seu gosto.

Levanto o olhar e fico arrepiado ao ver seu rosto contorcido de prazer — as sobrancelhas unidas, os lábios entreabertos, a respiração ofegante. Mesmo tendo estado com Lilly apenas uma noite, eu desvendei cada um dos mistérios do seu corpo e aprendi as formas de lhe dar mais prazer, assim como ela fez comigo. Nunca tive uma conexão sexual tão rápida e potente com alguém.

— Thomas, eu vou gozar — ela murmura, e eu sorrio contra suas dobras, acelerando as lambidas ritmadas no seu ponto mais sensível.

Um gemido longo escapa da sua garganta ao mesmo tempo em que o corpo dela convulsiona de prazer. Apenas depois de sorver a última gota do seu orgasmo, eu ergo o corpo, ficando de joelhos, e corro o dorso da mão pela boca.

Fico observando-a enquanto tiro a boxer. Lilly está toda molinha, de olhos fechados, acalmando a respiração e com um pequeno sorriso satisfeito enfeitando os lábios cheios. Ela é tão linda que meu peito chega a apertar com essa visão.

Quando fico completamente nu, vou até a carteira em busca de um preservativo, mas não há nenhum.

— Não acredito nisso... — murmuro, para mim mesmo.

Lilly abre os olhos pesados e me encara com curiosidade.

— O que foi?

— Não trouxe camisinha.

Ela senta na cama, e fica me encarando por alguns segundos. Em seguida, me chama para deitar ao seu lado. Assim que eu me junto a ela, Lilly faz um carinho no meu rosto e diz:

— Nem acredito que vou te perguntar isso, mas... você costuma fazer sexo sem camisinha?

Nego.

— Nunca fiz. Nunca. — É a mais pura verdade. — Sou meio neurótico com isso, tanto que faço exames a cada seis meses só para ter certeza. Todos sempre deram negativo.

Ela assente e sorri, um pouco tímida.

— A única pessoa com quem transei sem camisinha foi Sebastian, e já faz mais de quatro anos da última vez. Também me testo com frequência e uso pílula. — Ela respira fundo. — Eu topo fazer sem com você, Thomas. Se você também quiser.

Eu sorrio, lisonjeado. Receber tamanha confiança por parte de Lilly significa o mundo para mim. Me inclino sobre o seu corpo e a beijo, sem pressa dessa vez.

— Você é perfeita — digo, entre os beijos. — Simplesmente perfeita.

Lilly me puxa e eu me acomodo sobre ela, na posição sexual mais clássica — a que eu nunca faço com mulher nenhuma, porque sempre me remeteu a uma conexão que vai além do sexo e que eu nunca busquei. Mesmo naquele dia, na casa dela, nós experimentamos várias, mas essa não.

Na penumbra do quarto, os olhos verdes procuram os meus. Eu a encaro e faço um carinho suave no seu rosto, completamente imerso nesse momento.

Imerso *nela*.

Quando a penetro, é como se algo mudasse dentro de mim. É uma conexão avassaladora, inexplicável, que eu nunca senti antes. Lilly me pediu que fizesse amor com ela e, nesse instante, me dou conta de que é exatamente isso que eu estou fazendo.

Começo a me mover devagar, colando nossas testas e fechando os olhos. Não sei o que está havendo entre nós, só sei que não quero que termine. Lilly envolve meu quadril com as pernas e suspira, tão entregue quanto eu. Eu a beijo, de novo e de novo. Tenho a sensação de que poderia passar o resto da vida aqui, com ela, e não me importaria com isso.

Nossas respirações vão mudando, ficando mais entrecortadas. Eu altero um pouco o ângulo da penetração, porque conheço o corpo dela o suficiente para saber de quais estímulos Lilly precisa para gozar. Ela sorri ao notar meu cuidado com o seu prazer, e eu sorrio de volta.

— Linda. — Mordo de leve seu lábio inferior, sem parar com as estocadas cada vez mais profundas. — *Minha* linda...

Percebo os sinais do clímax próximo e intensifico os movimentos, para levá-la comigo. Lilly geme meu nome e se desmancha, me apertando dentro dela e aniquilando qualquer resquício de controle.

Eu me derramo inteiro ali, arrebatado pelo prazer indescritível de gozar dentro dela sem qualquer barreira. Assim que consigo recuperar minimamente o comando do meu próprio corpo, rolo para o lado e trago Lilly para o meu peito.

Beijo o topo da sua cabeça, mantendo-a junto a mim. Pouco tempo depois, ouço sua respiração compassada, indicando que ela adormeceu. Solto o ar devagar, encarando o teto.

Nas últimas semanas, minha vida mudou tão completamente que não consegui colocar os pensamentos em ordem. A situação dos irmãos, meu relacionamento com Lilly, tudo é tão inesperado e tão fora dos meus planos que ainda me sinto perdido.

Aspiro o perfume suave do cabelo loiro e sorrio. Não tenho todas as respostas, nem terei por enquanto. Precisamos primeiro resolver o problema das crianças, para depois pensarmos em como nós dois ficaremos nisso tudo. A ideia de um relacionamento que dure mais do que poucas noites já não parece mais tão assustadora quanto antes.

Se Lilly topar, podemos simplesmente deixar acontecer e ver onde isso tudo vai dar. Talvez a gente possa mesmo viver algo legal, sem cobranças ou expectativas, pelo tempo que tiver que durar.

Aproveito a maciez e o calor do seu corpo contra o meu e respiro fundo. Antes de adormecer, minha única certeza é que nunca senti por outra pessoa algo parecido com o que sinto por Lilly Barrington, e não pretendo deixar que mal-entendidos nos afastem dessa vez.

capítulo 21

LILLY

— VOU PENDURAR ESSA AQUI. — KAYLEE, EM PÉ SOBRE UMA ESCADA BAIXA, APONTA PARA UMA bolha vermelha com brilhos dourados na caixa que estou segurando.

Eu a entrego e a menina prende com cuidado na lateral da árvore de Natal imensa que compramos no início da tarde. Dexter está compenetrado enrolando os fios com as pequenas lâmpadas ao redor os galhos mais baixos, enquanto Thomas coloca alguns enfeites mais altos. Sorrio, encantada com a alegria das crianças com algo tão simples quanto decorar uma árvore de Natal.

— Veja o que acha desse aqui — Thomas se dirige a Kaylee, mostrando uma miniatura de ursinho com cachecol. — Acha que fica bom ao lado da bengala?

A garotinha une as sobrancelhas e inclina a cabeça para o lado, com uma expressão compenetrada. Após segundos de reflexão, ela aprova, solene.

— Fica bom sim. Pode colocar.

Thomas esconde um sorriso e faz o que ela orientou. A decoração está quase pronta, e o resultado ficou lindo.

— Seria muito legal se nevasse no Natal — Dex comenta, distraído. — Essa árvore tem flocos de neve, e ficaria incrível se lá fora estivesse nevando também. — Ele então parece lembrar que não estará aqui na noite do dia 24. Suas bochechas ficam vermelhas e o menino se corrige: — Quero dizer... vocês dois provavelmente achariam bonito.

Eu olho para Thomas, e ele me encara de volta.

Quando acordamos em Portland, hoje pela manhã, eu o informei de que entraria com um pedido de guarda temporária das crianças, ao menos até a avó recuperar a consciência — se é que isso vai acontecer. Imaginei que ele fosse protestar, me lembrar de que tudo é uma grande loucura e dizer que esses meninos estão apegados demais a nós.

Eu tinha, inclusive, todos os argumentos prontos, já que acordei meia hora antes dele e fiquei pensando nesse assunto sem parar. Quer dizer, nisso e na conversa que precisamos ter sobre nós dois, mas essa é uma outra história.

Para a minha surpresa, Thomas não ofereceu nenhuma resistência à minha ideia, pelo contrário. Disse que imaginava que eu iria querer fazer isso, já vinha pensando em soluções e tentaria resolver no caminho para casa.

Felizmente, com as estradas liberadas, conseguimos sair de lá por volta das dez. Durante o trajeto de volta, Thomas veio fazendo várias ligações. Contactou juízes, promotores, cobrou

favores... o resultado foi que conseguiu, em tempo recorde, uma tutela provisória das duas crianças no meu nome, condicionada à recuperação de autonomia de sua responsável legal ou um prazo de 30 dias, o que acontecer antes. Como é quase impossível que Ruth se recupere o suficiente para estar apta a cuidar de duas crianças em menos de um mês, eles ficarão conosco até o início de janeiro.

Depois desse período, caso a mulher não acorde, os meninos precisarão ser acolhidos pelo serviço de proteção à criança e direcionados para um lar temporário, talvez separados. Fiquei apavorada com essa ideia, mas Thomas me tranquilizou dizendo que, até lá, poderemos buscar outras soluções. O mais importante é que a tutela foi emitida pelo juiz de plantão, o que significa que não estamos mais abrigando-as ilegalmente.

Ainda não contamos nada a eles, até porque, não sabemos como falar sobre o que aconteceu com sua avó. Porém, diante do comentário triste de Dex, talvez seja um bom momento.

Thomas parece notar minha intenção, porque acena com a cabeça de maneira quase imperceptível. Ele olha para os dois e diz:

— Agora só falta colocar a estrela no topo e acender as luzes.

— Posso colocar a estrela? — Kaylee pergunta, esperançosa.

— Claro, princesinha.

Dexter mexe na ponta do fio, parecendo ansioso para participar, mas não querendo se intrometer nem incomodar.

— Você poderia acender as luzes para nós, Dex? — eu peço. — Depois que sua irmã colocar a estrela lá no alto.

O menino levanta os olhos e sorri.

— Claro.

Thomas levanta a garotinha como se ela fosse voar. Kaylee gargalha e coloca o objeto brilhante no topo da árvore com todo o cuidado. Em seguida, Dexter respira fundo e aperta o pequeno botão que acende as lâmpadas.

O efeito é mágico. Lá fora, o céu já está escurecendo. Dentro da sala de Thomas, há uma luz suave emanando do fogo da lareira e de algumas luminárias, o que deixa todo o cômodo numa penumbra parcial. A árvore acesa resplandece e traz um brilho único para o ambiente.

Olho para as crianças. Kaylee observa a árvore com a boquinha em formato de coração entreaberta, como se tivesse dificuldade de acreditar que é real. Dex está com o maxilar cerrado e os lábios apertados, contendo a todo custo uma emoção com a qual não sabe lidar.

Thomas deve estar atento à mesma coisa, porque toca o ombro do menino com carinho antes de anunciar:

— Temos algo importante para conversar com vocês.

As duas crianças o encaram ao mesmo tempo.

— Vocês acharam a Ruth? — Dexter pergunta na mesma hora, parecendo assustado.

Eu sento no tapete em frente a lareira e chamo todos para se juntarem a mim. Assim que nos acomodamos, eu tomo a frente na conversa — afinal, toda essa ideia partiu de mim, então é justo que eu assuma a responsabilidade sobre a comunicação com eles.

— Sim, nós encontramos — confirmo.

Kaylee olha para o irmão, parecendo angustiada, e em seguida para mim outra vez.

— Nós teremos que voltar para a casa dela? Eu não quero ir pra lá.

Dexter toca seu braço, com uma expressão triste.

— Kay, não é a gente que escolhe. Deixa a Lilly falar.

— Sua avó sofreu um acidente de carro perto de Portland, e por isso não voltou para casa —

explico. — Ela foi internada num hospital de lá, e está inconsciente.

Dex arregala os olhos.

— Ela vai morrer?

Eu seguro sua mãozinha fria, tentando tranquilizá-lo.

— Os médicos acham que o pior já passou, mas ainda não sabem como será a recuperação dela. Talvez... demore.

Kaylee abraça os joelhos.

— O que vão fazer com a gente? — a menina pergunta.

Dex envolve seus ombros, tentando transmitir uma confiança que ele mesmo não parece sentir.

— Calma, Kay. A gente vai dar um jeito.

Eu inclino o corpo na direção deles.

— Eu fiz um pedido ao juiz, e ele aceitou. Pedi que vocês fiquem comigo por um mês, até sabermos como ficará a situação da sua avó.

Kaylee, que parecia prestes a chorar, abre um sorriso.

— Nós podemos continuar aqui? Até o Natal?

Só então me dou conta de que, no meio de tantas questões a resolver, eu não conversei com Thomas sobre onde nós três ficaríamos. Agora que eu tenho a guarda temporária das crianças, não há mais motivo para continuarmos aqui.

— Vocês ficarão comigo — digo.

— E comigo — Thomas diz, me pegando de surpresa. — Minha casa continuará sendo a casa de vocês pelo próximo mês.

A expressão alegre de Kaylee dá lugar a outra, mais tensa.

— E depois? — a menina pergunta.

Eu faço um carinho no seu rosto, tentando passar confiança.

— Depois, nós veremos qual será a melhor solução.

Kaylee olha para mim com uma expressão triste.

— Nós não podemos ficar com vocês para sempre?

Meu peito dói tanto com essas palavras que sinto os olhos marejando sem controle. Eu puxo a garotinha para o meu colo e abraço o corpinho frágil;

— Independentemente do que acontecer, eu sempre serei amiga de vocês. Vocês não estarão mais sozinhos, Kaylee.

A menina chora, e eu preciso respirar fundo várias vezes para não desabar também. Olho para o lado à procura de Dex. Ele está com as pernas cruzadas, encarando os próprios pés.

— Você quer um abraço também? — pergunto.

O menino balança a cabeça.

— Não precisa, obrigado. Eu estou bem.

Minha vontade é abraçá-lo mesmo assim, dizer que ele não precisa ser forte o tempo todo. Mas que direito eu tenho de fazer isso? Daqui a um mês, essas crianças podem ser separadas e levadas para morar com pessoas que não vão amá-las.

Esse pensamento é tão devastador que eu aperto Kaylee com mais força, como se assim pudesse manter essas crianças junto a mim para sempre.

Quando meu olhar encontra o de Thomas, vejo que ele também está mal. Ao notar minha expressão desamparada, esse homem incrível que não para de me surpreender chega mais perto e chama os dois irmãos.

— Kaylee, Dexter, venham aqui. — Os dois obedecem, e Thomas os coloca sentados à sua

frente. — Eu nem imagino tudo que vocês passaram até aqui. Entendo que estejam com medo, e que não queiram ser separados nem levados para lugares onde poderão ser maltratados. Então, vou contar uma coisa a vocês.

Os dois permanecem em silêncio, completamente atentos.

— Eu trabalho como advogado — ele continua. — Isso significa que ajudo as pessoas a garantir seus direitos, para que injustiças não sejam cometidas. Ainda não sei como será daqui a um mês, mas estou fazendo uma promessa a vocês dois aqui e agora: eu não vou descansar enquanto não souber que vocês estão juntos e sendo cuidados com amor, de maneira definitiva.

Os dois assentem e eu preciso controlar a emoção diante da seriedade com que Thomas firma esse compromisso. Acredito em cada palavra, porque esse é o tipo de homem que ele é.

— Agora — ele continua —, vou fazer uma proposta. Temos um mês inteiro pela frente, em que estaremos juntos. Não vamos ocupar esse tempo com tristeza e preocupações. Vamos aproveitá-lo ao máximo e nos divertir muito. Pode ser?

Os dois sorriem.

— Sim — Kaylee diz. Em seguida, ela fica de joelhos e envolve seu pescoço. — Eu amo você, Thomas.

Menos de dois segundos se passam antes que Tom se recupere da surpresa e abrace a garotinha de volta. Ele fecha os olhos e sorri.

— Também te amo, princesinha.

A cena é profundamente tocante.

Eu olho para Dexter, que me encara de volta. Sinto um desejo incontrolável de abraçá-lo também, mas essa criança tem seus motivos para manter suas defesas erguidas e sei que preciso respeitar. Eu lhe dou uma piscadinha, e ele retribui. Seu olhar carrega sombras que criança nenhuma deveria ter, e eu só torço para que, algum dia, Dex possa voltar a ser apenas um menino.

Quando o abraço de Thomas e Kaylee termina, ele olha para mim e sugere:

— Agora que já temos árvore, o que acha de incrementarmos a programação de Natal levando esses dois para patinar?

Eu sorrio.

— Acho uma excelente ideia.

~

O RINQUE de patinação montado na Pioneer Square não está muito cheio. Depois de algum tempo patinando de mãos dadas comigo e com Thomas, já que era a primeira vez das crianças no gelo, agora os dois estão indo sozinhos, bem devagar e de mãos dadas.

Eu e Thomas estamos deslizando lado a lado, de olho nos dois o tempo todo.

— A forma como Dexter cuida dela é emocionante — Tom comenta.

O menino está inclinado, falando algo perto do ouvido da irmã e encorajando-a a tentar os movimentos.

— Eles estão sozinhos há muito tempo — digo. — Acho que Dexter entendeu desde cedo que Kaylee dependeria dele para sobreviver. — Solto um suspiro. — Isso é de partir o coração. Ele é apenas um menino.

Thomas concorda, e continuamos patinando em silêncio por mais algum tempo.

— Eu queria falar com você sobre... — começo, sem saber ao certo como nomear — bem, sobre nós dois.

Ele apenas me encara, esperando que eu continue.

— Antes de mais nada, preciso dizer que fiquei feliz com sua proposta de continuarmos na sua casa, mas você não precisava fazer isso. Tenho plena noção de que quem começou essa história de acolher as crianças fui eu, e não quero que se sinta responsável ou preso na situação.

Thomas faz uma manobra e fica na minha frente, patinando de costas.

— Não foi por isso que eu ofereci — ele diz, sério. — Eu gosto deles também.

— Sei que sim. Eu só não quero...

Ele para e segura meus ombros, me fazendo parar também.

— Lilly, relaxa. Estou feliz por ter esse movimento diferente na minha casa. As crianças são incríveis, eu me divirto bastante com elas. — O olhar verde-escuro fica mais profundo. — E estaria mentindo se dissesse que não estou adorando te ver todos os dias.

Sinto as bochechas esquentando e sorrio.

— Também gosto de ficar perto de você.

Thomas ajeita meu gorro e segura meu rosto com carinho, chegando um pouco mais perto.

— Inclusive, eu quero te dizer como eu me sinto em relação a nós dois.

Meu coração dispara. Não é sempre que um homem é tão direto em relação aos seus sentimentos.

— Estou ouvindo — respondo.

Ele observa meu rosto com atenção.

— Eu nunca tive planos de me envolver seriamente com alguém, Lilly. Admito que ainda não consigo me imaginar num relacionamento de longo prazo, mas algo mudou nas últimas semanas. O que passei a sentir por você é diferente de tudo que eu já experimentei. É mais intenso, mais... profundo. Não quero te fazer promessas nem te magoar com falsas expectativas, mas eu adoraria dar uma chance a esse sentimento novo e ver aonde isso nos leva.

Eu o observo, alternando o olhar entre suas íris esverdeadas.

— O que você está propondo exatamente, Thomas?

Ele dá de ombros.

— É a primeira vez que eu faço isso, então não sei se existe alguma regra. Só pensei em curtirmos um tempo juntos, sem rótulos.

Acho bonitinha a falta de jeito dele com essas coisas.

— Sem rótulos — repito, contendo um sorriso.

Thomas fica mais sério.

— Na verdade, tem um rótulo que faz sentido pra mim. Exclusividade. Desde que nos reaproximamos, não fiquei com nenhuma garota além de você e nem tenho vontade. E confesso que, só de pensar em você com outro homem, tenho o ímpeto de socar alguma coisa.

Eu rio.

— Não estou com mais ninguém. Nem quero.

Ele sorri, e a noite parece se aquecer, apesar do frio congelante. Seu braço envolve a minha cintura e ele me puxa pra mais perto, aproveitando a facilidade de me fazer deslizar sobre o gelo. Seu rosto se aproxima do meu e consigo sentir o hálito quente e gostoso.

— Isso quer dizer que eu posso te beijar em público agora, Lillyanne?

Mordo o lábio inferior.

— Isso quer dizer que pode me beijar quando você quiser, Thomas III.

Ele roça nossos narizes gelados.

— Tenho mais um pedido a fazer, então — diz, com a voz rouca.

— Qual?

Sua boca se aproxima do meu ouvido.

— Quero você dormindo todas as noites na minha cama a partir de agora.

Um arrepio de excitação percorre a minha coluna.

— O que as crianças vão pensar? — sussurro.

Nós dois olhamos para o lado. Dex e Kaylee estão parados lado a lado, atentos a nós e com um sorriso nos rostinhos alegres. Dexter faz um sinal de positivo e Kay bate palminhas animadas.

— Bem — Thomas volta a olhar para mim, nossas respirações se misturando —, acho que eles já perceberam que eu estou completamente louco por você e parecem animados por nos ver juntos.

Meu coração está batendo tão forte que fico com receio de que todos ao nosso redor estejam ouvindo.

— Nesse caso, não vejo motivos para negar sua proposta.

Ainda com um sorriso nos lábios, Thomas me beija. Envolvo seu pescoço, me entregando completamente.

Não tenho ideia de como será o futuro, mas, nesse exato instante, o presente me basta.

capítulo 22

THOMAS

NUNCA VI A CASA DOS MOORE TÃO AGITADA QUANTO HOJE. HÁ UMA INFINIDADE DE CARROS estacionados na rua, próximos à frente da mansão. Assim que Lilly, as crianças e eu cruzamos o portão de entrada, já conseguimos ouvir uma música tocando ao longe.

Uma moça simpática nos cumprimenta, confere nossos nomes e pega o presente. Em seguida, indica os fundos da mansão.

— Divirtam-se.

Nós agradecemos e caminhamos para lá.

— Uau — Kaylee murmura, de mãos dadas com Lilly e observando alguns balões coloridos à distância, conforme contornamos a casa. — Que festa bonita.

Os olhos de Dexter brilham quando chegamos ao jardim dos fundos e ele vê um mágico organizando seu número sob uma grande tenda branca.

Sorrio para Dex e pergunto:

— Gosta de mágica?

Ele parece tão hipnotizado pela cena que demora alguns segundos para perceber que estou aguardando sua resposta.

— O quê? — o menino pergunta, distraído, e então olha para mim. — Ah, sim. Mágicos são muito maneiros, mas nunca vi um de perto.

— Por que não vai até lá? — Aponto o local onde outras crianças já estão sentando no chão, aguardando o início do show. Vejo Paige, Claire, Nick e mais alguns que eu não reconheço.

Os olhos castanhos de Dexter brilham.

— Eu posso?

— Claro! Estaremos por aqui.

— Legal! — Ele sai correndo, e eu sorrio.

Os momentos em que Dex se permite ser apenas um menino de nove anos são tão raros quanto preciosos.

— Lilly, olha! — Kaylee puxa sua mão e mostra uma barraca de algodão doce, onde algumas crianças já aguardam sua vez numa pequena fila.

— Você quer um? — Lilly pergunta, com um sorriso.

— Sim!

— Pode pegar. Só não exagere na quantidade para não ter dor de barriga depois, tudo bem?

Antes que ela consiga terminar a frase, Kaylee já está saltitando na direção da barraca.

— Crianças... — Lilly murmura, divertida.

Eu envolvo sua cintura e a trago para mais perto de mim.

— Eles certamente não tiveram muitas chances de se divertir numa festa como essa — comento. — Não fico surpreso por estarem querendo aproveitar cada segundo.

Lilly me encara com seus olhos verdes fascinantes.

— Você tem razão.

Nossas bocas estão próximas demais, e eu não resisto a roubar um beijo.

— Não acredito que são mesmo vocês dois.

Nos afastamos um pouco, a tempo de ver Conrad se aproximando com uma expressão chocada, de mãos dadas com a esposa. Ela exibe um sorriso enorme.

— Eu sabia! — Mia exclama, animada. — Bem que achei que tinha algo a mais entre vocês dois.

Assim que eles param ao nosso lado, Conrad pergunta:

— É sério que vocês estão juntos? Achei que se detestassem. Como isso aconteceu?

Antes de virmos para a festa, Lilly e eu conversamos sobre como deveríamos agir na frente dos nossos amigos e família. Além de Abby e Landon, ninguém mais sabe a respeito de nós dois, nem os nossos pais.

Como não oficializamos um relacionamento, não havia motivo para um comunicado formal. Por outro lado, seria ridículo mantermos distância durante a festa, afinal, somos dois adultos livres e desimpedidos que não devem satisfação a ninguém. Eu propus que agíssemos normalmente, como temos feito nessa última semana, e nos limitássemos a dizer que estamos curtindo um tempo juntos. Lilly aceitou prontamente, e aqui estamos.

— Eu nunca a detestei — corrijo, beijando a cabeça de Lilly e acomodando-a junto a mim. — Apenas gostava de implicar com ela quando éramos crianças, e demorou umas duas décadas para que eu fosse perdoado. Só isso.

Conrad ri.

— Então, agora vocês estão namorando?

— Não — Lilly e eu respondemos ao mesmo tempo. — Só estamos curtindo um tempo juntos — eu acrescento.

— Entendi. — Conrad olha na direção onde as crianças estão. — E esses dois que chegaram com vocês? Quem são?

Nós também conversamos sobre isso, e decidimos seguir com a versão resumida dos fatos.

— São duas crianças que precisavam de acolhimento por um período. Em breve, retornarão para sua família.

Mia e Conrad parecem intrigados com a explicação, mas são educados demais para fazerem mais perguntas. Nesse momento, Landon e Abby se aproximam também.

— E aí, casal? — Landon pergunta com naturalidade, e me dá dois tapinhas nas costas antes de abraçar Lilly rapidamente.

Conrad o encara, com uma expressão incrédula.

— Peraí, você já sabia?

Landon sorri, enigmático.

— Sem comentários.

Abby nos cumprimenta também, parecendo feliz em nos reencontrar. Eu olho ao redor e pergunto:

— Onde estão nossos anfitriões?

Conrad aponta para a tenda branca.

— Conversando com os pais de Lilly, que chegaram agora há pouco.

Eu e ela nos entreolhamos. Essa vai ser a parte mais desafiadora, então é melhor acabarmos logo com isso.

— Já voltamos — aviso, segurando a mão de Lilly e me encaminhando para o local onde seus pais estão.

Apenas quando estamos bem próximos, Donna Barrington nota nossa presença. Seu olhar vai imediatamente para nossas mãos unidas, e as sobrancelhas claras se erguem. A mãe de Lilly nos encara com uma expressão interrogativa no momento em que nos juntamos ao grupo.

— Tem alguém fazendo aniversário hoje? — eu brinco para ajudar a descontrair, olhando para a pequena Beatrice no colo da mãe.

Molly sorri.

— Quantos aninhos você está fazendo, Bea? — ela pergunta para a filha, que levanta um dedinho gorducho.

— Ah, que amor — Lilly comenta, sorrindo também. Seu olhar alterna entre Sebastian e Molly. — Não me canso de admirar o quanto ela é linda. Vocês estão de parabéns.

— Obrigado. — Sebastian se adianta e lhe dá um abraço rápido, antes de bater de leve nas minhas costas. — Que bom que vocês vieram.

— Nós que agradecemos o convite.

Sebastian encara nossas mãos unidas com um olhar curioso e sutil, mas não diz nada. Já os pais de Lilly são bem menos discretos na análise. A sra. Barrington puxa a filha para um abraço.

— Oi, querida. — Depois de soltá-la, Donna se vira para mim com um sorriso educado. — Não sabia que vocês vinham... *juntos*.

Alexander, ainda desconcertado, limpa a garganta e bate no meu ombro.

— Como vai, Tom?

— Bem, e você?

— Ótimo. — Ele se vira então para Lilly. — Oi, filha.

Ela o abraça.

— Oi, pai.

Sebastian e Molly pedem licença para receber alguns convidados que acabaram de chegar. Um silêncio desconfortável se instala por alguns segundos, mas Alexander o quebra.

— Eu estive no Plaza ontem — ele diz, me pegando de surpresa. A mão de Lilly tensiona de forma quase imperceptível na minha, e eu lhe dou um pequeno aperto de encorajamento. — A decoração ficou belíssima, Lilly.

Ela parece surpresa pelo comentário. Contudo, se recompõe rapidamente e sorri.

— Obrigada, pai. Fico feliz que tenha gostado.

Alex balança a cabeça, antes de acrescentar:

— Você seguiu por um caminho que eu não esperava. Optou por correr riscos, por desbravar algo novo inteiramente sozinha. Confesso que eu tive muito medo de que desse errado, e estaria mentindo se dissesse que não preferiria tê-la trabalhando na sala ao meu lado. — Ele sorri e olha para a esposa, que também está observando a filha com carinho. — Mas estamos orgulhoso de você, minha filha. Seu talento e sua dedicação são admiráveis.

Meu coração transborda nesse momento, e eu envolvo os ombros de Lilly de um jeito carinhoso e protetor. Ela sorri para mim, como se estivesse agradecendo silenciosamente pelo apoio, e depois para os pais.

— Essas palavras são importantes demais para mim. — Há um toque de emoção na sua voz.

Kaylee escolhe esse momento para se aproximar com dois algodões doces nas mãos. Ela para

ao lado de Lilly e mostra os doces.

— Eu sei que você pediu para não comer muito, mas um é para o Dex. Posso dar para ele?

O clima emotivo de segundos atrás desaparece quando sra. Barrington encara a criança com os olhos arregalados, como se estivesse vendo um filhote de onça pintada recém-fugido da floresta tropical. Ela olha para a filha em busca de explicações, mas Lilly está ocupada respondendo à pergunta de Kaylee.

— Claro, meu amor. Por que não assiste ao show junto com o seu irmão?

A garotinha sorri e segue a sugestão. Entrega um dos doces a Dexter, e os dois começam a comer juntos enquanto assistem o mágico fazer um truque. Lilly está distraída, observando as crianças com um sorriso, quando sua mãe limpa a garganta ruidosamente.

— Lilly, meu amor, porque não me acompanha até o bar para pegarmos um drinque?

Só de olhar para Lilly, não resta nenhuma dúvida de que ser sabatinada pela mãe é a última coisa que ela quer fazer. Ainda assim, ela sorri resignadamente e concorda.

— Claro. Vamos lá.

Assim que as duas se afastam, Alexander Barrington olha para mim.

— Eu achei que a maior surpresa dessa festa seria ver vocês dois juntos, mas, aparentemente, não foi. — Ele encara os meninos de relance. — Quem são essas crianças, pelo amor de Deus?

Sorrio.

— São apenas dois irmãos que precisavam temporariamente de ajuda. Estamos cuidando deles.

— Como assim, *estão cuidando deles*? — Alex insiste. — São filhos de quem?

— Os pais morreram.

Ele ergue as sobrancelhas para mim.

— E quem deu autorização a vocês para estar com dois menores?

— Um juiz. — Já vi que, com Alexander e seu instinto investigativo, a versão simplificada dos fatos não vai bastar. — Lilly conseguiu uma tutela temporária dos dois.

Ele me encara, em completo choque.

— Lilly fez *o quê*?!

— Eu ajudei — acrescento, não querendo que ela fique com toda o peso. — Foi um gesto muito nobre, Alex.

Ele sacode a cabeça, incrédulo.

— Meu Deus, no momento em que eu faço as pazes com uma decisão controversa de Lilly, ela me aparece com outra. Quando essa menina vai parar de arrumar problemas para si mesma? — Barrington olha para mim. — Qual é, exatamente, o seu papel nessa história toda, Tom?

Nesse momento, um garçom passa e eu aproveito a oportunidade de pegar um copo de uísque. Alexander faz o mesmo. Assim que o rapaz termina de servir as bebidas, eu bebo um gole, ganhando tempo.

— Eles estão morando na minha casa — informo, sem preâmbulos. — Lilly e as crianças ficarão lá até o início de janeiro.

— Meu filho, que loucura é essa? — Alexander olha para trás, onde a filha parece estar sendo interrogada pela sra. Barrington. — Não faz nem um mês que eu te pedi para ajudar Lilly com a questão do contrato, e você não me disse nada.

— Eu sei. É tudo muito recente, na verdade. — Como o homem parece esperar que eu explique mais, concluo: — Nós nos envolvemos depois daquilo. E não se preocupe com a situação das crianças, porque é temporária. Em breve, elas estarão em um lar definitivo com todas as suas necessidades atendidas.

Ao menos, é isso que eu espero.

— E vocês dois?

Essa é a pergunta que eu tenho evitado fazer a mim mesmo nos últimos dias.

E nós dois?

Quando os meninos forem embora, Lilly irá também? Confesso que comecei a me acostumar a tê-la dormindo comigo todas as noites e acordando ao meu lado todas as manhãs. Minha casa, antes sempre silenciosa e organizada, agora é alegre e barulhenta. Ao invés de odiar isso, como eu achei que seria, passei a contar os minutos para sair do escritório e poder passar tempo com os três. Tudo ainda é novidade, e admito que tenho evitado pensar em perguntas para as quais eu não tenho as respostas.

Bebo mais um pouco do uísque.

— Estamos vivendo o momento presente, Alex. — Olho para o homem que sempre foi como um segundo pai pra mim e sorrio. — Eu entendo sua preocupação. Lilly é sua filha, e sei o quanto a ama. Quero que saiba que eu tenho um carinho e uma admiração gigantescos por ela, e jamais faria qualquer coisa para magoá-la. Nós só não queremos atropelar as coisas.

Omito a parte de que temos planos diferentes para o futuro, porque a verdade é que, nesses últimos tempos, nem eu sei mais quais são os *meus* planos. A chegada de Lilly e das crianças na minha vida mudou tudo, e ainda não tive tempo de entender como isso afetou todo o resto. Sempre fui da política de deixar as coisas acontecerem naturalmente, ao invés de sofrer por antecipação. É exatamente o que estou tentando fazer agora.

As coisas estão tão gostosas da forma como estão que não quero estragar isso me preocupando com o que vai acontecer depois.

— Conheço seu caráter, Thomas, mas também sua fama com as garotas. — Alexander suspira e olha para a filha por alguns segundos. — Lilly tem um coração enorme, e isso acaba deixando-a vulnerável. Sei que sou apenas um velho pai, que às vezes se esquece de que ela não é mais a minha garotinha e eu não posso protegê-la de tudo. — Ele volta a olhar para mim, um pouco emocionado. — Só te peço que cuide bem dela e não a faça sofrer.

Eu sorrio.

— Você tem a minha palavra quanto a isso, Alex.

Olho na direção de Lilly. Ela está em pé junto ao bar, ouvindo a mãe falar incessantemente no seu ouvido, enquanto bebe um gole de um drinque vermelho. Ao notar que estou observando-a, ela baixa um pouco a taça e vira o rosto na minha direção. Nossos olhares se prendem por alguns segundos e Lilly sorri.

Eu sorrio de volta e, nessa curta fração de tempo, é como se o resto do mundo deixasse de existir. Olho então para os meninos, que estão gargalhando de um truque feito pelo mágico. Os dois parecem saudáveis, tranquilos e felizes, como todas as crianças deveriam ser.

Sinto uma pontada no peito ao pensar que, muito em breve, talvez eles já não estejam mais conosco. Quando volto a olhar na direção de Lilly, essa pontada só se acentua.

Pela primeira vez na vida, ser sozinho e independente deixou de parecer tão interessante assim.

capítulo 23

THOMAS

— SUA VEZ, DEX — LILLY DIZ, ANTES DE COLOCAR UMA GARFADA DE RISOTO NA BOCA.

— Abóbora? — o menino arrisca, com uma careta.

Kaylee faz que não com a cabeça e ri.

— Abóbora é no Halloween, não no Natal, bobinho.

— Eu sei! — seu irmão protesta. — Mas já tentamos todas as palavras.

Fico pensativo.

— Uma palavra com a letra A que não pode faltar no Natal... — repito a pergunta do jogo de adivinhação que estamos fazendo durante o jantar. — Já dissemos árvore de Natal, ajudantes do Papai Noel, alimentos...

Lilly ri.

— *Alimentos* foi você forçando a barra, Tom — ela provoca.

Eu ergo um ombro.

— Não sabia mais o que tentar.

— Caramba, Kay... — Dex suspira. — Que palavra difícil.

A garotinha olha para nós três, sem acreditar que ainda não adivinhamos.

— Como vocês esqueceram a palavra mais importante? — ela reclama, com as mãozinhas na cintura.

— Ok, desisto — Dex diz. — Qual era a palavra?

Kaylee sorri com doçura.

— Amor. A única coisa que não pode *mesmo* faltar no Natal.

É tão óbvio que chega a ser vergonhoso não termos acertado. Fico impressionado com a facilidade das crianças de, com sua inocência, enxergar o mais importante na frente de todo o resto.

Lilly a abraça com carinho.

— Você tem toda a razão, meu amor — ela diz.

Estamos todos sorrindo quando meu telefone toca. O número é desconhecido.

— Alô?

— Sr. Becker? — uma voz vagamente familiar pergunta, do outro lado da linha.

Lilly e as crianças me encaram com curiosidade quando eu franzo a testa.

— Sim, sou eu. Quem fala?

— Aqui é Judith Carlson, assistente social do Hospital Providence St. Vincent.

Sinto um ligeiro desconforto no estômago.

— Ah, sim. Pois não.

— O senhor pediu que ligássemos caso a sra. Bolton recuperasse a consciência. Bem, isso aconteceu hoje pela manhã. Aguardamos um pouco antes de fazer contato para nos certificarmos de que esse quadro se sustentaria.

Engulo em seco e me levanto, sinalizando que preciso de um minuto. Vou até a ala íntima da casa, onde a conversa não poderá ser ouvida.

— Sr. Becker? — a mulher chama, diante do silêncio prolongado.

— Ela está acordada, então? — pergunto, olhando de relance para a sala, onde Lilly distrai as crianças com alguma brincadeira animada.

— Sim — a mulher confirma. — Ainda um pouco confusa e com dificuldade de falar, mas acordada. Caso essa situação se mantenha, ela deve ter alta da UTI em breve. Vocês pretendem vir vê-la?

Aperto a base do nariz e fecho os olhos, tentando raciocinar.

— Eu... nós vamos nos organizar para isso. Darei notícias em breve.

— Obrigada.

Num ímpeto, eu acrescento:

— Sra. Carlson... há mais uma coisa que você deveria saber.

Pelo receio de que Ruth fale dos netos para a equipe do hospital e eles mandem alguém atrás deles, eu explico toda a situação. A mulher não parece muito feliz por termos omitido essa parte quando fizemos a primeira visita, mas acaba aceitando a situação. Pede apenas que enviemos por e-mail o documento que nos concede a guarda provisória das crianças, para que ela possa anexar ao prontuário da sra. Bolton.

Desligo o telefone e volto para a sala com uma expressão preocupada, que não passa despercebida às crianças.

— O que houve, Thomas? — Kaylee pergunta, com seu jeito meigo. — Você ficou triste?

Eu sorrio para a menina.

— Não, princesa. Está tudo bem. — Olho para os três, notando que todos já terminaram de jantar. — Vamos arrumar a mesa?

Eles concordam prontamente. Dex está com uma expressão tensa, que vinha aparecendo com menos frequência ao longo dos últimos dias. Imagino que ele tenha deduzido que a ligação teve alguma relação com a situação da sua avó, mas está com medo de fazer perguntas.

Nós colocamos a louça e os talheres na lava-louças e, em seguida, eu sugiro:

— Por que vocês dois não sentam para assistir aquele filme de Natal que comentamos mais cedo? Lilly e eu já vamos nos juntar a vocês.

Os dois concordam. Antes de ligar a TV, Dexter olha para nós dois uma última vez, como se quisesse perguntar alguma coisa. Logo em seguida, desiste da ideia e senta no sofá para ver o filme com a irmã.

Eu puxo Lilly até o meu quarto — *nosso* quarto nas duas últimas semanas — e fecho a porta.

— Era a assistente social, não era? — ela pergunta, com uma expressão angustiada.

— Sim. Ruth acordou — informo sem preâmbulos.

Lilly esconde o rosto nas mãos.

— Meu Deus...

Eu a abraço, e ela me envolve pela cintura, encostando a cabeça no meu peito.

— Calma. Vamos racionar a respeito do que devemos fazer agora — digo.

Lilly se afasta apenas um pouco e seus olhos buscam os meus.

— Eu não vou suportar ver essas crianças voltando àquela vida horrível.

Faço um carinho no seu rosto.

— Vamos primeiro conversar com a avó. Ouvir o que ela tem a dizer. — Penso por alguns instantes. — A noite de Natal é daqui a seis dias, no domingo. Nós deveríamos tentar ir a Portland no sábado e conversar com Ruth Bolton. Vou ver se Landon pode ficar com as crianças outra vez.

Lilly concorda com um movimento de cabeça, parecendo desolada. A visão me causa um aperto no peito.

— Ei — chamo, com suavidade. — Nós faremos isso juntos. Não vamos permitir que eles fiquem desamparados, tudo bem?

Ela assente.

— Estou muito apegada a eles — murmura, com a voz triste.

— Sei disso. — Puxo-a de encontro ao meu peito outra vez e beijo sua cabeça. — Você tem um coração do tamanho do mundo, e essa é uma das coisas que eu mais admiro em você.

Lilly me abraça de volta e ficamos assim por algum tempo. Quando ela se afasta outra vez, sua expressão parece mais firme.

— Não quero contar a eles ainda. O Natal está chegando, e não pretendo que nada atrapalhe esse momento.

— Tudo bem.

Lilly checa as horas.

— Vamos ver o filme? Depois eu os coloco para dormir.

Durante a próxima uma hora e meia, nós quatro assistimos a Milagre na Rua 34 juntos. As crianças ficam encantadas com a história, parecendo ter esquecido a ligação que eu recebi mais cedo. Noto que Lilly ainda está um pouco tensa, assim como eu.

Não sei como isso aconteceu, mas nós dois nos tornamos, de alguma maneira, responsáveis por esses dois. Independentemente dos desfechos dessa história, eu preciso saber que eles ficarão bem. Que serão amados, bem-cuidados e estarão em segurança. Inclusive, pretendo manter contato com os dois por tempo indeterminado.

Estaria mentindo se dissesse que essas crianças não ganharam um lugar definitivo no meu coração. A ideia de me despedir deles dói mais do que eu gostaria de admitir.

Quando o filme termina, Lilly se levanta para colocar os dois para dormir.

— Você pode vir também, Thomas? — Kaylee pede, com um sorrisinho doce.

Ela tem feito isso nas últimas noites, e eu confesso que adoro.

— Claro, princesinha.

Depois que ambos já estão de dentes escovados e pijamas, eu leio a historinha na cama de Kaylee enquanto Lilly fica deitada ao lado de Dex. O menino ainda se mostra mais reservado que a irmã, mas aceita a nossa aproximação com uma facilidade maior do que no início.

Ao término da história, eu beijo a testa de Kaylee.

— Durma bem, Kay.

— Tom? — ela chama, com olhinhos sonolentos.

— O que foi?

— Você seria um ótimo papai.

Meu coração dá uma leve descompassada. Sem saber o que responder, eu apenas sorrio.

Lilly mantém uma expressão neutra ao passar por mim para dar boa-noite para a menina enquanto eu bagunço o cabelo de Dexter de um jeito carinhoso.

— Durma bem, campeão.

Ele sorri.

— Você também. — Antes que eu me afaste, Dex diz baixinho: — Minha irmã tem razão.

Eu fico um pouco desconfortável e apenas dou uma piscadinha para o garoto antes de sair do quarto. Já na minha suíte, fico algum tempo olhando para o vazio, sentado na cama. A ideia de que eles vejam em mim uma figura paterna é um tanto assustadora. Ter filhos nunca fez parte dos meus planos, ao menos pelos próximos muitos anos. Criar uma pessoa, tornar-se sua referência, seu porto-seguro, é uma responsabilidade gigantesca. Só de pensar nisso meu coração dispara.

Ao mesmo tempo, me sinto culpado por talvez estar alimentando algum tipo de expectativa nesse sentido, ainda que de maneira involuntária. Para quem só conheceu o abandono e a privação afetiva, deve ser muito fácil projetar essa imagem em alguém que represente algo diferente disso.

Lilly chega nesse momento e me observa por alguns segundos. Em seguida, para na minha frente e faz um carinho no meu rosto.

— Não precisa entrar em pânico — ela diz, com um sorriso compreensivo. — Foi apenas uma forma que eles encontraram de elogiar você.

Eu me esforço para sorrir de volta, mais uma vez impressionado com a facilidade que essa mulher tem de decifrar meus sentimentos.

— Sei disso. Foi apenas... inesperado.

Lilly agacha na minha frente.

— Não se sinta culpado, Thomas. Você está fazendo muito por eles, e tenho certeza de que continuarão te amando independentemente de qual seja o seu papel na vida deles.

Engulo em seco.

— Não pretendo sumir. Vou garantir que eles fiquem bem, mesmo mais distante.

— Sei disso. — Lilly sorri e me beija com carinho. — Está ficando tarde e eu tenho um longo dia no shopping amanhã. Vamos dormir?

Eu concordo.

Depois que colocamos os pijamas e nos deitamos lado a lado, eu a abraço. Lilly se acomoda junto ao meu peito, como faz todas as noites desde a viagem para Portland há quase três semanas. Na maior parte das vezes, nós transamos antes de dormir.

Hoje, porém, minha cabeça está em outro lugar. Só consigo pensar que preciso encontrar uma maneira de que os dois não se sintam abandonados por nós quando essa situação mudar. Eles já sofreram perdas demais, e não podemos ser mais uma delas.

Quando finalmente consigo dormir, meus sonhos são preenchidos por imagens dos dois irmãos e seus rostinhos felizes junto da gente.

capítulo 24

LILLY

CHEGAMOS A PORTLAND NO INÍCIO DA TARDE DE SÁBADO, DEPOIS DE ALMOÇARMOS RAPIDAMENTE num restaurante à beira da estrada. Estacionamos no mesmo local da outra vez, e fico aliviada por não estar nevando. Dessa vez, checamos a previsão do tempo antes, e não há sinais de neve nos próximos dias. Por um lado, é ótimo, porque poderemos viajar com maior segurança. Por outro, fico triste pelas crianças que queriam tanto neve na noite de Natal.

No hospital, nos dirigimos à unidade de internação, para onde Ruth foi levada anteontem, depois que recebeu alta da UTI. Ela agora está num quarto privativo. Depois de passar pelo posto de enfermagem e nos identificarmos para a enfermeira de plantão, ela aponta a direção certa. Andamos até lá de mãos dadas, e eu fico grata pelo apoio silencioso de Thomas.

Bato levemente à porta, e nós entramos no quarto bem iluminado por uma grande janela. Ruth está na cama, com a cabeceira elevada e os olhos abertos. O dispositivo no seu pescoço está ocluído por uma espécie de tampa de borracha.

Ao nos ver, a idosa franze a testa, numa expressão ressabiada. Thomas e eu nos entreolhamos e eu me aproximo do seu leito.

— Oi, Ruth.

Ela olha para mim, e então para Thomas, que para ao meu lado.

— Não conheço vocês. — Sua voz sai áspera, rouca.

— Sei disso. — Olho para Tom, e então para a mulher outra vez. — Meu nome é Lilly Barrington e esse é Thomas Becker. Nós conhecemos seus netos, na verdade.

A mulher estreita os olhos, mas não diz nada.

Será que ela não lembra das crianças?

Começo a ficar um pouco inquieta, porque não tenho certeza de qual seria a melhor abordagem. Thomas envolve meu ombro de um jeito protetor e se dirige a Ruth:

— Você sabe o que aconteceu? Por que está aqui?

A sra. Bolton assente, devagar.

— Sei. — Sua fala é arrastada. — Os médicos me explicaram sobre o acidente.

Eu aperto a grade da cama, ansiosa.

— E você se lembra... das crianças?

Ruth me encara, com uma expressão pouco amigável.

— Claro que sim. O que você acha?

— Talvez você goste de saber que eles estão em segurança — digo, tentando não revidar o

tom pouco amistoso da mulher. — Estamos cuidando deles na sua ausência.

Ela parece surpresa.

— Então são vocês? Eu comentei das crianças com a assistente social, e ela me disse que havia pessoas cuidando dos dois. Como diabos isso aconteceu?

Noto que o corpo de Thomas enrijece ao meu lado diante do tom agressivo de Ruth. Antes que ele diga alguma coisa, eu me adianto:

— Nós os conhecemos no shopping, e notamos que precisavam de ajuda. Os dois estão morando conosco há quase um mês.

A mulher balança a cabeça em negativa.

— Não vou pagar nada a vocês. Não tenho dinheiro.

— Não queremos dinheiro algum — eu tento tranquilizá-la. — Não estamos aqui por isso.

Nesse momento, eu entendo que uma parte dessa animosidade toda vem do receio de ser cobrada de alguma forma. Ruth parece relaxar um pouco, de forma quase imperceptível.

— O que estão fazendo aqui, então? — sua voz mantém o timbre áspero, quase como um sussurro rouco. — Vieram descobrir quando podem devolvê-los?

Minha frequência cardíaca acelera diante da oportunidade de discutir o futuro das crianças. Nos últimos dias, desde que descobrimos que a sra. Bolton estava acordada, eu comecei a pesquisar incessantemente sobre adoção. A ideia de me tornar mãe de Dexter e Kaylee veio ganhando forma dentro de mim ao longo do mês e, nos últimos dias, isso se tornou uma certeza no meu coração.

Eu os amo como se fossem meus, e nada me faria mais feliz do que adotá-los. Sei que esse não é o desejo de Thomas, seria algo que eu faria sozinha. **N**ão nego que a ideia me assusta um pouco, até porque, uma coisa é ter um relacionamento sem rótulos com uma mulher solteira e sem filhos. Outra bem diferente é viver uma relação assim com alguém que tem filhos, especialmente quando essas crianças estão apegadas a ele também.

Tenho plena noção de que a minha decisão, se for concretizada, pode acabar nos afastando. Mas a verdade é que nosso acordo nunca teve a prerrogativa de ser para sempre, e eu não abriria mão da chance de adotar essas crianças por algo que eu nem sequer sei quanto tempo vai durar.

Nas minhas pesquisas e conversas com especialistas em adoção, descobri que o Estado de Washington permite a adoção privada ou independente, que é quando o responsável legal pela criança concede a guarda diretamente a um terceiro sem a necessidade de passar por agências de adoção. Para isso, o adotante precisa preencher alguns pré-requisitos e existe toda uma burocracia a ser feita, como cursos de pré-adoção, análise das condições de moradia da família adotante, disponibilidade financeira e de tempo, etc., até, finalmente, ser emitido o parecer final de um juiz. Imagino que eu seria aprovada nestas etapas, porém, antes de mais nada, eu preciso da informação mais importante: se Ruth abriria mão da guarda dos netos.

Não conversei sobre nada disso com Thomas por puro medo. Sei que tudo que ele fez até agora só reforça sua boa índole e preocupação genuína com o bem-estar dos meninos, mas a minha decisão pode mudar tantas coisas na nossa relação que acabei não tendo coragem de contar. O medo de perdê-lo antes do momento necessário falou mais alto.

Respiro fundo e respondo à pergunta de Ruth:

— Na verdade, eu tenho uma proposta para te fazer. — Olho rapidamente para Thomas, num pedido mudo de desculpas por pegá-lo desprevenido com esse assunto. — Eu gostaria de adotar os seus netos.

Sinto o exato momento em que a mão de Thomas deixa o meu ombro e ele se afasta alguns centímetros. A reação é perfeitamente natural, conscientemente eu sei disso. Ainda assim, ela

provoca uma pontada no meu peito. É como um reforço do fato de que, a partir de agora, eu estou encarando isso sozinha — pela primeira vez desde que toda essa história começou.

Ruth arregala os olhos para mim.

— Você quer ficar com as crianças? Em definitivo?

Minha garganta está tão seca que preciso fazer um esforço imenso para engolir.

— Sim. — Tento me manter firme e passar a ela a confiança necessária de que sou uma boa candidata a essa função. — Desculpe se foi súbito demais, sra. Bolton. Quero que saiba que eu estou propondo isso porque passei a amar Dexter e Kaylee como se eles fossem realmente meus filhos. Não tenho qualquer intenção de afastá-los de você, pelo contrário. Se me permitir, eu gostaria de ajudar financeiramente para que a senhora seja transferida para uma instituição em Seattle, onde receberá o melhor tratamento possível e as crianças poderão visitá-la sempre. Eu apenas... — fecho os olhos e respiro fundo, voltando a abri-los em seguida — apenas gostaria de oferecer a eles um lar com muito amor. — Meus olhos marejam. — Eu amo seus netos com todo o meu coração.

Ruth parece em choque. Enquanto a idosa fica observando a parede à sua frente com uma expressão vaga, Thomas começa a andar pelo quarto, correndo a mão pelo cabelo. Vou me sentindo cada vez mais ansiosa, me questionando se eu estraguei tudo, em mais de um nível. Controlo a vontade de chorar, me mantendo firme como eu consigo.

Ruth finalmente volta a olhar para mim. Sua expressão não é mais tão defensiva, ela parece... perplexa.

— Escute, senhorita... — ela faz uma pausa, sem lembrar meu nome.

— Lilly — ofereço. — Pode me chamar de Lilly.

— Escute, Lilly, eu não conheço você. Estou me recuperando de um acidente, fiquei um mês em coma e acordei há poucos dias. Não posso autorizar uma coisa dessas.

Meu coração afunda e um vazio preenche meu peito.

— Claro. — Tento sorrir, sem sucesso. — Eu acho que me precipitei ao trazer esse assunto hoje.

Abaixo o rosto e encaro minhas mãos apoiadas na grade do leito hospitalar, sem saber o que fazer. Me sinto tão perdida, tão desnorteada, que não consigo nem sequer argumentar com coerência. Sei que precisarei de algum tempo para reorganizar meus pensamentos e emoções antes de decidir o que fazer em relação às crianças. Ao menos, ainda tenho alguns dias.

A mulher olha para Thomas, que está com o olhar perdido.

— E você, não diz nada? — ela pergunta, num tom quase sarcástico.

Ele move o rosto devagar, olhando para mim primeiro. Depois de vários segundos, se dirige à avó das crianças de maneira segura e controlada:

— Vou dizer exatamente o que eu penso de tudo isso, sra. Bolton. — Thomas se aproxima e para do outro lado da cama. — Sei que pode parecer repentino, mas, na verdade, não é. Ao menos, não para nós. Durante o tempo em que você esteve hospitalizada, aconteceram muitas coisas que a senhora não presenciou. Lilly acolheu seus netos de coração aberto, num gesto de generosidade bastante raro nos dias de hoje. Ela garantiu que eles estivessem aquecidos, bem alimentados, que dormissem em horários razoáveis, que fossem à escola e também pudessem se divertir como duas crianças. Mas, acima de tudo, ela lhes ofereceu algo inestimável: um amor puro e incondicional. Se perguntar a eles, tenho certeza de que dirão que se sentem seguros e bem cuidados com Lilly, e já verbalizaram que a amam também. — Thomas olha para mim, e eu preciso controlar a vontade de chorar diante das palavras inesperadas. — Essa mulher é uma das pessoas mais fantásticas que eu conheço. Se há alguém no mundo capaz de cuidar bem de Dexter

e Kaylee, essa pessoa é ela. Sei que não a conhece, que não tem motivos para confiar. Mas isso pode mudar. Se conviver um pouco que seja com Lilly, vai entender que estamos dizendo a verdade. Para finalizar, gostaria de lembrá-la de que você claramente estava enfrentando dificuldades para oferecer aos dois o lar estável e seguro que eles precisam, e já aviso que não permitirei que aquela situação de negligência se perpetue. Ou a senhora muda drasticamente a maneira como vinha cuidando dos seus netos, ou serei obrigado a notificar o serviço de amparo à criança. Caso não tenha condições de prover a eles melhores condições, sugiro que reconsidere com carinho a proposta de Lilly.

Eu enxugo uma lágrima que escapou, enquanto Ruth encara Thomas em silêncio por um longo tempo. No final, ela diz simplesmente:

— Farei isso. Agora, vocês podem ir.

Não posso simplesmente virar as costas. Ouvir as palavras de Thomas me ajudou a lembrar que o mais importante nessa história toda é o bem-estar de Dexter e Kaylee, e os dois precisam que eu seja forte para lutar por isso. Começando agora mesmo.

Eu encaro Ruth Bolton com firmeza.

— Eu tenho a guarda provisória das crianças apenas até o início de janeiro. Elas serão entregues às autoridades após este período, até que a senhora esteja em condições de cuidar delas novamente. — Tiro um cartão da bolsa e entrego a ela. — Nós duas sabemos que isso seria a pior coisa para Dexter e Kaylee nesse momento. Aqui estão meus contatos, caso deseje discutir uma alternativa melhor.

Sem dizer mais nada, eu saio do quarto seguida por Thomas. Nós caminhamos em silêncio até a porta do hospital, já que não tenho qualquer energia para procurar Judith Carlson nesse momento. Mais tarde eu ligo para contar da conversa com Ruth e entender os próximos passos.

O trajeto até o estacionamento também é feito em silêncio, assim como os primeiros minutos da viagem. Eu quero agradecer a Thomas pelas palavras inesperadas, mas ele está tão sério que eu não acho que seja o melhor momento.

Já estamos há mais de dez minutos na estrada quando ouço sua voz:

— Você deveria ter me contado — ele diz, num tom calmo.

Eu o encaro, mal disfarçando a ansiedade.

— Eu sei. Thomas, me desculpe. Sei que te peguei de surpresa, e aquilo não foi justo.

Com as duas mãos no volante, ele encara o asfalto à nossa frente.

— Eu teria te ajudado, Lilly. Teria pesquisado junto com você sobre adoção, teria te orientado, teria... — Ele me encara, parecendo magoado. — Achei que confiássemos um no outro e não escondêssemos coisas importantes como essa.

Sinto uma pontada de dor ao ouvir isso.

— Eu confio em você — digo, com a voz fraca. — Eu só... tive medo.

Thomas me encara brevemente, antes de desviar os olhos para a estrada outra vez.

— Medo?

Eu assinto.

— Sim. Eu sabia que, se adotasse mesmo esses meninos, tudo iria mudar, especialmente entre nós. Você deixou bem claro o que deseja e o que não deseja para o seu futuro. Com duas crianças fazendo parte da minha vida em definitivo... eu tive muito medo de perder você.

Uma lágrima silenciosa corre pelo meu rosto, e eu viro a cabeça em direção à janela. As árvores quase sem folhas passam em alta velocidade lá fora, mas eu mal presto atenção. A única coisa que consigo sentir é uma profunda angústia, uma sensação horrível de ter estragado tudo.

Thomas também fica em silêncio durante todo o restante da viagem. São três horas de pura

tortura, e eu não tenho ideia de como consertar as coisas.

Chegamos à casa de Landon no final da tarde. Pegamos os meninos, e eu faço todo o possível para disfarçar minha expressão de medo e tristeza com toda essa situação.

Assim que entramos na garagem de Thomas, ele avisa:

— Vou deixar vocês aqui. Preciso sair para resolver umas coisas.

Eu concordo, tentando ocultar a decepção. Imaginei que a presença das crianças ajudasse a tornar o clima entre nós mais leve, mas, pelo visto, Thomas já está começando a se afastar.

Levo os dois para dentro de casa e sugiro que façamos biscoitos de Natal, para distrair. Enquanto me dedico à tarefa, procuro deixar de lado o doloroso pensamento de que esse pode ser meu único Natal com as crianças — e, provavelmente, com Thomas também.

capítulo 25

THOMAS

DIRIJO SEM RUMO POR MAIS DE UMA HORA, SEM CONSEGUIR PARAR DE PENSAR EM TUDO QUE ESTÁ acontecendo. A sensação de que a minha vida tomou um rumo inesperado, que tem sido bastante frequente nesse último mês, agora atingiu patamares assustadores.

Lilly, a mulher incrível que vem dormindo na minha cama nas últimas semanas e com quem eu estou mais do que envolvido, simplesmente escolheu não me contar que quer adotar duas crianças.

Ser *mãe* delas — tipo, para sempre.

As mesmas crianças que vêm ganhando uma importância crescente na minha vida e me disseram, há poucos dias, que eu seria um ótimo pai.

Eu, Thomas Becker. O cara que jamais se imaginou casando, que dirá sendo pai de alguém.

Rio sozinho, de puro nervoso.

Não estou nem um pouco orgulhoso da maneira como agi com Lilly, mas ainda não sei exatamente como consertar a situação. A verdade é que eu fui bastante ingênuo de não ter percebido os sinais de que era essa sua intenção. Entendi quando ela disse que estava com medo da minha reação, porque é óbvio que essa decisão muda tudo. Uma coisa éramos nós dois ajudando temporariamente duas crianças em situação de risco e, em paralelo, nos conhecendo melhor como homem e mulher. Outra bem diferente é continuarmos fazendo isso enquanto Lilly se torna a *mãe* delas.

Ainda assim, isso não justifica Lilly não ter aberto o jogo comigo antes de irmos até Portland. Ao menos, me daria algum tempo para pensar, tentar descobrir qual será o meu papel nessa história toda. Qual eu *quero* que seja meu papel, se é que haverá algum.

Corro a mão pelo cabelo, mais perdido do que já estive em qualquer outro momento da minha vida. Eu preciso conversar com alguém, ou acabarei ficando maluco. Ligo para Landon do carro.

— Fala, cara — ele atende, e eu ouço um barulho alto de crianças no fundo.

— Tudo bem? Está ocupado?

Mais gritaria.

— Vim a uma festinha com Abby e as meninas. Aconteceu alguma coisa?

Claramente Landon não é a melhor opção para esse momento.

— Nada, relaxa. Depois falamos com calma.

— Valeu. Abraço.

Desligo o telefone e continuo dirigindo, sem rumo. Além de Conrad, que, por ser mais velho, sempre foi mais distante, eu tive dois grandes amigos durante a minha vida: Landon e Sebastian. Quando Seb começou o lance com Lilly, nós acabamos nos afastando, por culpa exclusivamente minha.

Por mais que eu não ficasse exatamente pensando nela o tempo inteiro, vê-los juntos sempre me causou uma pontinha de ressentimento, e eu me sentia culpado por isso. A consequência foi que me mantive distante de ambos, por anos.

Pego o celular e encaro a tela ao parar num sinal fechado. Quão estranho seria se eu tentasse falar justamente com Sebastian sobre Lilly? Sem querer pensar demais, faço a ligação.

— Fala, Thomas — ele parece ligeiramente surpreso ao atender. — Tudo bem?

— Tudo. — O sinal abre e eu acelero. — Está ocupado?

— Não. Estou aqui na casa dos meus pais. Precisa de alguma coisa?

— Eu... queria bater um papo contigo. Posso passar aí pra te pegar? A gente toma um café, ou algo assim.

A linha fica muda por dois segundos antes que Sebastian volte a falar.

— Claro. Em quanto tempo?

Programo o GPS, que estava com o endereço salvo por causa da festa de Beatrice há duas semanas.

— Oito minutos. Posso te esperar se...

— Não precisa. Vou com a roupa que eu estou.

— Beleza. Até já, então.

Um nervosismo estranho começa a se insinuar enquanto eu percorro os poucos quilômetros até a casa dos Moore. Chegando lá, mando uma mensagem avisando que cheguei. Menos de dois minutos depois, Sebastian sai pelo portão de pedestres e entra no meu carro.

Sua expressão é curiosa.

— E aí? — ele cumprimenta.

Eu dou um meio sorriso.

— Obrigado por vir assim, sem aviso.

Ele coloca o cinto enquanto eu arranco com o carro.

— Aqui na casa dos meus pais tem tanta gente que eu acho que mal notaram minha ausência.

Eu sorrio um pouco mais. Sebastian sempre foi aquele cara fácil de se conviver, que deixa a gente à vontade de maneira natural.

Vou dirigindo até uma cafeteria charmosa a poucas quadras daqui. Nós trocamos mais algumas palavras sem grande importância até eu estacionar o carro. Entramos na cafeteria, ocupamos uma mesa junto à janela e pedimos dois expressos. Quando a garçonete se afasta, Sebastian recosta na cadeira e cruza os braços.

— Agora podemos conversar sobre o real motivo de você ter me chamado aqui?

Eu brinco com um guardanapo, ganhando tempo e pensando em como começar. Ao invés de optar por uma introdução suave no assunto, acabo sendo direto:

— Você já foi apaixonado por Lilly em algum momento da sua vida?

Ele parece surpreso com a minha pergunta. Após o choque inicial, começa a rir suavemente.

— Nossa, que abordagem direta. — Sebastian apoia os antebraços na mesa, chegando um pouco mais perto e me olhando nos olhos. — Honestamente? Não.

Não sei se fico aliviado ou puto com essa resposta.

— Vocês ficaram juntos por anos — eu comento, sem conseguir disfarçar completamente o tom meio acusatório.

— Sim, e sempre fui honesto com ela. — Seb inclina um pouco a cabeça para o lado. — O que Lilly te contou?

Agora é minha vez de recostar o corpo para trás, tentando aliviar o desconforto com essa conversa.

— Que vocês decidiram ter algo casual, e que ela só percebeu depois que terminaram que ambos mereciam mais do que o que tinham juntos.

Ele sorri com o canto da boca.

— É exatamente isso. Lilly é uma pessoa incrível, você sabe disso. Sempre terei um enorme carinho por ela, mas nós nunca... nunca fomos apaixonados. Era legal quando estávamos juntos, mas jamais me imaginei construindo uma família com ela. Quando comecei a perceber que Lilly estava criando esse tipo de expectativa, eu me afastei. Logo depois, eu conheci a Molly e o resto da história você conhece.

— Sim — eu murmuro, voltando a brincar com o guardanapo.

A garçonete chega com os nossos pedidos, serve e se afasta outra vez.

— Era isso que você queria conversar comigo? — Sebastian pergunta, depois de beber um gole do café.

Eu nego.

— Não. Isso era uma parte do assunto. — Encaro seus olhos azuis. — Preciso te contar uma coisa.

Sebastian acena com a cabeça.

— Diga.

— Eu tive um *crush* na Lilly naquele mesmo ano em que vocês ficaram juntos pela primeira vez.

Ele me encara, com a boca aberta.

— Você? Impossível.

Baixo o rosto e sorrio, sem humor.

— Sim, é verdade. — Olho para ele outra vez. — Esse foi o motivo para eu me afastar de vocês, porque me sentia terrivelmente culpado.

— Cacete, Thomas. — Sebastian sacode a cabeça, ainda incrédulo. — Eu nunca ia imaginar.

Dou de ombros.

— Esse era o objetivo. Não queria que você pensasse que eu era um filho da puta que cobiçava sua namorada.

— Lilly nunca foi minha namorada.

— Não importa. Vocês estavam juntos, e eu jamais faria nada.

Ele parece bastante confuso.

— Então... você é apaixonado por ela *há anos*?

Eu começo a rir, aliviado por estar finalmente conversando com Seb sobre esse assunto.

— Não, cara. Eu não ficava pensando na Lilly, se é o que quer saber. O afastamento foi bastante eficiente para enterrar aquela atração juvenil, e eu realmente deixei essa história no passado por muito tempo.

Sebastian estreita os olhos para mim.

— Mas agora vocês estão juntos.

— É complicado...

Ele bebe mais um gole de café.

— Algo me diz que estamos chegando no real motivo para você ter me chamado aqui.

Sorrio e bebo um pouco do expresso. A parte potencialmente constrangedora da conversa já

passou, então não há razão para eu não ser direto no restante.

— Eu não sei o que fazer.

— Em relação a...?

— Nós dois. — Respiro fundo. — Lilly decidiu que quer adotar as crianças, caso a avó deles permita.

Sebastian me encara, perplexo.

— Como é? Os órfãos que vocês levaram na festa?

Durante os próximos minutos, eu resumo tudo que aconteceu em maiores detalhes. Conto sobre como as crianças vieram parar na minha casa, o que descobrimos sobre sua família, e a maneira como eu fiquei sabendo que Lilly havia tomado a decisão de tentar adotá-los.

— Como você se sentiu quando soube? — ele pergunta.

— Apavorado — admito. — Cara, você tem noção da responsabilidade que é criar uma criança?

Era para ser uma pergunta retórica, mas Sebastian ri.

— Acredite, com uma filha e um enteado que mora comigo, eu tenho algum conhecimento sobre esse assunto. — O sorriso vai suavizando, e ele me observa com atenção. — E como tem sido o relacionamento de vocês dois no meio disso tudo?

Eu puxo o ar e solto devagar, olhando através da janela da cafeteria para a rua escura e pouco movimentada.

— Eu nunca senti nada parecido por ninguém, Seb. Jamais tive vontade de ficar com uma mulher por mais do que uma ou duas noites, ou conhecer cada detalhe sobre ela. Tudo em Lilly me encanta de uma maneira inexplicável. Além da química absurda que temos na cama, eu a admiro por uma infinidade de razões diferentes, sabe? Penso nela várias vezes quando estamos longe um do outro e, nos momentos que estamos juntos, é como se não faltasse mais nada.

Ele sorri.

— Você já contou para Lilly?

Eu o encaro, confuso.

— Contei o quê?

— Que está apaixonado por ela.

Fico em silêncio, processando as palavras. Repriso mentalmente tudo que acabei de dizer, tudo que essa mulher me faz sentir e o que ela passou a representar para mim.

Meu Deus. Em retrospecto, é tão óbvio que é difícil entender como não cheguei a essa conclusão antes.

Balanço a cabeça para os lados, com um sorriso idiota.

— Eu estou, né?

Sebastian ri.

— Completamente.

Eu rio também, porque admitir isso para mim mesmo é muito melhor do que eu imaginei.

— Ela se tornou uma das coisas mais importantes da minha vida, e eu não quero abrir mão disso.

Meu amigo assente.

— Mas existe a questão das crianças. Como eles são?

Volto a sorrir.

— Kaylee é uma menina incrível, cara. Ela tem o sorriso mais doce do mundo, e um jeito tão meigo que é capaz de conseguir o que quiser de mim. Dexter é o garoto mais forte que eu já conheci. Cuida da irmã de uma forma tão madura, tão carinhosa... É muito inteligente, também.

Precisa ver como ele presta atenção a tudo, sempre pronto para aprender algo novo.

Sebastian alarga o sorriso.

— Você percebe o orgulho na sua voz quando fala deles?

Concordo, meio sem graça.

— Impossível não ter. Eles são demais. — Suspiro. — Só de pensar que os três poderão sair da minha vida a qualquer momento, sinto uma dor quase física. O problema é que eu tenho medo de não estar pronto pra tudo isso, sabe? Quero dizer, casar, ser pai...

Ele inclina o corpo sobre a mesa e segura meu antebraço.

— Acho que a pergunta que você precisa se fazer agora é: qual o seu maior medo? Não estar pronto ou ficar longe deles?

Solto o ar e o encaro, minha cabeça um turbilhão.

— Você tem razão. Essa é a pergunta que eu preciso me fazer.

Sebastian sorri outra vez, de um jeito compreensivo.

— Sabe, Thomas, uma coisa que eu aprendi com o tempo é que as melhores conquistas são aquelas que dão mais medo. Porque a gente só teme perder as coisas pelas quais realmente vale a pena lutar.

Eu sorrio de volta.

— Obrigado, Seb.

— Sempre às ordens, amigo.

Nós terminamos nossos cafés e eu o deixo na casa dos seus pais. No caminho até minha própria casa, penso incessantemente em tudo que conversamos, e sei que tenho minha resposta.

Assim que eu abro a porta da sala, me deparo com Lilly e as crianças dormindo no sofá. Ela está usando um blusão meu, que deixa um ombro de fora do jeito que eu adoro. Kaylee está deitada no seu colo, e uma mão de Lilly repousa de forma protetora sobre o corpinho frágil coberto pela manta. Do outro lado, seu braço direito envolve o ombro de Dexter, que está com a cabeça apoiada no seu peito.

O rosto de Lilly, relaxado pelo sono, é tão perfeito que meu coração falha uma batida só de olhar para ela. Eu sorrio ao me lembrar das palavras do meu pai.

Se, algum dia, você olhar para uma garota e não conseguir imaginar sua vida sem ela, faça todo o possível para torná-la sua para sempre.

É isso. Não consigo mais enxergar minha vida sem Lilly e as crianças. Do jeito mais improvável do mundo, nós formamos uma família, e eu não consigo pensar em outra melhor do que a nossa.

Eu ando até o sofá e pego Kaylee no colo com cuidado. Vou até seu quarto e a coloco na cama, fazendo o mesmo com Dexter depois. No momento em que o deito sobre o colchão macio, o menino pisca os olhos sonolentos.

— Thomas? — ele sorri. — Você está aqui.

Faço um carinho no seu cabelo.

— Eu sempre estarei aqui, campeão — digo, emocionado. Ele vira para o lado e fecha os olhos outra vez. Beijo sua cabeça e murmuro: — Eu amo vocês.

Volto para a sala sem fazer barulho e pego Lilly nos braços. Ela acaba despertando e me encara, meio desorientada.

— Tom? — pergunta, com uma voz sonolenta. — Fiquei com medo de você não voltar para casa hoje.

Eu sorrio, andando em direção ao nosso quarto. Coloco-a na cama devagar e acendo a luz do abajur. Em seguida, eu deito ao seu lado e toco seu rosto com carinho.

— Me perdoa pela maneira como eu reagi mais cedo — peço.

Lilly balança a cabeça em negativa.

— Eu é que deveria...

— *Shhh*. — Coloco um dedo sobre os lábios macios. — Sei que eu demorei um pouco para entender, mas nada nunca fez tanto sentido antes.

Os olhos verdes me encaram, confusos.

— Do que você está falando?

Eu sorrio.

— Lilly, eu estou completamente apaixonado por você. Eu amo seu sorriso, amo o jeito como você fica vermelha quando está envergonhada ou irritada. Amo sua inteligência, sua competência no trabalho e a maneira sempre gentil como lida com todas as pessoas ao seu redor. Amo sua generosidade, sua capacidade de doação, e a forma linda com que você se tornou uma mãe de verdade para Dex e Kay. Eu amo cada pedacinho seu, e não consigo mais imaginar minha vida sem que vocês estejam nela.

Os olhos dela marejam, e um pequeno sorriso curva seus lábios.

— *Vocês*? — Lilly pergunta, com a voz embargada.

Eu concordo.

— Você não foi a única por quem eu me apaixonei, Lillyanne. Dexter e Kaylee também se tornaram uma parte muito especial da minha vida, e nada me faria mais feliz do que tê-los conosco para sempre. A missão de cuidar de duas crianças é um desafio gigantesco, e eu te admiro demais por estar disposta a encará-lo por conta própria. Só que não precisa ser assim.

Ela alterna o olhar entre os meus olhos, como se tivesse medo de estar entendendo errado.

— O que você está dizendo, Tom?

— Sei que você fez a proposta de adotá-los sozinha, mas... e se formos nós dois?

— Meu Deus... — Lilly cobre a boca com a mão, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Você quer casar comigo, meu amor? Quer lutar por essas crianças ao meu lado?

Ela se joga nos meus braços, envolvendo meu pescoço.

— Isso é o que eu mais quero — Lilly sussurra no meu ouvido. — Eu amo tanto você, Thomas.

Puxo seu rosto para um beijo apaixonado. Em segundos, nos livramos de todas as peças de roupa, e eu encaixo meu corpo sobre o dela, enchendo seu rosto de beijos. Penetro-a devagar, aproveitando cada instante da sensação de finalmente estar em casa.

— Eu te amo tanto, Lilly... — murmuro, encostando a testa na dela. — Quero passar o resto da minha vida te provando isso.

Ela toca meu rosto e sorri.

— E eu quero passar o resto da minha te fazendo feliz.

capítulo 26

LILLY

ABRAÇO THOMAS POR TRÁS ENQUANTO ELE ENFEITA O PERU.

— Além de tudo, ainda sabe cozinhar — brinco.

Ele se vira na minha direção e sorri, desse jeito presunçoso que eu amo. Tira uma mecha de cabelo do meu rosto e coloca atrás da orelha.

— Sou um excelente partido, Lillyanne. Você se deu muito bem.

Eu rio.

— Sempre modesto.

Thomas me agarra pela cintura e mordisca meu lábio inferior.

— Eu nunca fingi que era.

Ele me beija com paixão, fazendo minhas pernas amolecerem.

— Ops — Dexter murmura.

Nós dois olhamos para o lado e os vemos na entrada da cozinha. Dex está com uma expressão divertida e Kaylee ri, cobrindo a boca com a mãozinha. Thomas me abraça e beija minha cabeça.

— Já estão com fome? — ele pergunta.

— Sim! — Kay responde, alegre.

— Que tal nos ajudarem a montar a mesa, então? — eu sugiro.

Os dois concordam prontamente. Assim que eu levo os pratos, ouço meu telefone tocando.

— Já volto — aviso e saio de perto para atender. O número é desconhecido. — Alô?

Um breve silêncio do outro lado.

— Lilly?

Reconheço imediatamente a voz rouca e sinto o coração acelerando.

— Sim?

— Aqui é Ruth Bolton.

— Olá, sra. Bolton. — Tento manter o tom calmo, apesar do tremor nas mãos. — No que posso ajudar?

Mais uma pausa.

— Eu... pensei bastante no que vocês disseram ontem. — Ouço um suspiro. — Minha vida não foi fácil, menina. Criei minha filha sozinha, e ela... bem, digamos que não fez boas escolhas. Quando essas crianças caíram no meu colo, eu não tinha condições de ficar com elas. O problema é que não havia mais ninguém.

É difícil não julgá-la pelos anos de negligência com os netos, mas tento me manter imparcial.

— Entendo, sra. Bolton.

— Bem, o que estou tentando dizer é que, se você realmente deseja ficar com eles, eu estou de acordo. Parece ser a melhor opção para as crianças. Vou querer apenas conhecê-la um pouco melhor antes de assinar os papéis. — Ela para de falar novamente, como se procurasse as palavras certas. — Os médicos acham que eu terei alta em alguns dias, e precisarei de um lugar para ficar. Se a sua proposta de me arrumar uma clínica perto dos meninos estiver de pé...

— Sim! — respondo, tentando não soar muito animada e falhando miseravelmente. — Sim, eu posso providenciar isso. — Respiro fundo duas vezes para me controlar. — Se Thomas e eu pudermos adotá-los, eu garanto a você que...

— O rapaz também? — ela me interrompe, e eu sorrio.

— Sim, nós vamos nos casar, sra. Bolton. Thomas ama os meninos tanto quanto eu. Dexter e Kaylee terão um pai e uma mãe que não medirão esforços para que eles sejam felizes.

Ouço mais um suspiro.

— Acho que temos um acordo, então.

Mal consigo acreditar em tanta felicidade.

— Fique tranquila, porque não faltará nada à senhora também. Já vou começar a pesquisar sobre uma boa clínica próxima à nossa casa, e depois veremos um local definitivo onde possa morar que também seja perto daqui. Quero que as crianças tenham uma avó presente em suas vidas.

— Eu... nem sei o que dizer. Bem, obrigada.

— Vamos mantendo contato, tudo bem? Você não imagina o tamanho do presente que acabou de me dar.

— Feliz Natal, menina. — Pode ser impressão, mas poderia jurar que ouvi um sorriso em sua voz.

— Feliz Natal, sra. Bolton.

— Ruth. Me chame de Ruth.

Sorrio.

— Feliz Natal, Ruth. Você quer falar com as crianças?

Ela hesita.

— Outro dia.

Um passo de cada vez.

— Tudo bem. Até breve.

Eu desligo e vou atrás de Thomas. Consigo puxá-lo discretamente para um canto, mal contendo a empolgação.

— O que houve? — ele pergunta, olhando de relance para as crianças. — Quem era no telefone?

— Ruth Bolton. — Eu o encaro, com os olhos brilhando de alegria. — Ela concordou com a adoção. Disse que quer nos conhecer melhor antes de assinar, mas já aceitou que é a melhor opção para eles.

Thomas sorri, incrédulo, e segura meu rosto com as duas mãos.

— Você está falando sério?

— Sim!

Ele me abraça, e eu me permito chorar no seu ombro. Nunca imaginei sentir tanta felicidade de uma única vez. Alguns segundos depois, Thomas me solta e enxuga meu rosto.

— Componha-se, futura senhora Becker. Temos uma notícia muito importante para dar.

Eu respiro fundo.

— Estou pronta.

Nós chamamos as crianças para sentar no sofá. Enquanto Kaylee está ansiosa de um jeito alegre, Dexter parece tenso. Colocamos os dois lado a lado e na nossa frente.

— Temos algo muito importante para contar a vocês — digo.

Os meninos ainda não sabem que fomos a Portland ontem, nem que Ruth acordou.

— O que é? — Kaylee pergunta, com inocência.

Dex olha para o próprio colo, retorcendo as mãos. Não vejo a hora de tirar todo peso do medo e da preocupação que ele ainda carrega consigo o tempo todo.

— Lembram daquele passeio que nós fizemos ontem? — Thomas pergunta.

— Quando ficamos na casa do tio Landon e da tia Abby? — Kaylee inclina a cabecinha para o lado.

— Exatamente. — Suspiro. — Bem, nós fomos visitar a avó de vocês.

Dexter levanta o rosto bruscamente, com os olhos arregalados.

— Ela acordou?

— Sim — Thomas confirma.

O garotinho começa imediatamente a tremer, e eu sei que não podemos postergar mais essa angústia. Busco suas mãos e faço com que ele olhe para mim.

— Nós conversamos com ela, Dex, e fizemos um pedido muito importante.

— Qual? — Dexter pergunta, com a voz trêmula.

Thomas inclina o corpo para frente.

— Nós pedimos para adotar vocês.

Os dois nos encaram com expressões de choque idênticas.

— Adotar? — Dex murmura.

— Tipo, ser nossos pais? — Kaylee olha para o irmão em busca de confirmação.

Eu faço um carinho no seu rostinho de boneca.

— É exatamente isso, meu amor. E ela acabou de me ligar dizendo que concorda.

A garotinha ri e vem me dar um abraço. Eu a envolvo com carinho e mantenho o olhar em Dexter, que começa a chorar baixinho de olhos fechados. Estico a outra mão para ele e toco seu braço. Com os olhos úmidos e a voz embargada, eu pergunto:

— Vocês aceitam ser nossos filhos?

— Sim! — Kaylee passa para o colo de Thomas, que a acolhe, emocionado.

Eu agacho na frente de Dexter.

— E você, meu amor?

O garotinho abre os olhos vermelhos e lacrimejantes e me encara.

— É verdade, Lilly?

Com o rosto molhado de lágrimas, eu balanço a cabeça, confirmando.

— Sim. Nós amamos vocês.

Ele se joga no meu colo e me aperta forte.

— Eu estou tão feliz — Dexter murmura, chorando. — Meu maior medo era ir embora e nunca mais ver vocês.

Eu fecho os olhos e o abraço, tentando transmitir toda a segurança que eu quero que ele sinta daqui para frente.

— Vocês nunca mais ficarão sozinhos, Dex. Nós estaremos sempre, sempre com vocês.

Sem soltá-lo, eu volto para o sofá ao lado de Thomas, que me puxa para mais perto. Ficamos os quatro assim, juntos, como deve ser. Kaylee, por fim, anda até árvore, segura a foto dos dois

com Papai Noel que Thomas guardou e nós penduramos lá outro dia, e diz:

— Papai Noel não esqueceu da gente esse ano. — Ela beija a fotografia e sorri. — Ele atendeu meu pedido.

Lembro então que, naquele dia, no shopping, Kaylee pediu uma família. Dexter olha para a árvore também, e então sorri, surpreso.

— Gente, olha! — Ele aponta para a grande janela de vidro atrás da árvore iluminada e da lareira acesa. — Está nevando lá fora.

Nós três olhamos na mesma direção. A previsão do tempo não era essa, e raramente neva em Seattle.

Eu olho para Thomas, que me encara de volta com o olhar mais apaixonado do mundo e murmura:

— É o nosso milagre de Natal.

epílogo

SEIS ANOS DEPOIS

THOMAS

— A CADA ANO MAIS LINDA. — WILLA SUSPIRA AO MEU LADO, OBSERVANDO A DECORAÇÃO DE Natal montada num canto do escritório. — Sua esposa é muito talentosa.

— Sei disso — respondo, orgulhoso.

Cruzo os braços e observo a elegante árvore em tons de branco e dourado, além das embalagens de presentes arrumadas aos seus pés. Ao lado, há um presépio, representando a noite do nascimento de Jesus, com personagens feitos por artesãos locais extremamente talentosos. Lilly realmente se supera a cada ano na riqueza de detalhes das suas decorações de Natal.

No ano seguinte àquele em que montou a Vila do Papai Noel no Plaza, nossos pais decidiram contratar sua empresa para fazer algo aqui no escritório. O sucesso foi tão grande que, atualmente, há um dia específico no ano em que todos os funcionários trazem suas famílias para admirar a decoração e confraternizar numa pequena recepção. Isso ajudou a fazer com que todos se sintam ainda mais integrados e motivados a trabalhar aqui.

Ideia de Lilly, claro.

A Sweet Dreams cresceu tanto nesses últimos anos que, hoje em dia, faz as decorações temáticas de boa parte dos shoppings e eventos da cidade. Eu não poderia estar mais orgulhoso da minha mulher.

Eu checo as horas e me dirijo à Willa:

— Preciso ir para casa. Prometi às crianças que chegaria cedo.

Ela sorri.

— Vá, Tom. Seus filhos devem estar ansiosos para ver o pai na noite de Natal.

— Você vai voltar com o meu pai? — pergunto.

— Sim. Vou arrastá-lo daqui já, já.

— Nos vemos no almoço de amanhã, então.

Dou uma piscadinha, que ela retribui. Depois de pegar minhas coisas, desço até o subsolo e começo a fazer o caminho de volta para casa. Sorrio ao pensar em como a vida às vezes nos surpreende.

Mais de um mês depois que tivemos aquela conversa profunda no café-da-manhã, meu pai me procurou, parecendo meio nervoso, para fazer uma pergunta importante. A tal pergunta era se eu realmente não achava inapropriado que ele convidasse Willa para jantar. Papai conseguiu reconhecer que, depois que Willa deixou de trabalhar para ele, começou a notar que sentia a falta dela. Essa falta não era apenas da sua competência profissional, mas da sua companhia e do seu

cuidado com ele.

O velho Thomas insistiu que ninguém jamais seria capaz de substituir minha mãe, mas ele estava começando a considerar a possibilidade de não ter que passar todo o resto da sua vida sozinho. Willa não estava se relacionando com ninguém, era apenas alguns anos mais nova que ele, e sabia lidar com Thomas Becker II melhor do que a grande maioria das pessoas.

Eu o apoiei totalmente, o que pareceu deixá-lo aliviado. O resumo da história é que o jantar se transformou num namoro e, um ano depois, em um casamento tranquilo e feliz. A única condição de Willa para aceitar o pedido foi não ter que abandonar o cargo como minha secretária. Segundo ela, sou um chefe muito melhor do que o meu pai.

Sei que eles não são o grande amor da vida um do outro, mas se divertem juntos, se respeitam e cuidam dessa relação com uma delicadeza surpreendente. Papai parece mais feliz, assim como Willa, e eu só posso agradecer por isso.

Chego em casa e empurro a porta devagar. Assim que me vê, Ava, nossa filha mais nova de quatro anos, abre um sorriso e corre até mim.

— Papai! — Ela se joga nos meus braços e me aperta forte. Em seguida, olha para trás, animada. — Mamãe, o papai chegou!

Ando com ela no colo até a cozinha, onde Lilly está terminando de preparar a ceia com a ajuda de Dexter e Kaylee.

— O cheiro está delicioso — elogio. Com as mãos sujas de molho, Lilly sorri e estica a cabeça para ganhar um beijo. — Boa noite, amor — sussurro, contra os lábios macios da minha esposa.

— Boa noite, Tom.

— Boa noite, crianças. — Dou um beijo rápido no rosto de Dex e Kaylee, que estão ocupados arrumando os pratos que irão para a mesa daqui a pouco.

Dexter está com quase 16 anos e Kaylee com 12, mas continuo me referindo aos meus filhos como “crianças”.

— Oi, pai. — Dexter acrescenta algumas cerejas na decoração do peru e olha para mim. — Acha que precisa de mais?

Eu analiso a bandeja.

— Acho que mais algumas naquele canto, e está ótimo.

Meu filho sorri.

— Fui eu que preparei o peru esse ano — ele diz, orgulhoso. — Espero que tenha ficado bom.

— *Todo mundo* já disse que vai estar ótimo. — Kaylee revira os olhos de um jeito divertido e se vira para mim. — Dexter está cuidando desse peru desde o início da tarde como se fosse um filho.

Eu rio e coloco Ava no chão.

— Vou tomar um banho rápido e já venho me juntar a vocês.

Uma hora depois, nós sentamos à mesa para fazer a ceia. Apesar de não ser o dia de Ação de Graças, temos uma tradição de sempre agradecermos por alguma coisa quando sentamos juntos à mesa na noite de Natal, uma data tão especial para a nossa família.

Unimos as mãos e olhamos uns para os outros.

— Quem vai começar esse ano? — pergunto. Ava levanta a mãozinha. — Pode dizer, filha. Você se sente grata pelo quê?

Ela olha para a árvore.

— Pelo enfeite de girafa.

Por ironia, enquanto sua mãe tinha um pavor inexplicável de girafas, a filha é fascinada por elas. Aos poucos, Lilly foi conseguindo superar seu medo e hoje consegue conviver com as réplicas bonitinhas do animal em harmonia. Ainda não tentamos atender ao pedido da nossa filha e fazer uma viagem para a África para ver uma de verdade pessoalmente, em seu habitat natural. Um passo de cada vez.

Enquanto a viagem não se concretiza, o outro sonho de Ava era ter um enfeite de girafa para a árvore de Natal. Por razões óbvias, nós nunca encontramos um para comprar. Esse ano, Lilly quis surpreendê-la e encomendou o tal adereço com uma artesã que faz serviços para a Sweet Dreams.

Ava ficou tão fascinada que queria até dormir abraçada com o enfeite.

— Fico feliz que tenha gostado tanto, meu amor. — Lilly sorri com carinho para a filha.

— Minha vez — Kaylee diz, e olha para nós quatro. — Sou grata por passarmos mais um Natal juntos, como uma família.

Nós concordamos, e Dex levanta a mão. Faço um sinal para que ele fale, já suspeitando que ele dirá a mesma frase de todos os anos.

— Sou grato por vocês nunca terem desistido de nós.

Eu sorrio para esse garoto incrível que eu tenho a honra de chamar de filho. Dexter mudou muito desde o início do processo de adoção, há seis anos. Conseguiu relaxar mais, passou a curtir momentos de descontração como as outras crianças e aprendeu a aceitar nossos gestos de afeto de maneira irrestrita. Continua sendo um menino responsável, tranquilo e prestativo, porque essa é a sua natureza. Mas, felizmente, as sombras no seu olhar desapareceram por completo. Ele joga futebol americano muito bem, e já consegue sonhar em, um dia, conquistar uma vaga na NFL. Quem sabe.

— Sua vez, papai. — Ava me tira da esteira de pensamentos e eu olho para Lilly.

— Sou grato pela segunda chance que o destino me deu para conquistar a mulher da minha vida. Sem ela, nada disso aqui existiria. — Corro o olhar pelos meus filhos com carinho.

Lilly busca minha mão e a segura.

— E eu sou grata por ter ao meu lado o homem mais incrível de todos, que divide comigo a missão de criar os melhores filhos com que qualquer pessoa poderia sonhar.

Todos nós estamos sorrindo quando começamos a comer.

Bem mais tarde, depois que as crianças já estão dormindo, Lilly e eu terminamos de arrumar os presentes embaixo da árvore. Dexter e Kaylee já não acreditam mais no Papai Noel, mas fingem que sim para não estragar a fantasia da irmã mais nova.

Acho lindo como Dexter tem com ela a mesma paciência e instinto protetor que tinha com Kaylee. Ele passa horas brincando com a irmãzinha, dá jantar, ajuda nos deveres de casa. Algum dia, se esse for o desejo dele, Dexter será um pai incrível.

— Acho que eles vão gostar — Lilly diz, ajeitando a última embalagem colorida.

— Tenho certeza disso. — Puxo sua cintura e a abraço. — Será que agora eu posso ter minha esposa só pra mim?

Lilly morde o lábio inferior.

— Eu não via a hora — ela sussurra.

Nosso sexo hoje é mais romântico, mas, nem por isso, menos intenso. Acho incrível a sintonia que desenvolvemos, o que nos permite transar de todos os jeitos possíveis e, ainda assim, ser fantástico em todas elas.

Quando Lilly adormece nos meus braços, eu tenho a certeza de que sou o cara mais realizado do planeta.

O ALMOÇO de Natal na mansão do meu pai acabou se tornando uma tradição nos últimos anos. Com a união das famílias Barrington & Becker não apenas no aspecto profissional, mas também no pessoal, não houve mais nenhuma data comemorativa em que não tenhamos estado todos juntos. Quase sempre, os Parker e os Moore se unem a nós, e esses almoços acabam virando uma grande festa para quase cinquenta pessoas — como hoje, por exemplo.

Nós sempre convidamos Ruth Bolton para passar essa data conosco. Contudo, ela diz preferir o almoço animado da casa de repouso onde passou a morar nos últimos cinco anos, porque tem bingo e dança. Ela chegou a vir a um encontro na casa do meu pai uma vez, mas comentou depois que achou tudo meio parado demais.

Todo mês, ela almoça conosco no primeiro domingo. Estabeleceu uma relação tranquila com as crianças, ainda que nunca tenha conseguido ser uma avó muito amorosa. Os meninos parecem satisfeitos com a dinâmica atual, assim como a sra. Bolton. E a verdade é que eles recebem amor de sobra das nossas famílias.

Chegamos à casa onde eu cresci, e que agora não guarda mais apenas lembranças dolorosas. Ao longo dos últimos seis anos, passei a frequentar a mansão regularmente com a minha família, e já tenho uma infinidade de recordações de todos nós juntos aqui. Minha mãe sempre fará uma falta imensa, e não tenho dúvidas de que teria amado ser avó. Mas, onde quer que ela esteja, sei que está feliz por nós.

Assim que chegamos, minha irmã Veronica nos recebe na porta.

— Tia Roni! — Ava se joga nos braços dela. As duas se veem com frequência, agora que minha irmã voltou a morar em Seattle com a esposa. Como elas não pretendem ter filhos, Veronica adora fazer o papel de tia dos três.

— E aí, sapequinha? — ela cumprimenta, beijando a bochecha rosada de Ava. Em seguida, vira-se para os mais velhos. — Preparados para perder no Uno hoje?

Dexter sorri, de um jeito levemente presunçoso bem parecido com o meu.

— Você nunca me ganha, Roni — ele diz.

— Tudo tem sua primeira, menino. Eu andei praticando.

Minha irmã dá um abraço rápido em mim e Lilly e sai com os três em direção à sala de jogos, onde sua esposa já está entretendo algumas crianças. As duas são idolatradas pelos jovens da família, mas dizem que esses momentos com os filhos dos outros são mais do que suficientes para elas.

De longe, noto alguns olhares de Dexter para Paige, filha de Landon e Abby. Tenho quase certeza de que meu filho tem uma paixão platônica pela amiga, por mais que nunca tenha me dito nada.

Abraço Lilly e beijo sua cabeça. Se minha teoria estiver certa, preciso ter uma conversa com Dex para que ele não espere demais e acabe perdendo sua chance. Apesar de vir a Seattle com menos frequência, o enteado de Sebastian tem a mesma idade deles, e fico imaginando quão irônico seria se a história se repetisse.

— Oi, filho. Que bom que chegaram. — Meu pai se aproxima, vindo da cozinha. Ele nos abraça e então olha ao redor. — Onde estão as crianças?

Ainda acho incrível como papai se tornou um avô tão diferente do que era como pai. Não que ele não nos amasse, mas nunca foi muito de demonstrar seus sentimentos. Já com os três meninos, é o oposto. Depois de um pequeno choque ao contarmos sobre a adoção, ele nos apoiou integralmente, inclusive do ponto de vista legal. Se encantou primeiro pelos dois mais velhos e,

dois anos depois, por Ava com a sua chegada. As crianças literalmente montam em cima dele sem ouvir qualquer reclamação, e nunca me esqueci do dia em que ele deixou Kaylee pintar suas unhas de rosa choque.

— Na sala de jogos com Veronica — aviso. — E Willa?

— Na cozinha, deixando Dorothy louca, como sempre.

Eu e Lilly rimos. Os dois se implicam com frequência, mas, acima de tudo, se amam e se respeitam do jeito deles.

Vemos os pais de Lilly conversando com os Moore do outro lado da sala. Lembro que, com o casal Barrington, a aceitação dos meninos foi um pouco mais demorada. Num primeiro momento, os dois ficaram bastante chocados com a ideia da adoção. Tiveram medo de que tivéssemos problemas, por não conhecermos por completo a índole de duas crianças que haviam passado por tantas privações.

Sabemos que eles não fizeram por mal. Apenas se preocupam demais com a filha e, às vezes, acabam exagerando nesse instinto protetor. Porém, quando conheceram Dexter e Kaylee melhor, foi impossível não se apaixonarem pelos dois. Quando Ava nasceu, não houve qualquer distinção no tratamento que os avós dedicam aos três.

Nós andamos até lá e os cumprimentamos.

— Onde estão meus netos? — Alexander pergunta.

— Na sala de jogos — Lilly diz. — E o resto do pessoal?

Sei que ela se refere aos nossos amigos.

— Os meninos estão no jardim de inverno, lá atrás — Donna responde.

Por “meninos” sabemos que ela se refere a Landon, Conrad e Sebastian, assim como suas esposas. Nós vamos até lá e cumprimentamos a todos. Sento abraçado a Lilly em um dos sofás, com uma sensação gostosa.

— Mais um Natal — Landon comenta, fazendo um carinho distraído no braço da esposa. — Há três décadas, éramos cinco crianças correndo pelo jardim. Hoje, somando todos os filhos, já são onze crianças brincando na sala de jogos.

Mia e Conrad adotaram três irmãos mais ou menos um ano depois que nós adotamos Dex e Kaylee. O processo deles foi através de uma agência, portanto, bem mais demorado e trabalhoso que o nosso. Mas o que importa é que deu tudo certo, e eles estão felizes e realizados.

Landon e Abby ficaram apenas com as duas meninas mesmo, mas Sebastian e Molly ainda tiveram mais um filho, Nate, alguns meses depois do primeiro aniversário de Bea. Molly já estava grávida na festa, só não sabia disso ainda. Foi uma grande surpresa quando eles descobriram, mas muito comemorada por todo mundo.

— E a viagem para a Escócia, como foi? — Sebastian pergunta a Conrad.

— Cara, foi sensacional. Você precisava ver a cara dos meninos ao verem um castelo de verdade.

O assunto continua rolando, mas eu presto pouca atenção, perdido nos meus próprios pensamentos. Olho para o nosso grupo de amigos e penso na quantidade de razões para agradecer. Todos encontramos o amor, formamos nossas famílias e continuamos unidos, mesmo depois de tantos anos.

Lilly recosta a cabeça no meu ombro. Beijo seu cabelo e sorrio, pensando no quanto me faz bem essa sensação tão simples de ter o corpo dela junto do meu e poder sentir seu cheiro.

Na maior parte das vezes, a felicidade está escondida nas pequenas coisas.

Sorte daqueles que aprendem a encontrá-la.

agradecimentos

Minha eterna gratidão à minha família, em especial meu marido, minha filha e minha mãe.

À Stefany Nunes, sempre pronta para me ajudar a analisar os possíveis furos e melhorar a história (até que esse deu pouco trabalho, né, amiga?).

Às minhas leitoras betas, que embarcaram comigo nessa corrida contra o tempo e deram várias sugestões maravilhosas. Camila Saboya, Debora Lucio, Jade Roque, Lorena Silria e Mary Demoner, meu muito, muito obrigada.

Às leitoras do grupo Lizverso: sério, vocês mudaram a minha vida de autora. Poder dividir com vocês cada novidade, cada surto, cada spoiler, cada conversa aleatória que começa do nada no meio das outras e receber de volta uma quantidade absurda de amor, carinho e reconhecimento não tem preço. Vocês são demais.

E, por último, a você que está lendo esse livro. Obrigada por escolhê-lo no meio de tantos outros, por ter chegado até aqui e lido esse agradecimento. Vocês são a única razão para tudo isso acontecer.

Caso queira dividir comigo sua experiência com a leitura, é só me procurar no Instagram no @autoralizstein. Amo receber mensagens e trocar ideias com os leitores.

Um beijo enorme,

Liz.